

Telefônica

FUNDAÇÃO

| vivo

Juventudes e Conexões

3ª edição



IBOPE
inteligência

Juventudes e Conexões

3ª edição



Idealização e coordenação

Fundação Telefônica Vivo

Americo Mattar – Diretor-Presidente
Odair Barros – Gerente de Estratégia e Gestão
Luanda de Lima – Gerente de Comunicação e Voluntariado
Nayara Romero – Consultora de Projetos Sociais
Luciana Novaes – Consultora de Comunicação
Tatiana Gimenes Pereira – Analista Sênior de Comunicação

Coordenação e realização

Rede Conhecimento Social

Marisa de Castro Villi – Diretora Executiva
Harika Merisse Maia – Diretora de Projetos
Ana Lucia Lima – Consultora Institucional
Rodrigo Fernandes Cardozo – Diretor Geral
Fabiana de Freitas Nascimento – Assessora
Priscila Ratnieks – Consultora de Projetos

Realização

IBOPE Inteligência

Tony Perrella – Diretor de Consumo e Serviços
Fernanda Aguiar – Gerente de Atendimento e Planejamento
Alexandre Carvalhaes – Analista de Atendimento e Planejamento
Érika Melo – Analista de Atendimento e Planejamento
Carina Bolgheroni Martins – Moderadora de Pesquisa Qualitativa
Bruna Suzzara – Gerente de Estatística

Consultoria

Tatiana Klix Pereira – Consultora Temática de Educação
Lílian da Silva Botelho – Consultora Temática de Empreendedorismo
Helena Wendel Abramo – Consultora Temática de Comportamento
Rita de Cássia Alves Oliveira – Consultora Temática de Participação Social

Publicação

Texto e edição

Juliane Albuquerque, Harika Merisse Maia
e Marisa de Castro Villi

Projeto gráfico

DPZ&T

Agência Zatar

Diretor de Criação – João el Helou
Diretora de Arte – Bruna Mariano
Diagramação – Bruna Mariano,
Eduardo Graciano, Marina Kikuchi
e Renan Porto

Revisão

Fabiana Colturato Aidar

Juventudes e Conexões

3ª edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaborado por Francisco Lopes de Aguiar - CRB8ª-7856, São Paulo, Brasil

J98
2019
Juventudes e Conexões / Fundação Telefônica Vivo; Rede Conhecimento Social;
IBOPE Inteligência; 3.ed. --- São Paulo: Fundação Telefônica Vivo, 2019.
272 p.; 21 cm x 29, 7 cm.

Inclui Bibliografia
ISBN 978-85-60195-63-3

1. Jovens. 2. Juventude. 3. Tecnologia educacional. 4. Inovação educacional.
5. Estudantes - Brasil. 6. Internet. I. Fundação Telefônica Vivo. II. Rede Conhecimento
Social. III. IBOPE Inteligência. Título.

CDD 370.8
CDU 37:62



IBOPE
inteligência

Prefácio



Em 2019, a Fundação Telefônica Vivo comemora 20 anos de atuação no Brasil! Nessa trajetória, escolhemos a **Inovação Educativa** como uma forma de abrir caminhos inspiradores por meio da educação, da tecnologia e do acesso ao conhecimento, contribuindo assim para construir um futuro melhor e com mais oportunidades para todos.

Acreditamos que, para grandes mudanças acontecerem, precisamos de pessoas e da capacidade que elas têm de trabalhar em conjunto. Pensando nisso, investimos em projetos e estudos que promovem a tecnologia como estímulo ao desenvolvimento social e à mobilização de debates essenciais para as transformações que queremos ver no mundo.

Atentos aos movimentos do mundo atual, desde 2013 realizamos a pesquisa Juventude Conectada com o objetivo de compreender hábitos de jovens na era digital. Desde então, as multiplicidades em nossa sociedade têm se potencializado: não se trata mais de buscar uma unidade para a juventude, mas sim enxergar suas diversidades; os conteúdos e relações não mais se separam entre online e offline, pois essas dimensões se extrapolam e interagem entre si. Motivados por esse dinamismo e buscando melhor expressar essa complexidade, a terceira edição do estudo ganha um novo nome: **Juventudes e Conexões**.

Idealizado pela **Fundação Telefônica Vivo** e realizado pela **Rede Conhecimento Social** em parceria com o **IBOPE Inteligência**, este estudo é norteado por pressupostos de colaboração, multiplicidade de olhares e cocriação. Procuramos conduzir um processo que favoreceu trocas entre uma pluralidade de vozes que dialogam com e sobre as juventudes. Mais do que ter jovens como foco da pesquisa, tivemos um grupo deles ao nosso lado, construindo conosco o conhecimento que aqui compartilhamos, participando desde a definição das perguntas até as análises e produção de conteúdos.

Além disso, contamos com a colaboração de **especialistas** nas leituras aqui apresentadas e de quatro **consultoras** que aportaram conteúdos e pontos de vista a partir de suas experiências nas temáticas do estudo.

Esperamos que a imersão nessas reflexões e descobertas dialogue com suas experiências cotidianas e com as conexões das quais você faz parte. Que os dados e questionamentos trazidos aqui inspirem ações possíveis para avançarmos nas transformações positivas que as juventudes querem (e já nos ajudam a) construir para a sociedade.

Boa leitura!

Americo Mattar
Diretor-Presidente da Fundação Telefônica Vivo

Sumário

1	Histórico do Juventudes e Conexões	11
2	Etapas do estudo.....	21
3	Quem participou do estudo e seu perfil	27
4	Acesso e atividades conectadas	49
5	Referências e habilidades para um mundo conectado	69
6	Educação – Dados da pesquisa	85
7	Educação – Como tornar a internet parceira para jovens aprenderem mais	107
8	Empreendedorismo – Dados da pesquisa.....	121
9	Empreendedorismo – O empreendedorismo ao alcance de jovens	143
10	Comportamento – Dados da pesquisa	153
11	Comportamento – Múltiplas conexões, muitas tensões	181
12	Participação social – Dados da pesquisa	199
13	Participação social – Formas de atuação e usos das tecnologias digitais pelas juventudes	221
14	Jovens em primeira pessoa	235
15	Referências bibliográficas.....	243
	Anexo: Questionário	249





1



Histórico do Juventudes e Conexões

Para um estudo ser relevante ao longo do tempo, ele deve ter a capacidade de observar e se manter conectado com as evoluções do contexto que investiga, além de ter abertura para se adaptar frente a desafios que se imponham durante sua realização.

Com este estudo, buscamos refletir e compreender como jovens se relacionam com a internet, as tecnologias digitais e as múltiplas formas de conexão. Mas como nasceu a pesquisa Juventudes e Conexões? Quais foram os acontecimentos em sua trajetória, que se iniciou em 2013, até chegarmos a esta publicação, em 2019? Quais foram as escolhas e decisões que a caracterizaram?

Inserido em um contexto em que novos usos das tecnologias digitais surgem constantemente e moldam e são moldados pela forma como a sociedade se organiza, o Juventudes e Conexões tem procurado, a cada nova edição, traduzir essa dinâmica de mudanças, adaptando metodologias e se desenvolvendo junto com o próprio público jovem. Conheça nas próximas páginas um resumo desse longo caminho.

Histórico do Juventudes e Conexões

Muitos são os potenciais e os desafios de uma sociedade globalizada e imersa em tecnologias digitais. Atenta a essas demandas e possibilidades, a Fundação Telefônica Vivo decidiu investir no desenvolvimento de uma pesquisa complexa e inovadora para conhecer os usos e hábitos de jovens brasileiros conectados, em busca de desvendar tanto padrões como tendências e especificidades, com foco nas áreas de educação, empreendedorismo, comportamento e participação social. Assim nasceu a pesquisa Juventude Conectada, iniciada em 2013 e publicada em 2014, em parceria com o IBOPE Inteligência, o Instituto Paulo Montenegro e a Escola do Futuro da Universidade de São Paulo (USP). Enquanto a pesquisa era realizada, o país vivenciou as manifestações de junho de 2013, que promoveram usos intensos da internet como forma de organização e reforço da visibilidade de jovens como atores políticos.

2013-2014
1ª edição

2015
Documentário

2015-2016
2ª edição

2017-2018
Edição especial
Empreendedorismo

2018-2019
3ª edição



Os inúmeros aprendizados da primeira edição fortaleceram a ideia de que valia a pena seguir buscando formas de produzir e compartilhar conhecimento sobre e com jovens e suas experiências de uso da internet. Ficou claro também que, para se manter relevante ao longo do tempo, o estudo deveria ter como um de seus fios condutores a abertura para observar e se adaptar frente aos desafios que mudanças de contexto trazem consigo.

Iniciamos a segunda edição em 2015, ano posterior a um processo eleitoral nacional turbulento e polarizado, que, na visão de jovens participantes da pesquisa, influenciou o crescimento da agressividade nas redes sociais e induziu ao tensionamento de relacionamentos. Em busca de multiplicar olhares e aprofundar perspectivas diversas e especializadas nos eixos do estudo, agregamos ao time de trabalho da Fundação Telefônica Vivo, do Instituto Paulo Montenegro e do IBOPE Inteligência quatro consultores, cujos artigos compuseram, junto aos dados e análises, a publicação lançada em 2016. Uma das principais mudanças captadas nesse período foi o fortalecimento do celular como principal aparelho para a conexão, moldando os hábitos e as atividades de jovens para um acesso cada vez mais móvel à internet.

Buscando ampliar o debate e experimentar outras linguagens para o compartilhamento dos principais achados do estudo, no mesmo período foi produzida a série documental Juventude Conectada, que em quatro episódios (“Ativismo”, “Comunicação Democrática”, “Empreendedorismo” e “Educação”) conta sobre experiências e iniciativas protagonizadas por jovens que exploram potencialidades das tecnologias digitais para defender territórios, fortalecer causas, promover negócios criativos e incentivar novas formas de aprendizagem.

Assista aos quatro episódios da série no link: fundacaotelefonica.org.br/juventudeconectada

Em 2017, quatro anos após a primeira edição, o contexto era propício à realização de uma edição especial, focada exclusivamente no eixo de empreendedorismo, tendo em vista o período de contração econômica e elevado desemprego no país. Mais uma vez juntos, Fundação Telefônica Vivo, Rede Conhecimento Social¹ e IBOPE Inteligência, lançamos, em 2018, o Juventude Conectada – edição especial Empreendedorismo, construído ao lado de cinco **jovens consultores**. O material e o processo colaborativo foram importantes para atualizar a compreensão sobre um ecossistema que cada vez mais transborda e se integra com os campos da educação, da participação social e do comportamento das juventudes.

Finalmente, em 2018, ano em que o Brasil vivenciou mais um processo eleitoral polarizado e pautado em campanhas organizadas por meio de redes sociais, iniciamos a terceira edição. Os dados inéditos que disponibilizamos nesta publicação, agora denominada Juventudes e Conexões, trazem consigo um conjunto de atualizações que remontam a aprendizados e tendências apontados nas produções anteriores, bem como novas perspectivas alinhadas com a conjuntura, as práticas de jovens e seus usos das tecnologias digitais.

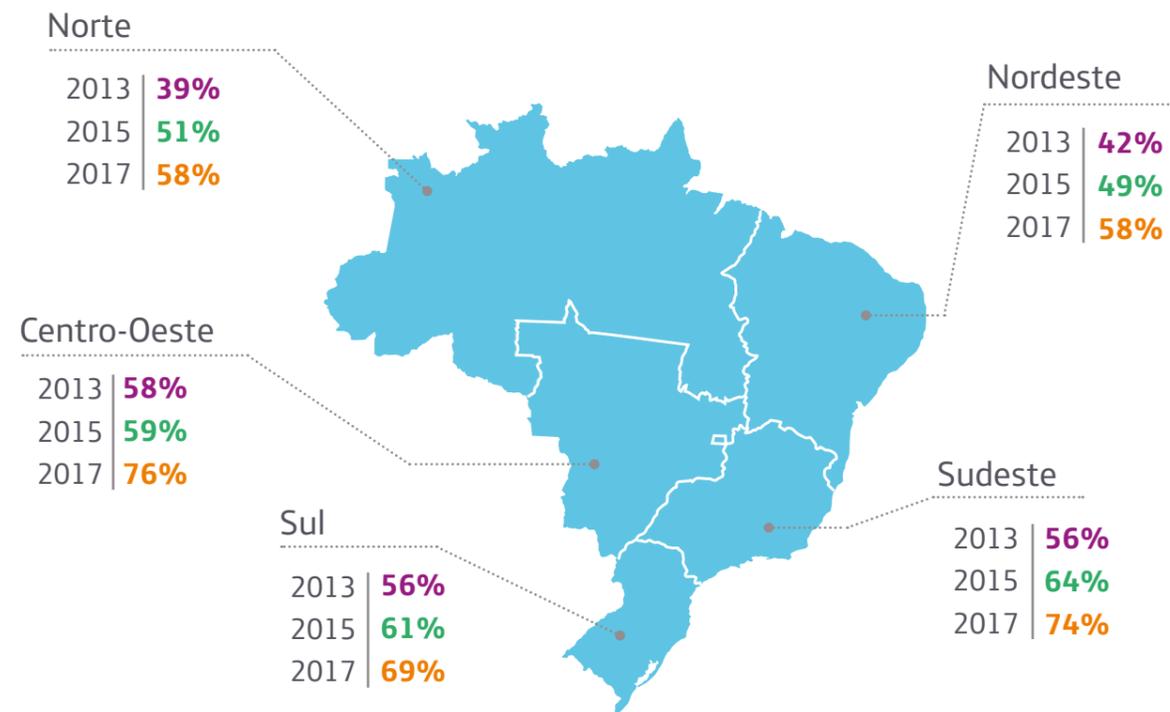
¹ Organização sem fins lucrativos que dá continuidade às ações do Instituto Paulo Montenegro.

Contexto brasileiro de acesso à internet

Para além dos acontecimentos políticos e econômicos simultâneos à realização das edições do estudo, é importante localizar algumas das transformações do contexto brasileiro no que diz respeito ao acesso à internet. A *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros (TIC Domicílios)* tem revelado, ao longo dos anos, o crescimento dos acessos entre toda a população do país, dos quais destacamos alguns segmentos.

Para conhecer mais dados da pesquisa, acesse <https://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/>

Indivíduos conectados no Brasil – por região



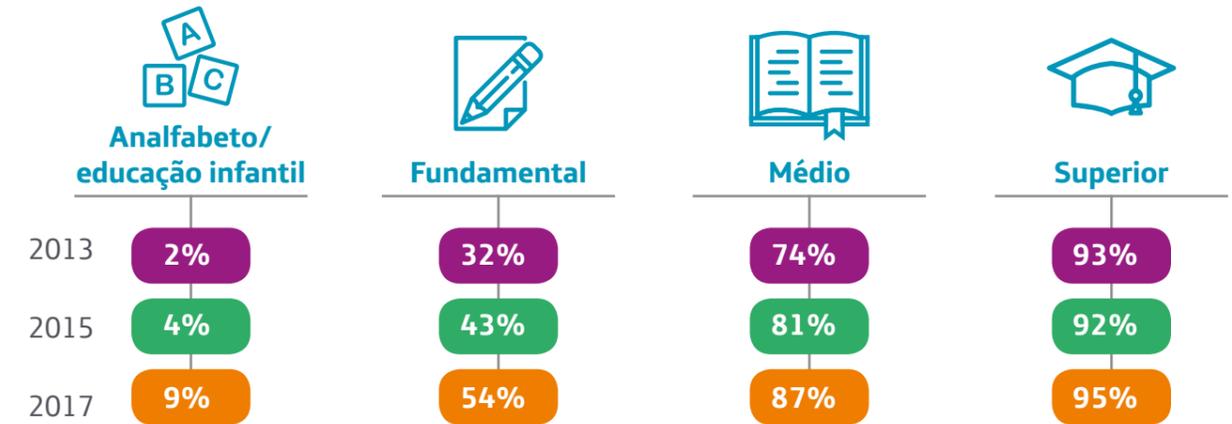
Fonte: CGI.br/NIC.br, Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2013, 2015 e 2017.



Nos dados da pesquisa TIC Domicílios, entendemos por indivíduos conectados aqueles que declararam ter acessado a internet nos últimos três meses.

Quando observamos por região do país, notamos que o acesso à internet ainda não é igualmente distribuído, mas é possível perceber um crescimento geral na proporção de pessoas que se conectaram nos últimos três anos: nas regiões Norte e Nordeste, avançaram de quatro a cada dez pessoas em 2013 para seis a cada dez em 2017.

Indivíduos conectados no Brasil – por grau de instrução



Fonte: CGI.br/NIC.br, Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2013, 2015 e 2017.

Ao considerar o acesso da população por grau de instrução, também notamos uma tendência à democratização: em 2013, três de cada dez pessoas com ensino fundamental eram conectadas; em 2017, passaram a ser cinco de cada dez.

Indivíduos conectados no Brasil – por classe social



Fonte: CGI.br/NIC.br, Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2013, 2015 e 2017.

Verificamos que, em um período de cinco anos, houve um grande aumento do acesso à internet nas classes DE, passando de dois a cada dez indivíduos conectados para quatro a cada dez.

Em resumo, o contexto brasileiro ao longo desses cinco anos foi de movimentação para a ampliação do acesso à internet entre determinados segmentos da população. E esse alargamento precisava ser trazido para a nova edição do Juventudes e Conexões.

Ampliação do público da pesquisa

Para acompanhar essas transformações socioeconômicas e tecnológicas que impactam a vida da população brasileira (e do mundo), em especial o público jovem, que é cada vez mais plural e conectado, buscamos formas de manter o estudo dinâmico e articulado com o espírito do tempo.

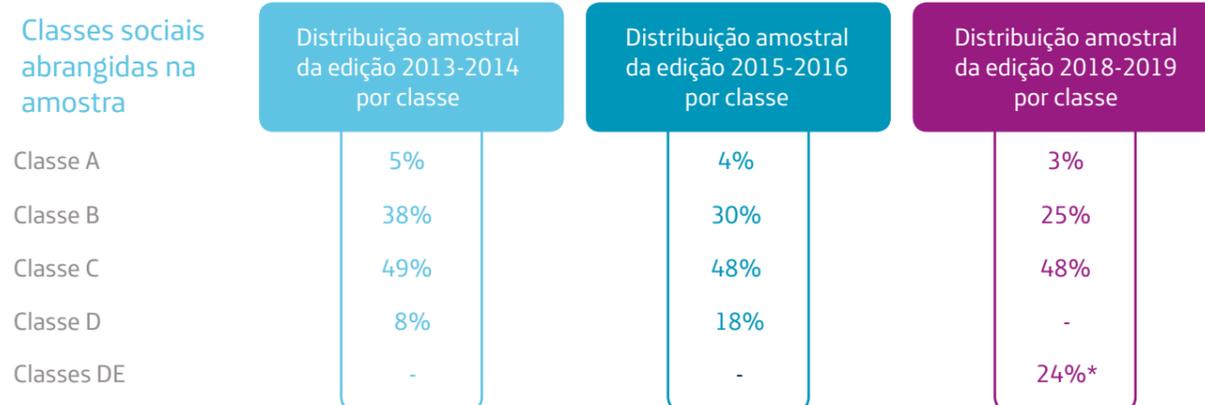
Esse movimento já esteve presente entre a primeira (2013-2014) e a segunda edição (2015-2016), quando mudamos a faixa etária de jovens abrangidos pela pesquisa, estendendo de 16 a 24 anos para 15 a 29 anos, considerando a aprovação do Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013). Essa mudança alinhou o estudo a um debate mais amplo na sociedade brasileira sobre juventudes. Além disso, permitiu um alargamento da abrangência da investigação, ainda que o recorte de público para jovens conectados não garanta representatividade de toda a população jovem brasileira.

Considerando que a pesquisa, desde sua primeira edição, já abrangia um olhar para todas as regiões do país e que a escolaridade é relativamente homogênea na faixa etária investigada, fazia sentido, nesta terceira edição, acompanhar a evolução do acesso a partir de uma atualização das classes sociais abrangidas pelo estudo.

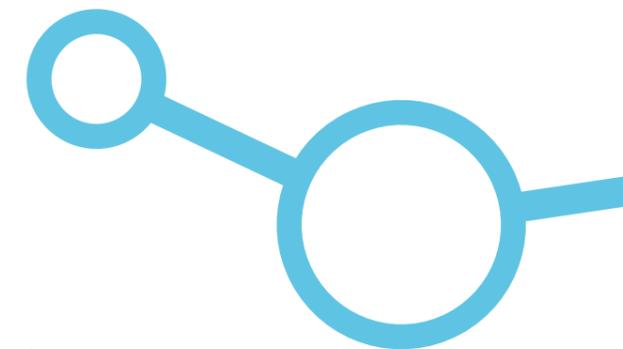
Como vimos nos dados da TIC Domicílios, em 2013, quando o estudo foi concebido, a quantidade de jovens conectados de classes DE era pequena se comparada às demais classes. Isso fez com que a amostra do Juventude Conectada fosse dividida entre as classes A, B, C e D, sem contemplar a classe E. Em 2018, tendo em vista esse movimento de inclusão, não era mais possível produzir uma pesquisa nacional amostral sem incluir a classe E como público pesquisado. Assim, a amostra do Juventudes e Conexões passou a contemplar as classes A, B, C, DE*.

Veja nas páginas 14 e 15 deste mesmo capítulo.

Distribuição da amostra da etapa quantitativa do Juventudes e Conexões – por classe social



*As classes sociais, em pesquisas de opinião pública e de mercado, costumam ser identificadas a partir do Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. Nessa categorização, os estratos socioeconômicos consideram sempre como uma categoria única as classes D e E. Conheça mais sobre o CCEB: <http://www.abep.org/criterio-brasil>.



Escolhas metodológicas

Ainda com a intenção de acompanhar as mudanças nos usos das tecnologias por jovens ao longo dos anos, vimos a necessidade de alterar e/ou adaptar alguns caminhos metodológicos do estudo.

Monitoramento da navegação

Um dos métodos que perdeu sua relevância no percurso do trabalho foi o *e-meter*. Em 2013-2014, o então inovador medidor do IBOPE Inteligência – que pela primeira vez era utilizado em uma pesquisa do setor social – monitorava os sites e os tempos de navegação de dez jovens a partir de uma extensão no navegador de computadores (notebook ou desktop). Ao repetir esse método em 2015-2016, já no início da segunda edição, percebemos uma mudança: tivemos dificuldade de encontrar jovens que tinham a maior parte das suas atividades realizadas no computador. Isso foi demonstrado, posteriormente, pelos dados da pesquisa daquele ano, que apontava o celular como principal aparelho para usar a internet (94%).

Como resultado dessa tendência, que só cresceu nos últimos anos, decidimos não usar mais o *e-meter*, que rapidamente ficou obsoleto para o tipo de dado que nosso estudo busca construir. Afinal, se queremos traçar um panorama representativo da população jovem do Brasil, não faz mais sentido nos apegarmos a um método que não dialoga com o contexto atual de conectividade móvel.

Esse processo nos levou a mudar também uma importante perspectiva da pesquisa: em vez de saber por onde navegam e por quanto tempo, agora buscamos saber o que estas conexões têm gerado para esses jovens.

Participação dos jovens no estudo

Outra perspectiva metodológica que foi revista nesta edição diz respeito à inclusão de jovens com papel mais ativo no estudo. Na primeira edição, a pesquisa seguiu um perfil tradicional de produção de conhecimento, dividindo-se entre pesquisadores e público pesquisado. É comum que estudos não considerem o público pesquisado nem mesmo entre os consumidores dos dados, menos ainda como produtores do conhecimento. Porém, ao longo da linha do tempo do estudo, buscamos cada vez mais construir um trabalho que tivesse sentido para jovens, e principalmente em conjunto com eles próprios. Para nós, esse princípio se concretizou na criação de espaços de participação ativa deles no próprio desenvolvimento da pesquisa, com métodos de construção coletiva.

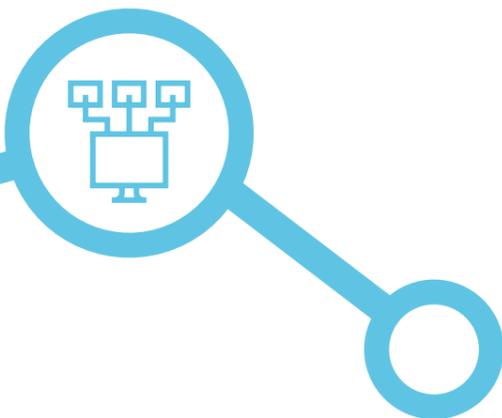
A preocupação com a presença de jovens como produtores de conhecimento na pesquisa passou a ser uma premissa do estudo na segunda edição, quando incluímos a metodologia de PerguntAção. Em 2015-2016, um grupo de jovens pôde desenvolver sua própria consulta participativa de opinião, investigando quem seria o que chamávamos de “hiperconectados”. Esse processo ocorreu paralelamente aos levantamentos quantitativos e qualitativos realizados pelo IBOPE Inteligência e pelo Instituto Paulo Montenegro.

Para a presente edição, colocamos para nós mesmos o desafio de contemplar a participação de jovens em todo o processo da pesquisa, mais uma vez a partir de uma PerguntAção. Por meio de chamada pública nas redes sociais e com o apoio dos parceiros, constituímos um grupo bastante heterogêneo, com jovens de sotaques, orientações sexuais, identidades de gênero, áreas de interesse, idades e grau de instrução diferentes, representando as cinco regiões do país. Chamamos esses participantes ativos de **jovens consultores**.

Eles encontraram-se presencialmente, mantiveram contato por redes sociais, debateram seus pontos de vistas com **consultoras** e **especialistas**, ajudaram em nossas decisões sobre os direcionamentos da pesquisa, apoiaram a construção de instrumentais, analisaram conjuntamente os resultados de cada etapa e pensaram estratégias de divulgação do estudo para as juventudes. O olhar desses **jovens consultores** foi essencial não só para trazer mais legitimidade e relevância ao projeto, mas também para a compreensão mais ampla dos resultados por parte das instituições e pessoas envolvidas. Eles mudaram a forma como analisamos os dados e nos nortearam sobre como divulgar os resultados desta edição.

Assim, de uma participação pontual e focada em uma etapa paralela, ampliamos a inserção da participação de jovens ao longo do corpo central da pesquisa, culminando nesta edição que foi construída de forma totalmente colaborativa em todas as suas etapas.

Entenda mais sobre a metodologia no capítulo 2, página 22.



Novo nome: Juventudes e Conexões

Um dos principais desdobramentos desse processo de ampliação de escuta (alargamento da faixa etária e inclusão da classe E na amostra) e participação (com a presença constante de **jovens consultores** e **especialistas**) foi a necessidade de rever o próprio nome do estudo.

Inicialmente chamado de Juventude Conectada, a cada nova edição observávamos o aumento da necessidade de um nome que fosse mais abrangente. A mudança do nome partiu de uma demanda que surgiu nas discussões entre os diferentes atores que contribuíram com a construção coletiva deste estudo, já desde a segunda edição e que se fortaleceu nesta terceira. As análises nos levavam constantemente à conclusão de que era impossível se referir a jovens como uma unidade no singular, “Juventude”, pois não refletia a pluralidade de jovens, “Juventudes”, portanto.

Jovens também trouxeram a reflexão de que a palavra “conectado” deveria ganhar um sentido mais amplo do que uma forma de acessar a internet. Para eles, deveriam ser consideradas no estudo todas as formas de conexão que estão disponíveis para essa geração, fossem elas online ou offline. A conectividade deveria ser referenciada como algo muito mais amplo, o que nos permitiria compreender que a internet já é parte das vidas dessa geração e intermedeia as relações pessoais, profissionais, com serviços, mesmo em contextos com acesso mais restrito. Por isso o termo “conexões” faria mais sentido dentro deste olhar.

Aliando esses dois conceitos na busca de melhor traduzir nosso foco de estudo, e o universo amplo e diverso do público jovem, foi escolhido coletivamente o novo nome deste estudo, que a partir desta terceira edição passa a se chamar: Juventudes e Conexões.

Série histórica

Apesar de todas essas mudanças, nós nos preocupamos em manter uma linha comum entre todas as edições, para que seja possível fazer comparativos dos resultados ao longo do tempo.

Algumas perguntas têm sido mantidas desde 2013 até 2018, permitindo uma leitura longitudinal de determinados hábitos e percepções de jovens sobre os usos da internet e das tecnologias digitais. Assim, a cada atualização do estudo não produzimos uma edição que começa do zero, mas sim uma continuidade histórica das produções anteriores, revisadas e com processos metodológicos adequados ao contexto.

Além de apresentar os resultados comparativos ao longo dos próximos capítulos, no final desta publicação, anexamos o questionário utilizado, apontando quais foram as alterações e acréscimos em relação à edição anterior.



2



Etapas do estudo

No estudo Juventudes e Conexões, combinamos múltiplas metodologias para mapear comportamentos, atitudes e percepções de jovens que vivem no Brasil em relação à internet e às tecnologias digitais. Conheça o passo a passo de construção desta edição, que foi realizada entre julho de 2018 e junho de 2019.

Etapas do estudo

Julho de 2018

Workshop de criação coletiva

Convidamos 12 **especialistas** para colaborarem com o desenho do estudo, ao lado das quatro **consultoras** e equipes de pesquisa. Em um encontro de oito horas, todos refletiram e problematizaram o contexto brasileiro, tendo em vista os avanços e desafios das áreas de tecnologia, juventudes, educação, empreendedorismo, comportamento e participação social, desde a segunda edição do estudo (2015-2016) até a data do workshop. A partir das discussões, sugeriram abordagens para esta edição, sabendo que a síntese do workshop seria analisada posteriormente por um grupo de jovens.

Novembro de 2018

Grupos de discussão

Na etapa qualitativa da pesquisa, realizamos dez grupos de discussão, com oito a 12 jovens de 15 a 29 anos cada. Mediados por uma moderadora e com o roteiro de questões indicadas por **especialistas** e **jovens consultores**, eles dialogaram sobre a relação que têm com as tecnologias digitais, trazendo seus argumentos sobre influências e práticas. Para representar todas as regiões do Brasil, os grupos de discussão foram realizados em cinco capitais, sendo cinco deles presenciais, com jovens de classes C e DE e cinco online, com jovens de classes A e B.

Setembro de 2018

Oficina inicial de PerguntAção

Reunimos 19 **jovens consultores**, de 15 a 29 anos, vindos de todas as regiões do Brasil, em uma oficina de PerguntAção, uma metodologia que promove a construção participativa de pesquisas de opinião e une pessoas de diferentes perfis para produzir conhecimento e criar ações para seus contextos. Com o objetivo de envolver o próprio público do estudo no desenho de suas etapas, mediamos oito horas de discussões desses jovens para aprofundar as reflexões em torno dos quatro eixos, validar as abordagens sugeridas pelos **especialistas**, indicar as temáticas com mais sentido para o universo jovem e criar coletivamente as perguntas.

Novembro e dezembro de 2018

Pesquisa quantitativa amostral

Entrevistamos 1.440 jovens de 15 a 29 anos, das classes A, B, C, DE e internautas, ou seja, que acessaram internet nos últimos três meses, semanalmente. Para identificar e medir a frequência de determinados comportamentos, atitudes e motivações, produzimos um questionário a partir das sugestões de **especialistas** e **jovens consultores**, que foi aplicado por meio de um tablet, em que os participantes respondiam por autopreenchimento com apoio de um entrevistador profissional.

Abril de 2019

Oficina final de PerguntAção

Com resultados das etapas quantitativa e qualitativa em mãos, reunimos novamente os 19 **jovens consultores**, em uma oficina de oito horas, para produzir uma análise coletiva dos dados e percepções representativas de jovens de todo o país. As leituras realizadas agregaram ao estudo a visão das próprias juventudes sobre as descobertas da pesquisa.



Fevereiro de 2019

Entrevistas em profundidade

Após concluídas as etapas de pesquisa com jovens, compilamos os dados qualitativos e quantitativos e apresentamos individualmente aos **especialistas** os principais resultados. Abrimos o diálogo para que contribuíssem, a partir de suas experiências e perspectivas, com as análises e leituras dos resultados revelados pela pesquisa com o público jovem.

Abril de 2019

Workshop de encerramento

Promovemos um último encontro de oito horas, colocando em diálogo **especialistas, jovens consultores, consultoras** e as equipes de pesquisa. Conversamos, trocamos impressões, analisamos coletivamente algumas conclusões do estudo e fizemos projeções de oportunidades e desafios para o futuro da cultura digital entre jovens no Brasil.

3



Quem participou do estudo e seu perfil

Como um estudo composto por diversas etapas de construção coletiva e métodos mistos, várias pessoas foram atuantes ao longo do planejamento, desenvolvimento e análise do *Juventudes e Conexões*. Convidamos para colaborarem com essa produção de conhecimento, além das **consultoras** temáticas, um conjunto de **especialistas** vinculados às áreas de juventudes e tecnologias e um grupo de **jovens consultores**, cujas trajetórias apresentamos a seguir.

Aqui também incluímos informações sobre os perfis de jovens que participaram das etapas quantitativa e qualitativa de pesquisa, cujas percepções estão analisadas ao longo desta publicação.

Quem participou do estudo e seu perfil

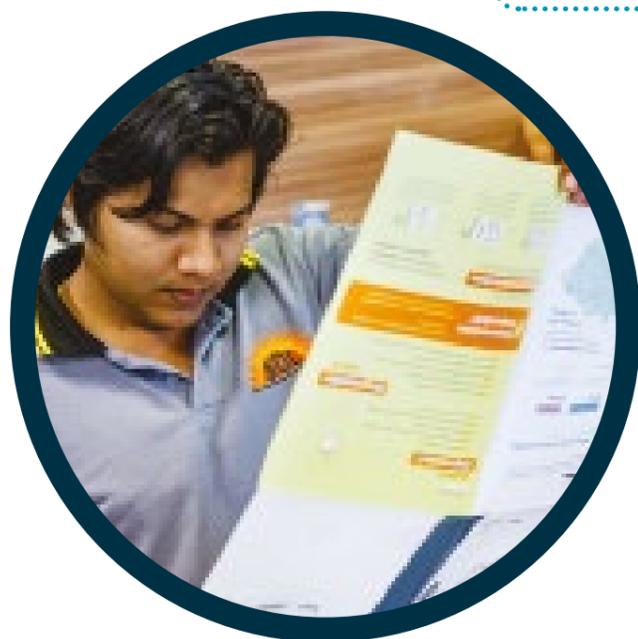
Etapas de construção coletiva

Nesta terceira edição, todo o processo de realização do estudo foi acompanhado de perto por pessoas com experiências nas áreas de educação, empreendedorismo, comportamento ou participação social, além de juventudes e/ou tecnologias digitais. Contamos com três perfis de colaboração:

Veja todas as etapas percorridas no capítulo 2, página 22.

Consultoras

- 4 mulheres com experiências nos eixos do estudo
- **Contribuições:** construção das áreas de abordagem da pesquisa, dos instrumentais de coleta de dados quantitativos e qualitativos, apoio às análises e escrita de artigo na publicação
- **Etapas:** workshops de criação coletiva e de encerramento; oficinas inicial e final de PerguntAção; reuniões de aprendizagem entre equipes



Jovens consultores

- 19 jovens (2 ou 3 representantes por região do país)
- **Contribuições:** aprofundamento sobre experiências com o mundo digital, validação de instrumentais de coleta de dados, apoio às análises e sugestões sobre pertinência do estudo a outros jovens
- **Etapas:** oficinas inicial e final de PerguntAção; workshop de encerramento; conversas por grupo de WhatsApp
- **Ao longo de toda a publicação** as falas deles estarão representadas por []



Especialistas

- 12 profissionais ou ativistas que atuam nos temas do estudo
- **Contribuições:** leitura crítica do contexto, indicações de abordagens, apoio às análises e sugestões sobre pertinência do estudo aos seus campos de atuação
- **Etapas:** workshops de criação coletiva e de encerramento; entrevistas em profundidade
- **Ao longo de toda a publicação** as falas deles estarão representadas por []



Consultoras

As **consultoras** foram responsáveis pela escrita dos artigos que acompanham os capítulos com os dados do estudo. Para construir esse conhecimento, participaram de todas as etapas que constituem essa pesquisa e mantiveram contato contínuo com as equipes da Rede Conhecimento Social, IBOPE Inteligência e Fundação Telefônica Vivo.

Conheça as **consultoras** da terceira edição do Juventudes e Conexões:



Eixo: Educação
Tatiana Klix Pereira

Jornalista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Tatiana já atuou como repórter e editora no Grupo RBS e editora de educação no portal iG. Atualmente, é diretora do Porvir (porvir.org), iniciativa de comunicação e mobilização que realiza mapeamento e difusão de referências sobre tendências em educação. Com a missão de inspirar inovações para a educação brasileira, Tatiana cria estratégias de comunicação e mobilização social para a causa, facilita conversas e oficinas e produz conteúdos sobre o tema. Também é cofundadora do Quero na Escola, uma plataforma que conecta a sociedade à escola, dando protagonismo para estudantes escolherem o que querem aprender além do currículo. Além disso, é colaboradora do Canal Futura e integrante do conselho da Jeduca (Associação de Jornalistas de Educação).



Eixo: Empreendedorismo
Lílian da Silva Botelho

Pedagoga formada pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e especialista em Elaboração em Projetos pela Fundação Dom Cabral, Lílian atualmente é mestranda em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Coordena o Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora (CER), uma iniciativa do Sebrae para fomentar a Educação Empreendedora a partir de produção e compartilhamento de estudos, pesquisas e ferramentas. A partir de eventos, grupos, comunidades de prática e outras formas de compartilhar conhecimento, o CER pretende ser uma ponte entre o universo acadêmico e o mercado. Lílian também atua no “Sebrae DELAS”, programa de aceleração de ideias e negócios liderados por mulheres.



Eixo: Comportamento
Helena Wendel Abramo

Graduada em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), Helena tem prestado assessoria e consultoria no tema da juventude para grupos, movimentos sociais, organizações da sociedade civil e órgãos públicos, bem como participado de pesquisas sobre o universo juvenil há mais de 30 anos. Trabalha desde 1991 na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, já foi Assessora da Comissão Extraordinária Permanente da Juventude na Câmara Municipal de São Paulo, além de Coordenadora-geral de Políticas Setoriais na Secretaria Nacional de Juventude. Entre as publicações estão os livros: *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano* (1994), *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional* (2005), *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças* (2016) e, recentemente, *O trabalho juvenil na agenda pública brasileira: avanços, tensões, limites* (2018).



Eixo: Participação social
Rita de Cássia Alves Oliveira

Doutora em Antropologia, Rita faz parte do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e do Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Fez pós-doutorado no Programa Postdoctoral de Investigación en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) e participa da rede internacional de pesquisadores do grupo técnico do CLACSO “Juventudes, infancias: políticas, culturas y instituciones sociales en América Latina”, por meio do projeto de pesquisa “Genocídio juvenil”. Rita também integra os grupos de pesquisa “Imagens, metrópole e culturas juvenis” do CNPq e “Jovens/juventudes: políticas públicas e formas de participação cultural, política e comunicacional”. Rita estuda, na Antropologia Visual, a fotografia e a arte do ponto de vista da cultura e do cotidiano. Dedicar-se também à docência e pesquisa sobre a cultura digital e os usos das tecnologias digitais de comunicação.

Jovens consultores

O processo de seleção desses jovens aconteceu por meio de uma campanha aberta de inscrição pelas redes sociais e indicações de instituições parceiras. Para compor um grupo diverso, usamos como critérios: região de residência, idade, raça/cor, orientação sexual, temas de interesse e média de conectividade - que medimos por meio de algumas perguntas simples sobre suas rotinas.

Conheça os e as **jovens consultores** que participaram desta edição:



Norte



Rael Marinho Ferreira

Macapá/AP

"Tenho 26 anos e moro na comunidade Campina de São Benedito, na zona rural do município de Macapá, capital do Amapá. Sou professor formado em Pedagogia e pós-graduando em Educação Especial e Inclusiva. Gosto muito de ler e sou voluntário há 10 anos na ONG Vagalume. Amo minha comunidade e amo fazer parte de projetos sociais e tudo que está relacionado à educação."



Rafael Maciel

Santarém/PA

"Sou de Santarém, cidade no oeste do Pará, e tenho orgulho de ser amazônica. O lugar onde cresci é o meu diferencial, o fato de ter passado pelo Projeto Sol e todas as pessoas que pude conhecer lá e as experiências que o projeto me proporcionou me ajudaram a ser quem sou."



Miguel das Mercês

Ananindeua/PA

"Tenho 24 anos, sou de Ananindeua, município da região metropolitana de Belém do Pará. Estou quase me formando em Engenharia Cartográfica e de Agrimensura pela Universidade Federal Rural da Amazônia. Sou também Gestor de Projetos e de Comunicação na instituição Junior Achievement Pará e, ainda, Consultor Trainee em Planejamento Estratégico Institucional na Tzu Consultoria. Eu me orgulho de trabalhar com educação empreendedora para jovens estudantes de escolas públicas, compartilhando os meus conhecimentos e contribuindo para que tenham um futuro melhor."

Nordeste



Alice Bezerra

São Sebastião do Umbuzeiro/PB

"Tenho 18 anos e nasci em Brasília (DF). Atualmente moro no interior da Paraíba, em uma cidade chamada São Sebastião do Umbuzeiro. Sou estudante, participo de projetos sociais como voluntária e integro o projeto NUCA (Núcleo de Cidadania dos Adolescentes), do selo UNICEF."



Leonardo Ventura de Figueiredo

Recife/PE

"Nasci em Arcoverde (PE), mas há alguns anos moro em Recife. Tenho 27 anos, formado em Direito e já atuo como advogado. Sou articulador do selo UNICEF no município de São Sebastião do Umbuzeiro, na Paraíba."



Mateus Henrique Gonzaga

Fortaleza/CE

"Sou de Fortaleza (CE), tenho 24 anos e sou estudante de Ciências da Computação. Moro no bairro Conjunto Palmeiras, que a Prefeitura de Fortaleza considera o bairro mais pobre da cidade. Sou cofundador do Palmaslab, um laboratório de inovação e pesquisa que se dedica a trabalhar com o desenvolvimento de tecnologias e pesquisa no meu próprio bairro. Como sou apaixonado por tecnologias e trabalho social, tento juntar essas coisas tanto no Palmaslab quanto no meu dia a dia."



Natan Santos

Salvador/BA

"Tenho 19 anos e moro em Salvador, na Bahia. Mas nasci numa cidade pequena chamada Monte Santo (BA). Sou estudante universitário, cursando Publicidade, e trabalho com telemarketing. Atualmente invisto em meu grupo de dança e tenho muito orgulho de ser comunicativo."

Centro-Oeste



João Guilherme Medeiros Leite

Cuiabá/MT

"Tenho 17 anos, moro em Cuiabá (MT) e sou estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso, campus Cuiabá. Graças à minha participação nesta pesquisa, hoje sou um dos pesquisadores do programa "Leaders of Tomorrow", da Universidade de Cambridge."



Hemily Correa

Cáceres/MT

"Nasci e cresci em Cáceres (MT), tenho 22 anos. Sou formada em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado de Mato Grosso e atualmente sou técnica administrativa na própria instituição. Fui bolsista de pesquisa e extensão universitária em Economia Solidária e, posteriormente, participei do programa Células Empreendedoras. Em toda a jornada acadêmica fiz parte do movimento estudantil e permaneço nas lutas sociais pela educação."

Sul



Vita Pau Brasil

Porto Alegre/RS

"Sou uma pessoa transvestigenera de 22 anos, natural de Manaus (AM) e filha do mundo. Criativa, tento me movimentar entre os meus diversos interesses, principalmente em ações e trabalhos que versem sobre raça, gênero, sexualidade e direitos humanos. Durante a pesquisa vivia em Porto Alegre (RS) e atualmente resido em São Paulo, me dedicando à realização de projetos com juventudes e iniciando uma investigação no campo das artes."



Lorian Moreira de Toledo

Florianópolis/SC

"Tenho 25 anos e nasci em São José do Rio Preto (SP). Hoje em dia moro em Florianópolis (SC), trabalho com design gráfico e digital e direção de arte. Estou à frente da iniciativa 'Compro de quem faz das minas Pelotas', uma página de Facebook que incentiva o trabalho autoral feminino e rede de contatos da região. Algo que marcou minha trajetória foi ter conseguido passar pelas dificuldades de sair de uma cidade pequena do interior, fazer faculdade de Design longe e hoje atuar na minha área, provendo meu sustento e vivendo sozinha, sendo realmente uma vitória para mim!"



Willian Barros

Londrina/PR

"Tenho 27 anos e atualmente moro em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. Sou Engenheiro Mecânico de formação e sócio proprietário da SB Consultoria, de Gestão Empresarial. Sou apaixonado pela natureza e pelas novas formas e estudos sobre a regeneração do meio ambiente como a Permacultura e a Agroecologia."

Sudeste



Ana Beatriz Rodrigues Sousa

Belo Horizonte/MG

"Nasci em Minas Novas, cidade no interior de Minas Gerais, mas atualmente moro em Belo Horizonte."

Sou graduanda no curso de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, militante do Movimento de Mulheres Olga Benário e coordenadora da Casa de Referência da Mulher Tina Martins. A coisa de que mais me orgulho são os trabalhos que desenvolvo dentro da Casa Tina Martins, além de desenvolver e coordenar núcleos de discussão sobre feminismo e educação dentro da universidade."



Renata Borges

São Paulo/SP

"Sou de São Paulo (SP) e tenho 29 anos. Sou Psicóloga e professora especializada em Desenvolvimento de Pessoas, com diploma de Master Coach/PNL. Também atuo como Mentora de carreiras e sou pós-graduada em gestão de Recursos Humanos, Gestão de Projetos e Ensino e Aprendizagem na educação de jovens e adultos. Acredito que a educação é capaz de transformar o mundo e tenho muito orgulho em fazer parte disso."



Yasmin de Souza Oliveira

São Paulo/SP

"Tenho 17 anos e sou de São Paulo, capital. Estou no último ano do ensino médio. Algo de que me orgulho é minha forma de sempre buscar o lado bom de todas as situações, independentemente de qual for!"



Flora Beatriz do Patrocínio

São Paulo/SP

"Sou paulistana, tenho 20 anos, pedagoga de formação e estudante de Gestão Pública. Amo estudar, amo me sentir participante ativa na mudança do mundo. Se eu pudesse abraçaria os quatro cantos do mundo e mais um pouco. Adoro estar conectada com pessoas e lutar pelas coisas em que eu acredito!"



Pablo Oliveira Amorim da Silva

São Paulo/SP

"Tenho 17 anos e sou de São Paulo (SP). Eu sou meio quieto e reservado, mas tenho opiniões consistentes sobre jovens de hoje em dia, em questão de educação e outros temas. Gosto muito de jogar bola e fazer esportes radicais."



Gabriela Conde Ruiz

São Paulo/SP

"Tenho 20 anos e sou moradora da zona leste de São Paulo. Conectada desde que me conheço por gente, com gente daqui e de lá, de vários cantos do Brasil. Qualquer lugar que seja diferente do meu, qualquer lugar e qualquer alguém que tenha algo a acrescentar, seja bom, ruim ou sei lá."



Eduardo de Freitas Toledo Júnior

São Paulo/SP

"Sou natural de São Paulo e tenho 20 anos. Tudo nesse mundão lindo e ligado às expressões artísticas me atrai, desde negócios artísticos inteligentes até um cartaz colado na rua, que paro para olhar. Eu me orgulho de tentar abrir os olhos das pessoas para novas realidades por meio do meu trabalho (desenvolvimento de produto) e dos meus hobbies."

Especialistas

Foram convidados 12 **especialistas** para aprofundar o debate dos eixos desenvolvidos no estudo: educação, empreendedorismo, comportamento e participação social.

Saiba um pouco mais sobre esses **especialistas**:

Eixo: Educação



João Alegria
(Canal Futura)

Doutor em Educação, interessa-se pelos territórios híbridos que conectam a educação e a escola com a comunicação e as tecnologias. Já atuou em todos os níveis do universo da educação, da educação infantil à pós-graduação, sempre com um “pé” na escola e outro na comunicação. É também profissional do audiovisual, tendo sido autor e diretor de muitos programas de TV. Atualmente, João dirige o Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, e leciona no Curso de Design em Mídias Digitais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).



Mariana de Lima
(Conselho Jovem do Porvir)

De Campo Grande (MS), Mariana tem 17 anos e é Conselheira Jovem de educação do Porvir e Líder Jovem reconhecida pela Latin American Leadership Academy (LALA). Sentiu-se honrada em contribuir com um estudo como o Juventudes e Conexões por poder representar jovens do seu estado e incluir a voz deles a partir da sua participação. Acredita que ações assim reforçam o empoderamento juvenil no país, incentivando jovens a lutarem por seus direitos.

Eixo: Empreendedorismo



Danielle Esli
(Infopreta)

Administradora da Infopreta, a primeira empresa de reparos e serviços tecnológicos que conta apenas com mulheres negras, LGBT, transexuais e travestis no Brasil. Formanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo.



Helena Singer
(Ashoka)

É líder da Estratégia de Juventude da Ashoka para a América Latina, colunista da Revista Nova Escola, membro do Conselho Municipal de Educação de São Paulo e do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Sociologia pela USP, com pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



Hugo Kovac
(Projeto Abacaxi e 99jobs)

Formado em Administração pelo Insper, onde inclusive presidiu o Grupo de Ação Social. É também, há 10 anos, professor de Física e Química em projetos de ensino de jovens e adultos. Em 2017, foi eleito um dos 60 homens mais inspiradores do ano pelo Portal Papo de Homem por sua notável atuação social com o Projeto Abacaxi – de apoio ao nano empreendedorismo. Atualmente é sócio da Seed, CFO da 99jobs e membro do Conselho Alumni do Insper.

Eixo: Comportamento



Greta Lopes
(Atriz e produtora cultural)

Mestre em Artes pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) na linha de processos educacionais e artísticos e criadora do Festival Periferia Trans. Foi gestora por oito anos de um Galpão Cultural na região do Grajaú (na capital paulista) e, atualmente, atua como produtora cultural e pesquisadora dos estudos de gêneros e sexualidades.



Gil Marçal
(Instituto Criar de TV)

Gil Marçal é gestor e produtor cultural com experiência em programas e políticas públicas de cidadania cultural. Foi coordenador do Programa VAI (Valorização de Iniciativas Culturais) que apoia projetos culturais de jovens e dirigiu a área de Cidadania Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de SP. Foi chefe da Representação Regional do Ministério da Cultura em São Paulo e diretor de artes na Cidade de Osasco. Atualmente, é gerente de programa no Instituto Criar de TV, cinema e novas mídias.



Mário Volpi
(UNICEF)

Formado em Filosofia e mestre em Políticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB), iniciou sua atividade de educador de crianças e adolescentes em 1984, atuando em diferentes trabalhos com crianças afastadas de convivência familiar e em situação de rua. No Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, trabalhou na mobilização pela aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e foi coordenador nacional por dois mandatos. Foi assessor do Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC) e, desde 1999, é oficial de projetos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) no Brasil, onde coordena o Programa Cidadania dos Adolescentes.

Eixo: Participação social



Marcio Black
(Fundação Tide Setubal)

Produtor cultural, cientista político, coordenador de cultura da Fundação Tide Setubal e integrante da Bancada Ativista, pela qual foi candidato a vereador em 2016. Desde 2002, Marcio realiza festas de rua em São Paulo, o que o levou a produzir grandes eventos públicos como SP na Rua, Carnaval de Rua e Virada Cultural. É fundador do Coletivo Sistema Negro, que promove ações antirracistas na cidade.



Rogério da Costa
(PUC-SP)

Filósofo e Engenheiro de Sistemas. Atualmente, Rogério é coordenador do programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Também é coordenador do Laboratório de Inteligência Coletiva (LINC). É sócio da empresa NOX4Think, que presta consultoria em redes sociais e semiótica aplicada.

Generalistas

(especialistas que transitam pelos 4 eixos)



Natália Neris
(InternetLab)

Doutoranda em Direitos Humanos na Universidade de São Paulo (USP), mestra em Direito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e bacharela em Gestão de Políticas Públicas pela USP. É pesquisadora do Núcleo de Direito e Democracia do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) e do Grupo de Estudos e Pesquisas das Políticas Públicas para a Inclusão Social da USP. Hoje é coordenadora da área Desigualdades e Identidades do Internet Lab. É também coautora do livro *O Corpo é o Código: estratégias jurídicas de enfrentamento ao revenge porn no Brasil* (2016) e autora de *A voz e a palavra do Movimento Negro na Constituinte de 1988* (2018).



Vânia Correia
(Viração)

Jornalista, especialista em Comunicação, Mídias e Educação e mestranda em Políticas Públicas pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Atuou como coordenadora de Projetos na Viração Educomunicação, organização da sociedade civil que trabalha na interface de comunicação e educação, com foco na promoção de direitos humanos de adolescentes e jovens.



Etapas de coleta de dados

Veja todas as etapas percorridas no capítulo 2, página 22.

O processo de construção coletiva foi importante para garantir aprofundamento, consistência e adequação de linguagem às etapas de coleta de dados utilizadas no estudo. Utilizando métodos mistos qualitativos e quantitativos, esta edição do *Juventudes e Conexões* promoveu a escuta de jovens, em todo o território nacional, em busca de conhecer mais sobre suas percepções e hábitos diante de tecnologias digitais. Antes de apresentarmos os resultados da pesquisa, trazemos o perfil de jovens participantes, que responderam às perguntas planejadas em conjunto com nossos diferentes colaboradores.

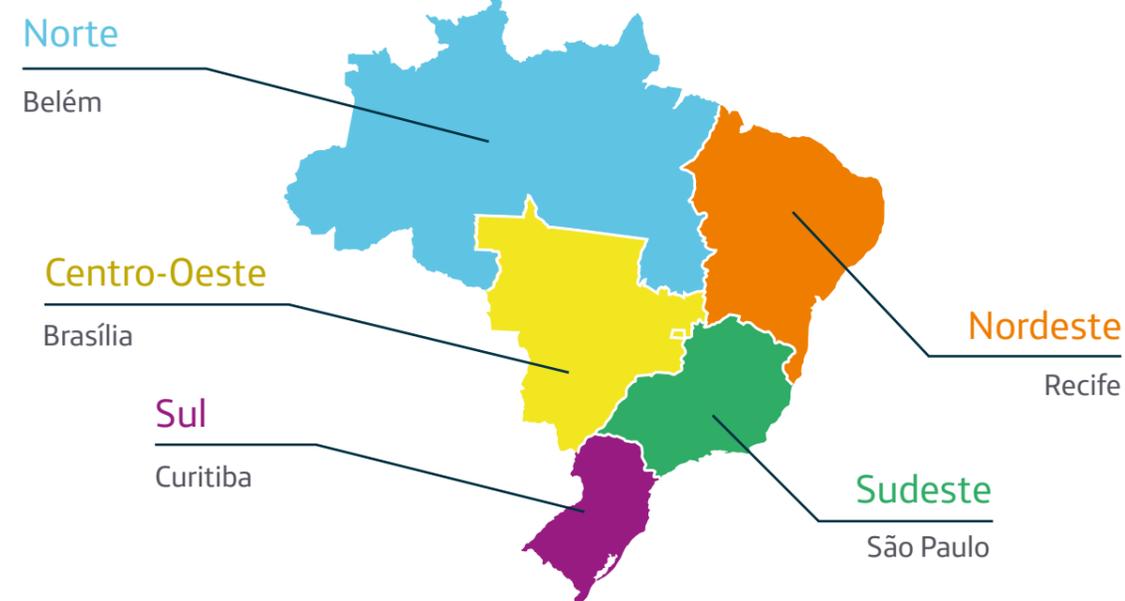
Método qualitativo: grupos de discussão

Foram realizados dez grupos de discussão com jovens entre 15 e 29 anos, selecionados por meio de recrutamento ativo para seleção aleatória de participantes de cinco capitais brasileiras: Belém, Recife, Brasília, São Paulo e Curitiba.

Subdivididos entre jovens mais novos, na faixa etária dos 15 aos 21 anos, e mais velhos, de 22 a 29 anos, procuramos formas de encontrar especificidades e tendências, tendo em vista as diferenças entre experiências de cada estágio de vida.

5 grupos presenciais com jovens de classes C, D e E, sendo 2 com participantes de 15 a 21 anos e 3 grupos de 22 a 29 anos.

5 grupos online com jovens de classes A e B, sendo 3 com participantes de 15 a 21 anos e 2 com idades de 22 a 29 anos.



Variações de perfil e estágios de vida



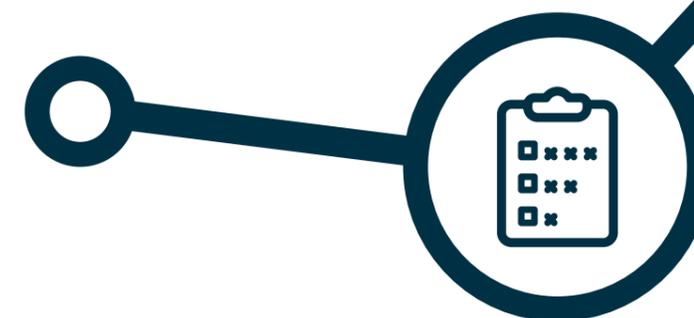
Faixa etária de 15 a 21 anos:

- Maioria de estudantes cursando ensino médio, alguns iniciando a faculdade.
- Poucos trabalham ou já trabalharam, alguns já tiveram experiência de venda de produtos pela internet.
- Majoritariamente são dependentes financeiramente e moram com os pais.



Faixa etária de 22 a 29 anos:

- Maior parte é estudante de nível superior, sendo que alguns já terminaram a faculdade.
- Maioria já trabalha: estágios, trabalhos fixos e alguns fazem bicos como autônomo.
- Grupo com maior concentração de pessoas com filhos e que moram junto com parceiros e/ou são casados.



Método quantitativo: pesquisa amostral nacional

Foram realizadas 1.440 entrevistas com jovens internautas de 15 a 29 anos, das classes A, B, C, D e E, em todas as regiões do Brasil. Consideramos internautas aqueles que acessaram a internet nos últimos três meses, com frequência de acesso semanal.

A amostra foi composta por diferentes perfis de juventudes e buscamos representar estatisticamente a população jovem brasileira, conforme os dados que apresentamos a seguir sobre os jovens entrevistados.

Perfil dos e das jovens respondentes

Quantos anos têm

Faixas de idade

A distribuição de faixas etárias da amostra de jovens participantes da pesquisa segue a proporção da população do país.



Onde vivem

Região	Entrevistados	Capital	Interior
Norte	200	130	70
Nordeste	195	110	85
Centro-Oeste	200	110	90
Sudeste	645	335	310
Sul	200	70	130



As capitais de cada região incluem os municípios de suas áreas metropolitanas, e o interior é representado pelas cidades de grande porte de cada estado.

As amostras desproporcionais são utilizadas quando precisamos ter representatividade de áreas que não teriam amostras suficientes, caso a alocação amostral fosse feita de maneira proporcional. A desproporção é um artifício estatístico que permite aumentar as amostras nas áreas de interesse sem que haja prejuízo para a leitura do total dos resultados. Isso acontece, pois, para a leitura dos totais, são calculados fatores de ponderação que fazem com que cada área, em relação ao total e às outras áreas, volte para a proporção original do universo. Dentro de cada área de interesse, a distribuição das cotas pode ser feita de maneira proporcional ou desproporcional. Apesar de estarmos utilizando uma amostra desproporcional entre áreas, podemos fazer a distribuição das cotas de forma proporcional. Dessa maneira, não é necessária a utilização de um fator de ponderação para corrigir a distribuição das cotas.

Como se definem

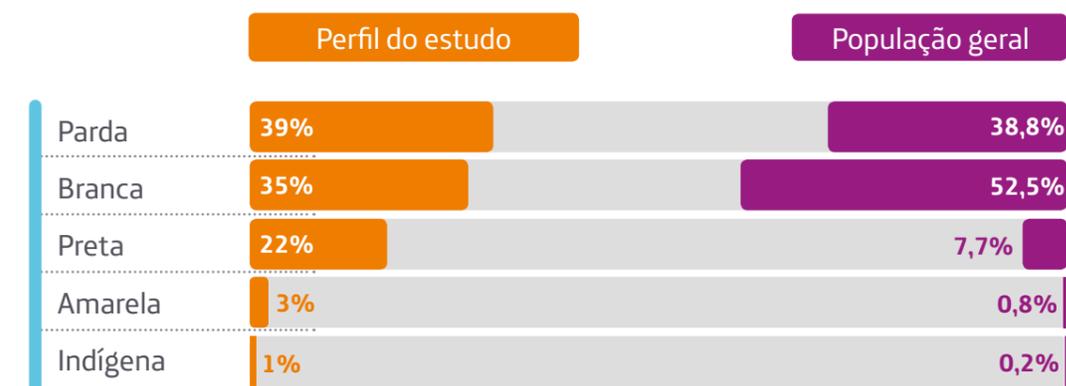
Sexo e gênero

	Sexo	Gênero com que se identifica
Feminino	50%	49%
Masculino	50%	49%
Não binário		2%

Esta é a primeira edição em que se perguntou aos jovens sobre qual sua identidade de gênero. A inclusão desta pergunta seguiu o debate bastante presente entre a população jovem sobre sexo, orientação sexual e identidade de gênero. O primeiro caso trata do sexo biológico, relacionado ao aparelho reprodutor, se feminino ou masculino. Já o segundo, orientação sexual, é sobre a relação afetivo-sexual que a pessoa estabelece com seu par (homo, hetero, bissexual etc.) e, por último, a identidade de gênero, que é como a pessoa se identifica. Há pessoas que se identificam com um gênero masculino ou feminino, mas há outras que não e por isso se consideram "não binárias".

Raça/cor

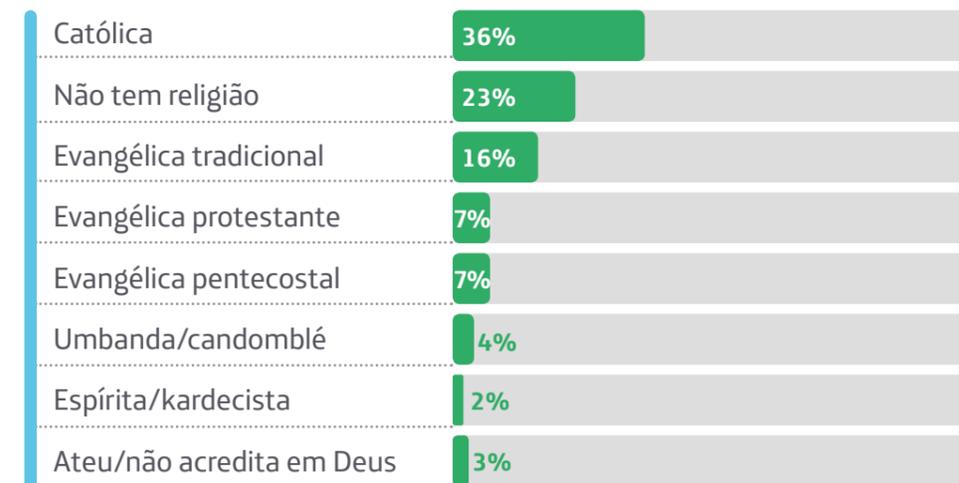
Quando observamos a forma como jovens entrevistados se identificam, vale considerar os dados relativos à raça da população brasileira em geral e da população com perfil semelhante ao do estudo, de jovens de 15 a 29 anos:



Fonte: População Brasileira e População Jovem (15 a 29 anos) internauta - PNADC 2016

A população negra ("preta" e "parda") representa 61% da amostra, uma quantidade maior do que a população brasileira em geral. Vale notar que um movimento de autoafirmação identitária tem ganhado crescente reverberação entre jovens, que promovem a valorização de trajetórias e, cada vez mais, jovens afrodescendentes declaram-se como pretos ou pardos.

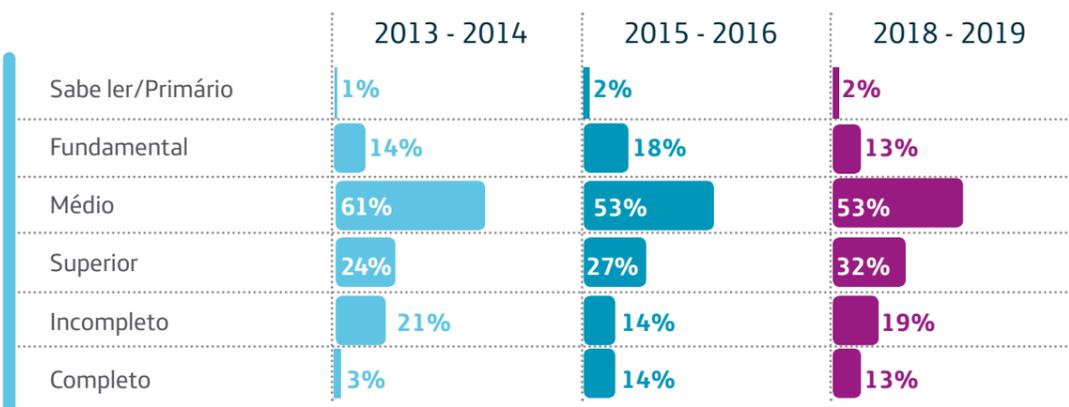
Religião



Em sua maioria declaram-se católicos (36%) e evangélicos (30%). Ao mesmo tempo, 23% dizem não ter religião, o que não significa que são ateus ou que não acreditam em Deus (3%).

O que fazem

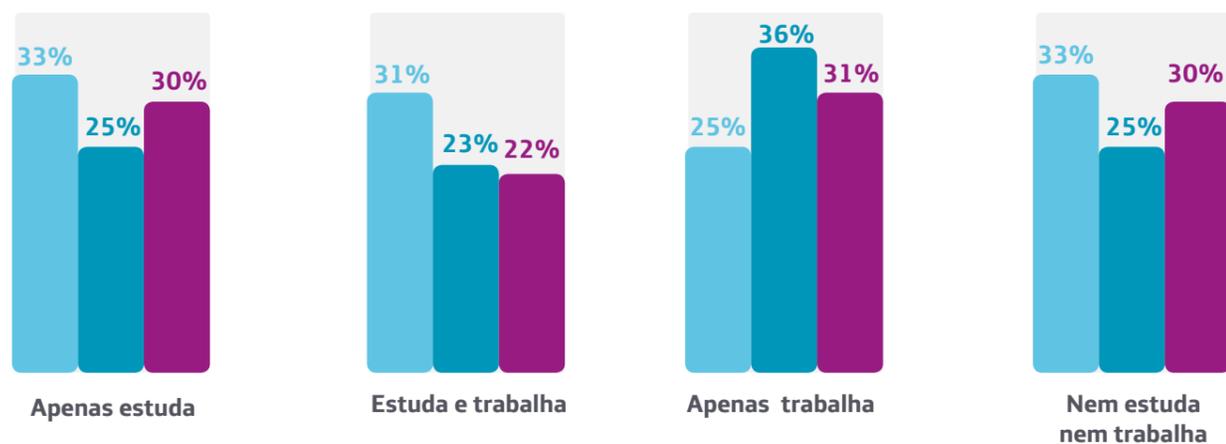
Escolaridade



Ao longo das edições, observa-se uma tendência de aumento de jovens no ensino superior.

Ocupação

● 2013 - 2014 ● 2015 - 2016 ● 2018 - 2019



De 2015 para 2018 diminuiu o número de jovens que declaravam trabalhar e aumentou o número daqueles que nem estudam nem trabalham.

Participação de jovens na vida econômica do domicílio (%)



Fem. = Feminino | Masc. = Masculino

A maior parte dos jovens ainda não possui total independência financeira. Cerca de um terço deles tem sua própria renda e metade deles contribui com o orçamento do domicílio.

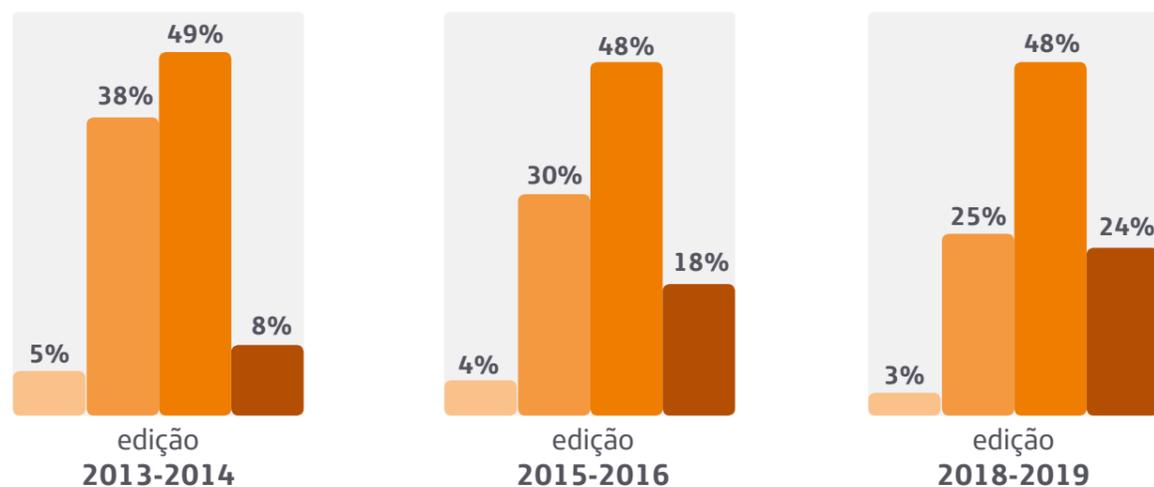
- Mulheres são mais "totalmente dependentes" do que homens.
- Classe C tem o maior número de "Independentes".



Como vivem

Classe socioeconômica

● A ● B ● C ● DE

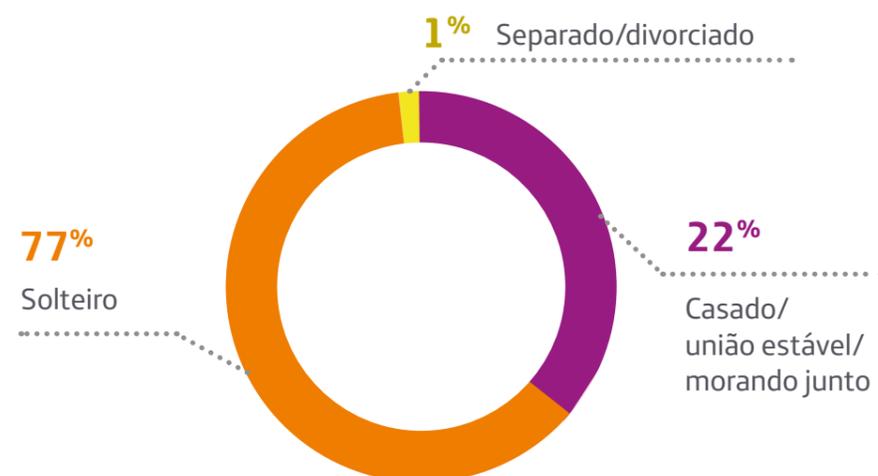


Como mencionado no **capítulo 1**, esta é a primeira edição em que foi possível incluir a classe E na composição da amostra de jovens conectados no Brasil. Na revisão do Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) de 2015, foi observado que a classe E representava uma parcela muito pequena da população. Com o objetivo de dar mais robustez à sua estimativa, foi decidido juntar as classes D e E.

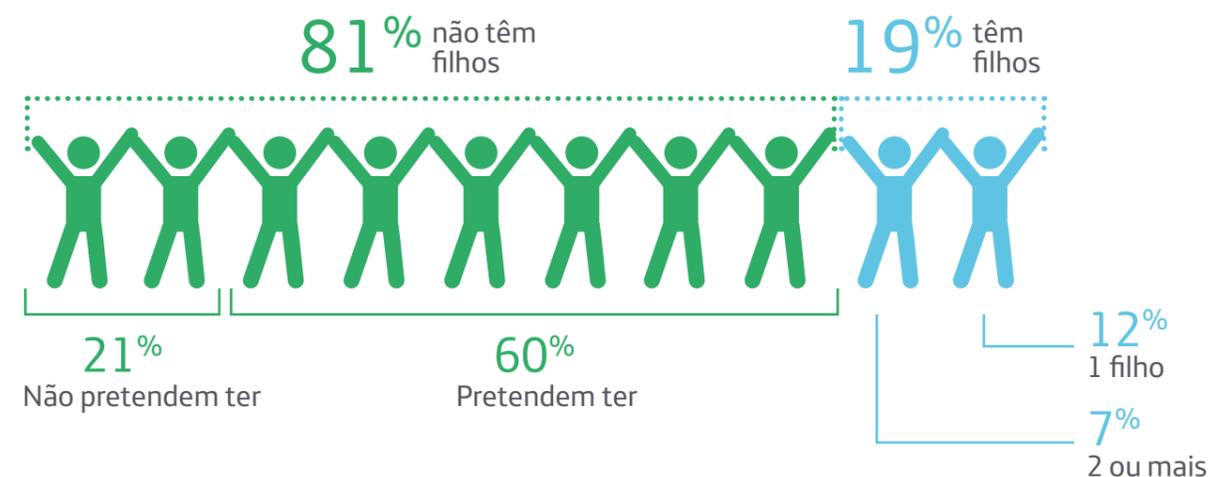
Com quem vivem

Status de relacionamento

Jovens que participaram da pesquisa são em sua maioria solteiros. Além disso, 35% são mães/pais solo (solteiros, divorciados ou viúvos).



Filhos



Jovens com 25 a 29 anos são os que mais têm filhos, assim como aqueles das classes C e DE.

	Total	Idade (%)			Classe socioeconômica (%)			
		15-19	20-24	25-29	A	B	C	DE
Tem filhos	19%	7	19	33	10	14	20	22
Não tem filhos	81%	93	81	67	90	86	80	78

Até aqui foi apresentado o perfil dos jovens participantes deste estudo. Importante ressaltar que nos próximos capítulos os dados trazidos pela pesquisa são proporcionais à população jovem brasileira internauta, ou seja, aquela que tem entre 15 e 29 anos e se conectou ao menos uma vez por semana à internet nos últimos três meses.



4

Acesso e atividades conectadas

O estudo Juventudes e Conexões tem como objetivo principal entender como jovens no Brasil percebem a relação da internet em suas vidas. Para compreender essa perspectiva, procuramos formas de produzir leituras contextualizadas que abordassem uma visão ampla sobre os usos que jovens fazem das tecnologias digitais.

Em um cenário cada vez mais conectado, levantamos quais dispositivos utilizam para acessar a internet, quais são as principais atividades que realizam e com que frequência.



Acesso e atividades conectadas

Buscamos com o Juventudes e Conexões, desde a primeira edição, compreender como jovens usam e se apropriam da internet, entendendo que essa relação é dinâmica e determinada pelo contexto e pelas condições de acesso a ela. Entre 2013 e 2015, verificamos mudanças na frequência de certas práticas, na migração dos aparelhos utilizados e na forma com que jovens se relacionavam com a ideia do que é “estar conectado”. Na segunda edição, aprendemos com jovens que as tecnologias digitais eram parte cada vez mais relevante de suas vidas, funcionando quase como uma extensão do próprio corpo. Em 2018-2019, **jovens consultores** não apenas confirmaram essa presença constante do universo digital em suas vidas, como nos reafirmaram que o online e offline já não são dissociáveis e, mais, não se pode falar em “entrar na internet”, pois não veem como seria possível “não estar dentro dela”.

O que então, para eles, é estar conectado? Propusemos essa reflexão aos **jovens consultores** e percebemos o quão ampla e significativa essa ideia pode ser.



O significado de “estar conectado”

- | | |
|------------------|---|
| Inspiração | Construção de realidades com impactos positivos |
| Interatividade | Equidade (acesso a todos) |
| Novas fronteiras | Defesa de direitos |
| Visão de mundo | |
| Século 21 | |
| Oportunidades | |
| Network | |

Essa abrangência e diversidade de entendimento do que é estar conectado nos provocou a trazer para a pesquisa um novo olhar, que contemplasse diferentes tipos de conexões, que vão além da internet, complementam-se e se integram.

Como jovens acessam a internet

Temos visto ao longo das edições que a migração dos equipamentos utilizados para acessar a internet vem moldando as atividades, as frequências e as interações das pessoas. Por isso, seguimos monitorando a evolução desses usos entre jovens, mantendo a lista de aparelhos atualizada conforme as experiências trazidas pelos **jovens consultores**.

Aparelhos usados para acessar a internet

	2013-2014	2015-2016	2018-2019	População brasileira usuária de internet*
Celular/smartphone	71%	94%	98%	96%
Computador de mesa	62%	37%	36%	30%
Computador portátil (notebook, laptop, netbook)	51%	43%	41%	33%
Tablet	16%	16%	15%	15%
TV	4%	6%	31%	22%
Aparelho tocador de MP3 (iPod)	3%	3%	5%	-
Relógio ou bracelete inteligente (Apple Watch, Smartband etc.)	-	-	2%	-
Videogame (Xbox, Playstation etc.)	-	-	19%	9%

*Fonte: TIC Domicílios 2017



A pergunta apresentou uma lista de equipamentos para que respondentes indicassem em quais deles tinham acessado a internet nos últimos três meses. Nesta edição, foram inseridas as opções “Relógio ou bracelete inteligente” e “videogame”.

Entre a primeira e a segunda edição vimos o crescimento do uso do celular, que hoje alcança quase a totalidade de jovens participantes desta pesquisa. Computadores de mesa, notebooks e tablets seguem estáveis desde o levantamento anterior, assim como se observa na população geral com a pesquisa [TIC Domicílios 2017](#).

O uso da TV aumentou significativamente, passando de 6% para 31% nesta edição, o que pode ser causado pela popularidade dos serviços de transmissão de vídeos, músicas, jogos (*streamings*) instalados nas *Smart TVs*.

Os videogames e relógios aparecem como novos dispositivos de conexão cujas tendências devem ser monitoradas a partir de agora. De acordo com a TIC Domicílios, 9% da população brasileira acessa a internet por videogame. Vale dizer que no Juventudes e Conexões esse dispositivo já surge com uso mais expressivo do que os tablets (19% e 15% respectivamente).

Aparelho que usa com mais frequência

	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Celular/smartphone	42%	85%	91%
Computador de mesa	33%	7%	4%
Computador portátil (notebook, laptop, netbook)	22%	6%	3%
Tablet	3%	1%	0%
TV	-	-	1%
Aparelho tocador de MP3 (iPod)	-	-	0%
Relógio ou bracelete inteligente (Apple Watch, Smartband etc.)	-	-	0%
Videogame (Xbox, Playstation etc.)	-	-	1%

Vemos que a preferência de uso do celular, que já havia dobrado em um período de dois anos, seguiu em crescimento após cinco anos de monitoramento, alcançando os 91%.

Isso significa que, cada vez mais, jovens podem realizar suas atividades nos mais diversos ambientes e a qualquer hora.

Quando cruzamos os resultados do Juventudes e Conexões com dados da TIC Domicílios 2017, observamos que, apesar de terem à sua disposição outros equipamentos em casa, jovens preferem mesmo é ter a internet na palma da mão.

Nas palavras deles, ficar sem o celular produz sentimentos intensos, tais como agonia, ansiedade, solidão, decepção, medo de precisar e não ter.

Segundo a pesquisa, a proporção de domicílios que possuem equipamentos é:

Celular: **92%**
 Computador de mesa: **64%**
 Computador portátil: **49%**
 Tablet: **16%**

Veja mais no capítulo 10, página 153.

“Quando está com celular a gente sabe se vai chover, se vai fazer sol, se aconteceu alguma coisa, se está tudo bem.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes AB

Para outros, ficar sem internet por um período não faz diferença e chega a ser um alívio, desde que não estejam precisando de algo: documento, informação, localização, transporte etc.

Com a criação de mais ferramentas e aplicativos, muitas das atividades que eram realizadas pelo computador hoje podem ser feitas a partir do próprio celular ou outros aparelhos móveis. A programação de sites já é pensada para dar conta de um contexto de múltiplos dispositivos. O acesso a contas bancárias, por exemplo, é cada vez mais condicionado à integração entre aplicativo e site.

Ainda assim, o celular tem funcionalidades mais restritas do que o computador. Por exemplo, é possível editar textos, planilhas e apresentações, mas as ferramentas e a visualização ainda são mais limitadas.

Essa dinâmica de desenvolvimentos tecnológicos não só molda os tipos e frequências de acesso, como também transforma os usos da internet.

“Você vai se reunir, manda uma mensagem, se você não tem [o celular], como você vai saber? Ninguém vai na sua casa, provavelmente nem te liga.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes AB



O que fazem na internet

Jovens dizem que só não estão online quando dormem, quando acabam a bateria e os créditos do celular ou, em alguns casos, quando estão estudando ou trabalhando. Essa condição ficou ainda mais evidente quando observamos que a quantidade de atividades que fazem quando estão conectados aumentou com o passar do tempo, com isso sentimos a necessidade de ampliar a lista de itens no questionário.

Multiplicidade de atividades realizadas



Mas, afinal, o que tanto esses jovens fazem na internet?

Tipos de atividades realizadas

Comunicação



Informações e serviços



Lazer



Capacitação e trabalho



Comércio eletrônico



Unâнимes nas respostas desde a primeira edição, todos utilizam a internet para comunicação e lazer. Buscas de “informações e serviços” e “capacitação e trabalho”, apesar de não ter 100% das respostas, também são muito comuns e quase todos fazem.

O comércio eletrônico, que alcança 88%, aparece pela primeira vez em nossas análises como uma categoria em si, uma vez que, nas edições anteriores, estava inserida em “informações e serviços” e, como vemos mais adiante, ganhou mais espaço entre as práticas online de jovens.

Atividades de comunicação

Que jovens gostam de interagir na rede, muita gente já sabe! Mas será que houve alguma mudança nas preferências ou no jeito de se comunicar?

Para responder a essa pergunta, elencamos diversas atividades da área da comunicação, perguntando se costumam praticá-las e com qual frequência.

Comunicação	Realização (percentual de jovens)			Frequência (média dias/semana)		
	2013-2014	2015-2016	2018-2019	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Todas as atividades de comunicação	100%	100%	100%	3,7	3,4	3,2
Conversa por mensagens instantâneas	86%	99%	98%	4,9	6,1	6,2
Acessa ao menos uma rede social	99%	95%	97%	5,9	5,4	5,5
Verifica seu email	96%	88%	88%	4,7	3,9	4,0
Cria/posta conteúdo em redes sociais	81%	77%	80%	3,2	2,6	3,0
Participa de fóruns de discussão	41%	27%	51%	1,2	0,7	1,6
Cria/atualiza blogs e páginas	49%	38%	38%	1,8	1,1	1,0
Cria/atualiza canais de vídeos e podcasts	-	-	35%	-	-	0,9
Outros						
Utiliza app ou programas para edição de imagens, vídeos ou sons	-	-	65%	-	-	2,1

De modo geral, nesta edição a frequência com que realizam todas essas atividades de comunicação se manteve muito próxima à edição anterior, com destaque apenas para a criação e postagem de conteúdos nas redes sociais e a participação em fóruns de discussão, que pode ter a ver com o período eleitoral que antecedeu a coleta de dados.

Para acompanhar o desenvolvimento de novas práticas online entre jovens, nesta edição incluímos um novo item: a “criação e atualização de canais de vídeos e podcasts”, que, de saída, 35% dizem realizar com alguma periodicidade. A publicação de conteúdo é uma prática de grande engajamento nas redes sociais que demanda conhecer as ferramentas e, em alguns casos, saber fazer edição e mesmo coletar informações para produzir texto, vídeo ou áudio. Essa característica de produção autoral também pode ser vista na criação e atualização de blogs e páginas, cuja frequência de uso caiu ao longo do tempo.

Passamos a perguntar nesta edição do estudo sobre a utilização de aplicativos ou programas para edição de imagens, vídeos ou sons, que já se mostrou relevante para 65% dos jovens que dizem utilizá-los em média dois dias por semana.

As redes sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas ganharam destaque na rotina online da grande maioria em 2015 e se mantiveram nesta edição. É curioso notar que, ainda que 97% acessem ao menos uma rede social, 80% dizem que criam ou postam conteúdo nela e outros 17% não.

Interessante lembrar que, na edição anterior, levantamos a hipótese de que uma tendência de queda no uso das redes sociais poderia estar em curso, em paralelo à ascensão dos aplicativos de mensagem instantânea. Porém, nas falas dos grupos de discussão e dos **jovens consultores** desta edição, percebemos que a diversificação das ferramentas disponíveis nestas redes (como os *stories* e os *lives*) ajudaram a manter as plataformas ativas, ao mesmo tempo em que foi muito comum escutarmos jovens chamando o WhatsApp de rede social.

Além disso, nos grupos de discussão, notamos uma clareza por parte desses jovens sobre os tipos de uso e a quais públicos cada rede social se destina.

Principais redes sociais



WhatsApp

Consenso: todos os jovens usam, e muito!

- Principal meio para se relacionar com familiares e amigos (de escola/faculdade, igreja, trabalho, time, coletivo etc.).
- Nos grupos de conversas chegam os memes, as fofocas e os convites para as festas e reuniões.
- Muito utilizado para o trabalho.



Instagram

É o atual queridinho entre jovens

- Boa parte da família e dos colegas indesejados não utilizam ainda.
- As postagens são mais pessoais, dá para ter uma ideia dos gostos e interesses das pessoas.
- Acreditam que podem ficar mais próximos dos ídolos, de pessoas famosas ou mesmo de desconhecidos que têm um perfil interessante.
- Usado como ferramenta para divulgação de trabalhos.



Facebook

Ainda têm perfil porque precisa!

- Muitos familiares e conhecidos estão lá e acabam sendo invasivos nos comentários.
- Não se sentem tão à vontade para postar o que querem e o que pensam.
- Empresas analisam os candidatos pelos seus perfis na rede.
- Acompanham páginas e integram comunidades.



YouTube

Um lugar para aprender o que quiser!

- Fonte de tutoriais e videoaulas sobre qualquer assunto.
- Assistem vídeos (de *YouTubers*), desenhos e filmes.
- Também usam como ferramenta de divulgação de trabalho próprio.

Outros aplicativos citados pelos jovens nos grupos de discussão foram: **Twitter, Netflix, Snapchat, jogos online e Skype.**



“Há 10 anos a gente não tinha tanta ligação com a internet, essas coisas, então a gente falava com o vizinho na vista. Hoje em dia não, a gente fala por ZAP.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

“Facebook está virando que nem Orkut, está morrendo. (...) Minha mãe adora Facebook, ela não gosta do Instagram, a faixa etária é mais velha no Facebook. Já está ficando ultrapassado, é só para ver memes.”

Jovem em grupo de discussão, entre 15 e 21 anos, classes CDE

“Comecei a trabalhar como jovem aprendiz com 17 anos e não sabia nada, eu ia no YouTube, na internet ‘Como faz tal coisa’ e você já vai aprendendo e aplica no trabalho, isso já é positivo.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

Atividades de lazer

Quando jovens estão olhando para alguma tela, nem sempre estão nas redes sociais. Todos disseram que também buscam atividades de lazer na internet.



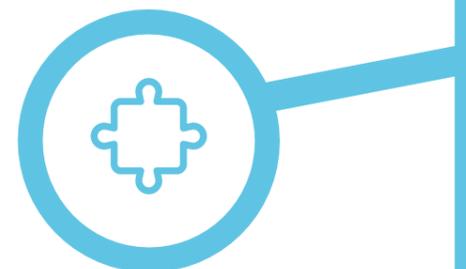
Lazer

	Realização (percentual de jovens)			Frequência (média dias/semana)		
	2013-2014	2015-2016	2018-2019	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Todas as atividades de lazer	100%	100%	100%	2,6	2,0	2,2
Assiste a filmes, séries, programas de televisão e ouve música	90%	87%	96%	3,8	3,4	4,8
Baixa conteúdos	92%	87%	85%	3,6	2,9	3,1
Acessa sites de notícias	83%	70%	72%	3,2	2,4	2,8
Joga games	66%	60%	65%	2,6	2,2	2,5
Baixa e instala softwares e aplicativos	68%	45%	65%	1,9	0,9	1,7
Lê livros digitais	45%	36%	52%	1,3	0,9	1,4
Acessa sites de revistas	45%	30%	34%	1,3	0,8	0,7
Utiliza aplicativos de relacionamento	-	-	27%	-	-	0,7

O uso da internet para assistir a filmes, séries, programas de TV e ouvir música subiu de 87% para 96% nesta edição. Cresceu também o tempo que jovens passam nessas atividades, de 3,4 para 4,8 dias por semana, confirmando assim a popularização de aplicativos de *streaming* que transmitem vídeos e músicas online. Essa pode ser uma das explicações para a queda daqueles que dizem baixar conteúdos da internet.

Vemos um aumento significativo de jovens que dizem ler livros digitais, correspondendo agora a mais da metade de respondentes. Outras atividades que se destacam são jogos e *download* de softwares e aplicativos. Provavelmente esse cenário vem acompanhado de um crescimento na disponibilidade de aplicativos nas lojas virtuais, bem como o fortalecimento de plataformas de *fanfics* e outros acervos.

Pela primeira vez no estudo perguntamos sobre o uso de aplicativos de relacionamento. Apesar de estar em último lugar, teve 27% das respostas e com média de frequência de uso semanal de 0,7 dia. **Jovens consultores** acharam curioso esse dado, pois sentem que mais jovens podem ter perfis nesse tipo de rede do que foi dito.



Atividades de busca de informações e serviços online

A internet tem sido o principal acervo de informações sobre todos os assuntos, de qualquer lugar e a qualquer tempo, dos mais cotidianos aos mais técnicos, desde dicionários online, “faça você mesmo”, busca de preço de produtos e serviços, pesquisa para trabalho escolar etc. Levantamos as principais atividades relacionadas à busca de informações e serviços online que envolvem o dia a dia de jovens.

Informações e serviços	Realização (percentual de jovens)			Frequência (média dias/semana)		
	2013-2014	2015-2016	2018-2019	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Todas as atividades de informações e serviços	99%	97%	99%	2,3	1,8	2,4
Faz pesquisas na web sobre informações em geral	96%	90%	87%	4,3	3,7	4,0
Utiliza serviços de localização (mapas, pesquisa de endereço, trânsito)	80%	76%	81%	2,3	1,9	2,7
Acompanha blogs e canais de YouTube (sobre temas como jogos, moda, decoração, política, saúde etc.)	-	-	80%	-	-	3,5
Utiliza serviços de transporte e mobilidade (Uber, 99, Easy taxi, Moovit)	-	-	77%	-	-	0,9
Utiliza serviços bancários (<i>internet banking</i> , pagamento digital etc.)	-	-	56%	-	-	1,9
Utiliza serviços de governo (Detran, cadastros, companhia de energia e saneamento etc.)	-	-	46%	-	-	1,6

Atividades de “pesquisas sobre informações em geral” têm mostrado uma tendência de queda ao passar das edições. Entre as possibilidades de interpretação desse dado está o uso cada vez mais comum de plataformas como YouTube para fazer buscas pontuais e das redes como fonte de informação. É possível que esses canais não sejam considerados por jovens como ambientes de pesquisa, como seria o Google, por exemplo.

Já os serviços de localização vêm mantendo sua relevância no dia a dia de jovens, ainda mais porque diversos aplicativos condicionam seu uso à ativação do GPS.

Considerando que alguns serviços ganharam cada vez mais importância nas atividades cotidianas, passamos a incluí-los na relação de itens monitorados. E esses novos itens já apresentam resultados consideráveis: 80% acompanham blogs e canais de YouTube, em média 3,5 vezes por semana; 77% usam aplicativos de transporte, quase semanalmente; e mais da metade utiliza serviços bancários online.

Atividades de capacitação e trabalho

Ao falar de capacitação, jogamos luz ao tema da educação de maneira bastante ampla, indo além do conteúdo escolar e pensando nas diferentes formas de aprender e se aprimorar. Quando aliado ao mundo do trabalho, por exemplo, é bastante comum a busca em tutoriais informações sobre como fazer determinada coisa ou mesmo aprender uma nova língua. O tema é bastante amplo e buscamos aqui explorar o que **jovens consultores, especialistas e consultoras** nos apontaram como as práticas mais relevantes para jovens atualmente.

Capacitação e trabalho	Realização (percentual de jovens)			Frequência (média dias/semana)		
	2013-2014	2015-2016	2018-2019	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Todas as atividades de capacitação e trabalho	100%	88%	98%	1,9	1,2	2,2
Busca dicas de como fazer coisas diversas	-	-	82%	-	-	3,2
Pesquisa informações sobre cursos	85%	70%	78%	2,2	1,6	2,4
Acessa conteúdos educativos	-	-	73%	-	-	2,5
Pesquisa sobre capacitação profissional	-	63%	70%	-	1,5	2,1
Procura ou faz pesquisa para a escola ou faculdade	86%	59%	68%	2,9	1,7	2,6
Procura trabalho ou emprego	-	-	65%	-	-	2,1
Utiliza ferramentas interativas para aprender	-	-	59%	-	-	1,9
Faz curso à distância/online	24%	23%	28%	0,6	0,5	0,6

Nessa edição do estudo, novas atividades relacionadas a capacitação e trabalho foram incluídas, acompanhando a evolução do que é oferecido na internet. A elevada frequência com que buscam dicas, procuram trabalho, acessam conteúdos educativos e ferramentas interativas mostra a aderência dessas práticas no dia a dia de jovens.

Corroborando com leituras apontadas nos quadros anteriores, aqui vemos que 82% de jovens fazem buscas por dicas de como fazer coisas diversas em média três dias por semana. O acesso a conteúdos educativos também foi significativo, com 73%, seguido da pesquisa sobre capacitação profissional, que teve aumento de 7% da segunda edição para a atual.

Cursos à distância, apesar de ter percentual baixo, vêm crescendo entre as edições e, nas análises coletivas, **jovens consultores** reforçam que há cada vez mais estímulos para a popularização dessa prática.

Veja mais sobre a relação educação e internet no capítulo 6, página 85.

De maneira geral, a internet mostra-se como um canal para obter conteúdo para aprender mais e localizar melhores oportunidades profissionais ou educacionais.

Atividades de comércio eletrônico

Para muitos, fazer compras ou vendas online ainda é visto como algo arriscado. Mas como jovens percebem essas práticas? Será que eles se sentem à vontade para contratar um serviço, comprar um produto ou ainda fazer suas próprias vendas?

Comércio eletrônico	Realização (percentual de jovens)			Frequência (média dias/semana)		
	2013-2014	2015-2016	2018-2019	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Todas as atividades de comércio eletrônico	83%	79%	88%	1,6	1,1	1,3
Pesquisa de preços de produtos e serviços	80%	75%	81%	2,4	1,8	2,3
Compra pela internet de produtos e serviços	46%	46%	63%	0,8	0,4	0,6
Venda de produtos e serviços	-	-	51%	-	-	1,0

Os itens "comércio eletrônico" aparecem como categoria nova no estudo, entretanto, os itens "pesquisa de preço" e "compra pela internet" já eram avaliados anteriormente, mas como integrantes da categoria "informações e serviços".

O que podemos observar no quadro acima é que não só é comum entre jovens a compra de produtos e serviços na internet, como é visível um aumento ao longo das edições, subindo de 46% para 63% em apenas três anos.

A venda, contudo, é um item novo e só poderá ser avaliada qualquer tendência a partir de um próximo levantamento. Porém, já é possível afirmar que mais da metade de jovens diz que vende produtos e serviços online, em média uma vez por semana – e isso não é pouco.

Pesquisas de preços são feitas por 81% e com frequência de mais de duas vezes na semana. Apesar dessa grande parcela de jovens que levantam custos pela internet,

uma parcela menor (63%) concretiza compras. Assim, apesar de ser uma prática comum da maioria, a compra e a venda ainda têm suas limitações entre jovens: seja pela necessidade de fazer transações via cartão de crédito na maioria das vezes, pelo custo e prazo de frete ou pela não entrega do produto em determinados lugares; seja pela desconfiança no sistema de segurança dos aparelhos e da própria rede. Mas é fato que a forma como jovens consomem é cada vez mais mediada pela internet.

Classificação de atividades realizadas

Para nos aprofundarmos no mapeamento de usos de tecnologias digitais por jovens do país, procuramos desde a primeira edição do Juventudes e Conexões construir um indicador que encontrasse diferentes perfis de navegação. À época, definimos a segmentação com base na frequência de realização de atividades, encontrando três perfis: exploradores iniciantes, intermediários e avançados. Eles se distinguem entre si pela intensidade e pela amplitude de repertórios de usos da internet.

Entre 2013 e 2015, com todas as mudanças de acesso que mencionamos anteriormente, percebemos a necessidade de atualizar o indicador, agregando a preferência por realizar atividades conectadas ou desconectadas à frequência. Essa alteração no método do cálculo da segmentação limitou a possibilidade de comparação entre os anos do estudo, mas nos mostrou que, à medida que o repertório de uso da internet se ampliava, crescia também a preferência por fazer atividades de modo conectado.

Em 2018, retomamos os aprendizados da segunda edição, em que jovens apontavam para a integração entre online e offline, em que **especialistas** e **consultoras** traziam reflexões sobre a dinâmica contínua que os avanços tecnológicos trazem para a forma como utilizamos e agregamos a internet ao nosso dia a dia. Essas perspectivas nos provocaram a procurar uma nova estrutura para o indicador, que se mostrou ineficaz.

Entendemos que nesse momento fazia mais sentido saber mais sobre o que os jovens estão fazendo na internet (ou deixando de fazer) e menos sobre em quais categorias eles se enquadram e quantos são (se exploradores avançados, intermediários ou iniciantes).

Assim, apresentamos um quadro com a classificação de todas as atividades anteriormente analisadas, por agrupamentos de frequência de uso.



Classificação de atividades realizadas

O que todos fazem (por 80% ou mais jovens)		
2013-2014	2015-2016	2018-2019
Conversa por mensagens instantâneas	Conversa por mensagens instantâneas	Conversa por mensagens instantâneas
Acessa ao menos uma de sua(s) conta(s) em redes sociais	Acessa ao menos uma de sua(s) conta(s) em redes sociais	Acessa ao menos uma de sua(s) conta(s) em redes sociais
Assiste a filmes, séries, programas de televisão, ouve música pela internet	Assiste a filmes, séries, programas de televisão, ouve música pela internet	Assiste a filmes, séries, programas de televisão, ouve música pela internet
Verifica seu email	Verifica seu email	Verifica seu email
Faz pesquisas na web sobre informações em geral	Faz pesquisas na web sobre informações em geral	Faz pesquisas na web sobre informações em geral
Baixa conteúdos	Baixa conteúdos	Baixa conteúdos
Pesquisa de preços de produtos e serviços		Pesquisa de preços de produtos e serviços 📍
Utiliza serviços de localização		Utiliza serviços de localização 📍
Cria/posta conteúdo nas redes sociais		Cria/posta conteúdo nas redes sociais 📍
Acessa sites de notícias		Acompanha blogs e canais de YouTube 📍
		Busca dicas de como fazer coisas diversas 📍

📍 Item que subiu de uma edição para outra

📉 Item que caiu de uma edição para outra

📌 Item novo

O que poucos fazem (realizadas por 60% ou menos jovens)		
2013-2014	2015-2016	2018-2019
Lê livros digitais	Lê livros digitais	Lê livros digitais
Participa de fóruns ou grupos de discussão temática	Participa de fóruns ou grupos de discussão temática	Participa de fóruns ou grupos de discussão temática
Cria/atualiza blogs, páginas	Cria/atualiza blogs, páginas	Cria/atualiza blogs, páginas
Acessa site de revistas	Acessa site de revistas	Acessa site de revistas
Faz curso à distância e curso online	Faz curso à distância e curso online	Faz curso à distância e curso online
Compra pela internet de produtos e serviços	Compra pela internet de produtos e serviços	Utiliza ferramentas interativas para aprender 📌
	Procura ou faz pesquisa para a escola ou faculdade 📉	Utiliza serviços bancários 📌
	Baixa e instala softwares/programas de computador/aplicativos 📉	Utiliza aplicativos de relacionamento 📌
		Venda de produtos e serviços 📌
		Utiliza serviços de governo 📌
		Cria/atualiza canais de vídeos e podcasts 📌

📍 Item que subiu de uma edição para outra

📉 Item que caiu de uma edição para outra

📌 Item novo

O que alguns fazem (realizadas por menos de 80% e mais de 60% de jovens)		
2013-2014	2015-2016	2018-2019
Pesquisa informações sobre cursos	Pesquisa informações sobre cursos	Pesquisa informações sobre cursos
Joga <i>games</i> /jogos eletrônicos	Joga <i>games</i> /jogos eletrônicos	Joga <i>games</i> /jogos eletrônicos
Procura ou faz pesquisa para a escola ou faculdade	Pesquisa de preços de produtos e serviços 📉	Procura ou faz pesquisa para a escola ou faculdade
Baixa e instala softwares/programas de computador/aplicativos	Utiliza serviços de localização 📉	Baixa e instala softwares/programas de computador/aplicativos
	Acessa sites de notícias 📉	Acessa sites de notícias 📉
	Pesquisa sobre capacitação profissional	Pesquisa sobre capacitação profissional
	Cria/posta conteúdo nas redes sociais 📉	Compra pela internet de produtos e serviços 📉
		Acessa conteúdos educativos 📌
		Procura trabalho ou emprego 📌
		Utiliza app ou programas para edição de imagens, vídeos ou sons 📌
		Utiliza serviços de transporte e mobilidade 📌

📍 Item que subiu de uma edição para outra

📉 Item que caiu de uma edição para outra

📌 Item novo

Consideramos como atividades que “todos fazem” aquelas mencionadas por 80% ou mais jovens. Desde 2013-2014 até 2018-2019, vemos que elas giram em torno de mensagens, redes sociais, pesquisa e acompanhamento de conteúdos preexistentes.

Já as que “alguns fazem” são atividades realizadas por menos de 80% e mais de 60% de jovens. Em 2013-2014, vimos que eram poucas práticas que se concentravam nessa faixa, sendo principalmente focadas em busca por informação, jogos e *downloads*. Agora, em 2018-2019, percebemos um aumento na quantidade de práticas, que passaram a abranger capacitações e mais diversidade de contratação de serviços. Interessante notar que o acesso a sites de notícias deixou de ser uma atividade das mais realizadas e passou para essa faixa intermediária.

Por fim, as atividades que “poucos fazem” são aquelas menos frequentes, utilizadas por 60% ou menos. Também observamos um alargamento nesse grupo, que é marcado, desde 2013, por ter práticas que exigem mais protagonismo. Em 2018, vemos que o repertório é ainda maior: vender, discutir em fóruns, interagir com o governo e criar conteúdos.

Interessante notar que os itens incluídos em 2018 estão localizados principalmente nas faixas do que é realizado por alguns ou poucos jovens. Isso nos mostra que essas atividades que entraram em nosso radar, a partir de aprendizados de 2015-2016 e contribuições de **jovens consultores** desta edição, podem estar começando a ser exploradas mais significativamente entre jovens.

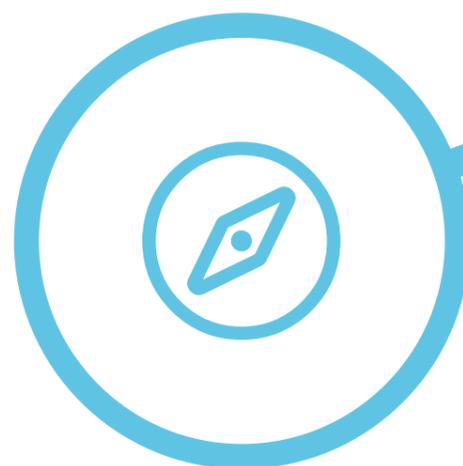
Principais aprendizados



Vimos como o celular se consolidou como principal meio para acessar a internet e como isso influencia nas atividades cotidianas. A conexão com o mundo está cada vez mais comprimida em um único aparelho e ele é acessado por uma parcela alta de jovens no Brasil.

A TV também teve destaque entre os aparelhos conectados, muito por conta da popularização das *Smart TVs* e da possibilidade de reproduzir vídeos e músicas online (*streamings*).

Observamos também que jovens têm feito, de modo geral, mais atividades online do que nas edições anteriores, mostrando uma diversificação maior de repertório. Continuam interagindo nas redes sociais e nos aplicativos de mensagens instantâneas, fazendo buscas e utilizando serviços de localização com bastante intensidade, ao mesmo tempo que vemos aumentar a quantidade daqueles que fazem compras e vendas pela internet, gerenciam contas bancárias, acessam conteúdo educativo e leem livros digitais.





Referências e habilidades para um mundo conectado

Desde a primeira edição do Juventudes e Conexões, observamos como jovens se relacionam com o contexto digital a partir de quatro eixos temáticos: educação, empreendedorismo, comportamento e participação social. Mas, pela primeira vez, buscamos identificar o que há de comum na forma como as juventudes se conectam com essas áreas, por meio de um mapeamento inédito de quais são as instituições, pessoas e fontes de informação consideradas por eles como suas principais referências. Para compor esse panorama, levantamos quais habilidades jovens consideram mais importantes para aprender, empreender, definir suas identidades e participar na sociedade.

Referências e habilidades para um mundo conectado

Para compreender quais são as principais conexões e parâmetros das juventudes, organizamos diferentes referências em três grupos: instituições (organizações, grupos ou fundamentos), pessoas (personalidades, lideranças ou pessoas do cotidiano) e fontes (páginas, redes, materiais ou impresso). Além disso, em diálogo com as **consultoras** e **jovens consultores** do estudo, selecionamos um conjunto de habilidades ou competências que seriam relevantes para uma pessoa se desenvolver em um mundo dinâmico e cada vez mais conectado.

Dada a complexidade dessas dimensões, procuramos levantar quais são as referências e habilidades identificadas como fundamentais para jovens em cada um dos eixos temáticos abordados na pesquisa, que foram representados pelas seguintes ideias:

- ✓ Educação > aprender
- ✓ Empreendedorismo > empreender
- ✓ Comportamento > decidir quem quer ser
- ✓ Participação social > participar na sociedade

As principais referências para jovens

Em quem jovens se inspiram e confiam? Quais são as instituições que os ancoram e orientam? Onde buscam informações, diretrizes e conhecimento?

Verificamos que, para jovens participantes da pesquisa, a instituição mais importante, considerando diferentes dimensões da vida, é a escola.



Instituições mais importantes

	Para aprender	Para empreender	Para decidir quem quer ser	Para participar na sociedade
Escola/faculdade	60%	44%	56%	47%
Espaços e atividades culturais (saraus, bibliotecas, centros culturais etc.)	26%	18%	21%	25%
Organizações e projetos sociais	20%	25%	19%	24%
Grupos ou coletivos culturais, políticos ou sociais	17%	18%	19%	22%
Mídias e veículos de comunicação diversos (TV, rádio, jornais etc.)	16%	26%	16%	16%
Igreja ou espaço religioso	12%	8%	12%	14%
Partidos políticos	7%	8%	7%	9%
Nenhum deles	3%	4%	4%	3%
Não sei/não quero responder	3%	7%	6%	4%



Jovens participantes eram apresentados a uma lista e podiam escolher até duas opções. Os itens vinham indicados em ordem aleatória, mudando a cada entrevista.

De todos os eixos abordados, a escola ou a faculdade aparecem como referências institucionais mais importantes para jovens no Brasil, ainda mais quando o que está em jogo é aprender (60%) e decidir quem quer ser (56%).

Esses dados revelam o quão importantes são os vínculos e relações estabelecidas a partir dos ambientes educacionais. **Jovens consultores** explicam que a escola é uma grande referência para eles, que vai muito além da educação. Ela é vista como principal espaço de sociabilidade, onde podem experimentar maior grau de autonomia de comportamento, especialmente na faculdade. E, em alguns casos, é naquele espaço que passam a se envolver em questões sociais e políticas, participando de grêmios, chapas, centros acadêmicos, dialogando com gestores e outros, tanto na educação básica como na superior.

“Vejo a escola como espaço de convivência, participação, criação de projetos comuns, empreendimentos etc.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

“A escola é o primeiro lugar que, no coletivo, você começa a se revoltar e querer lutar por alguma coisa.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

“Nossa socialização se dá fora da escola também, mas é difícil gerar essa participação e socialização quando você não está no mesmo espaço que frequenta diariamente.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção



Para **especialistas**, a escola cumpre uma função social complexa, que vai além do papel tradicionalmente atribuído a ela, focado no aprendizado. Trata-se de:

- ✓ Um lugar do encontro, para estar com amigos, namorados, que compartilham e sonham juntos.
- ✓ Uma porta para informação e cultura.
- ✓ Uma alternativa para sair do ambiente doméstico, por vezes problemático.
- ✓ Um dos poucos locais de acesso a determinados recursos, diante de tantas exclusões, principalmente das classes sociais mais vulneráveis, que incluem refeições, materiais, uniforme, livros... e internet.

Os espaços e atividades culturais, ao lado de organizações e projetos sociais, e grupos ou coletivos também são instituições vistas com grande relevância nas experiências juvenis. Ganham especial importância quando se considera a participação social. Todos esses são ambientes de socialização, de organização em torno de ideias e troca de conhecimentos, são igualmente relevantes quando jovens consideram a construção de quem querem ser ou a formação de suas identidades.

No âmbito do empreendedorismo, além das instituições educacionais, as mídias e veículos de comunicação aparecem com grande relevância, ao lado de organizações e projetos sociais. Essa valorização de espaços de propagação de conhecimento e informação é corroborada por falas de jovens nos grupos de discussão e de **jovens consultores**, que indicam buscar espaços de contato e de qualificação sobre o tema.

“O que não encontro na escola eu busco nas organizações e projetos sociais.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Pessoas mais importantes

	Para aprender	Para empreender	Para decidir quem quer ser	Para participar na sociedade
Professor/educador/orientador	61%	45%	45%	40%
Família/familiares (pai, mãe, tios, avós, irmã(o) etc.)	47%	37%	49%	43%
Amigos e colegas	17%	19%	18%	31%
Psicólogo, terapeuta ou assistente social	13%	10%	16%	14%
YouTubers e outros influenciadores digitais	12%	18%	9%	11%
Lideranças políticas (de partidos ou movimentos culturais, sociais, de bairro)	10%	15%	9%	14%
Líderes religiosos	7%	6%	6%	8%
Artistas e pessoas famosas (músicos, atores, escritores, empresários)	6%	11%	9%	7%
Nenhum deles	2%	4%	5%	3%
Não sei/não quero responder	3%	6%	5%	4%



Jovens participantes eram apresentados a uma lista e podiam escolher até duas opções. Os itens vinham indicados em ordem aleatória, mudando a cada entrevista.

Entre as pessoas de maior referência para jovens, professores e familiares são as referências fundamentais em todos os eixos. Para o aprendizado e o empreendedorismo, educadores são as pessoas mais importantes (61% e 45%, respectivamente), enquanto, para decidir quem quer ser e participar na sociedade, a família é mais indicada como principal (43% e 49%, respectivamente). Quando falam desses personagens, **jovens consultores** deixam claro que têm em mente principalmente as interações presenciais, ainda que alguns dos contatos com essas pessoas possam se dar em ambientes digitais.

“A gente não perdeu aquele contato físico presencial, deixando que a internet interfira em tudo. É importante você perguntar e ter um protagonista dentro da sua sala de aula, ter essa conexão com a pessoa que está te ensinando e isso a internet não te proporciona.”

Mariana Gomes de Lima, Conselho Jovem do Porvir

“Por mais que haja professores que acrescentam pouco na vida, sempre existem uns professores que são motivadores, que alegram o ambiente quando tudo vai mal... Há pessoas geniais aí que estão salvando vidas.”

João Alegria, Canal Futura

Para **especialistas**, a relevância da interação e da função social da escola – como vimos nos dados ao lado – é a principal hipótese para que o professor seja uma das grandes referências para o aprendizado.

Os dados também nos mostraram que jovens estão procurando apoio além do núcleo familiar e de seus amigos, valorizando contato com outros profissionais que não sejam os professores, como psicólogos, assistentes sociais e outros terapeutas. **Jovens consultores, especialistas e consultoras** entendem que o debate sobre saúde mental tem crescido no país e que essa é uma geração que percebe (por força das circunstâncias ou por sensibilização) que precisa trabalhar suas questões internas.

Interessante notar que educadores e familiares seguem como dois principais personagens de orientação e inspiração para jovens, muito mais mencionados que quaisquer outros. Nos grupos de discussão, os poucos jovens que falavam sobre empreendedorismo traziam as experiências familiares, em que pessoas já tiveram algum negócio próprio, como referência mais citada. Entretanto, quando o assunto é participação social, amigos e colegas ganham destaque por serem pessoas próximas e que trazem experiências de outros convívios.



“O núcleo de escolas e os núcleos familiares também são importantes mais pela questão de valores culturais do que por questões técnicas de se empreender. Então eu fico contente que estes dois pontos venham antes de influências de *YouTubers*, porque eu acho que há grande parte de aproveitadores que jogam um personagem e que acabam liderando muita gente e frustrando essas pessoas.”

Hugo Kovac, projeto Abacaxi

Curioso notar que, apesar dos holofotes, *YouTubers* e influenciadores digitais não são considerados as principais referências entre jovens nas quatro dimensões do estudo. Na visão de **jovens consultores**, essa é uma referência centralizada no contexto das metrópoles. Nos grupos de discussão, jovens explicaram como *YouTubers* e artistas podem ser referências que incentivam (direta ou indiretamente) esta geração a participar de questões na sociedade. Entre as pessoas famosas, citaram alguns cantores, atores, filósofos, ativistas políticos, sociais e ambientais como indivíduos que podem incentivá-los, mesmo que indiretamente, a se importar por assuntos de interesse social e atividades ligadas ao tema. Da mesma forma, pessoas que têm canais de diversas temáticas sociais, principalmente feminismo, questões raciais, política, direitos humanos, direitos dos animais, entre outros, abrem o interesse por temas da sociedade.

Fontes mais importantes

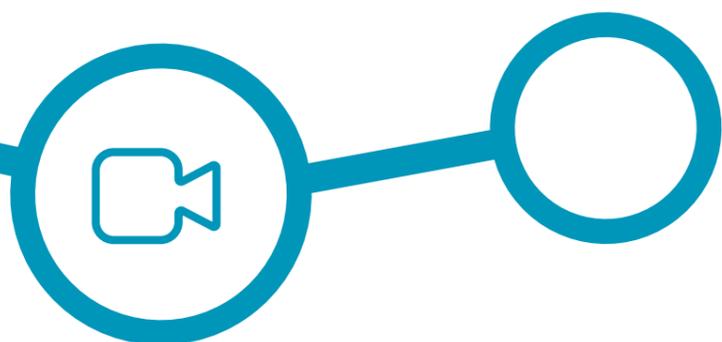
	Para aprender	Para empreender	Para decidir quem quer ser	Para participar na sociedade
Livros didáticos/técnicos ou apostilas	46%	29%	35%	25%
Livros, filmes, peças teatrais ou espetáculos de dança	32%	18%	28%	28%
Sites e plataformas que falam sobre o tema	28%	33%	29%	26%
Vídeos e canais online (YouTube, Vimeo etc.)	19%	20%	15%	17%
Redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram etc.)	15%	25%	17%	32%
Leis ativas no país	13%	13%	12%	16%
Ferramentas virtuais de inteligência artificial (robôs, chatbot), realidade virtual (simuladores) ou realidade aumentada (Pokemon Go etc.)	11%	16%	10%	12%
Jogos eletrônicos	9%	8%	7%	10%
Nenhum deles	2%	4%	8%	3%
Não sei/não quero responder	3%	5%	7%	4%



Jovens participantes eram apresentados a uma lista e podiam escolher até duas opções. Os itens vinham indicados em ordem aleatória, mudando a cada entrevista.

Observamos que livros didáticos ou técnicos e sites ou plataformas temáticas são fontes que atravessam todos os eixos temáticos como importantes referências no universo jovem atual. Produtos culturais (livros, filmes, peças teatrais ou espetáculos de dança) são também priorizados como fontes, ainda que menos presentes quando o assunto é empreender. Ou seja, não se veem apenas ferramentas ou espaços digitais como fontes, mas também materiais analógicos ou desconectados.

Apesar da presença constante dessas fontes, as posições que elas ocupam no ranking de relevância é variável. Para aprender e para decidir quem quer ser, por exemplo, os livros didáticos e técnicos (que podem ser impressos ou digitais) são as maiores referências, seguidos de produtos culturais e sites.



Para a participação social, vemos que as fontes digitais de informação e comunicação ganham mais destaque. As redes sociais são as primeiras colocadas, coincidindo com a percepção de jovens de grupos de discussão, que contaram que as informações chegam principalmente por meio de grupos ou perfis. Entre as redes sociais descrevem os usos da seguinte forma:

Facebook



onde procuram páginas das temáticas que mais se interessam e pela divulgação de eventos

Instagram



onde seguem os perfis de grande parte das pessoas que inspiram

YouTube



buscam temas específicos e seguem perfis de pessoas de referência

WhatsApp



mantêm contato com pessoas e grupos de amigos, comunidade, pessoas que frequentam a mesma igreja, família etc.

Twitter



seguem pessoas de referência

“Sigo os que têm histórias parecidas [com as minhas], que vieram da periferia e fizeram sucesso, que passam uma mensagem que eu também quero passar. A gente admira essas pessoas e escuta o que elas falam porque vai agregando ao que a gente também quer fazer. Acho que as pessoas que a gente admira influenciam bastante também nas coisas que a gente faz.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

Os dados nos mostram que as redes sociais também ganham relevância para jovens empreendedores, ao mesmo tempo em que vídeos e canais online aparecem com tanta relevância quanto produtos culturais. Em complemento a essas fontes, nos grupos de discussão foram mencionadas palestras em empresas e instituições que discutam o tema do empreendedorismo ou do mundo do trabalho ou financeiro.

Interessante notar que ferramentas virtuais de inteligência artificial ou realidade aumentada são também vistas como referências para uma maior parcela quando o tema é o empreendedorismo.

Por fim, produzimos o quadro abaixo para apresentar de forma resumida as três primeiras posições de cada conjunto de referências, vistas pela maior parte de jovens como as mais importantes para aprender, empreender, decidir quem quer ser e participar na sociedade. Procuramos ilustrar quais dessas instituições, pessoas e fontes são essenciais ou parcialmente digitais ou não, para verificar qual o papel da internet e das tecnologias no desenvolvimento de jovens.

Por exemplo, a escola é um ambiente essencialmente presencial e que, embora possa se utilizar de ferramentas digitais, aparece no imaginário da maior parte de jovens como um espaço físico; já amigos ou coletivos podem ter sido originados a partir de ambientes totalmente virtuais, totalmente analógicos ou mistos.



Síntese das referências mais importantes

● São em grande parte digitais ● Podem ser digitais ou não ○ Não são digitais (embora possam atuar com ferramentas digitais)

	Para aprender	Para empreender	Para decidir quem quer ser	Para participar na sociedade
Instituições mais importantes	<p>1º Escola/faculdade (60%)</p> <p>2º Espaços culturais (26%)</p> <p>3º Organizações e projetos sociais (20%)</p>	<p>1º Escola/faculdade (44%)</p> <p>2º Mídias e veículos de comunicação e organizações e projetos sociais (26% e 25%)</p> <p>3º Espaços culturais e grupos ou coletivos (18%)</p>	<p>1º Escola/faculdade (56%)</p> <p>2º Espaços culturais (21%)</p> <p>3º Organizações e projetos sociais e grupos ou coletivos (19%)</p>	<p>1º Escola/faculdade (47%)</p> <p>2º Espaços culturais e organizações e projetos sociais (25% e 24%)</p> <p>3º Grupos ou coletivos (22%)</p>
Pessoas mais importantes	<p>1º Professor (61%)</p> <p>2º Família (47%)</p> <p>3º Amigos e colegas (17%)</p>	<p>1º Professor (45%)</p> <p>2º Família (37%)</p> <p>3º Amigos e colegas; e influenciadores digitais (19% e 18%)</p>	<p>1º Família (49%)</p> <p>2º Professor (45%)</p> <p>3º Amigos e colegas (31%)</p>	<p>1º Família (43%)</p> <p>2º Professor (40%)</p> <p>3º Amigos e colegas (31%)</p>
Fontes mais importantes	<p>1º Livros didáticos ou técnicos (46%)</p> <p>2º Livros, filmes, espetáculos (32%)</p> <p>3º Sites sobre o tema (28%)</p>	<p>1º Sites sobre o tema (33%)</p> <p>2º Livros didáticos ou técnicos (29%)</p> <p>3º Redes sociais (25%)</p>	<p>1º Livros didáticos ou técnicos (35%)</p> <p>2º Livros, filmes, espetáculos e sites sobre o tema (28% e 29%)</p> <p>3º Redes sociais (17%)</p>	<p>1º Redes sociais (32%)</p> <p>2º Livros, filmes, espetáculos, sites sobre o tema e livros didáticos (28%, 26% e 25%)</p> <p>3º Vídeos e canais online e leis ativas no país (17% e 16%)</p>



Observamos que poucas são as referências essencialmente digitais quando jovens pensam no aprendizado e na definição de suas identidades, aparecendo sites ou plataformas sobre os temas como segundo ou terceiro lugar. Vemos que jovens têm como referência e principais influências para seu comportamento e construção identitária as pessoas e os locais que os cercam (famílias, amigos, escola e trabalho).

Mas, ao considerarem a participação social e o empreendedorismo, as referências digitais ganham mais espaço de relevância entre jovens. As redes sociais, os vídeos e canais, bem como influenciadores digitais, passam a ocupar os três primeiros lugares como referências. Ao mesmo tempo, nos grupos de discussão, identificamos que, no campo do empreendedorismo, aqueles que tinham contato com o tema traziam como importantes referências as pessoas do seu círculo pessoal, como familiares que têm negócio próprio, por exemplo.

Com isso, percebemos que há um espaço de intersecção entre as relações que se constroem no universo online e offline, inspirando e existindo a partir de múltiplas conexões, que não são concorrentes entre si, mas complementares, como mostramos nos capítulos de dados de cada um dos quatro eixos do estudo.

Especialistas enfatizam algumas características comuns entre as referências que jovens costumam apontar como importantes para decidir quem querem ser, são elas:

- ✓ Pessoas próximas, como família, amigos e colegas, com quem se identificam e aprendem.
- ✓ Lugares que frequentam, como escola, faculdade e trabalho, que proporcionam novas leituras, novos conhecimentos e o contato com realidades diferentes.
- ✓ Lugares onde vivem, como a periferia ou bairros com maior poder aquisitivo, que influenciam a constituição de gostos, hábitos e sentimento de pertencimento.
- ✓ Forma como a sociedade vê o jovem, com aceitação ou não de certo traço ou escolha com a qual se identificam.
- ✓ Oportunidades na internet, que possibilita acesso a referências que não teriam presencialmente, dando mais opções de conhecimento.

As principais habilidades para jovens

Além de compreender de onde jovens tiram suas inspirações, orientações e informações, procuramos mapear quais são as capacidades ou habilidades que eles próprios consideram mais importantes para aprender, empreender, decidir quem querem ser e participar na sociedade.

Afinal, o que jovens sentem que precisam desenvolver em si mesmos?

Habilidades mais importantes

	Para aprender	Para empreender	Para decidir quem quer ser	Para participar na sociedade
Vontade de aprender sempre	29%	22%	25%	20%
Trabalho em equipe e cooperação	24%	25%	18%	27%
Criatividade	23%	28%	21%	20%
Capacidade de tomar decisão	23%	23%	25%	18%
Empatia (colocar-se no lugar do outro)	20%	11%	15%	25%
Capacidade de resolver problemas	19%	20%	16%	17%
Pensamento crítico	18%	15%	22%	19%
Curiosidade e interesse intelectual	18%	13%	22%	13%
Comunicação e escuta	15%	15%	15%	23%
Conhecimento de tecnologias	15%	19%	12%	13%
Valorização da diversidade	13%	13%	13%	18%
Flexibilidade	12%	14%	13%	13%
Influência pessoal/liderança	11%	17%	13%	11%
Autocuidado e saúde	9%	8%	9%	9%
Autodidatismo (aprender por conta própria)	7%	9%	10%	6%
Nenhum deles	-	1%	1%	1%
Não sei/não quero responder	2%	5%	5%	4%



Jovens participantes eram apresentados a uma lista de 15 itens e podiam escolher até três opções. Os itens vinham indicados em ordem aleatória, mudando a cada entrevista.

De modo geral, as habilidades e competências consideradas mais importantes por jovens se diferem de acordo com o tema avaliado. No eixo de educação, o destaque é a vontade de aprender sempre, seguido por trabalho em equipe e cooperação; esta sendo a habilidade que foi mais indicada como importante em relação à participação social, seguida por empatia e comunicação.

Para empreender, a habilidade mais importante foi a criatividade, com destaque também para cooperação, capacidade de decisão e de resolver problemas e conhecimento de tecnologias. Para decidir quem quer ser, jovens valorizam a vontade de aprender, a capacidade de tomar decisões, o pensamento crítico e a curiosidade e interesse intelectual.

Principais aprendizados



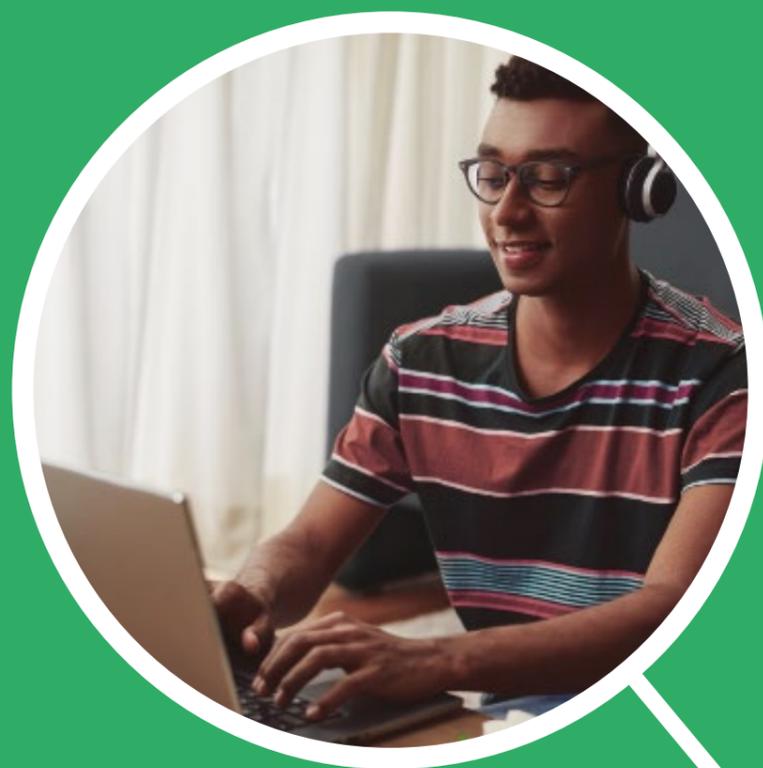
Ao longo da pesquisa, observamos que jovens valorizam muito o professor e a escola como local e fonte para aprender, sendo esse um lugar também entendido como espaço de sociabilidade. A internet e todo o universo digital ocupam espaço importante e relevante no cotidiano dessa geração, mas não se destacam como principal referência para as juventudes. Vemos que as conexões offline ainda compõem a base de referências para estes jovens.

A escola é vista como potência!

Os influenciadores digitais têm sua relevância restrita a temas como empreendedorismo. Essas pessoas ampliam suas referências, mas não definem suas atitudes. No empreendedorismo, é comum que sejam trazidas trajetórias inspiradoras para formação empreendedora, mas, na prática, o núcleo mais próximo (professores e família) segue sendo o mais influente.

A família é uma das grandes referências pessoais para jovens se desenvolverem e participarem socialmente, onde são transmitidos e constituídos saberes comuns, mesmo que a composição familiar seja diversa e não tradicional.

A internet se apresenta como importante ferramenta de busca de informações e de contato com pessoas que têm interesses em comum. Pelas redes sociais, jovens participam de grupos, ficam sabendo de eventos e seguem personalidades ou lideranças ligadas aos temas com que eles se identificam.



6



Educação

Dados da pesquisa

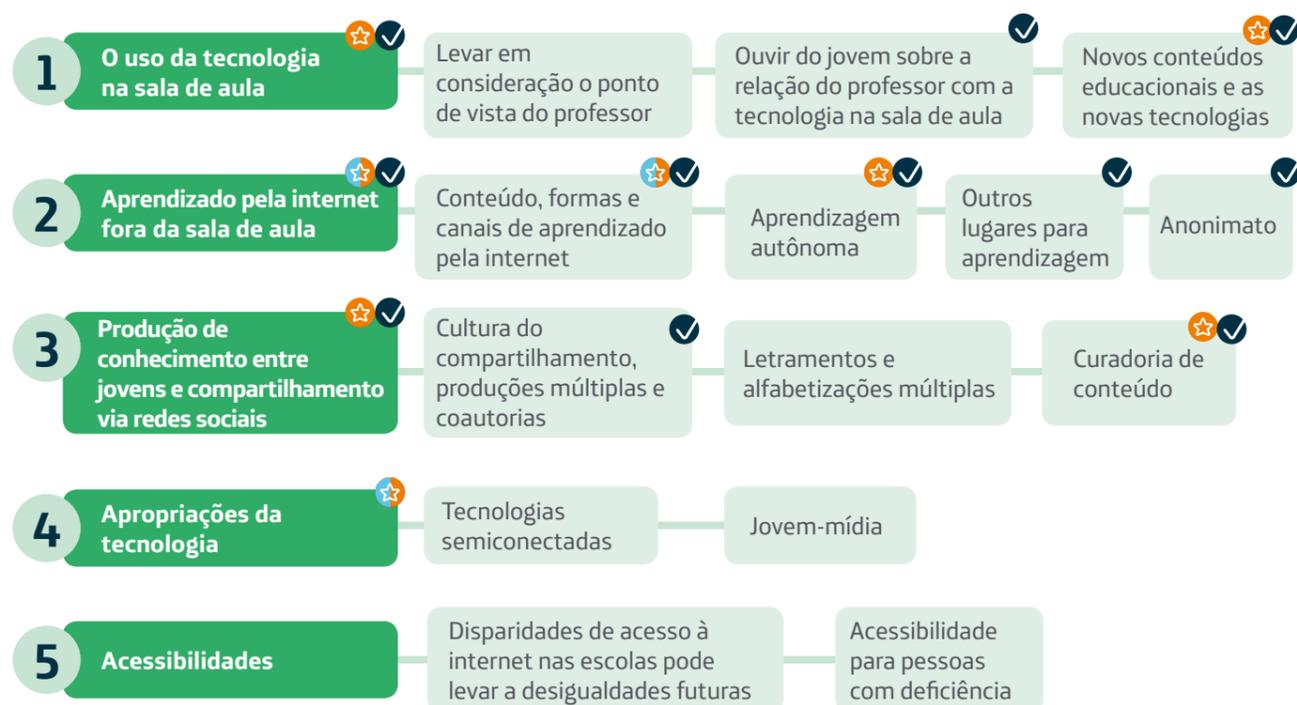
Apresentamos os resultados quantitativos e qualitativos do Juventudes e Conexões focados no eixo temático de educação.

Estudar as relações das tecnologias digitais de informação e comunicação na educação não é tarefa fácil nem inédita. Mas essa área, além de vasta e sensível às constantes mudanças de contexto, tem especial relevância quando o objetivo é buscar aprofundamentos sobre a relação das juventudes com o mundo conectado. Nas próximas páginas, trazemos um panorama de percepções de jovens sobre usos da tecnologia para aprender, dentro e fora das salas de aula.

Educação

Na etapa de construção coletiva, **especialistas** e **jovens consultores** mapearam algumas inquietações, curiosidades e temas relevantes para o momento atual da educação no Brasil, levando em consideração o que já havia sido abordado sobre o tema nas edições anteriores. O cruzamento dos interesses e reflexões de todos os públicos envolvidos na cocriação do estudo gerou um quadro síntese, norteador da pesquisa.

Mapeamento inicial de temas - Educação



☆ Tratado na edição 2013-2014 ☆ Tratado na edição 2015-2016 ☆ Tratado nas edições 2013-2014 e 2015-2016 ✓ Abordado na edição 2018-2019

A partir dos debates em torno de cada um dos pontos, **jovens consultores** tiveram o papel de validar aqueles que comporiam os instrumentos de coleta e, ainda, levantar suas hipóteses. Para eles, trabalhar as questões da educação sem incluir a relação com os professores seria insuficiente, especialmente quando o foco das perguntas eram os usos das tecnologias na sala de aula e sua influência na dinâmica do ensino-aprendizagem. Essa era a oportunidade de fazer a escuta a partir da percepção de jovens.

“Se precisamos ouvir o professor detentor do conhecimento, por que não o aluno também?”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção



Ao pensar no ambiente escolar, logo já se remetiam a estratégias, conteúdos, canais de estudo e formas de aprender, anônima ou coletivamente, que pudessem ser acessadas via internet. O desafio, para esses **jovens consultores**, estava em entender que lugar as tecnologias digitais ocupam na educação: complementar ou concorrente?

“Não vejo mais como fazer trabalhos sem se criar um grupo de WhatsApp.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Para eles, a maneira como sua geração vê a produção de conhecimento acaba quebrando uma relação hierárquica e as construções estariam mais horizontais. Isso mudaria também a forma como jovens se relacionam com a busca e o uso de conteúdos disponíveis: se há um bombardeio de informações, é necessário filtrar o tipo e a qualidade do que se quer.

Embora curiosos para aprofundar sobre muitos outros aspectos, essas reflexões foram aquelas em que mais se debruçaram e, por isso, tornaram-se as abordagens da pesquisa neste eixo.



Influências das tecnologias digitais para aprender

Qual será a avaliação de jovens sobre a presença da internet na sua educação? Convidamos os jovens a refletirem sobre o que a internet trouxe de positivo ou negativo em relação ao tempo, à atenção e à concentração que dedicam aos estudos. Será que ela mais ajuda do que atrapalha? Qual será o grau de crítica que eles têm a respeito?

Avaliação da influência da internet nos estudos

● *Influenciou de forma positiva* ● *Não influenciou* ● *Influenciou de forma negativa*



A maior parte dos jovens acredita que a internet influenciou de forma positiva a concentração e o tempo dedicado aos estudos, mas a atenção à aula é o que mais dividiu as opiniões. Assim, é importante notar que, ainda que mais da metade veja com bons olhos o que as tecnologias digitais trazem ao processo de aprendizado, não há uma percepção consensual, especialmente quando são pensados os usos na sala de aula.

Essa discordância foi vista também nos grupos de discussão, em que houve relatos de que a internet pode causar mais distração e, por isso, atrapalhar os estudos.

“Você está vendo um vídeo no YouTube. O YouTube é inteligente, está lá entre os recomendados sempre uma música que você gosta, um vídeo... Daí começa a estudar com um vídeo sério do conteúdo que você precisa. Mas, no meu caso, eu começo a estudar cálculo e quando dá meia hora eu já estou vendo galinha botando ovo.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

Para eles, além de ser difícil organizar o tempo dedicado a cada atividade, não é simples garantir que o conteúdo disponível seja confiável ou que se consiga encontrar aquele com boas referências. Nos grupos de discussão, levantaram ainda como um grande desafio para uma educação conectada a facilidade de dispersão nas redes sociais e a dificuldade que sentem em gerir seu próprio tempo.

Contudo, **especialistas** alertam que as barreiras que jovens encontram nesse contexto podem estar mais relacionadas à falta de conhecimento sobre estratégias de curadoria do que a uma mera distração. Mais ainda, lembram que nem todos têm acesso a bons recursos de aprendizagem, sejam eles digitais ou não, tais como escolas de qualidade, espaços e atividades culturais, faculdade, cursos de línguas, viagens (dentro ou fora do país), internet estável e ilimitada, tecnologias avançadas, entre tantos outros.



“Aprender não é resultado da trajetória do herói, aprender é resultado da oferta de oportunidades iguais de educação e de qualidade para todos. Ter acesso a uma educação de qualidade é uma questão de cidadania. Tem um problema em não perceber que certos direitos da cidadania são para todos e não são só para alguns. É não ter uma visão de bem comum, não ter uma visão de direito.”

João Alegria, Canal Futura

Nos grupos de discussão, jovens refletiram sobre a influência do uso cada vez maior dos áudios nos aplicativos de conversas e do corretor ortográfico automático, o que para eles pode ser entrave à qualidade da escrita. Contudo, percebem que esse impacto é menos sentido entre os jovens que leem e escrevem com frequência e mais fluência. Segundo eles, o maior obstáculo é a falta de leitura no cotidiano, não necessariamente o uso desses recursos tecnológicos.

“Se você não ler bem, você não vai escrever bem e também não vai falar bem.”

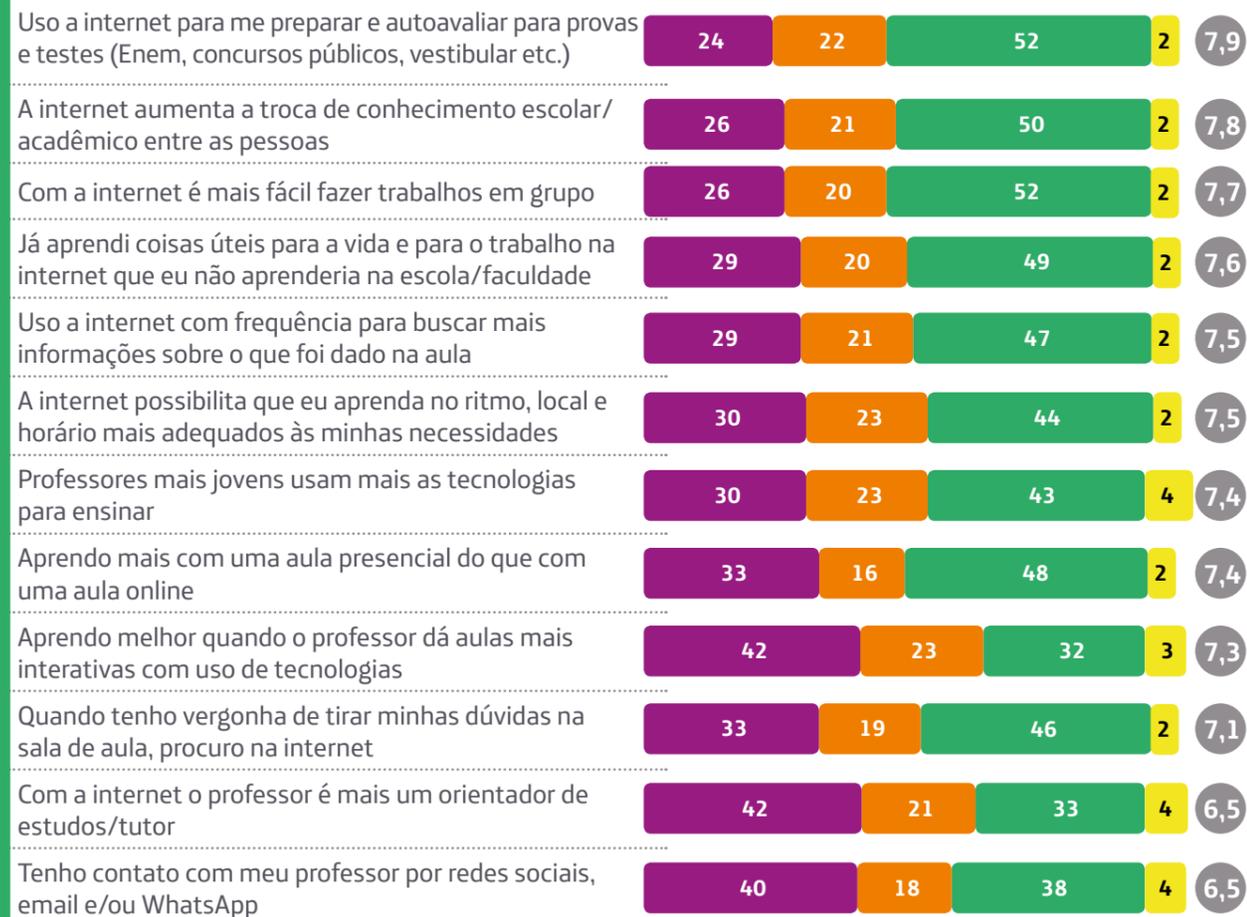
Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

É inegável que as tecnologias digitais estão cada vez mais inseridas nas práticas cotidianas, em especial no processo de construção de conhecimento. Mas será que elas estão incorporadas na rotina de estudantes? Como jovens têm visto suas próprias práticas, atitudes e relações diante do contexto? Será que as percepções são as mesmas entre as diferentes classes, gêneros, faixas de idade?

Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender

● 0 a 6 discordam (%)
 ● 7 e 8 concordam em parte (%)
 ● 9 e 10 concordam totalmente (%)
 ● Não sabe (%)
 ● Média

2018-2019



Entrevistados eram convidados a avaliar afirmativas sobre percepções e atitudes, utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significava discordar totalmente e 10, concordar totalmente. Considera-se um alto nível de concordância quando são atribuídos pontos 10 e 9; e baixo nível de concordância de 6 a 0. Para representar de forma sintética a percepção geral, são apresentadas as pontuações médias do conjunto de respondentes (calculadas por média simples).

De modo geral, jovens revelam alto grau de concordância com aspectos relacionados ao uso da internet para aprender.

Ao avaliarem o que a internet pode proporcionar para aprender dentro e fora da sala de aula, percebemos que questões ligadas a professores são aquelas com menor concordância: a maior parcela discorda que com a internet professores mudam de papel, passando a ser mais orientadores de estudos; questionam se aprendem melhor quando as aulas são mediadas por tecnologias; e se dividem entre aqueles que têm contato com professores por redes sociais ou não. Vale, então, salientar que não é unânime a forma como jovens veem a dinâmica professor-aluno mediada pela tecnologia, sendo que a maior parte concorda que aprende mais em aulas presenciais do que online.

Ao mesmo tempo, é visível que sentem que as redes ampliaram as oportunidades de troca entre pares: para produzirem conhecimento acadêmico e para fazerem trabalhos em grupo. E, mais ainda, jovens dizem buscar conteúdos educacionais online, sobretudo como complemento para o estudo presencial, mas também pesquisam sobre qualquer outro tema que tenham interesse fora da escola/faculdade.

Nos grupos de discussão, participantes demonstravam ter a percepção de que a internet tornou o conhecimento mais acessível e que aquilo que quiserem buscar estará sempre ao alcance das mãos. Para eles, o ambiente digital otimiza pesquisas, permite acessar fontes diversas, é mais atualizado do que a escola, permite aprofundamento de determinado tema e proporciona mais flexibilidade de tempo. Essa percepção se reforça quando 44% concordam totalmente que a internet possibilita aprender no próprio ritmo, horário e local adequados às necessidades.

As videoaulas online, que já na edição 2015-2016 do estudo apareceram como ferramenta popular entre jovens, ainda são vistas como ferramentas de alto potencial para os estudos, ao lado de canais de vídeo e *podcasts* com conteúdos educacionais, parte deles inclusive produzidos por outros jovens.

“A carência da educação afeta muito. Quando você não tem uma boa educação de base, entra na faculdade ou na escola técnica, mas tem que voltar e ver vídeos sobre alguns temas. Aí existem na internet grupos como ‘descomplica’, ‘estuda’ e as pessoas passam a estudar por meio destes canais. A tecnologia possibilita ao jovem ser autodidata.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção



Vantagens das videoaulas segundo jovens consultores

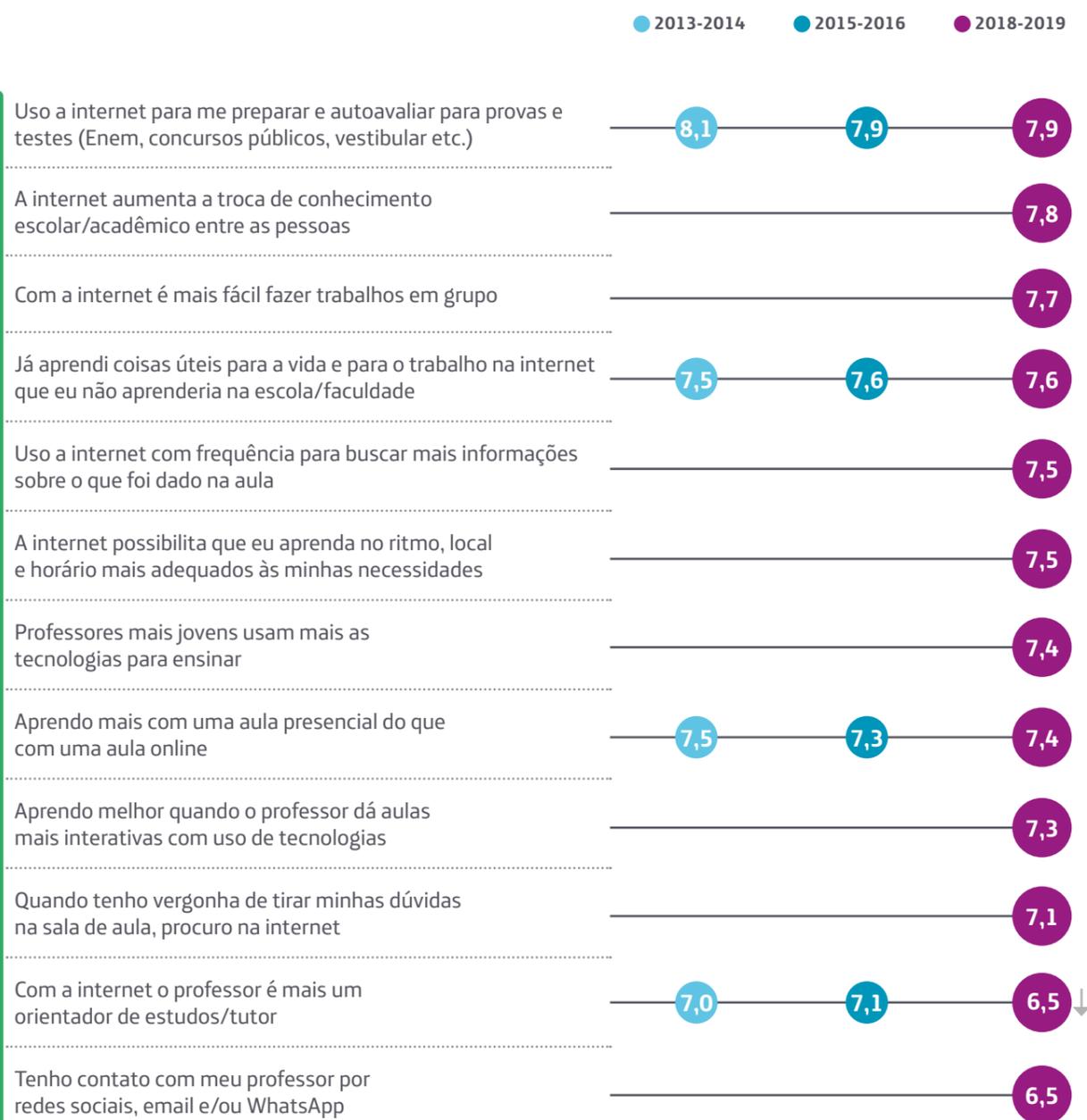
É possível repetir alguma parte e/ou pausar.

Normalmente são curtas e dinâmicas.

Oferecem outras perspectivas sobre os temas.

Complementam o conteúdo passado pelo professor.

Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender – série histórica



Os valores apresentados referem-se à média de pontos dados por todos os respondentes a cada frase. Entre cada edição do estudo, novos itens são incluídos, mas alguns estão presentes desde as edições anteriores, permitindo observar mudanças ao longo do tempo. Consideramos que houve variação entre um ano e outro quando a média aumenta ou diminui pelo menos 0,4 ponto (indicada pelas setas para cima ou para baixo).

Interessante notar que, desde a edição 2013-2014, a aula presencial não perde seu valor como ambiente em que jovens consideram aprender mais. Ao mesmo tempo, parece que menos jovens veem o professor no papel de tutor ou orientador de estudos.

Ao longo dos anos se mantém estável o reconhecimento da internet como importante para preparo para provas e testes ou apoio para buscar informações que não seriam vistas em sala de aula.

Assim, identificamos que as tecnologias digitais estão cada vez mais consolidadas como instrumentos complementares à escola ou faculdade para jovens aprenderem.

“A internet mais ajuda o jovem, se não fosse a internet hoje acho que a gente estaria com índices muito piores de progressão de fluxo na educação básica e nós teríamos resultados muito piores de Enem. O/a jovem tem encontrado na internet uma aliada muito potente no processo educacional.”

João Alegria, Canal Futura

“Eu acho que a educação tem que acompanhar nossa evolução, então a gente tem que acompanhar a tecnologia nessa área. A internet auxilia a gente na hora de fazer uma pesquisa, por exemplo. Te permite ter mais autonomia, ter essa liberdade de ir lá pesquisar, produzir algo, compartilhar.”

Mariana Gomes de Lima, Conselho Jovem do Porvir



Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender – sexo e idade



Fem. = Feminino | Masc. = Masculino



Apresentamos alguns comparativos entre médias para identificar variações de percepção entre jovens de diferentes perfis: sexo masculino e feminino; faixas de idade diferentes; escolaridade e classe social. Consideramos que há percepções distintas quando a média do menor para o maior é de pelo menos 0,4 ponto.

Em comparação aos homens, as mulheres concordam mais com a possibilidade de a internet ajudá-las a tirar dúvidas que surgem na sala de aula, mas que, por conta da timidez, preferem não as sanar com o professor na hora.

Jovens consultores reafirmam que muitas vezes há timidez em expor suas dúvidas no coletivo da escola ou um receio de interromper o professor e que, por isso, recorre-se ao ambiente virtual e ao anonimato para tirar dúvidas.

“Na internet você cria uma conta *fake* ou tira uma foto de perfil para fazer uma pergunta.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

São também as mulheres que têm mais contato com professores pelas redes sociais e/ou email e que estão mais propensas a vê-los como orientadores dos estudos.

Já em relação à idade, jovens entre 20 e 24 anos são os que mais dizem usar a internet para autoavaliação para provas e testes. Essa faixa etária também é a que mais sente a aula presencial como ambiente para aprender mais, percepção que diminui quando perguntamos aos mais novos.

Vale notar que, quanto mais velhos, jovens tendem a sentir que o uso de tecnologias para ensinar é uma característica de professores mais jovens.



Tecnologias digitais nas práticas de aprendizagem - escolaridade e classe social

	Total	Escolaridade			Classe social			
		EF	EM	ES	A	B	C	DE
Uso a internet para me preparar e autoavaliar para provas e testes (Enem, concursos públicos, vestibular etc.)	7,9	7,4	7,9	8,1	8,4	8,1	8,0	7,5
A internet aumenta a troca de conhecimento escolar/acadêmico entre as pessoas	7,8	7,5	7,7	8,1	7,3	8,2	7,9	7,2
Com a internet é mais fácil fazer trabalhos em grupo	7,7	7,6	7,7	7,7	7,3	7,8	7,9	7,4
Já aprendi coisas úteis para a vida e para o trabalho na internet que eu não aprenderia na escola/faculdade	7,6	7,5	7,6	7,7	7,4	8,1	7,6	7,1
Uso a internet com frequência para buscar mais informações sobre o que foi dado na aula	7,5	7,0	7,5	7,9	7,2	7,7	7,7	7,1
A internet possibilita que eu aprenda no ritmo, local e horário mais adequados às minhas necessidades	7,5	7,1	7,4	7,8	7,5	8,1	7,5	6,9
Professores mais jovens usam mais as tecnologias para ensinar	7,4	7,0	7,3	7,8	6,4	7,5	7,5	7,1
Aprendo mais com uma aula presencial do que com uma aula online	7,4	6,9	7,2	7,7	7,9	7,4	7,5	6,9
Aprendo melhor quando o professor dá aulas mais interativas com uso de tecnologias	7,3	7,0	7,3	7,5	6,7	7,6	7,5	6,9
Quando tenho vergonha de tirar minhas dúvidas na sala de aula, procuro na internet	7,1	7,0	7,1	7,1	6,0	7,6	7,1	6,8
Com a internet o professor é mais um orientador de estudos/tutor	6,5	6,7	6,5	6,4	5,2	6,8	6,4	6,4
Tenho contato com meu professor por redes sociais, email e/ou WhatsApp	6,5	5,3	6,3	7,3	5,7	7,0	6,7	5,5

EF = Ensino fundamental | EM = Ensino médio | ES = Ensino superior

Não identificamos variações relevantes de percepção entre jovens que declararam estar estudando e os que não. Mas, quando observamos a escolaridade, surgem alguns pontos de vista diferentes: quanto maior o nível de estudo, maior é a concordância sobre as possibilidades de complementação entre educação escolar ou acadêmica e uso da internet.

Jovens de classes DE parecem ser aqueles que, apesar de terem conquistado algum acesso ao mundo conectado, ainda não estão tão próximos quanto jovens de classes B e C, que demonstram utilizar e valorizar mais a internet no processo de aprendizado.



Peculiaridades regionais

Região Norte

São aqueles que menos concordam que a internet possibilita aprender no ritmo, local e horário mais adequados às necessidades.



São os que menos concordam que com a internet é mais fácil fazer trabalhos em grupo.



Região Nordeste

Tendem a ser mais favoráveis ao uso de tecnologias digitais para aprender, apresentando os maiores níveis de concordância para questões de educação.

São os que mais dizem que procuram na internet porque sentem vergonha de tirar dúvidas na sala de aula.



São, ao lado de jovens do Norte, aqueles que mais usam a internet com frequência para buscar mais informações sobre o que foi dado na aula.



Região Centro-Oeste

São os que menos concordam com as questões que trazem a internet para o processo de aprendizagem.

São os que menos sentem já ter aprendido coisas úteis para a vida e para o trabalho na internet que não aprenderiam na escola.



São os que menos concordam que aprendem melhor quando o professor dá aulas mais interativas com uso de tecnologias.



Região Sudeste

São os que menos veem que com a internet o professor é mais um orientador de estudos/tutor.



Região Sul

São os que mais concordam que professores mais jovens usam mais tecnologia.



São os que mais sentem que aprendem na internet para além do que aprendem na escola.



Internet e escola como complementares

Como visto anteriormente, jovens elegeram a escola e a internet como os dois melhores lugares para aprender. Mas o que pensam sobre cada um, pontos altos e baixos, e as possíveis pontes entre eles? O que os tornam tão essenciais? Com isso, pedimos que apontassem caminhos de melhoria na educação por meio da convergência entre internet e escola.

“A gente não pode aprender tudo sozinho. Eu sempre tentei ser um pouco autodidata, sempre busquei sozinha meu conhecimento usando bastante a internet. Mesmo assim, quando eu chegava numa roda de amigos para conversar, eu descobria que ainda tinha muito o que aprender.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

Contribuições e barreiras da escola e da internet

- + Pontos positivos
- Pontos negativos

Escola



- + Distrai menos do que a internet
- + Direciona melhor a aprendizagem
- + O aprendizado é mais profundo e fixa mais
- + Aprendizado no coletivo, com diálogo, contato
- + Professor tem mais legitimidade do que a internet, estudou a fundo o que ensina (alguns)
- Parece uma prisão
- Desatualizada
- Aulas cansativas

Internet



- + Conteúdo além da sala de aula
- + Flexibilidade de ver onde e quando quiser
- + Linguagem mais jovem
- + Explicação mais didática
- + Repete várias vezes até entender
- + Mais focado, resumido, mais rápido
- + Mais prático, não precisa carregar livros enormes
- + Informações mais atualizadas do que o professor (data de artigos)
- + Vídeos que demonstram técnicas de vários ângulos
- Nem sempre confiável
- Falta embasamento
- Informações desconstruídas

Quando olham de forma crítica para a escola e para a internet como ambientes de aprendizagem, jovens reconhecem que a internet não vai substituir a escola, mas sim ajudá-los a explorar elementos novos ou buscar outras formas de explicar aquilo que professores trazem para a sala de aula.

Essa visão é complementada por uma reflexão sobre aquilo que pode melhorar na escola com o auxílio das tecnologias. Jovens identificam mudanças necessárias para as metodologias, que precisam trazer mais debates em sala de aula e estratégias mais dinâmicas. Por outro lado, sentem que professores podem dar aulas mais bem-humoradas e falando uma linguagem mais compreensível para jovens.

Assim como nas edições anteriores do estudo, as tecnologias aparecem com pouca relevância como elemento central na mudança dos modelos de ensino. Nota-se hoje, contudo, uma maior urgência, por parte dos jovens, de rever as metodologias e o conteúdo trabalhado em sala de aula, uma vez que os jovens já têm contato com conteúdo educacional online fora da escola.

Mencionamos anteriormente que, quando o assunto é uso de tecnologias digitais na sala de aula, as opiniões se dividem: parte é a favor, parte é contra. Segundo **especialistas**, isso ocorre principalmente porque a grande maioria dos jovens nunca passou pela experiência de ter internet em sala de aula e não imagina como isso pode ser realizado de forma que não gere distração.



“A gente tem uma diversidade muito grande de aprendizagem. Eu aprendo de uma maneira, o meu colega aprende de outra, você aprende de outra maneira. Então eu acho que essa diversidade é importante, ela é bonita. Mas eu falo que é complicado. A gente acaba conseguindo não contemplar (a todos).”

Mariana Gomes de Lima, Conselho Jovem do Porvir

Mais além, **especialistas** apontam para a necessidade de observar a perpetuação dos processos de exclusão e desigualdades sociais na implementação de tecnologias nas escolas sem cuidados adicionais. Uma forma de exclusão se dá entre jovens que estudam em instituições mais modernas e equipadas e aqueles que estudam em instituições com mais restrições, como boa parte das escolas públicas, em que, mesmo com acesso à internet, ela pode ser de baixa qualidade e os equipamentos disponíveis, obsoletos.

Principais aprendizados



Como vimos ao longo da pesquisa, o **uso da tecnologia na sala de aula** ainda não é tema consensual entre os jovens, ainda que tenha sido comum a percepção de que as tecnologias digitais potencializam o processo educacional como complemento ao que é dado em sala de aula.

50% dos/das jovens entrevistados concordam totalmente que a internet aumenta a troca de conhecimento escolar/acadêmico

A leitura que jovens fazem sobre a internet na escola é bastante crítica, mesmo entre os apoiadores da ideia. Para eles, mais do que a tecnologia em si, é preciso pensar na metodologia da aula e na estrutura da escola.

O **aprendizado pela internet fora da sala de aula** já é uma prática comum: os jovens já complementam os estudos com a internet. Aliás, acham que o conteúdo disponível na rede é mais atualizado e mais abrangente do que aquele dado na escola, mas sentem que nem sempre a fonte é confiável e acham que precisam ter orientações dos professores sobre como e o que estudar na internet.

Destaca-se também a autonomia que jovens têm ganhado no processo de **apropriações das tecnologias**. Por meio das ferramentas disponíveis online, é possível criar, **produzir e compartilhar conhecimento entre os jovens**, com material em formato e linguagem mais jovem, didática, resumida e de fácil e rápida compreensão. Qualquer um pode produzir e consumir.

7



Educação

Como tornar a internet parceira para jovens aprenderem mais

Tatiana Klix Pereira

Sou jornalista e crio conteúdos e projetos na área de educação desde 2010. Foi o envolvimento com esse tema que me aproximou das juventudes e me impulsionou a trabalhar pela causa da transformação da educação a partir da perspectiva dos próprios jovens. Com eles, aprendo sobre as deficiências das escolas e suas dificuldades para construírem seus projetos de vida, mas também me motivo a apoiar as juventudes a se desenvolverem.

Como tornar a internet parceira para jovens aprenderem mais

“Parece que arrancaram uma parte da gente.”

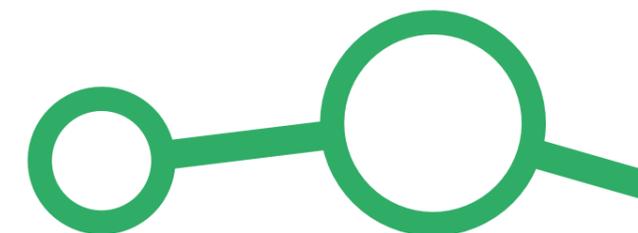
Da agonia ao alívio, as sensações que jovens participantes da pesquisa Juventudes e Conexões relatam ter quando ficam longe de seus celulares indicam que é pouco natural para eles estarem desconectados ou, até mais que isso, é difícil identificar os momentos em que estão online e os que estão offline. Vários desses e dessas jovens, no entanto, quando consultados sobre os benefícios do acesso à internet na escola, dizem preferir que o celular fique do lado de fora ou, pelo menos, que gostariam que alguém limitasse ou orientasse o seu uso na sala de aula.

“Se sem internet já é difícil, imagina com internet... Vira bagunça!”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

As tecnologias digitais na educação: uma parceria possível e transformadora

A incorporação cada vez mais recorrente e diversificada de atividades mediadas por Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) em escolas e seu impacto na educação tem sido alvo de diversos estudos nos últimos anos. Muitos deles conseguem vislumbrar nessa prática uma oportunidade de transformar o modelo industrial e massificado de educação, que foi construído para formar um estudante médio, conforme descreve Todd Rose (2016), diretor do programa Mente, Cérebro e Educação de Harvard, no livro *The End of Average: How We Succeed in a World That Values Sameness* (em tradução livre: Como podemos ser bem-sucedidos em um mundo que valoriza a similaridade) em uma experiência de aprendizagem personalizada, que respeita as características e referências individuais de estudantes (PORVIR, 2019).



José Armando Valente (2015), livre-docente pela Universidade Estadual de Campinas, por exemplo, defende no prefácio do livro *Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação* que a abordagem que combina atividades presenciais e outras realizadas por meio de tecnologias online consegue alterar o modelo centrado no professor e baseado em transmissão de informações e colocar o foco do processo de aprendizagem no aluno.

Em 2018, ano em que foram realizadas as coletas de respostas do Juventudes e Conexões, dois motivos ainda conseguiram ampliar no Brasil esse debate sobre o papel da internet para a educação: a preparação do Ministério da Educação para o Novo Ensino Médio, que permitirá que parte da carga horária seja feita à distância; e a defesa do então candidato à presidência Jair Bolsonaro da implantação dessa modalidade já no ensino fundamental.

Discussões e embates comuns em ambientes educacionais passaram a ocupar novos espaços. Entre as diferentes opiniões que emergiram na sociedade está a de que as relações proporcionadas pela escola são imprescindíveis para as crianças. Alguns pais chegam a engrossar o movimento dos líderes de empresas de tecnologia do Vale do Silício, nos Estados Unidos, que preferem colocar os filhos em escolas desconectadas, conforme relata reportagem do jornal *El País* “Os gurus digitais criam os filhos sem telas” (GUIMÓN, 2019). Outros ainda veem potencial na educação à distância (EAD) para desenvolver a autonomia dos estudantes, conforme defende o professor e diretor da Associação Brasileira de Educação à Distância, João Mattar (2018), no artigo “Não há justificativa para privar o jovem do nível médio da educação a distância”, publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

Nesse contexto, ouvir de alguns jovens que a internet atrapalha na educação torna-se uma oportunidade – até para os mais entusiastas da tecnologia – de realizar novos questionamentos sobre o seu papel na aprendizagem e no desenvolvimento de estudantes. O que a percepção deles nos revela neste estudo é que, mais importante do que analisar se uma videoaula é divertida e eficiente, ou se as ferramentas de busca online favorecem o plágio, é a necessidade de refletir sobre a relação que jovens têm com a conectividade em todas as suas dimensões e como ela influencia suas experiências de aprendizagem dentro e fora da escola. A análise de suas sensações não pode deixar de levar em conta como eles interagem com a tecnologia no ambiente escolar e que tipo de apoio recebem para encarar os desafios que encontram para aprender.

Percepções diversas e contraditórias

Os resultados do Juventudes e Conexões revelam alguns posicionamentos distintos na percepção das juventudes sobre a influência das tecnologias na educação, que carregam em si um cenário bem mais complexo de ser decifrado e que exige um olhar abrangente para os dados para compreender mais sobre o acesso que jovens têm à internet, o uso que fazem dentro da escola, o preparo que têm para lidar com desafios do meio digital como a veracidade das informações que circulam nas redes e a própria segurança, as práticas educacionais promovidas por professores a partir de ferramentas digitais, entre outras.

“Se for para contar o tempo que demoro para copiar e colar, realmente tem influência positiva.” Essa foi a reação de uma jovem consultora ao gráfico da pesquisa que mostra que 55% dos jovens declaram que a internet tem influência positiva no tempo que dedicam aos estudos. “Se a frase fosse postada nas redes sociais, poderia ser acompanhada pela hashtag #contemironia.” Essa jovem está entre aqueles que discordam disso e acham que jovens, quando estão online, gastam o tempo que deveria ser de estudo com outras atividades. O potencial de dispersão das ferramentas digitais, uma preocupação tradicionalmente levantada por professores, aparece nesta pesquisa como um dos pontos que dividiu a opinião de jovens entrevistados: 37% dizem que a internet piora a atenção na aula e 33% admitem que tira a concentração enquanto realizam estudos e trabalhos escolares.

Veja os dados completos no gráfico Avaliação da influência da internet nos estudos, no capítulo 6, página 89.

Veja os dados completos no gráfico Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender, no capítulo 6, página 92.

Embora a desconfiança e percepção de influência negativa não seja consensual, revela uma ambiguidade em relação às visões positivas que jovens também demonstram ter em relação à tecnologia e à educação. A mesma abundância de informações, serviços e atividades que impõe um desafio de autogestão para jovens também é reconhecida por eles como geradora de oportunidades de aprendizagem: para a maioria, a internet ajuda na preparação para provas, complementa o que foi dado nas aulas, ensina coisas úteis que não estão no currículo das escolas, oferece flexibilidade para cada um aprender no seu ritmo, local e horário de preferência, tem uma linguagem mais dinâmica e jovem e deixa as informações mais acessíveis.

“Acho que sempre tem o melhor [na internet]. Por exemplo, eu vejo aula de direito constitucional, tem vários professores no YouTube e tem uma pessoa que você se identifica, que você diz: ‘caramba, com ele eu consigo aprender!’.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

Veja os dados completos no gráfico Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender, no capítulo 6, página 92.

Com tantas facilidades identificadas, até poderia se imaginar que jovens preferem estudar pela internet. Mas isso não é necessariamente verdade, uma vez que a maior parte diz que aprende mais com aula presencial que online.

Esse dado nos leva a outro ponto importante da pesquisa, a relação das juventudes com o professor. Mesmo que os jovens nos grupos de discussão tenham indicado desejo por mais autonomia nos processos de aprendizagem, queiram aulas mais bem-humoradas e dinâmicas (como veem na internet) e reivindiquem uma mudança na hierarquia dentro da sala de aula, professores ainda são considerados principal referência entre jovens para aprender e empreender. Além disso, seu papel só fica atrás da família em importância para decidirem o que querem ser e como participar da sociedade.

Veja os dados completos no capítulo 5, página 74.

Ao longo do estudo, jovens mostraram a necessidade que sentem de serem orientados sobre conteúdos e conhecimentos que precisam aprender e como valorizam o papel do professor para realizar essa tarefa. Essa demanda é confirmada na consulta Nossa Escola em (Re)Construção, realizada pelo Porvir em parceria com a Rede Conhecimento Social (2019). No questionário online aberto para adolescentes e jovens de 11 a 21 anos, entre 2017 e 2018, eles foram convidados a avaliar quais são as características mais valorizadas em um professor. Entre os quase 20 mil participantes, “saber explicar bem os conteúdos” (54%) e “ter muito conhecimento sobre um assunto” (33%) foram os itens mais escolhidos, indicando que esperam do professor alguém que possa apoiar estudantes em sua construção de conhecimento. A referência que jovens demonstram ter – e valorizar – é a do educador que explica conteúdos em uma sala, ainda que muitas vezes a aula seja considerada chata.

Veja os dados completos no gráfico Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender, no capítulo 6, página 92.

No Juventudes e Conexões, jovens dos grupos de discussão também apontaram que na internet os “conteúdos nem sempre são confiáveis”, “as informações muitas vezes são difusas e descontraídas” e com “pouco embasamento”. Diante da dificuldade que reconhecem ter para filtrar bons conteúdos na rede, não deixa de ser curioso que poucos tenham se identificado com a afirmação de que “com internet, o professor é mais um orientador de estudos/tutor”. A curadoria de informações ou facilitação de uma navegação

mais segura no ambiente online ainda não são percebidas por esses jovens como funções de educadores, provavelmente porque a maior parte das referências que têm de atividades de aprendizagem são de aulas baseadas na transmissão de conteúdos.

Outro fator que conta para a construção da relevância do papel do professor é o quanto as boas relações que estabelece com seus alunos tornam-se marcantes para as juventudes. Uma fala de jovem em grupo de discussão (entre 22 e 29 anos, classes AB) demonstra como a interação presencial e afetiva é fundamental:

“Os professores que mais marcaram minha vida guardavam um tempo da aula para, em vez de dar conteúdo, perguntar como a gente estava, do que a gente precisava, o que a gente esperava. Acho que os professores, quando conseguem perceber que são todos humanos na sala de aula, tudo fica diferente no aprendizado.”

Esse sentimento aponta para mais uma contradição na percepção dos consultados: apesar de a tecnologia mediar muitas das relações humanas das juventudes, ela ainda não tem um papel fundamental nas interações entre professores e alunos. O estudo nos mostra que poucos participantes dizem ter contato com seus professores por meio de redes sociais, email ou WhatsApp, principalmente entre aqueles que estão na educação básica. Esse tipo de interação se torna mais comum entre os estudantes universitários.

Uma leitura rápida desses resultados pode, levemente, relativizar o potencial das tecnologias digitais na educação formal. Mais prudente, no entanto, é usar essas informações para suscitar outros questionamentos: jovens valorizam professores porque eles estão longe das tecnologias? Ou seria a frequência com que convivem presencialmente com educadores que amplia a relevância do seu papel na vida deles? O fato de, tradicionalmente, os professores serem reconhecidos como detentores do saber influencia a imagem que os alunos têm sobre eles? Como avaliar a importância dos mestres para organizar as informações que parecem tão diversas e complexas em outros ambientes? Por fim, os professores têm a oportunidade de promover um desenvolvimento mais significativo dos alunos se incorporarem em suas práticas o uso da internet para aproveitar seus benefícios?

Veja os dados completos no gráfico Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender, no capítulo 6, página 92.

Veja os dados completos no capítulo 5, página 71.

A escola e suas múltiplas funções

A reflexão das juventudes sobre a escola é determinante para o aprofundamento da análise das distintas percepções que têm sobre suas conexões e o potencial das tecnologias para sua aprendizagem e desenvolvimento. Para elas, seja para aprender, para participar da sociedade, para empreender e para decidir quem querem ser, a escola, onde está também o valorizado professor, é a instituição declarada mais importante em suas vidas.

Quando **jovens consultores** entraram em contato com os dados do estudo, foi fácil para eles explicarem o porquê a instituição é tão relevante.

“Acho que é o processo de socialização, o ser humano entra em um ambiente totalmente diferente e passa a construir sua pessoa com a interação no meio.”

“Escola é o primeiro lugar coletivo no qual você se revolta, questiona e começa a se organizar.”

“Se não tem escola, não tem sociedade, porque é lá que se aprende a lidar com o outro.”

As declarações traduzem a importância que dão para o aprendizado coletivo e as trocas entre os amigos e colegas, tanto para aprender como para participar e construir sua identidade. A percepção combina com uma série de estudos que reconhecem a escola como um dos mais importantes espaços de socialização e criação de identidade para as juventudes. No texto “A Escola Faz as Juventudes? Reflexões Em Torno da Socialização Juvenil”, o sociólogo Juárez Dayrell (2007) discute como “as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mudanças profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações”. Para o autor, “a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade”.



Nos grupos de discussão do Juventudes e Conexões, participantes apresentaram muitas críticas ao ambiente escolar – “parece uma prisão”, é “desatualizada”, “tem aulas cansativas”, “práticas autoritárias” – e sugeriram mudanças – “mais debates em sala de aula”, “aulas dinâmicas”, “fim da estrutura enfileirada das cadeiras”, “mais prática e escuta dos alunos”, mas não deixaram de reconhecer sua potência.

Uma realidade que contribui para sua valorização é a carência, em determinados territórios, de outros equipamentos públicos, como espaços culturais, centros de assistência social, organizações da sociedade civil, parques e áreas de lazer. Nessas regiões, a instituição de ensino pode ganhar um significado ainda maior, seja porque consegue abrigar experiências que seus estudantes não têm acesso em outros lugares ou, por outro lado, porque acaba falhando em cumprir todas as funções esperadas dela.

O dado quantitativo da pesquisa não dá conta de explicar o quanto desse reconhecimento diz respeito ao que esperam da escola ou o que já encontram nela, segundo analisaram **jovens consultores** do estudo. Em rodas de conversa promovidas pela pesquisa Nossa Escola em (Re)Construção e oficinas de escuta de estudantes do evento Educação 360 Jovem, promovido em 2018 e 2019 no Rio de Janeiro pelo jornal *O Globo*, essa confusão foi confirmada. A avaliação das juventudes é impactada pelas conexões afetivas que estabelecem com a instituição e as pessoas que fazem parte dela. Além disso, as referências de cada um, construídas a partir de experiências dentro e fora da escola, também influenciam suas demandas.

Via de regra, é difícil sonhar com aquilo que não se conhece. São comuns, por exemplo, os depoimentos de jovens que dizem que nunca ouviram falar sobre empreendedorismo ou projeto de vida em suas aulas, mas é verdade que muitos conseguem citar pelo menos um professor que foi determinante para definir alguma escolha sobre o futuro. Os depoimentos de **jovens consultores** confirmam que a escola os ajudou a decidir o que querem ser, mesmo que esse objetivo não estivesse claro em seu currículo, e que entre os estudantes de baixa renda há a expectativa de que a educação os leve a ascender socialmente. E realmente, como foi refletido nas etapas de construção coletiva deste estudo, a escolaridade pode e deveria ter esse impacto, embora muitos indicadores de aprendizagem e ingresso no ensino superior mostrem que as escolas de regiões pobres têm falhado nesta função. Nas reflexões entre **especialistas, consultoras e jovens consultores**, eram trazidos diversos relatos de que jovens, muito frequentemente, também se sentem desrespeitados em suas individualidades pelas regras e relações estabelecidas no ambiente escolar, mas também vivem neste espaço experiências e interações que possibilitam o autoconhecimento e projeções sobre quem eles querem se tornar.

A dualidade e o descompasso entre expectativa e realidade são mais bem representados pela pesquisa Nossa Escola em (Re)Construção. Respostas coletadas em 2017 e 2018 mostram que 49% dos participantes têm acesso a práticas e atividades que desenvolvem corpo e alma na escola, mas 69% dizem que elas não podem faltar. A tendência se repete quando consultados sobre participação (47% têm e 65% dizem que não pode faltar), atividades mão na massa (43% e 63%) e práticas que vão além dos muros (34% e 62%).

Mesmo sem deixar de lado a concepção de que as pessoas não aprendem apenas nos tempos, espaços e com os atores tradicionais da escola, bem como a defesa de uma ampliação da rede de apoio a jovens, as opiniões e vontades expressas pelo estudo Juventudes e Conexões evidenciam a necessidade de a própria escola se reinventar.

Esse ambiente que reúne jovens, professores, funcionários e familiares tem o potencial de se tornar um espaço de múltiplas aprendizagens, que proporciona experiências diversas e se abre a interações com o que acontece do lado de fora de seus muros, seja na realidade presencial ou nas redes virtuais. Isso não deveria acontecer apenas esporadicamente ou acidentalmente, mas precisa se tornar uma construção intencional, que passa por uma reformulação de currículos, práticas, tempos, espaços, papéis, relações, avaliações e recursos pedagógicos.

Os desejos e as angústias expressos pelas juventudes nesta pesquisa se traduzem na demanda por uma educação integral, que não se preocupa apenas em preparar alunos para o vestibular, mas se propõe a desenvolver o ser humano em cinco dimensões: intelectual, emocional, cultural, física e social.

O mesmo desejo é expresso por jovens quando consultados sobre as habilidades que consideram mais importantes para aprender. Vontade de aprender sempre, trabalho em equipe e cooperação, capacidade de tomar decisão, criatividade e empatia ficaram no topo da lista. E eles querem que esse desenvolvimento aconteça dentro da escola. Ainda que reconheçam que a internet também é um espaço de aprendizado, relacionamento e participação social, jovens não abrem mão de ter acesso ao espaço físico e simbólico que proporciona que aprendam conteúdos acadêmicos, socializem, construam sua identidade, conquistem valores, reivindiquem seus direitos e contribuam para a resolução de problemas sociais.

Como a tecnologia ajudará as escolas e os estudantes

Se já está claro para jovens que a internet é útil para aprender coisas que não são possíveis na escola, torna-se crucial entender se – e de que maneira – pode ser positiva na sala de aula. A dúvida apontada por participantes da pesquisa precisa ser interpretada como um alerta das juventudes para educadores e gestores educacionais refletirem de maneira profunda e responsável sobre a presença e o uso da tecnologia e da internet na educação. Embora esse não seja um campo de estudo novo, o fato de os próprios jovens identificarem dificuldades e receios em relação à internet no ambiente escolar é um elemento a mais que deve ser investigado.

Entender as referências dos estudantes brasileiros em relação às TDICs é crucial neste exercício. Dados da TIC Educação 2017 (CGI.BR: 2018) revelam que, dentro das escolas, o acesso à internet por jovens é mais restrito do que fora delas.

Uma das barreiras para a utilização de tecnologias e da internet é de infraestrutura, principalmente em escolas públicas. De acordo com dados levantados entre agosto e dezembro de 2017, 40% das instituições públicas urbanas têm conexões de até 3 Mbps, e apenas 50% disponibilizam o sinal na sala de aula. Entre as rurais, só 36% têm algum tipo de acesso à internet, não necessariamente aberto para os estudantes. Mesmo com tais limitações, o cenário é de evolução na disseminação do uso de tecnologias, tanto entre professores como entre alunos. Segundo a TIC Educação 2017, 99% dos professores são usuários de internet, 82% buscam exemplos de planos de aula pelas redes, 75% buscam formas de aprimorar conhecimentos sobre uso de tecnologias para ensino e aprendizagem, mas só 48% disponibilizam conteúdo na internet para seus alunos. Entre os estudantes, 85% são usuários de internet. Deles, 87% usam a internet para aprender a fazer algo que não sabiam ou que sentiam dificuldade e 57% leram um livro, um resumo ou e-book. No entanto, se consultados sobre o local em que acessaram a rede, somente 39% (50% de escolas particulares e 37% de públicas) citaram a escola.

É interessante cruzar esses dados de acesso com a percepção trazida por Juventudes e Conexões de que a internet é um elemento complementar e exterior à escola, o que representa a realidade conhecida por grande parte das juventudes no Brasil. Mas isso não quer dizer que a preferência dos estudantes seja por não ter conectividade nas escolas, já que muitos sequer têm ou tiveram acesso a instituições com infraestrutura adequada para a promoção de práticas educacionais mediadas por tecnologia. Ainda colaboram para este cenário as carências na formação dos professores em relação ao uso de recursos digitais, conforme mostra o estudo sobre ensino híbrido *“Blended Beyond Borders: A scan of blended learning obstacles and opportunities in Brazil, Malaysia & South Africa”*, do Instituto Clayton Christensen (2017), que mostra que 79,1% dos 110 entrevistados brasileiros que participaram do levantamento apontam o desenvolvimento profissional de alta qualidade para professores como o principal desafio para o uso de tecnologia na educação.

Dados da TIC Educação 2017 sobre o tipo de atividade que os professores

promovem com uso da internet também mostram que, mesmo quando as tecnologias entram na escola, transformam muito pouco a maneira como se ensina e aprende. Apenas 40% dos educadores solicitam que alunos realizem exercícios ou trabalhos em grupo com apoio da tecnologia, 34% pedem que produzam textos, desenhos ou maquetes e só 26% trabalham com jogos educativos. Já as atividades escolares mais realizadas por alunos são pesquisas para a escola (85% na rede pública e 92% na particular), trabalhos (80% e 85%) e pesquisas sobre o que os professores falam na aula (74% e 83%).

Essas atividades de pesquisa e exercícios estão longe de conseguir engajar significativamente os estudantes. No estudo Juventudes e Conexões, a maioria dos e das jovens diz que aprende melhor quando o professor dá aulas mais interativas com uso de tecnologias. Também não ajudam jovens a enfrentarem seus principais desafios para aprender, que, segundo participantes dos grupos de discussão, são: o foco, a concentração, a disciplina e o comprometimento. Se, por um lado, jovens acreditam que existe muita informação disponível e “só não aprende quem não quer”, por outro admitem que precisam desenvolver habilidades para não desviar dos estudos diante de outras ofertas que estão disponíveis no ambiente online.

“Hoje vimos crianças na Pinacoteca treinando a percepção sobre arte desde cedo. Tem que fazer o mesmo em relação à internet. O foco deve ser treinado!”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Com tudo isso, é possível inferir que o uso restrito das TDICs para fins pedagógicos, aliado aos hábitos das juventudes de estarem sempre conectadas em redes sociais, em nada contribui para que a influência da internet no tempo e na atenção aos estudos seja positiva ou mesmo para que os jovens possam identificar maneiras de utilizar as tecnologias e a internet para colaborar nos estudos. Tampouco os jovens conseguem qualificar o seu uso, aprimorar o senso crítico em relação às informações que circulam na internet e desenvolver habilidades para viver com segurança no ambiente virtual. Principalmente porque a internet está presente em todos os aspectos da sociedade é que não adianta bani-la da escola para resolver o problema da indisciplina e da dispersão dos estudantes.



Por meio da pesquisa Juventudes e Conexões, jovens demonstraram que necessitam de apoio para entender como aproveitar o seu potencial para se concentrar, estudar e aprender mais. Ajudá-los nessa tarefa é uma função que a escola precisa abraçar. O desafio para educadores, portanto, é deixar de encarar as ferramentas digitais apenas como um meio de ensinar outros conteúdos ou automatizar tarefas, mas incorporar as tecnologias digitais como conteúdos a serem ensinados e habilidades a serem desenvolvidas.

Além disso, estudantes também precisam de ajuda para desenvolver senso crítico em relação às informações que circulam no meio digital. Os depoimentos de jovens que participaram de grupos de discussão mostram, por exemplo, que, embora estejam cientes do perigo das notícias falsas, usam filtros pouco confiáveis para acreditar em uma postagem: a proximidade com a pessoa que a compartilhou e a maneira como foi escrita.

Mas como ensinar a lidar com a internet e as novas tecnologias sem deixar que ela entre na escola? Se essa restrição sair da sala de aula será possível entender que o ensino híbrido, aquele que mistura experiências sem o apoio de tecnologias digitais e online com outras práticas mediadas por elas é tanto uma necessidade para a instituição preparar jovens para os desafios da vida contemporânea como uma solução para a escola se reinventar, a partir das demandas dos estudantes.

Projetos como o do professor Raniere Cândido, do Colégio Paraíso (2018), de Juazeiro do Norte (CE), ilustram como isso já acontece na prática. Segundo relatou na seção Diário de Inovações, do site Porvir, após serem provocados a pensar em uma solução que tivesse uma aplicação real, seus alunos criaram um robô com um letreiro digital que exibia a mensagem “libera a faixa [de pedestre]”, quando alguém estacionava no local proibido. Usando materiais reciclados e uma miniplaca programável, durante o processo seus alunos aprenderam, além de lógica, a observar problemas e inventar uma proposta de intervenção, trabalhar em equipe e tomar decisões. Também refletiram sobre sustentabilidade e se movimentaram pela escola e na rua em frente para desenvolver o projeto. Segundo o professor, mantiveram-se engajados e vibrantes durante todo o processo.



Já na Escola Estadual João XXIII, em Ipatinga (MG), o professor de filosofia Uanderson de Jesus Menezes (2018) criou um canal no YouTube e revolucionou o aprendizado da disciplina. Seus alunos precisavam criar vídeos, em formato de programa de TV, sobre filosofia, incluindo temas, conceitos e discussões realizadas em sala de aula. Segundo relato também publicado no Porvir, além de trabalhar a autonomia e potencial criativo dos alunos, contribuir para sua formação moral, ética, política e cidadã, o projeto construiu um acervo que pode ser usado durante outras aulas como material didático. Também acabou envolvendo as famílias e levando as discussões filosóficas para a comunidade escolar.

Em Santarém (PA), um aplicativo criado pelo Centro de Mídia Cívica do Instituto de Tecnologia de Massachusetts – MIT (PORVIR, 2017) apoiou estudantes de escolas públicas mobilizados para reivindicar que suas merendas fossem de melhor qualidade. Pela ferramenta, eles coletaram dados e fotos da merenda que serviram de base para um material entregue ao Ministério Público. Com a mobilização, passaram a participar do processo de compra dos alimentos e estabeleceram novos fóruns de diálogo com o poder público.

Esses três exemplos de projetos e processos que envolveram a internet e outras ferramentas digitais de maneira inovadora são pistas de como o uso das TDICs nas escolas pode ir além do incentivo a realizar pesquisas. Promover novas práticas pedagógicas e de gestão, além de tornar o estudante protagonista de seus processos de aprendizagem, é muito mais interessante para os educadores e estudantes.

Mais do que complementar a escola quando professores e alunos estão fora dela, integrar a tecnologia nas instituições de ensino é uma maneira de valorizar ainda mais o papel da escola e viabilizar que consiga dar conta de promover a educação integral e atender às expectativas de jovens. Por meio da internet, a escola pode ficar mais atualizada, divertida, criativa, dinâmica e democrática. O professor consegue se empoderar para promover uma aprendizagem mais relevante. E o aluno tem a oportunidade de se sentir acolhido, engajado e preparado para aprender e construir uma vida significativa para si e para o país.

Por fim, conectar escolas brasileiras e promover um uso qualificado da internet é também uma necessidade para garantir equidade a jovens brasileiros. Embora os participantes desta edição do estudo Juventudes e Conexões tenham a percepção de que estão sempre online, a qualidade e o tipo de acesso que realizam ainda é muito desigual no país. Não é justo com os indivíduos, nem construtivo para a sociedade, que nem todos tenham acesso aos benefícios que a tecnologia pode trazer para seus aprendizados. E é a escola que pode e deve impedir que a desigualdade de oportunidades seja ampliada ainda mais.



8



Empreendedorismo

Dados da pesquisa

Apresentamos os resultados quantitativos e qualitativos do Juventudes e Conexões focados no eixo temático do empreendedorismo.

Como tema que vem ganhando amplitude nos últimos anos, são muitas as frentes a serem exploradas e muitos estudos desenvolvidos para aprofundar o entendimento do campo.

Os dados a seguir registram a percepção dos próprios jovens sobre os impactos das tecnologias digitais nos sentidos atribuídos ao universo do trabalho, no entendimento do que é empreendedorismo hoje e das possibilidades de empreender em um Brasil cada vez mais conectado.

Empreendedorismo

Na etapa de construção coletiva, **especialistas** e **jovens consultores** mapearam algumas inquietações, curiosidades e temas relevantes para o momento atual do empreendedorismo no Brasil, levando em consideração o que já havia sido abordado nas edições anteriores e na publicação temática *Juventude Conectada – edição especial Empreendedorismo* (2018).

O cruzamento dos interesses e reflexões de todos os públicos envolvidos na cocriação do estudo gerou um quadro síntese, norteador da pesquisa.

Mapeamento inicial de temas – Empreendedorismo



☆ Tratado na edição 2013-2014
☆ Tratado na edição 2015-2016
☆ Tratado nas edições 2013-2014 e 2015-2016
✓ Abordado na edição 2018-2019

Para determinar as abordagens centrais que norteariam esta edição do estudo, **jovens consultores** debateram sobre cada um dos pontos e indicaram aqueles que consideravam mais oportunos a serem explorados.

Manifestaram uma intensa vontade de entender o quanto é comum a necessidade de integrar as aspirações profissionais com projetos pessoais. Na percepção deles, há uma tendência em se falar menos em acúmulo de dinheiro e mais em autorrealização, em gastar tempo de vida com algo pelo qual se tem prazer.

“Ter dinheiro, mas trabalhar 8 horas do dia com o que não se gosta???”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Para eles, existe uma necessidade de se ter uma atitude empreendedora perante a vida, um papel ativo na tomada de decisões sobre sua própria trajetória. Referem-se à atitude empreendedora como um valor que vem ganhando cada vez mais espaço nas falas de quem está envolvido no tema do empreendedorismo.

Essa forma de se relacionar com a vida e com a sociedade, segundo **jovens consultores**, demanda o desenvolvimento de certas habilidades e competências que, para eles, poderiam ser fomentadas por diferentes pessoas e em diferentes ambientes, inclusive, o escolar.

Para mais informações sobre o que jovens consideram ser “atitude empreendedora”, conheça o *Juventude Conectada – edição especial Empreendedorismo* (2018) fundacaotelefonica.org.br/projetos/juventude-conectada

“Você não tem na escola disciplinas comportamentais, é só técnico, e depois você se ferra para aprender habilidades humanas.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Essas e outras reflexões e provocações trazidas por **jovens consultores**, somadas a aprendizados de levantamentos anteriores, foram transformadas em perguntas que compuseram esta edição do estudo e cujos resultados podem ser conferidos a seguir.



Perfil empreendedor

Entre a primeira edição do estudo (2013-2014) e a segunda (2015-2016), percebemos que jovens passaram a responder à pesquisa com menos dúvidas quanto ao tema do empreendedorismo. A hipótese levantada era que o assunto estava ganhando espaço, sendo mais discutido e levado para ambientes em que jovens circulam, gerando um maior amadurecimento sobre o assunto.

Alguns anos depois, muito tem sido debatido e ainda não se construiu um consenso sobre o que é empreender, qual é o melhor momento para isso e por onde começar. Notamos, nesta edição, que a compreensão de jovens sobre o conceito vem se alargando: mesmo que continuem associando o empreender a um negócio, nos grupos de discussão ouvimos algumas definições que iam além dos processos mais estruturados.

Definições espontâneas de empreendedorismo:

- ✓ Ter o próprio negócio.
- ✓ Ter um empreendimento mais estruturado.
- ✓ Ter qualquer iniciativa ainda que menos estruturada (bolos, artesanato, brigadeiro etc.).
- ✓ Ter uma grande ideia.
- ✓ Apresentar soluções.
- ✓ Ajudar outras pessoas ou atuar com viés social.

Nos grupos de discussão, jovens revelaram sentir que o tema do empreendedorismo está mais próximo e conhecido entre eles, mas que o conceito difundido ainda é estereotipado e focado na concretização de um negócio próprio ou abertura de empresas.

“Tenho alguns amigos que já empreendem, mas são só alguns. Não são muitos, acho que é algo difícil e de grande porte empreender. Alguns conseguem, mas a grande maioria ou nem tenta ou não consegue.”

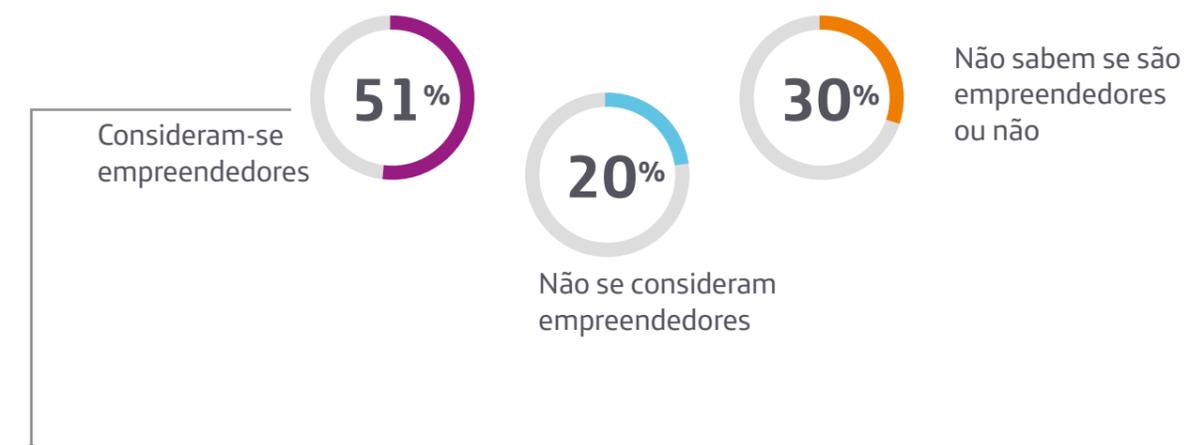
Jovem em grupo de discussão, entre 15 e 19 anos, classes AB

Para alguns, essa visão é limitada e exclui uma parcela importante de pessoas com atitudes e iniciativas empreendedoras. Independentemente de qual conceito cada um adota, procuramos entender em que medida jovens, imersos ou não nesse universo, percebem-se como empreendedores.

“[Empreender] não é fazer o que quero sempre, é poder escolher, mesmo fazendo o que não quero, mas sei que faz sentido para mim. O jovem de hoje tem senso de não pertencimento em geral, então empreende por necessidade e pela questão de se empoderar.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Autopercepção como empreendedores



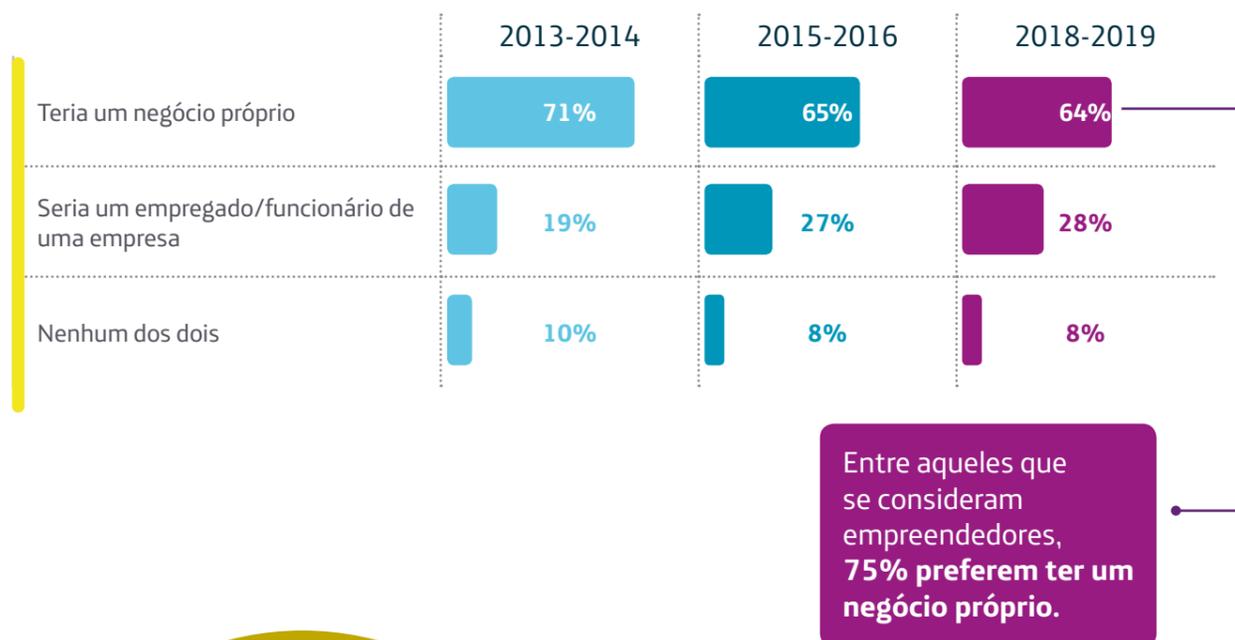
No *Juventude Conectada – edição especial Empreendedorismo* (2018), feito com amostra nacional de 400 jovens internautas de classes ABC, 56% se consideravam empreendedores.

Ainda que haja mais circulação de informações sobre empreendedorismo entre jovens, destacamos que 30% não sabem se são empreendedores ou não. Alguns jovens dos grupos de discussão, inclusive, contaram que têm pequenos negócios, mas não se consideram empreendedores, pois entendem que são atividades pequenas, temporárias ou só para ganhar um “dinheiro extra”.

“A periferia já empreende diariamente, principalmente por não ter acesso a empregos formais. Os jovens não reconhecem que fazer os corres se chama empreendedorismo.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Se pudesse escolher, o que faria em relação ao futuro profissional



No comparativo entre as edições, notamos que a preferência dos entrevistados em relação ao seu futuro profissional mudou: caiu a quantidade daqueles que querem ter um negócio próprio e subiu o número daqueles que querem ser empregados de uma empresa.

Para entendermos melhor as preferências desses jovens em relação ao trabalho e ao empreendedorismo, perguntamos a eles qual a probabilidade de abrirem um negócio próprio nos próximos cinco e dez anos. Observamos que há entre eles uma vontade de empreender, mas não agora.

Probabilidade de abrir um negócio nos próximos anos

		2013-2014	2015-2016	2018-2019
Próximos 5 anos	Muito provável	15%	21%	21%
	Provável	28%	28%	29%
	Pouco provável	30%	27%	27%
	Nada provável	14%	12%	13%
	Não sei	13%	12%	11%
Próximos 10 anos	Muito provável	31%	30%	33%
	Provável	34%	34%	34%
	Pouco provável	19%	17%	15%
	Nada provável	7%	8%	8%
	Não sei	11%	11%	10%

De modo geral, jovens parecem cautelosos com relação a abrir um negócio.

“Eu acho que eu tenho que aprender muita coisa ainda antes de pensar em empreender e ter esse tipo de responsabilidade, não que seja algo que eu nunca vou querer, mas acho que agora não.”

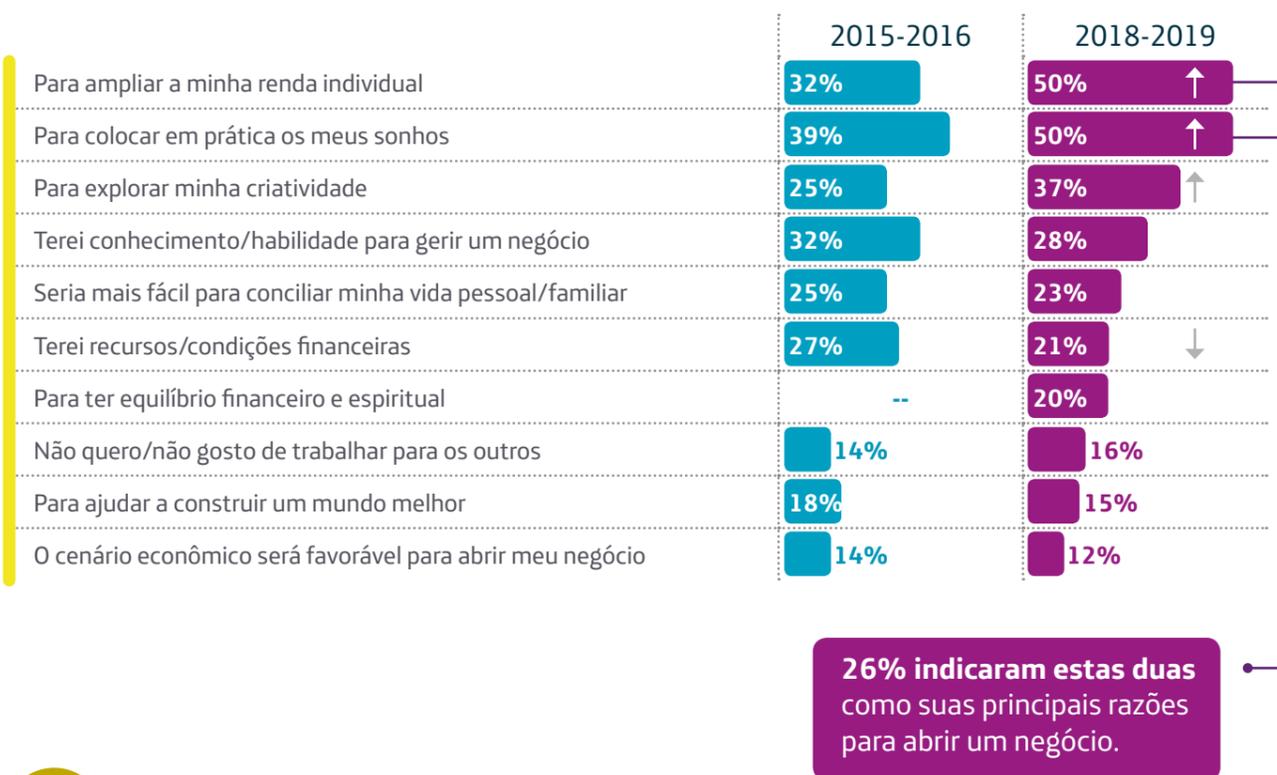
Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes AB

Desde 2013-2014, a maior parte dos que têm vontade de ter um empreendimento projeta essa possibilidade para um longo prazo (dez anos). **Jovens consultores** acreditam que, com um período maior de vida, é possível ter mais maturidade e mais experiência para manter uma iniciativa, embora reconheçam que existem riscos de empreender a qualquer tempo. É interessante notar que a proporção dos que consideram muito provável ou provável abrir um negócio em dez anos se manteve estável entre as edições do estudo, permanecendo na faixa dos 64% a 67%. Assim, mesmo em um contexto socioeconômico instável no país, as projeções de jovens não se abalaram.

Ao mesmo tempo, vemos que a proporção daqueles que consideravam provável ou muito provável abrir um negócio em um horizonte de médio prazo (cinco anos) aumentou entre 2013-2014 (43%) e 2015-2016 (49%), mas se manteve estável em 2018-2019 (50%).

Mas o que os leva a tomar essa decisão de médio prazo? Buscamos então conhecer as motivações que levam jovens a quererem abrir um negócio.

Razões para abrir um negócio



Esta pergunta foi aplicada aos 50% que dizem ser "muito provável" ou "provável" que empreendam nos próximos cinco anos e os respondentes podiam optar por até duas alternativas.

Vemos que as razões são bem variadas, indo desde vontade de explorar novas oportunidades até realizar sonhos e projetos pessoais, ao mesmo tempo em que caem as questões ligadas a recursos financeiros ou a conhecimento para gerir o negócio.

Nesta edição, observamos que menos jovens trazem como principais motivos questões ligadas a recursos financeiros ou ter conhecimento para gerir o negócio.

Quando 26% de jovens indicam que as duas principais razões para abrir um negócio são, ao mesmo tempo, "ampliar a renda individual" e "colocar em prática seus sonhos", percebemos que alguns deles veem uma chance de aliar lucro e propósito de vida no ato de abrir um negócio.

"A grana é primordial, mas o sonho é a mola propulsora. Se não tenho grana, sonho. Tenho grana, realizo."

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

"As pessoas estão conhecendo mais seus próprios propósitos."

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

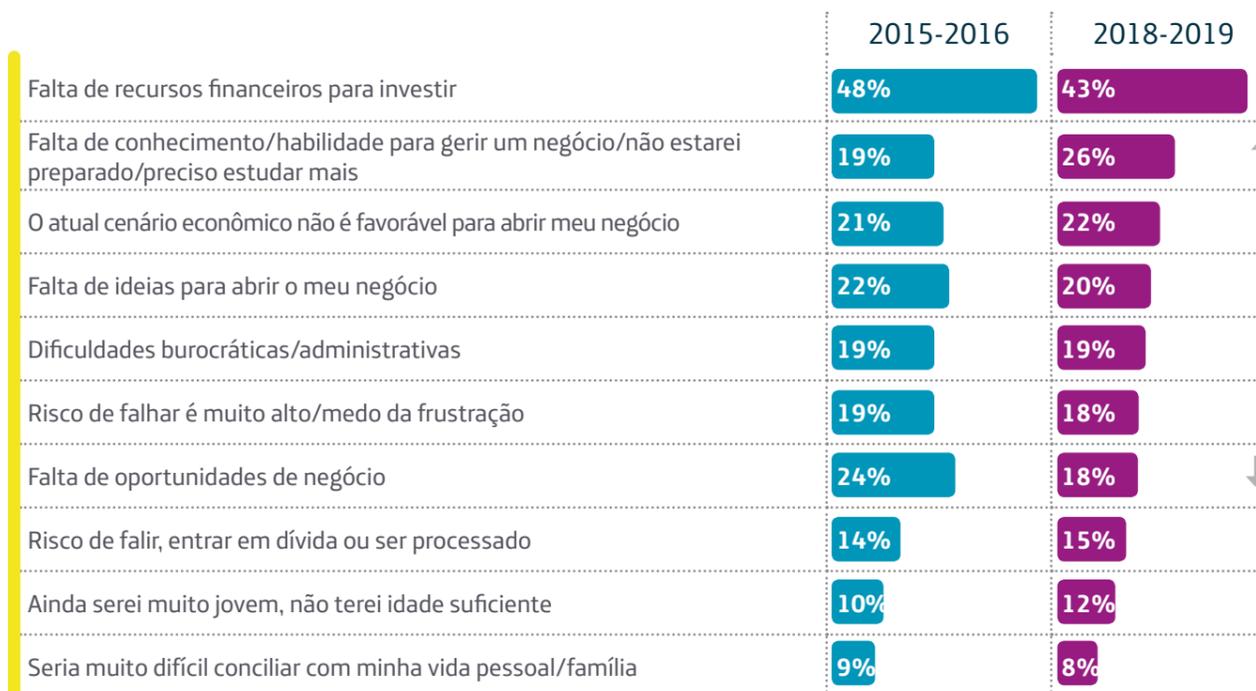
Nos grupos de discussão, foi destacado que, por meio do negócio, é possível encontrar uma maneira de gerar renda não só para si, mas para outras pessoas também, como familiares, amigos ou mesmo desconhecidos.

Além dessa vontade de conciliar o universo do trabalho às necessidades pessoais, vemos um crescimento de 12% entre jovens que se motivariam a abrir o próprio negócio para explorar a sua criatividade.

Além dessas razões, nos grupos de discussão, jovens ressaltam que abrir um negócio poderia proporcionar mais qualidade de vida, por não se ter um chefe, ter horários flexíveis e poder propor modelos e objetivos estabelecidos por eles próprios.

De modo geral, parece-nos que a forma de trabalho demonstra ser mais interessante do que a ideia de ter um negócio próprio.

Razões para não abrir um negócio



Esta pergunta foi aplicada aos 40% que dizem ser "pouco provável" ou "nada provável" que empreendam nos próximos cinco anos e os respondentes podiam optar por até duas alternativas.

Para jovens participantes da pesquisa, as principais razões para não empreender foram o sentimento de insegurança ligado à falta de conhecimento para iniciar alguma atividade e questões de ordem financeira – por não terem o capital inicial ou mesmo pelo medo de perder dinheiro.

“Muitas pessoas têm vontade de se tornar um empreendedor, porém existe a condição financeira que poucos têm.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

“O medo do fracasso financeiro é muito alto.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção



Chamou a atenção a queda da quantidade de jovens que acreditam que a falta de oportunidades é uma das principais razões para não abrir um negócio. Isso pode sinalizar uma percepção de que há uma tendência de estímulo crescente ao empreendedorismo.

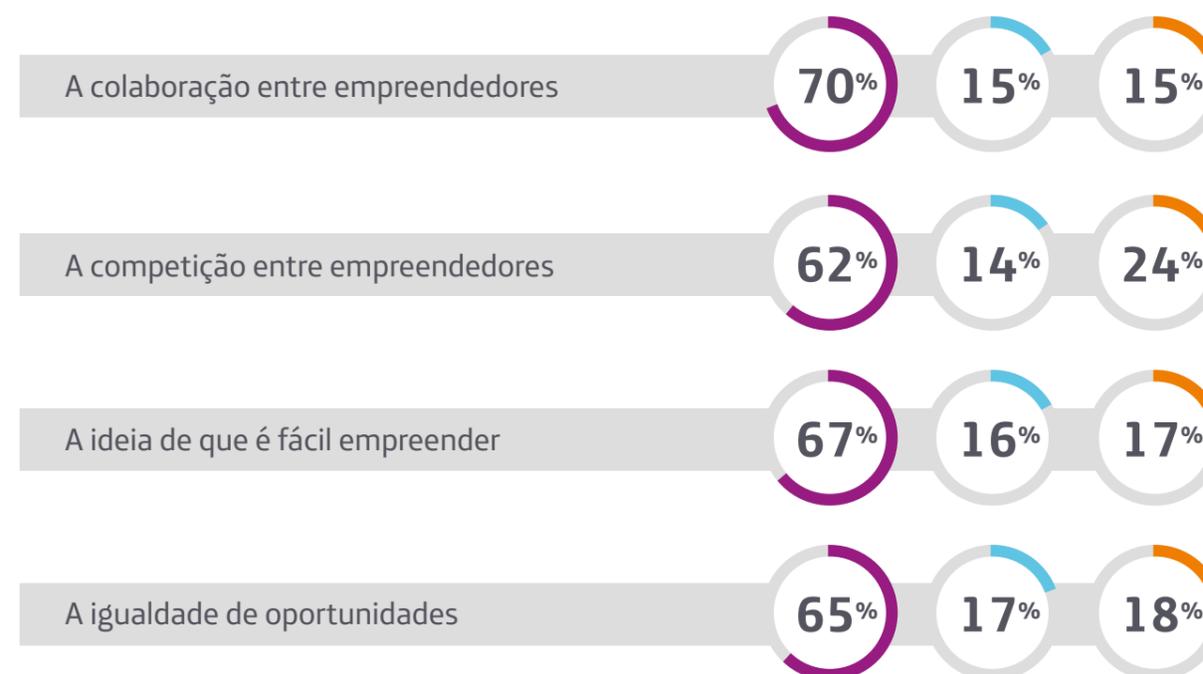
Por outro lado, cresceu o número de jovens que sentem cada vez mais a necessidade de ampliar conhecimentos antes de empreender (de 19% para 26%). Vemos essa importância, inclusive, quando a burocracia passa a ser um fator para não abrir um negócio, também mencionada nos grupos de discussão.

Influências das tecnologias digitais para empreender

Procuramos entender se, na visão de jovens, a internet e seus recursos impactam de alguma forma o universo do empreendedorismo. Para isso, pedimos que eles avaliassem se as relações, oportunidades e possibilidades sofreram influências positivas ou negativas.

Avaliação da influência da internet para empreender

● Positiva (melhora) ● Não influenciou ● Negativa (piora)



Há uma percepção comum de que a internet influencia positivamente o universo do empreendedorismo nas diferentes dimensões testadas. No entanto, **especialistas** ponderam que, apesar de a internet melhorar a colaboração e a competição entre os empreendedores, ela, não necessariamente, contribui para a igualdade de oportunidades entre eles.

Entre todas as dimensões avaliadas, aquela que mais jovens consideram ter sofrido influência negativa a partir da internet foi a competição entre empreendedores. Contudo, não houve um consenso entre **jovens consultores** sobre os motivos dessa visão.

Tecnologias digitais em práticas e relações para empreender

● 0 a 6 discordam (%)
 ● 7 e 8 concordam em parte (%)
 ● 9 e 10 concordam totalmente (%)
 ● Não sabe (%)
 ● Média



Gráfico apresenta as porcentagens relativas às notas de 0 a 10 dadas pelos entrevistados a cada pergunta, onde 0 significava discordar totalmente e 10, concordar totalmente. Considera-se um alto nível de concordância quando são atribuídos pontos 10 e 9; e baixo nível de concordância quando de 6 a 0. Para representar de forma sintética a percepção geral, são apresentadas as pontuações médias do conjunto de respondentes (calculadas por média simples).

Em um contexto de transformações nos padrões de trabalhos e poucas pistas do que virá pela frente, mais da metade dos entrevistados concordam que as mudanças no mercado e as profissões do futuro os preocupam.

Não à toa, a maioria coloca a escola como espaço desejado para se falar e receber orientações sobre empreendedorismo.

Ao mesmo tempo em que as instituições de ensino são reconhecidas como importantes referências para empreender, boa parte dos jovens veem a internet como o lugar que estimula a inovação e as oportunidades, onde quem está conectado tem mais chance de ter sucesso com seu negócio. Contudo, jovens não demonstram segurança para desenvolver seu próprio modelo de empreendimento, assim como também, de uma maneira geral, sentem-se pouco incentivados a empreender – ainda que no gráfico das razões para não empreender a “falta de oportunidades de negócio” tenha diminuído sua prioridade.

A maior parte dos jovens concordam que é importante que o trabalho esteja alinhado aos seus propósitos de vida, reforçando as escolhas das principais razões para abrir um negócio (50% para ampliar a renda individual e 50% para colocar em prática seus sonhos). Algumas reflexões de **jovens consultores** demonstram um pouco mais dessa ânsia:

“Sucesso é poder escolher e ter liberdade para fazer o que gosta.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

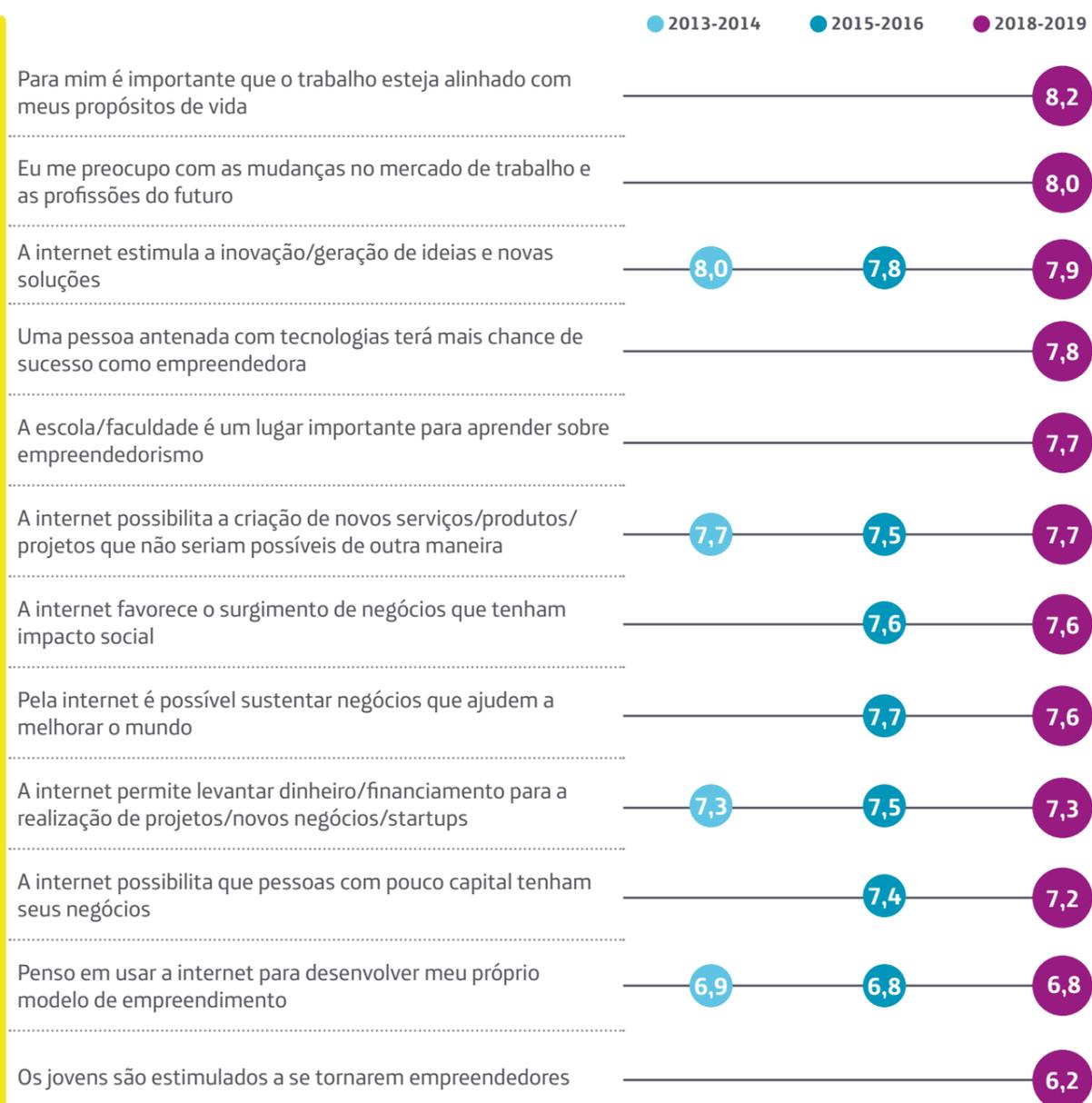
“Embora eu não tenha sido provocada e estimulada a empreender, cresci ouvindo que trabalho é uma coisa e felicidade é outra. E eu falei ‘não quero, quero ter propósito no que faço’.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

“Não me importo de trabalhar para alguém, se for em organização com coisas que gosto, não me importaria em receber ordens.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Tecnologias digitais em práticas e relações para empreender – série histórica



Entrevistados responderam às perguntas utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significava discordar totalmente e 10, concordar totalmente. Nessa edição, novas frases foram incluídas na questão que não estavam presentes nas edições anteriores do estudo.

Ao longo das três edições do estudo, vemos que a internet se mantém, na avaliação de jovens, como espaço relevante para estimular inovação e geração de soluções. Contudo, a internet continua pouco popular como ambiente para juventudes desenvolverem seus próprios modelos de empreendimento. Assim, percebemos que a forma como tem sido vista por jovens está consolidada, sem variações significativas na série histórica do estudo.

Tecnologias digitais em práticas e relações para empreender – relação sexo e idade



Fem. = Feminino | Masc. = Masculino



Apresentamos alguns comparativos entre médias para identificar variações de percepção entre jovens de diferentes perfis: sexo masculino e feminino; faixas de idade diferentes; escolaridade e classes sociais. Consideramos que há percepções diferentes quando a média do menor para o maior é de pelo menos 0,4 ponto.

Jovens do sexo masculino e feminino tiveram respostas bastante parecidas sobre o uso das tecnologias digitais para empreender. Apesar desse equilíbrio, as mulheres sentem mais que a escola/faculdade é importante para aprender sobre empreendedorismo e que jovens são estimulados a empreender.

Já entre as diferentes faixas de idade, percebemos que jovens de 15 a 19 anos são os que menos concordam com as possibilidades que a internet pode proporcionar ao empreendedorismo, talvez porque, por seu momento de vida, o uso que fazem dela não esteja relacionado ao universo do trabalho.

Tecnologias digitais em práticas e relações para empreender – escolaridade e classe social

	Total	Escolaridade			Classe social			
		EF	EM	ES	A	B	C	DE
Para mim é importante que o trabalho esteja alinhado com meus propósitos de vida	8,2	7,7	8,2	8,3	7,8	8,5	8,2	7,8
Eu me preocupo com as mudanças no mercado de trabalho e as profissões do futuro	8,0	7,8	8,1	8,0	7,9	8,3	8,1	7,6
A internet estimula a inovação/geração de ideias e novas soluções	7,9	7,6	7,9	8,1	7,0	8,5	8,0	7,3
Uma pessoa atendida com tecnologias terá mais chance de sucesso como empreendedora	7,8	7,6	7,8	7,9	7,5	8,1	7,8	7,4
A escola/faculdade é um lugar importante para aprender sobre empreendedorismo	7,7	7,8	7,7	7,8	8,2	7,7	7,8	7,6
A internet possibilita a criação de novos serviços/produtos/projetos que não seriam possíveis de outra maneira	7,7	7,3	7,7	8,0	8,1	8,3	7,7	7,2
A internet favorece o surgimento de negócios que tenham impacto social	7,6	7,2	7,6	7,8	7,2	8,0	7,7	7,0
Pela internet é possível sustentar negócios que ajudem a melhorar o mundo	7,6	7,2	7,5	7,8	7,6	8,0	7,6	7,0
A internet permite levantar dinheiro/financiamento para a realização de projetos/novos negócios/startups	7,3	7,1	7,2	7,6	7,7	7,9	7,4	6,6
A internet possibilita que pessoas com pouco capital tenham seus negócios	7,2	6,9	7,2	7,3	6,9	7,5	7,2	6,8
Penso em usar a internet para desenvolver meu próprio modelo de empreendimento	6,8	6,6	6,8	6,9	6,1	7,1	6,8	6,5
Os jovens são estimulados a se tornarem empreendedores	6,2	6,7	6,1	6,2	5,5	6,2	6,3	6,3

EF = Ensino fundamental | EM = Ensino médio | ES = Ensino superior



Apresentamos alguns comparativos entre médias para identificar variações de percepção entre jovens de diferentes perfis de escolaridade e classe social. Em relação à escolaridade, os entrevistados foram divididos em ensino fundamental, médio e superior. As classes sociais foram divididas em A, B, C e DE.

Especialistas concordam com jovens respondentes que a internet ampliou o acesso a ferramentas que ajudam no desenvolvimento do negócio (comunicação, articulação, busca de clientes, análise estratégica, engajamento etc.), mas alertam que ela também pode reforçar alguns tipos de desigualdades, como as vantagens que jovens que dispõem de recursos (financeiro, humano, estrutural etc.) têm sobre aqueles que não os possuem. Como abordamos no capítulo 1, essas diferenças no acesso ainda fazem parte do contexto de país e influenciam a população jovem em seus usos.

Demonstração dessa diferença pode ser vista na tabela anterior, que mostra que jovens com ensino superior acreditam mais nos benefícios da internet para a área do empreendedorismo. Percebemos que quanto maior a escolaridade, mais jovens veem que novos negócios, serviços ou formas de trazer impacto social podem ser estimulados pelo ambiente digital.

Quando observamos as avaliações entre as classes sociais, vemos que a classe B é a que mais concorda que a internet estimula a inovação e o empreendedorismo, diferentemente das classes DE, que, em geral, avaliaram com notas mais baixas o potencial da internet para o empreendedorismo.



Peculiaridades regionais

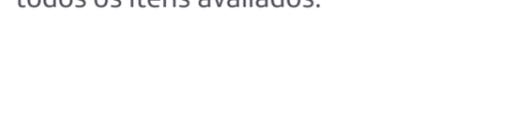
Região Norte

São os que menos pensam em usar a internet para desenvolver seu próprio modelo de empreendimento.



Regiões Nordeste e Sudeste

São os mais alinhados às médias nacionais em todos os itens avaliados.



Região Centro-Oeste

De modo geral, tendem a ser menos favoráveis ao uso de tecnologias digitais para empreender.

São os que menos acreditam que o trabalho deva estar alinhado aos seus propósitos de vida.



São os que menos se preocupam com as mudanças no mercado de trabalho e as profissões do futuro.



São os que menos concordam que uma pessoa atendida com tecnologias terá mais chance de sucesso como empreendedora.



Região Sul

São os que mais acreditam que a internet possibilita a criação de novos serviços/produtos/projetos que não seriam possíveis de outra maneira.



São os que menos acreditam que a internet permite levantar dinheiro/financiamento para a realização de projetos/novos negócios/startups.



Educação e empreendedorismo

“A gente é formado para obedecer e não empreender.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Ao longo da análise deste eixo, diversas vezes a educação apareceu como possível aliada ao empreendedorismo. **Jovens consultores** e participantes dos grupos de discussão alertam, contudo, que essa é uma relação pouco explorada e que falar de empreendedorismo na escola, na maioria dos casos, é um tema tabu, em especial na educação básica.

Qual o melhor momento para falar sobre empreendedorismo? Como abordar o tema? A partir de qual idade?

Para eles um momento oportuno para se aproximar do tema seria no ensino médio, quando estão começando a se inserir no mercado de trabalho e se preocupar com o futuro profissional. O empreendedorismo na escola proporcionaria:

- ✓ Motivação e confiança para empreender um dia.
- ✓ Coragem para se arriscar.
- ✓ Saber como iniciar o próprio negócio.
- ✓ Habilidade para lidar com as dificuldades.
- ✓ Conhecimento para investir melhor o dinheiro.

“A gente no ensino fundamental e médio não teve esse contato. Saímos da escola e fomos apresentados ao mercado de trabalho, mas sem esse negócio empreendedor, sem esse conhecimento, sem essa informação.”

Jovem em grupo de discussão, entre 15 e 21 anos, classes AB

Na prática, jovens dizem só ter acesso ao assunto quando têm aulas, em cursos técnicos e/ou em faculdades, a depender da área cursada.

Além disso, os grupos de discussão também enfatizaram que é importante que a própria família os estimule, acredite na ideia do negócio ou na carreira que escolheram.

“De repente a pessoa tem ideias muito interessantes, mas acaba não fazendo nada por falta de coragem. Óbvio que essa coragem é consequência de falta de renda, de falta de capacidade de informações e tudo mais, mas também falta ‘vou tentar, vou arriscar’.”

Hugo Kovac, projeto Abacaxi

Outras formas que facilitariam a aproximação deles com o empreendedorismo seria a criação de premiações mais abrangentes e frequentes e a difusão do tema nos canais de comunicação. **Especialistas**, contudo, alertam que o excesso de informações que estão circulando sobre o tema não é garantia de que seus conteúdos tenham qualidade e confiabilidade.

Principais aprendizados

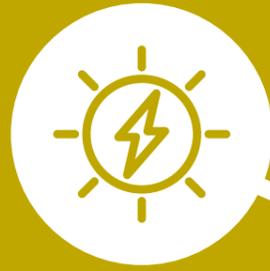


Como observamos durante a pesquisa, a maior parte de jovens tem percepção de que as tecnologias digitais são facilitadoras no processo de empreender. Tanto **jovens consultores** como **especialistas** qualificam essa visão e dizem que, além das diferentes perspectivas sobre os usos e acessos produzidos pelos diferentes contextos, como idade, escolaridade, gênero, classe e região de moradia, há uma oportunidade na formação deles a partir de uma abordagem transversal entre educação e empreendedorismo. Na escola, além do conteúdo comum, poderiam ser exploradas competências e habilidades que o mercado de trabalho já vem demandando dessa geração.

Essas competências estão diretamente relacionadas ao que jovens têm trazido como necessidade de alargamento do conceito de empreendedorismo, que se conecta com a ideia de atitude empreendedora. Mais do que isso, apontam para a tendência de alinhamento entre lucro e sonho, trabalho e projeto de vida.

50% afirmaram que as **principais razões para empreender é aumentar a renda individual** e colocar em práticas os seus sonhos.

Para esses jovens, a ideia de empreender é atrativa, pois permite olhar de forma diferente para o mundo do trabalho. Se, por um lado, jovens acham que a internet ajudou a difundir a ideia de que é fácil empreender, por outro, sentem-se mais confiantes para iniciar um negócio a longo prazo (dez anos). Ao mesmo tempo, defendem que é preciso tornar o conceito de empreendedorismo ainda mais amplo e inclusivo, para que mesmo os pequenos empreendedores se considerem como tais e possam integrar redes de negócios, pessoas, oportunidades etc. e buscar meios de se qualificar e estruturar seus projetos.



9

Empreendedorismo

O empreendedorismo ao alcance de jovens



Lílian da Silva Botelho

Desenvolvo soluções educacionais e atuo na formação de professores para conectar o jovem com empreendedorismo, com metodologias ativas e aderentes à nova realidade com o futuro do trabalho. Acredito que a educação empreendedora pode contribuir com a transformação da vida de jovens, tornando-os protagonistas da própria história. Sou uma curiosa nata, apaixonada por livros e revistas, admiro a fotografia e coleciono caderninhos para registrar as ideias do dia a dia.

O empreendedorismo ao alcance de jovens

Será que jovens estão conectados com o tema do empreendedorismo? Como esta sociedade complexa, multifacetada, plural, que vive transformações intensas, disruptivas, principalmente em decorrência da tecnologia digital e da internet, impacta a relação do jovem com o mundo do trabalho e suas escolhas para o futuro?

Empreendedorismo, uma concepção para contribuir com o mundo

Se pararmos para pensar, empreendedorismo não é um assunto novo. Um estudo bibliográfico realizado pelo Sebrae e Fundação Dom Cabral (2016) relata que a primeira tentativa de descrever o empreendedorismo e o empreendedor ocorre em 1755 pelo economista francês Richard Cantillon. Nessa época o empreendedorismo ganhou importância econômica e o empreendedor passou a ser associado ao desenvolvimento da economia de um país.

Múltiplas abordagens e conceituações sobre “empreendedorismo”, “empreendedor” e até “empreender” compõem o campo de conhecimento sobre o tema. Ao longo do tempo, estudiosos traçaram linhas conceituais que tinham como foco ora o indivíduo empreendedor e suas características, ora as conjunturas e contextos para se empreender.

Para Schumpeter (1912), por exemplo, o empreendedor é o agente gerador de mudanças na economia e, por meio da “destruição criativa” e da inovação, é responsável pelo desenvolvimento do sistema econômico. Por outro lado, Kirzner (1997) alega que o empreendedor, ao descobrir as falhas do mercado e conseguir mobilizar recursos para transformá-las em oportunidades, acaba gerando o equilíbrio do próprio mercado. Já Shane e Venkataraman (2000) atualizam essa percepção e enfatizam a relevância da junção das características da oportunidade (contexto, por exemplo) e da natureza do indivíduo empreendedor, ou seja, é a conexão entre a existência de oportunidades lucrativas e a existência de indivíduos empreendedores. Nesse sentido mostra a importância de compreender o contexto existente para a formação de um ambiente propício ao empreendedorismo.

Apesar de ser um tema pouco explorado na sociedade em geral, vimos que para jovens da pesquisa ele é atrativo e desperta interesse (51% diz que se considera empreendedor). Conforme observamos, jovens conseguem discutir e emitir opinião a respeito, ainda que com pouca propriedade.

Entre a edição anterior e esta do Juventudes e Conexões, a Fundação Telefônica Vivo (em parceria com a Rede Conhecimento Social e o IBOPE Inteligência) desenvolveu uma edição especial do estudo que tratou exclusivamente do tema Empreendedorismo (2018). Nele perguntou-se a jovens sobre o que entendiam por “empreender” e “empreendedor”. Para

Veja os dados completos dessa edição em: fundacaotelefonica.org.br/projetos/juventude-conectada/

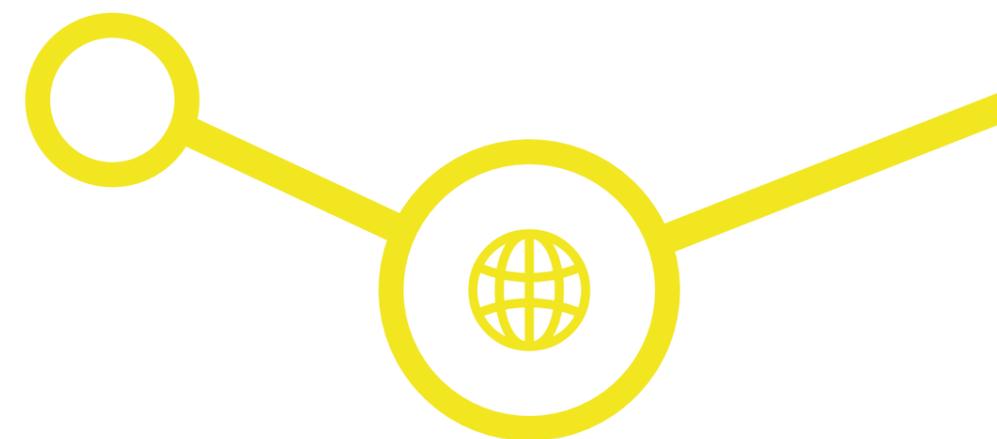
61% deles, empreender era ter um propósito, para 55% era conseguir colocar em prática seus sonhos e 54% diziam que era liderar ideias criativas. Já o empreendedor é “aquela pessoa que busca oportunidades e/ou saídas para alguma situação e trabalha para que ela possa acontecer. É alguém que pensa, que tem voz e que busca meios para concretizar suas ideias” (p. 27).

A autora Saras Sarasvathy (2001) traz uma perspectiva que conversa com o que jovens percebem sobre o tema. Ela entende o empreendedor como:

“um ator imaginativo que aproveita oportunidades contingentes, e explora todos e quaisquer meios à sua disposição para atender a uma pluralidade de aspirações atuais e futuras, muitas das quais são moldadas e criadas através do próprio processo de tomada de decisões econômicas e não são dadas a priori”.

Ou seja, propõe que a figura da pessoa empreendedora seja aquela que faça e aconteça com o que tem em mãos e em alinhamento com o seu propósito. Esse conjunto de características (qualidades e aptidões) é comumente conhecido por “atitude empreendedora”¹.

Nesse contexto, uma das colocações trazidas por jovens nas diferentes etapas do estudo é a importância de compreender o empreendedorismo de forma ampla, relevante não só para o desenvolvimento de negócios, mas também para o plano de vida e carreira dos jovens. Empreendedorismo é para a vida!



¹No “Juventude Conectada – edição especial Empreendedorismo” (2018) é possível conferir a relação dessas características e motivações que constituem a atitude empreendedora.

Jovens e sua trajetória empreendedora

Nas três edições do estudo, foi perguntado a jovens “se pudessem escolher entre ter um negócio próprio e ser um empregado/funcionário de uma empresa, o que preferem?”. Para além da escolha entre uma ou outra resposta, observa-se que a mentalidade empreendedora está presente entre eles e há espaço para explorar o tema, pois 51% se consideram empreendedores, enquanto 20% não. O “não sabe” é bastante representativo (30%), mostrando o quanto é importante proporcionar conhecimento sobre o que é empreendedorismo e levar aos jovens a oportunidade de desenvolverem comportamento e atitude empreendedora.

No contexto brasileiro, tem-se mostrado crescente o número de iniciativas de jovens empreendedores. Um levantamento realizado pelo Sebrae em 2018 com público de 18 a 34 anos apontou que a ideia de se tornar um empreendedor já está presente desde cedo: um em cada três empresários tem o pensamento de empreender antes de completar 18 anos.

Corroborando com essa tendência, no *Juventude Conectada – edição especial Empreendedorismo* (2018) mapeou-se a “trajetória de empreendedores jovens” e se percebeu que é comum, no início desse caminho, na infância ou adolescência, o jovem ter tido algum tipo de experiência com vendas (organizadas por ele próprio) e mais tarde, na juventude, ter tido o contato com empreendedorismo na faculdade ou em projetos sociais.

Naquele estudo também foi percebido que “o período imediatamente após a faculdade pode ser uma oportunidade para empreender, colocando em prática os aprendizados e gerando renda a curto prazo, sem depender das vagas do mercado de trabalho. Jovens entre 20 e 24 anos são os que mais consideram que uma das razões para empreender é a realização de sonho(s) ou projeto de vida” (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO, 2018).

A realização pessoal tem sido colocada como a maior motivação para abertura de novos negócios, uma tendência vinculada ao propósito, que muitas vezes não é percebido de forma imediata, mas, quando colocado como objetivo criar o próprio emprego, gerar novas vagas, inovar, movimentar a economia conseguindo impactar socialmente, esse empreendimento ganha sentido para a vida.

Veja os dados completos no gráfico Se pudesse escolher, o que faria em relação ao futuro profissional, capítulo 8, página 126.

O futuro do trabalho ou futuro das habilidades?

O futuro é hoje e já começou! Quarenta e cinco por cento dos jovens entrevistados no *Juventudes e Conexões* dizem preocupar-se muito com as mudanças no mercado de trabalho e as profissões do futuro. Além da crescente e contínua automatização de diversas funções hoje ocupadas por seres humanos, surgirão profissões que ainda não existem, novos empregos e novos formatos de trabalho que devem exigir características (ainda) estritamente humanas, as chamadas *soft skills* – competências associadas à personalidade e ao comportamento de um indivíduo, também conhecidas como habilidades mentais, emocionais e sociais que surgem a partir das experiências individuais e não são adquiridas com formação técnica.

Como exemplo da influência das *soft skills* nos processos educacionais, podemos destacar a elaboração da Base Nacional Comum Curricular brasileira (BNCC), que, além de organizar os conteúdos que devem ser abordados no ensino infantil, fundamental e médio, também orienta as dez competências que deverão ser inseridas no processo de ensino-aprendizagem – em sintonia com o desenvolvimento de habilidades para atitude empreendedora.

Anna Penido (Instituto Inspirare e Movimento Pela Base), uma das principais referências para discutir a BNCC, destaca dez dessas competências socioemocionais para os dias de hoje²: conhecimento (contínuo e colaborativo); pensamento científico, crítico e criativo; ampliação do repertório cultural; saber se comunicar; interagir e produzir conhecimento via cultura digital; trabalho alinhado ao projeto de vida e de sociedade; aprendizado de argumentações e defesa de pontos de vista; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade; e cidadania.

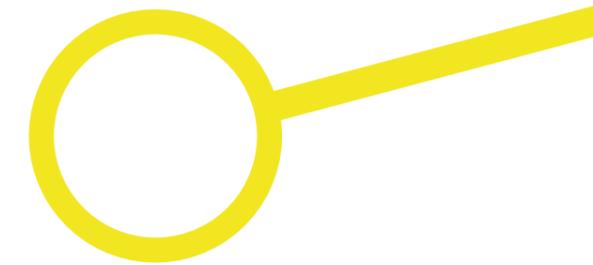
Numa perspectiva bastante alinhada a essa, jovens dos grupos de discussão do *Juventudes e Conexões* dizem que as competências mais importantes que devem desenvolver para empreender são:

- ✓ Coragem e confiança.
- ✓ Capacidade de resolver problemas.
- ✓ Criatividade.
- ✓ Conhecimento na área.
- ✓ Ter compromisso.
- ✓ Perseverar e ter força de vontade.
- ✓ Socializar-se.
- ✓ Ter interesse pelo empreendedorismo.



Veja os dados completos no gráfico Tecnologias digitais em práticas e relações para empreender, capítulo 8, página 132.

²Matéria publicada pela revista Nova Escola e Fundação Lemann (2019).



Percebe-se que jovens conseguem descrever as habilidades que estão diretamente conectadas com a prática do empreendedorismo, mesmo que a maioria não saiba desenvolver o assunto. É preciso avançar e inserir o tema no âmbito educacional, incluir nos currículos escolares, nos ensinamentos médio e superior, e promover conhecimento que consiga refletir no desenvolvimento econômico de uma região, cidade e até mesmo de um país.

A estratégia de oportunizar a formação de educadores e jovens para aquisição de tais conhecimentos tanto na linha comportamental, atitudinal quanto cognitiva leva ao desenvolvimento de atitudes para o protagonismo do sujeito perante a vida e para empreender (criando os próprios negócios).

Portanto, essa educação pode voltar-se para objetivos individuais como, por exemplo, sonhos, metas e realização pessoal, como também desenvolver objetivos com visão coletiva.

“A educação empreendedora é aquela que ajuda o estudante a se autoconhecer, enxergar e avaliar determinada situação, assumindo uma posição proativa frente a ela, capacitando-o a elaborar e planejar formas e estratégias de interagir com aquilo que ele passou a perceber” (Gutierrez & Pereira, 2015, 15).

A internet para aprender e empreender

“Caminho sem volta” é um termo óbvio para o impacto e influência que a evolução e o acesso à internet têm gerado nas relações sociais, alterando a forma como nós consumimos, nós nos relacionamos, aprendemos e desenvolvemos negócios.

De acordo com a PricewaterhouseCoopers – PwC (2016), estima-se que 72% da população mundial estará em um nível avançado de “digitização”³ até 2020. Portanto as empresas precisam adaptar-se rapidamente às mudanças que a transformação digital impõe, incluindo a inovação em novos modelos de negócios que sejam capazes de sobreviver à nova era da economia sem perder a essência, mantendo o propósito.

E, nesse cenário de transformações, incluem-se nossos jovens conectados, dos quais, de acordo com o Juventudes e Conexões, 98% utilizam a internet para atividades relacionadas à capacitação e ao trabalho, como busca de dicas sobre como fazer coisas diversas (ao estilo “faça você mesmo”), pesquisa de informação e acesso a conteúdos educativos e de capacitação profissional.

A disponibilização de conexão em qualquer lugar e para todos facilita a ampliação do acesso a conteúdo, capacitações, redes de contato e de negócios. O que contribui significativamente para o desenvolvimento de modelos de negócios inovadores, devido à facilidade das tecnologias digitais.

Veja os dados completos no gráfico Capacitação e trabalho, capítulo 4, página 61.

Veja os dados completos no gráfico Tecnologias digitais em práticas e relações para empreender, capítulo 8, página 132.

Jovens apontaram em diferentes momentos da pesquisa a importância da internet e das tecnologias digitais para empreender hoje em dia. Para a maior parte deles, um dos maiores impactos percebidos é a possibilidade de constituir redes colaborativas e de conhecimento. Uma troca fundamental para negócios que já nascem digitais, pois necessitam de colaboração e escalabilidade para prosperarem.

Dizem também que a internet estimula a inovação ou geração de ideias e novas soluções (73%), que uma pessoa atendida com tecnologias terá mais chance de sucesso como empreendedora (71%) e que possibilita a criação de novos serviços/produtos/projetos que não seriam possíveis de outra maneira (70%).

E, nessa relação entre tecnologias digitais e empreendedorismo, surgem os empreendimentos de negócios digitais, ou seja, o processo de desenvolver um negócio que funcione de forma digital, principalmente na internet, e que tenha a maior parte de seus processos realizados nesse espaço. De forma geral, o empreendedor pode começar um negócio com pouco investimento financeiro e pode ter um retorno mais rápido se fizer uma gestão adequada.

Veja os dados completos no gráfico Atividades de busca de informações e serviços online, capítulo 4, página 60.

Esse tipo de negócio está bastante alinhado a habilidades muito comuns entre os jovens de hoje – considerados nativos digitais e em constantes conexões. De acordo com a pesquisa, há um crescimento em todas as atividades relacionadas ao comércio eletrônico: de 83% na primeira edição (2013-2014) vai para 88% hoje. Os negócios que têm aderência são principalmente o *e-commerce*, vendas pelo Facebook, venda de cursos, canal no YouTube, serviço online, infoprodutos (produção de conteúdo), desenvolvimento de aplicativos, entre outros⁴.

Veja os dados completos no gráfico Avaliação da influência da internet para empreender, capítulo 8, página 131.

Outro impacto gerado pela internet e destacado por jovens foi a melhora da percepção que eles têm sobre empreender – 67% percebem que é mais fácil empreender. Contudo, vale atentar que, assim como as oportunidades são muitas, os desafios também ocorrem na mesma proporção para exercer autonomia, escolher entre manter uma carreira ou trabalhar por conta própria, ter planejamento financeiro, conhecimento de mercado, validar a ideia e construir autoridade sobre o empreendimento que exerce. Estes são alguns exemplos, mas que podem ser superados à medida que haja investimento e inserção do ensino sobre empreendedorismo nas escolas. O conhecimento nessa era digital é ferramenta mais poderosa para que se desenvolvam cada vez novas opções de carreira e de negócios.

O empreendedorismo encontra na internet a possibilidade de, em larga escala, promover o conhecimento, seja de forma individualizada atendendo à necessidade de cada jovem, ou de forma colaborativa. Neste caso, o desafio é encontrar conhecimento com credibilidade e que esteja cada vez mais alinhado

³“Digitização” é o termo utilizado pela PwC para representar a transformação das empresas por meio das ferramentas digitais.

⁴Entre as atividades de comércio eletrônico, a categoria “vendas de produtos e serviços” atingiu 51% já na primeira vez que foi investigada (2018/2019).

à velocidade das mudanças, de novos ambientes de negócios e novas profissões. Uma fonte online inesgotável de conhecimento, mas que ainda não supera a necessidade do jovem em criar sinapses por meio das interações offline.

Ao longo da pesquisa, a internet aparece como coadjuvante no processo de aprendizado junto com a escola. Jovens que se interessam em empreender dizem buscar conteúdos principalmente nos sites e plataformas que tratam do tema (33%), seguido pelas redes sociais (25%), vídeos e canais online (20%) e ferramentas virtuais de inteligência artificial (16%).

Com essa percepção de que a escola tem um papel importante no processo de aprendizagem sobre o empreendedorismo, fica clara a possibilidade de contribuir com a formação empreendedora desses jovens.

Cabe à escola ofertar conhecimento não só sobre gestão de negócios, mas também cuidar do aperfeiçoamento de competências comportamentais, as chamadas habilidades empreendedoras, para que esses jovens experimentem e vivenciem uma proposta diferenciada de ensino, que permite acessar conteúdos e metodologias que estimulem a aprender sobre conceitos, técnicas que os ajudarão a resolver problemas no decorrer da vida profissional e também sobre como estruturar seus sonhos pessoais e profissionais, pois estarão aptos a planejar, buscar informações, estabelecer metas com persistência, autoconfiança e proatividade.

Veja os dados completos no gráfico Fontes mais importantes, capítulo 5, página 77.

Considerações finais

“O analfabeto do século XXI não será aquele que não consegue ler e escrever, mas aquele que não consegue aprender, desaprender, e reaprender.” Alvin Toffler

Mudanças são e serão inevitáveis! A tecnologia trouxe flexibilidade para o universo do trabalho, formas diferenciadas de empregos, novas profissões, modelos de negócios inovadores, demandando novas habilidades e competências para o ser humano. É nesse contexto que jovens precisam encontrar caminhos para se posicionarem diante das transformações.

A conexão entre a teoria e a prática será cada vez mais necessária para suas vidas e o empreendedorismo se configura como uma possibilidade de construir novos futuros. Com uma mentalidade empreendedora, as juventudes trarão contribuições para uma sociedade melhor, pois terão em suas mãos a tecnologia a seu favor para criar, integrar e fortalecer redes colaborativas de conhecimento de forma exponencial.

Concluo que a todo momento vários são os movimentos que colocam jovens diante de inquietações, desafios, inspirações, provocações para romper barreiras confortáveis da inércia, mas também caberá à sociedade e, principalmente, à educação promover iniciativas que possibilitem que as novas gerações tenham sucesso a partir do momento que desenvolvam a capacidade de aprender, reaprender e aprender novamente, assim elas estarão preparadas para todos os contextos que o mundo apresentar. Somente o acesso à educação, ao empreendedorismo e à tecnologia proporcionará este rompimento de barreira e um salto evolutivo na vida de nossos jovens.





10



Comportamento

Dados da pesquisa

Apresentamos os resultados quantitativos e qualitativos do Juventudes e Conexões focados no eixo temático de comportamento. Esse tema é bastante abrangente e, justamente por isso, não é trivial. Poucas pessoas, por exemplo, param para pensar sobre a formação de sua própria personalidade e o que dela é influenciada pelas tecnologias digitais.

Trazemos aqui as percepções e sentimentos que jovens no Brasil têm sobre como constroem suas identidades, como se relacionam com informações e o quanto se sentem seguros nesse ambiente e nesse contexto marcado por tantas conexões, interações, exposições e fontes de conhecimento.

Comportamento

Na etapa de construção coletiva, **especialistas** e **jovens consultores** mapearam algumas inquietações, curiosidades e temas relevantes para o momento atual das questões identitárias e das interações no Brasil, levando em consideração o que já havia sido abordado sobre o tema nas edições anteriores. O cruzamento dos interesses e reflexões de todos os públicos envolvidos na cocriação do estudo gerou um quadro síntese, norteador da pesquisa.

Mapeamento inicial de temas - Comportamento



☆ Tratado na edição 2013-2014 ☆ Tratado na edição 2015-2016 ☆ Tratado nas edições 2013-2014 e 2015-2016 ✓ Abordado na edição 2018-2019

O primeiro ponto de discussão sugerido por **especialistas** e levado para validação de **jovens consultores** tratava da continuidade e complementariedade da experiência virtual com a presencial. Jovens demonstraram que têm bastante consciência sobre o que é vivenciado nesses dois ambientes e quais os limites de cada um. Para eles, o online não substitui o presencial e, ao mesmo tempo, muitas coisas importantes para as suas vidas só poderão ser feitas com o auxílio das tecnologias digitais.

Veja mais sobre essa interpretação na análise sobre as instituições, pessoas e fontes de referência para jovens no capítulo 5, página 69.

“Acho que são coisas bem diferentes, o virtual nunca vai ser igual ao presencial. São para contextos e objetivos diferentes, não são excludentes.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

“Acho que rola uma condenação do virtual. Ver minha mãe por vídeo é muito f***.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Questionados sobre o lugar que a internet ocupa em suas vidas, **jovens consultores** nos deram respostas em sentidos que podem ser contraditórios e, ao mesmo tempo, complementares:

Refúgio

do mundo, da casa, da família etc.

Interação

com pessoas diversas e realidades diferentes

A internet é vista por eles como espaço em que é possível se isolar temporariamente e se reconectar a um ambiente selecionado, com pessoas ou informações previamente determinadas (por buscas ou ação de algoritmos).

Jovens consultores também comentaram sobre a fluidez com que essa complementariedade entre online e presencial ocorre, em especial com o uso das redes sociais que permitem a continuidade de convivência com pessoas conhecidas em passeios e viagens ou com colegas de escola ou faculdade depois do término do curso, entre outras situações de interação. Percebem que, embora possa afastar pessoas, a internet tem o potencial para colaborar com a aproximação de quem tem interesses ou objetivos em comum. E, para eles, justamente essa visão sobre contribuições positivas e negativas contribuiria com um debate sobre usos das tecnologias digitais e valeria a pena ser abordada nesta edição da pesquisa.

Na visão desses jovens, o crescimento de aplicativos e a multiplicação de redes sociais vêm provocando mudanças de hábitos, linguagens, espaços de comunicação e comportamentos cotidianos e possibilitam, por exemplo, planejar e resolver situações com mais praticidade, além de contratar serviços online por meio de aplicativos.

Mas, quanto será que todas essas conexões influenciaram a forma como jovens no Brasil definem-se, relacionam-se e se portam? Essa grande pergunta, baseada nas ponderações de **jovens consultores** e **especialistas**, norteou as abordagens desta edição do estudo no eixo temático de comportamento, cujos resultados apresentamos nas próximas páginas.

Construção de identidades

Ao levar aos grupos de discussão um debate sobre como jovens constroem suas identidades, percebemos que a maior parte deles nunca havia refletido de forma aprofundada sobre esse processo e sobre suas inspirações, muito menos coletivamente.

“É um pouco complicado fazer a própria leitura da nossa identidade.”

Jovem em grupo de discussão, entre 15 e 21 anos, classes AB

Ficou claro que jovens compreendem a complexidade dessa constituição de quem são, em especial com tantas informações circulando e com a ampliação do contato com outras pessoas pelas redes sociais. Entendem que identidade é um processo constante e que ocorre paralelamente nas dimensões individual e coletiva.



O que entendem por “identidade”

Personalidade	Valores e ideais
A forma como o indivíduo se entende	Construção da autoimagem (quem quero ser)
Preferências, comportamentos e hábitos	



“Acho que minha identidade nunca vai ser completamente construída. Tipo ‘hoje decidi construir minha identidade’, não é assim. Acho que hoje eu aprendo uma coisa e acrescento na minha vida. Amanhã eu aprendo outra coisa e acrescento, e vai ser assim o resto da vida. Não dá para construir a identidade, construir tudo o que eu sou e tudo o que eu vou ser em um dia só, em um ano só. É coisa para a vida inteira.”

Jovem em grupo de discussão, entre 15 e 21 anos, classes CDE

Especialistas concordam que o processo de construção da identidade seja uma dinâmica contínua, mas reforçam que na adolescência o processo se dá de forma mais intensa e que nos anos que se seguem alguns elementos identitários vão se consolidando e outros vão se renovando.

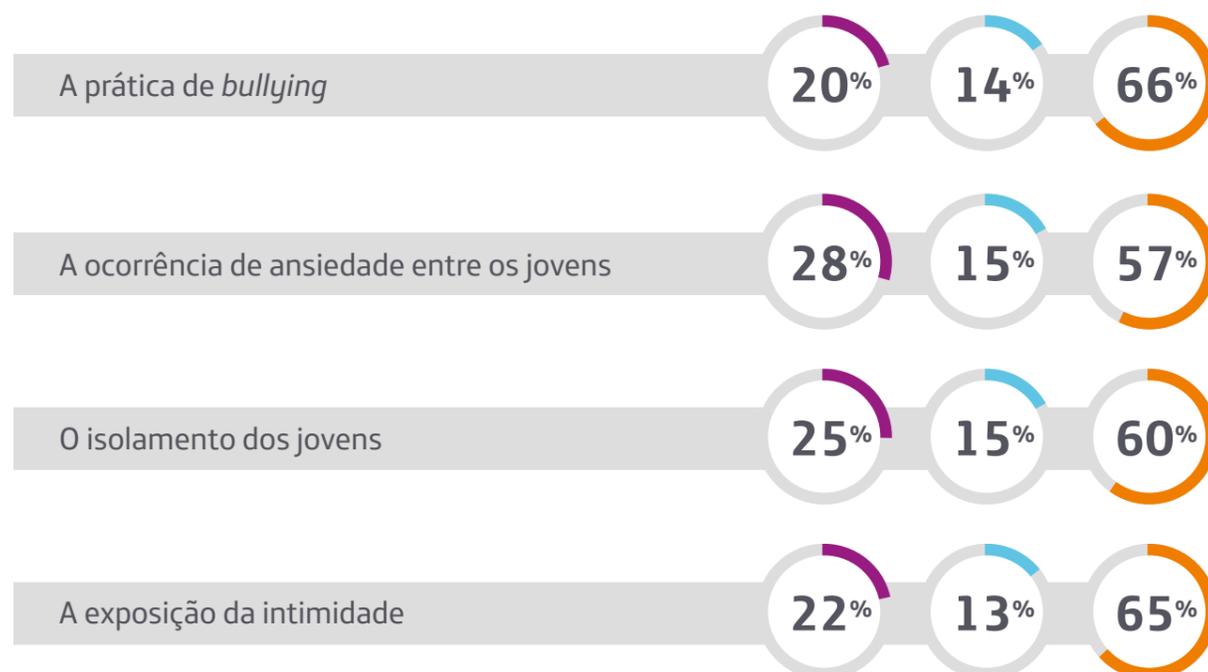
Influências das tecnologias digitais para a construção de identidades e comportamentos

Se a identidade é resultado da dinâmica entre o coletivo e o individual, qual será então a participação da internet nesse processo?

Buscamos saber como jovens percebem essas influências e como pensam que as tecnologias digitais podem ajudar ou atrapalhar em questões tão comuns entre eles, como o *bullying*, a ansiedade, o isolamento e a privacidade.

Avaliação da influência da internet no comportamento

● Positiva (melhora) ● Não influenciou ● Negativa (piora)



Ainda que 57% concordem que a internet piora a ocorrência de ansiedade entre eles, é importante destacar que 28% percebem que ela pode colaborar para a melhora desse quadro. Para **jovens consultores**, o aumento da dependência pela conexão e das possibilidades de construir uma identidade pode levar a processos de ansiedade e depressão entre jovens. Há muitas oportunidades e possibilidades, dando a sensação de que “nunca se vai dar conta de tudo”, gerando frustrações, sensação de perda de tempo ou medo de estar perdendo alguma coisa importante.

“A ansiedade aumentou porque a internet proporciona muita coisa em um pequeno espaço de tempo.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

“São coisas muito imediatistas, hoje um passarinho voando, amanhã um unicórnio, muda rápido, é tempo real.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Em se tratando da prática de *bullying* e da agressividade que circulam na internet, especialmente para jovens que estão o tempo todo conectados e expostos a esse tipo de situação, lidar com esses fatores pode gerar sofrimentos intensos e consequências graves. O isolamento poderia ser inclusive em decorrência dessas barreiras de relacionamento, dentre outras causas.

Para mais da metade (60%), a internet piorou o isolamento de jovens, mas uma parcela significativa (25%) acredita que as tecnologias digitais atuam de forma positiva contra isso.

Nos grupos de discussão, levantamos alguns pontos positivos e negativos que jovens sentem sobre a influência da internet nas suas vidas:

Pontos positivos	Pontos negativos
<ul style="list-style-type: none"> + Permite acessar conteúdos diversos que quebram paradigmas e preconceitos. + Ajuda a conhecer e incorporar novos comportamentos: práticas, estilos, <i>hobbies</i> etc. + Legitima discursos antes excluídos sobre padrão de beleza. + Permite estar de alguma forma próximo e se inspirar em pessoas famosas. + Facilita acompanhar ou fazer parte de movimentos políticos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Deixa jovem perdido e confuso diante de tanta informação. - Orienta para comportamentos considerados perigosos, especialmente entre os mais novos. - Distancia jovem de sua própria identidade a partir do momento em que copiam o que veem nas redes. - Dá a impressão de que o ter é mais importante que o ser. - Gera a ilusão de homogeneidade e apaziguamento criado pelos algoritmos (bolha social).

De modo geral, jovens dos grupos de discussão e **especialistas** acreditam que a internet quebrou barreiras de acesso ao conhecimento, amplificou algumas vozes que estavam à margem dos grandes meios de comunicação e trouxe novas formas de pensar e lidar com o imaginário que fazem de si mesmos. Essas são algumas das grandes contribuições da vida conectada.



“Acho que a internet ajuda um pouco a formação da identidade. Porque mesmo que você não copie toda aquela informação na sua construção pessoal, você acaba meio que adaptando ela ao seu modo de viver, você acaba tirando ela do contexto original e adaptando ao seu contexto, traz para sua realidade pessoal e incorpora no seu jeito.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes AB

“Antes de ter mais contato com o mundo eu era uma pessoa muito preconceituosa também, não entendia o outro lado e ponto. Isso não começou no online, mas tinha grupos de interesse, uma coisa puxou outra, pude abrir minha cabeça e falar, ‘cara, o que que estou falando?’ Porque eu consegui me conectar com pessoas, hoje eu brigo com meus pais muitas vezes porque vêm com uns papos muito fechados, tem que tentar entender o outro. Anos atrás não brigaria.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

“Principalmente na última década, em relação à estética é algo extremamente positivo a quantidade de canais e páginas que ensinam as meninas negras a cuidarem do cabelo, fazerem trança, falam de produtos e serviços. Tem dados sobre isso, o aumento de buscas por cabelos crespos no Google cresceu 200% no período de dois anos. As redes sociais também influenciam muito jovens de sexualidade dissidente. Há uns anos eram os bate-papos, mas acho que as páginas e grupos em redes sociais, como Facebook, ajudam muito a pensar sobre transexualidade, por exemplo. Alguém do interior do Brasil que quer buscar sobre hormonização encontra. Acho que a internet é uma janela importante para o mundo, para descoberta e para construção identitária também.”

Natalia Neris, InternetLab

Esse processo de diversificação das fontes de referências, por vezes, vem acompanhado de um efeito rebote, em que as pessoas começam a seguir os mesmos influenciadores e têm acesso a conteúdos parecidos, criando assim grupos que também se padronizam internamente.

Veja mais sobre referências para decidir quem quer ser no capítulo 5, página 77.

“[Meus amigos] estão consumindo o mesmo conteúdo, está saindo da mesma fonte, por mais que algumas coisinhas mudem, no geral é bem igual.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Ao mesmo tempo em que o ambiente virtual é marcado pela convivência e afirmação da diversidade e do autoconhecimento, ele também expõe comportamentos de intolerância, agressividade e autodestruição.

Uma das análises feitas por **especialistas** e **jovens consultores** sobre a percepção do aumento do comportamento observador entre jovens é que eles estão se posicionando menos publicamente para evitar conflitos ou se expor demais. Mas, ao mesmo tempo, notam uma tendência de certos grupos se colocarem mais nas redes, afirmarem suas ideias e crenças.

Para **especialistas**, a tensão gerada pelo contato entre pessoas e realidades diferentes é um resultado esperado socialmente, já que há maior intensidade na interação e na abrangência dos perfis que agora falam e são ouvidos publicamente. Reforçam que a internet é um grande amplificador das questões sociais atuais, exercendo influências positivas e negativas em determinados temas e com capacidade de gerar processos sociais inéditos (ou não).

“Antes as pessoas tinham mais vergonha, agora tem muita gente grande destilando seu ódio, aí outros se valem disso, ‘se ele falou estou amparado, posso falar também’.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

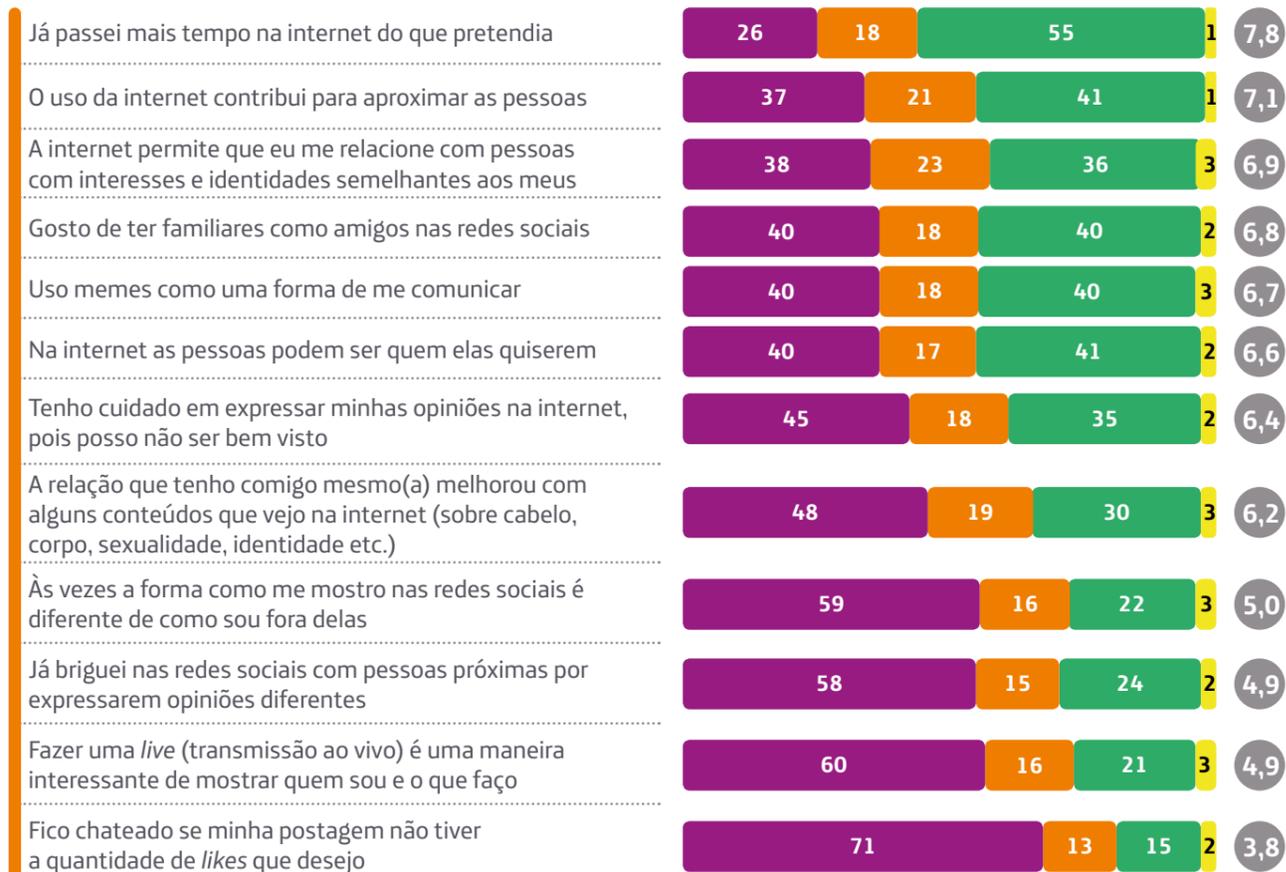
“É uma questão para levantarmos e eu não tenho uma conclusão sobre isso. A internet ajudou a dar maior visibilidade [à questão] negra, mas aumentou ou diminuiu o racismo? Ajudou dar mais visibilidade à comunidade LGBT, mas aumentou a homofobia? Não sei fazer essa conta, eu sei que quando você aumenta a visibilidade vai ter um aumento das pessoas que combatem essa identidade naturalmente.”

Mario Volpi, UNICEF

Para compreender a percepção desses jovens sobre o quanto as relações sociais estabelecidas na internet são relevantes ou afetam o comportamento deles, perguntamos sobre a forma como se mostram, comunicam-se e interagem com pessoas próximas ou desconhecidas.

Tecnologias digitais em práticas e relações para constituir identidades e comportamentos

● 0 a 6 discordam (%) ● 7 e 8 concordam em parte (%) ● 9 e 10 concordam totalmente (%) ● Não sabe (%) ● Média



Entrevistados responderam às perguntas utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significava discordar totalmente e 10, concordar totalmente. Nessa edição, novas frases foram incluídas na questão que não estavam presentes nas edições anteriores do estudo. Considera-se um alto nível de concordância quando são atribuídos pontos 10 e 9; e baixo nível de concordância de 6 a 0. Para representar de forma sintética a percepção geral, são apresentadas as pontuações médias do conjunto de respondentes (calculadas por média simples).

Mais da metade de jovens consideram que já passaram mais tempo na internet do que pretendiam. Número que parece baixo se levarmos em consideração os dados apresentados anteriormente sobre a presença constante da internet no dia a dia deles, proporcionada em especial pelo fortalecimento do celular como aparelho de conexão, individual e móvel, que contém diversas ferramentas de comunicação, lazer, capacitação, busca de informações e serviços.

A esse respeito, **jovens consultores** alertam que falar em “tempo destinado à internet” é obsoleto e remete à época das *lan houses*. Para a maior parte deles, a sensação é que hoje todos estão conectados o tempo todo, mas aqueles de cidades de pequeno porte ou rurais relataram experiências de dificuldade de uso que tornam essa ideia de “estar conectado o tempo todo” dependente do contexto.

Não foi comum o entendimento de respondentes sobre a contribuição da internet para aproximar pessoas: 41% concordam muito e 37% concordam pouco com isso. A mesma tendência de divisão de opinião pode ser observada em diversos outros itens, tais como a ampliação de relacionamentos com pessoas de mesmos interesses, gostar ou não de ter familiares nas redes sociais, poder ser como se quer na internet.

No que diz respeito à forma como se comunicam, jovens também têm perspectivas opostas: 40% usam memes e outros 40% não os usam; as transmissões ao vivo são menos populares para jovens mostrarem quem são e o que fazem (21%).

Apenas 15% assumem que ficam chateados quando não conseguem os *likes* esperados em suas postagens, proporção que causou estranhamento entre **jovens consultores**, cujos relatos contam sobre a importância dos *likes* nos *posts*:

“Isso de *live*, não vou fazer *live* porque eu não sou famoso, nem bonito. Aí se faço parece que quero aparecer.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

“Essa autoafirmação sempre existiu, mas, com a tecnologia, medimos mais o quanto [alguém] é popular ou não. (...) Quanto mais *likes* tenho, mais confiante posso chegar no grupo de amigos e mostrar como sou famoso, bem visto, tenho mil *likes* e você só tem cem.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Significado de *like*/curtir e *dislike*/não curtir para jovens consultores:

Like =

“concordo com o que você diz”.



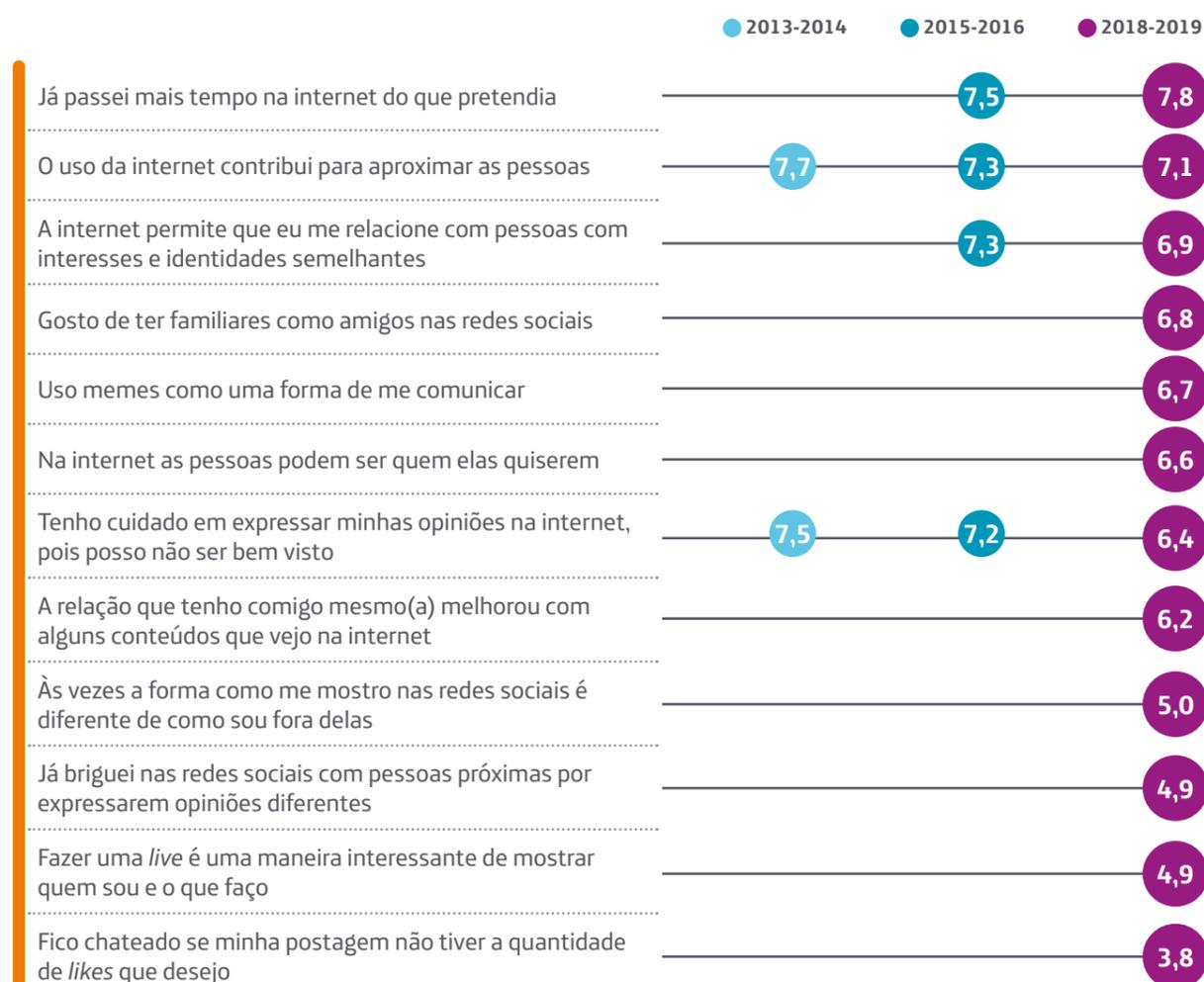
Dislike =

“reprovo o que você diz”, “para de fazer isso”.



Percebemos que os usos que fazem da internet para se posicionarem e se relacionarem é bastante plural e cheio de nuances, que podem depender de outros fatores, como contexto, fases de vida e condições socioeconômicas.

Tecnologias digitais em práticas e relações para constituir identidades e comportamentos – série histórica



Os valores apresentados referem-se à média de pontos dados por todos os respondentes a cada frase. Entre as edições do estudo, novos itens foram incluídos, mas alguns estão presentes desde as edições anteriores, permitindo observar mudanças ao longo do tempo. Consideramos que houve variação entre um ano e outro quando a média aumenta ou diminui pelo menos 0,4 ponto.

Observamos a diminuição da percepção de jovens de que é possível se conectarem a pessoas com interesses e identidades semelhantes pela internet. Essa sensação de dificuldade para se relacionar se reforça quando vemos a queda constante daqueles que acreditam que o uso da internet contribui para aproximar as pessoas.

Esse ambiente tensionado está expresso na diminuição de jovens que tomam cuidado ao se posicionarem na internet.

Reforçando análises anteriores, aumenta a sensação entre jovens de que já passaram mais tempo na internet do que pretendiam.

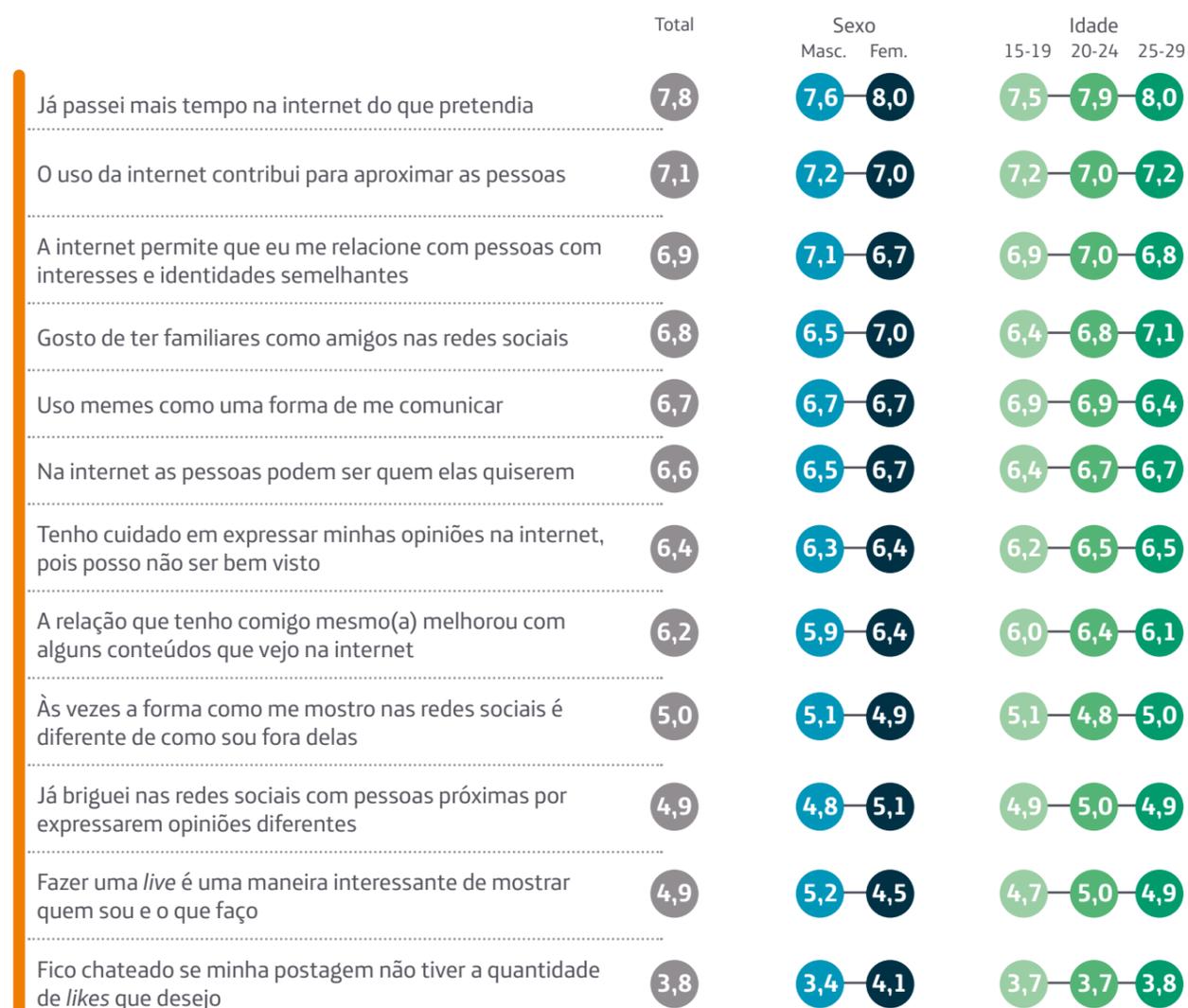
Ao detalhar por sexo e idade, observamos que, quanto mais velhos, mais críticos os jovens são em relação ao tempo que passam na internet; da mesma forma que as mulheres. São elas também que dizem gostar mais de ter os familiares e amigos nas redes sociais; ao passo que, quanto mais novos, menos jovens gostam de ter os familiares nas suas redes sociais.

Já os homens mostram-se mais abertos para se relacionar com pessoas que demonstram interesses e identidades semelhantes aos seus.

A influência da internet na construção da autoimagem e da possibilidade que ela traz de ampliar o acesso a outras narrativas de beleza e cuidado aparece aqui quando as mulheres concordam mais que a relação consigo mesmas mudou por causa de conteúdos da internet, e também quando concordam mais do que homens sobre ficarem chateadas se não conseguem os *likes* desejados.

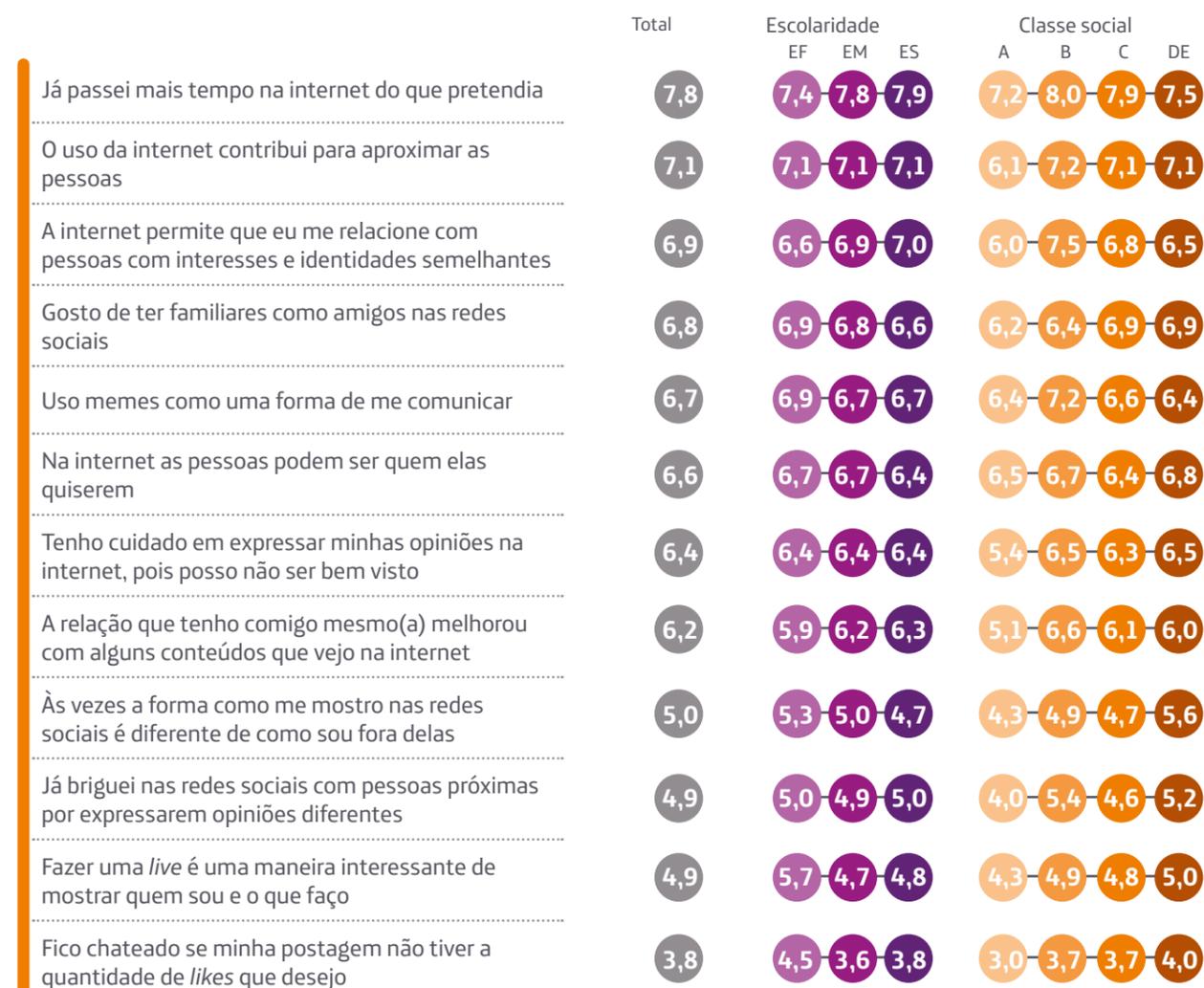
Neste mesmo sentido, os homens se destacam por acreditar que fazer um vídeo ao vivo (uma *live*) é uma maneira interessante de mostrar quem são e o que fazem.

Tecnologias digitais em práticas e relações para constituir identidades e comportamentos – sexo e idade



Fem. = Feminino | Masc. = Masculino

Tecnologias digitais em práticas e relações para constituir identidades e comportamentos – escolaridade e classe social



EF = Ensino fundamental | EM = Ensino médio | ES = Ensino superior

Ao compararmos as classes sociais, a classe B é a que deu notas maiores em parte significativa das respostas, mostrando o quanto a internet está presente e tem relevância na sua relação com o mundo. Por sua vez, as classes DE destacam-se entre aquelas que se apresentam nas redes sociais de forma diferente do que são fora do mundo digital. A classe A é a que menos acha que a internet pode aproximar pessoas e a que menos toma cuidado para expressar opiniões na internet. Apesar disso, são os que menos brigaram nas redes sociais com pessoas próximas por expressar opiniões diferentes.

Já quando olhamos os resultados de acordo com a escolaridade, percebemos que há um grande equilíbrio entre as percepções de jovens com diferentes escolaridades, mesmo assim, os que têm o ensino fundamental destacam-se dos demais por parecerem mais sensíveis no caso de sua postagem não ter a quantidade de *likes* que eles gostariam e por acharem que fazer *lives* é uma forma de mostrar quem são.

A forma como jovens, em geral, colocam-se nas redes gerou muitos debates e reflexões. A mais polêmica delas foi em relação àqueles que têm ou interagem com perfis falsos, ou perfis *fake*.

Perfil fake

Perguntamos aos **jovens consultores** e participantes dos grupos de discussão sobre os motivos que os levam a ter perfil *fake* (falso) nas redes sociais. Eles nos contam que muitos jovens usam esse tipo de perfil para interagir, comportar-se, expressar-se de forma diferente daquela que representa em seu perfil "oficial", estabelecendo relações baseadas no anonimato ou na criação de um personagem.

Às vezes, o que chamamos de perfil *fake* não é tão "fake" assim, pois reforça outras questões daquele indivíduo.

"Quero ser muitos!"

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

"Já namorei perfil *fake*, demorou um ano, e eu com perfil *fake* também. Era uma questão de não aceitação e também porque estava na moda."

Jovem consultor em oficina de PerguntAção



Para que ter um perfil *fake*?

Para "zoar".

Esconder-se, ocultar coisas sobre sua realidade.

Descobrir mentiras ou traições amorosas.

Ser o que gostaria de ser, uma imagem mais fantasiosa e virtual.

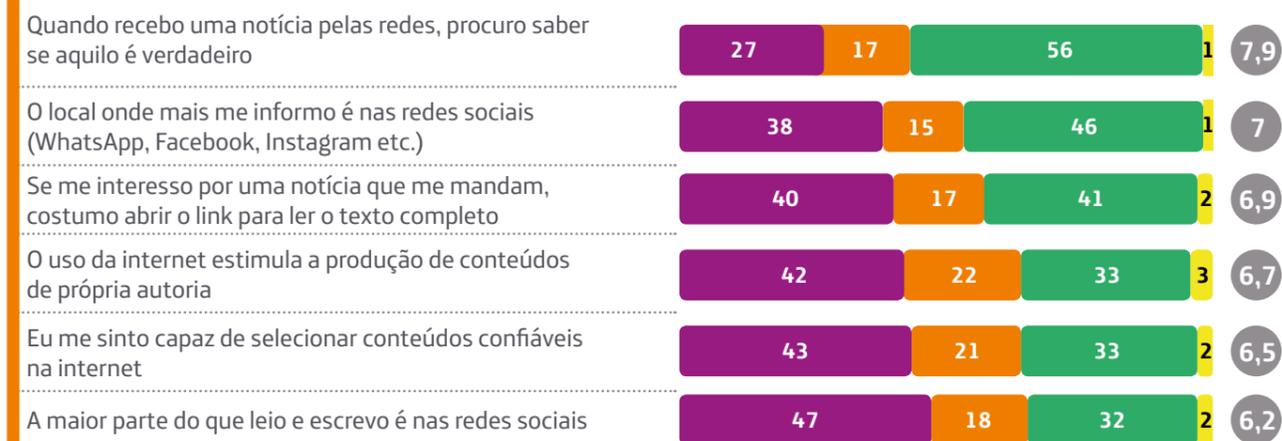
Percebemos que há uma multiplicidade de representações possíveis do "eu" para serem exploradas na internet. Jovens dizem que não se tem um estilo, têm-se vários. E eles podem ser apresentados de formas e em lugares diferentes, de acordo com as circunstâncias e o círculo social em que interessa interagir. Por outro lado, o *fake* também pode ser uma consequência do medo, da insegurança e da agressividade presente nas relações sociais que perpassam as fronteiras do ambiente virtual.

Confiança e segurança nas redes

Com a circulação e acesso cada vez mais abertos a informações, buscamos entender qual a relação de confiança que jovens estabelecem com conteúdos que chegam até eles, que produzem e compartilham na internet.

Relação com a informação

● 0 a 6 discordam (%) ● 7 e 8 concordam em parte (%) ● 9 e 10 concordam totalmente (%) ● Não sabe (%) ● Média



Para jovens, as redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram etc.) aparecem como local não apenas para se entreterem, mas também para se informarem. Contudo, a confiança que eles têm sobre informações que circulam na internet é relativa, pois, quando recebem alguma notícia, buscam outras fontes para conferir a veracidade do dado e dizem não se sentir capazes de selecionar conteúdos confiáveis (47%).

Relação com a informação – sexo e idade

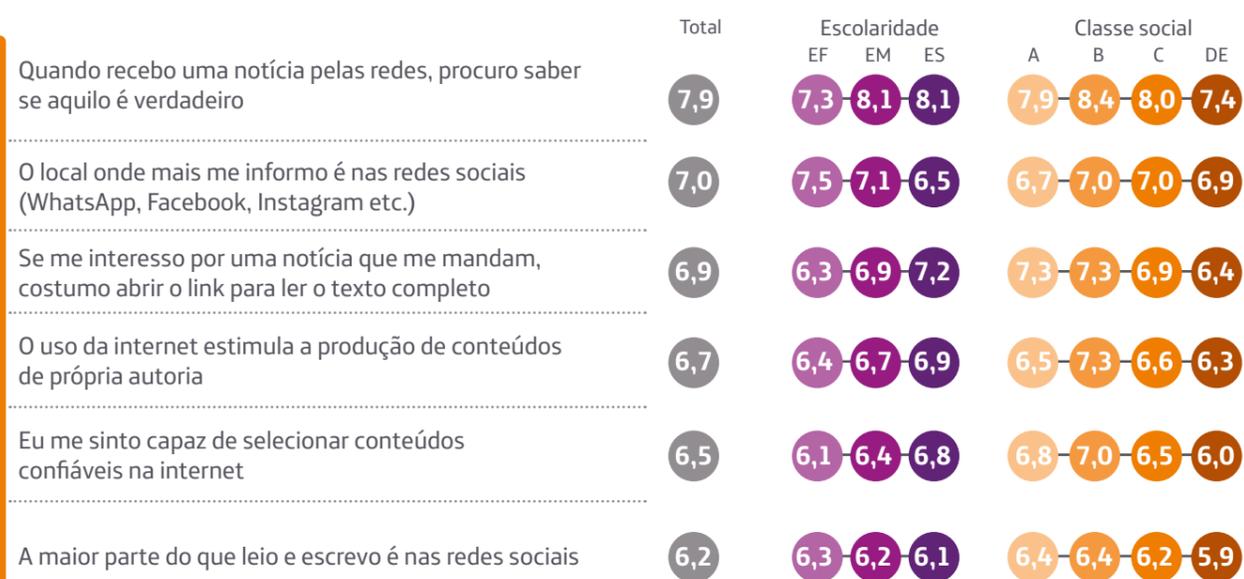


Fem. = Feminino | Masc. = Masculino

Observamos que as respostas são muito parecidas entre as mulheres e os homens e entre as diferentes idades, embora seja possível destacar que mulheres buscam informar-se mais pelas redes sociais, mas clicam mais nos links para lerem o texto completo da notícia.

Vemos a tendência de os mais velhos buscarem saber se aquele conteúdo é verdadeiro e se sentirem mais capazes de fazer essa seleção de informações confiáveis.

Relação com a informação – escolaridade e classe social



EF = Ensino fundamental | EM = Ensino médio | ES = Ensino superior

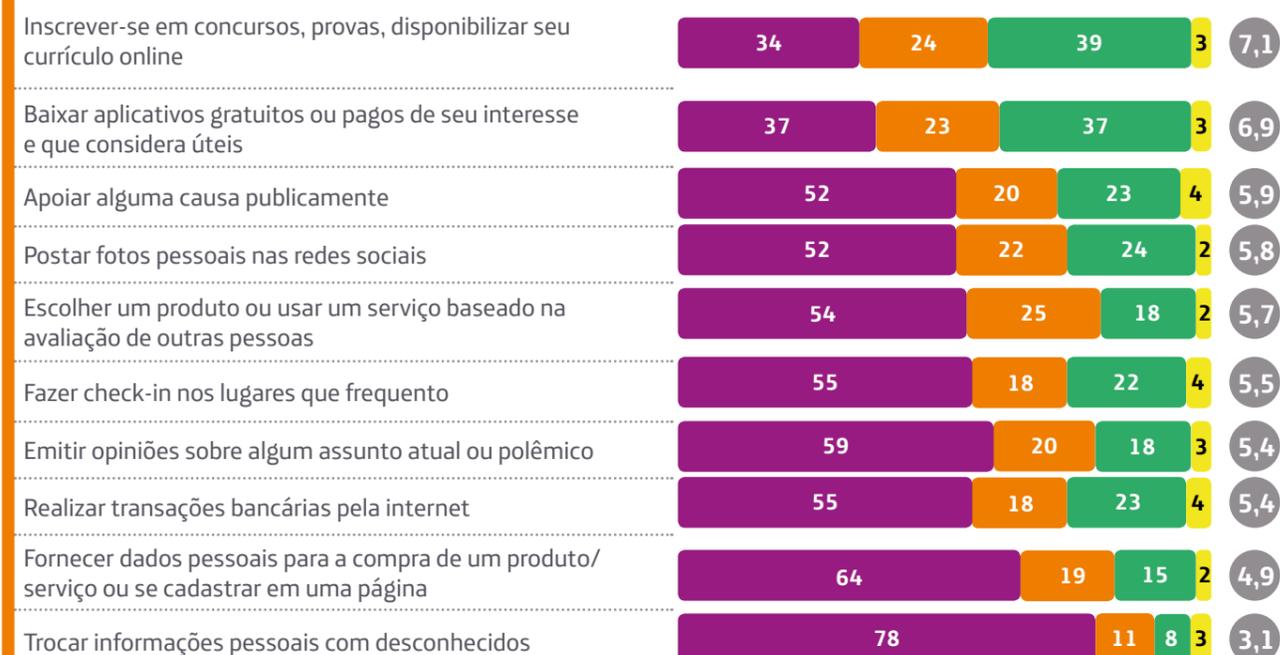
Quanto menor a escolaridade, mais as pessoas se informam pelas redes sociais e menos procuram saber se a notícia é verdadeira. Por outro lado, quanto maior o grau de instrução, mais jovens buscam ler o texto completo, sentem-se mais confiantes para selecionar informações e acreditam que a internet estimula a produção de conteúdos autorais. Como podemos ver, questões relacionadas à informação têm forte influência da escolaridade.

Em linhas gerais, as classes B e C demonstraram maiores notas médias em relação à maioria das questões. A classe B, contudo, mais uma vez demonstra sentir-se mais à vontade para explorar os potenciais da internet e driblar as barreiras.

Além da questão da confiança nas informações que circulam, quais outros receios jovens sentem ao desenvolver determinadas atividades na internet?

Em 2015-2016, o estudo já mostrava que eles têm certa desconfiança sobre o compartilhamento de dados pessoais ou conversa com desconhecidos. O que será que pensam disso hoje? Será que se sentem seguros para fazer tantas atividades no ambiente virtual?

Segurança na internet



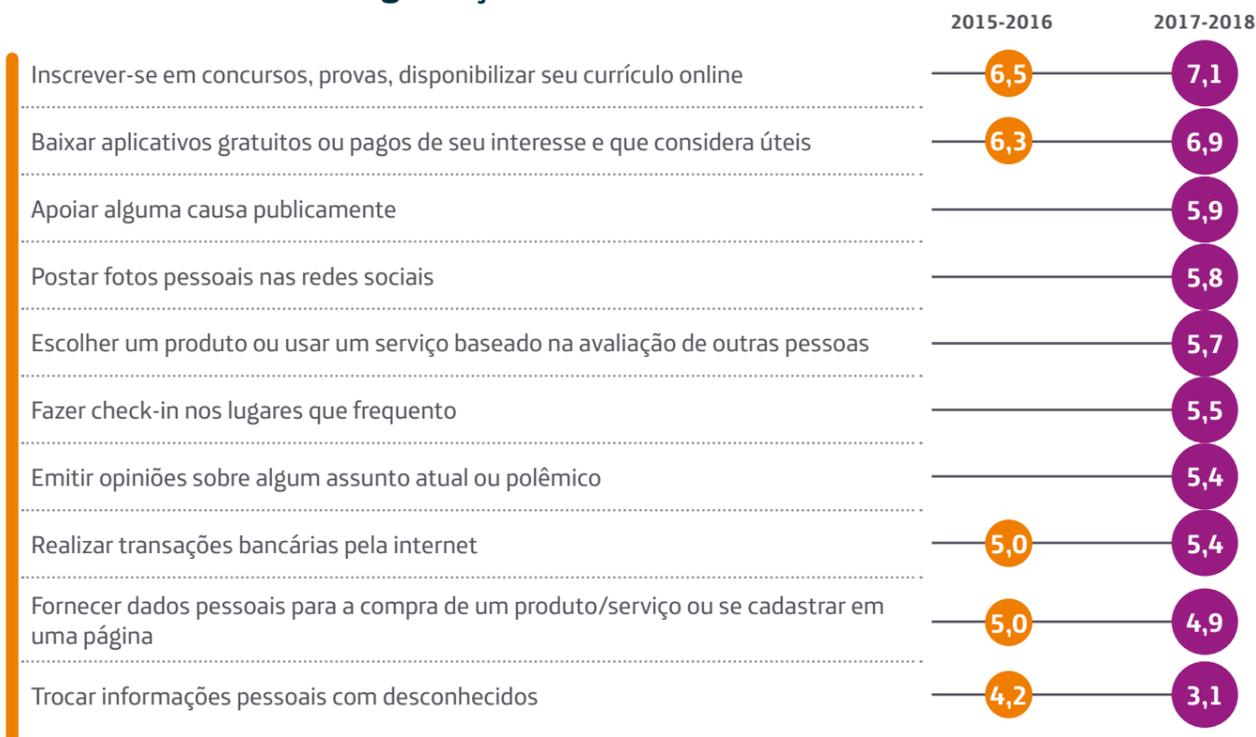
De modo geral, jovens mostram-se pouco confiantes em relação a diversas atividades que podem desenvolver na internet, mesmo que estejam acostumados a estar conectados e interagindo na rede a todo momento. Trocar informações, compartilhar dados e emitir opiniões ainda são temas polêmicos.

Da mesma forma, baixar aplicativos, inscrever-se em concursos, provas e disponibilizar seu currículo online, apesar de apresentarem as melhores notas, não são atividades nas quais jovens demonstram muita segurança. **Jovens consultores**, inclusive, dizem que a única opção para fazer essas atividades, muitas vezes, é online.

“Não é seguro, mas tem que acreditar e fazer.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Segurança na internet – série histórica



Quando analisamos as evoluções entre a segunda edição e esta, notamos que jovens vêm ganhando mais confiança para fazer cadastro, baixar aplicativos e usar serviços bancários. Por outro lado, percebemos um aumento do sentimento de insegurança nas trocas de informações com pessoas desconhecidas, assim como também se manteve baixa a confiança no fornecimento de dados pessoais para compras online ou cadastros em sites. Interessante notar que, apesar dessa sensação, isso não os impede de realizar essas atividades pela internet.

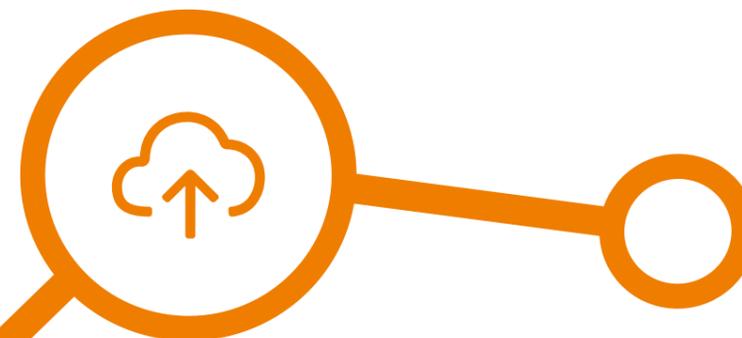
Segurança na internet – sexo e idade



Fem. = Feminino | Masc. = Masculino

Em linhas gerais, quando o assunto é segurança na internet, as mulheres mostram-se mais desconfiadas do que os homens.

Já quanto à idade, as notas parecidas demonstram que o recorte por faixa etária não tem influência sobre a sensação de segurança na internet. Ainda assim, como destaque podemos indicar a percepção de maior desconfiança que jovens de 15 a 19 anos têm por trocar informações pessoais com desconhecidos, fornecer dados pessoais e transações bancárias.



Segurança na internet – escolaridade e classe social

	Total	Escolaridade			Classe social			
		EF	EM	ES	A	B	C	DE
Inscrever-se em concursos, provas, disponibilizar seu currículo online	7,1	6,6	7,0	7,4	7,3	7,7	7,0	6,6
Baixar aplicativos gratuitos ou pagos de seu interesse e que considera úteis	6,9	6,8	6,9	7,0	6,8	7,4	6,9	6,5
Apoiar alguma causa publicamente	5,9	5,6	5,8	6,1	5,4	6,5	5,8	5,4
Postar fotos pessoais nas redes sociais	5,8	5,9	5,7	5,9	5,2	6,3	5,7	5,6
Escolher um produto ou usar um serviço baseado na avaliação de outras pessoas	5,7	5,7	5,6	5,8	5,4	6,0	5,7	5,3
Fazer check-in nos lugares que frequento	5,5	5,4	5,5	5,6	5,0	6,1	5,4	5,1
Emitir opiniões sobre algum assunto atual ou polêmico	5,4	5,3	5,3	5,5	5,4	5,6	5,3	5,4
Realizar transações bancárias pela internet	5,4	5,1	5,1	6,0	4,9	6,0	5,5	4,7
Fornecer dados pessoais para a compra de um produto/serviço ou se cadastrar em uma página	4,9	4,5	4,8	5,2	4,1	5,3	4,9	4,5
Trocar informações pessoais com desconhecidos	3,1	3,4	3,0	3,3	2,7	3,1	3,1	3,3

EF = Ensino fundamental | EM = Ensino médio | ES = Ensino superior

Mais uma vez vemos que a escolaridade influencia na forma como os jovens fazem uso das tecnologias digitais. Aqueles com ensino superior tendem a se sentir mais seguros na internet na maioria das atividades levantadas.

Assim como vemos ao longo do estudo, a classe B apresenta mais apropriação e segurança nas práticas que realiza na internet.



Peculiaridades regionais

Região Norte

São os que mais dizem já ter brigado nas redes sociais com pessoas próximas por expressarem opiniões diferentes.



São os que menos acreditam que a internet permite se relacionar com pessoas de interesses e identidades semelhantes aos seus.



Região Nordeste

São os que mais procuram saber a veracidade de uma notícia que recebem pelas redes.



Região Centro-Oeste

São os que mais dizem já ter brigado nas redes sociais com pessoas próximas por expressarem opiniões diferentes.



São os que menos se sentem capazes de selecionar conteúdos confiáveis na internet.



Região Sudeste

São os que menos ficam chateados se a postagem não tiver a quantidade de *likes* que desejam.



Região Sul

São os que mais sentem que já passaram mais tempo do que pretendiam na internet.



São os que mais acreditam que melhoraram a relação consigo mesmos a partir de alguns conteúdos na internet (sobre cabelo, corpo, sexualidade, identidade etc.).



Principais aprendizados



Ao longo do capítulo, vimos que a maior parcela de jovens nunca havia refletido de forma mais consistente sobre a formação da sua identidade. Esse processo é visto por eles como uma construção contínua e individualizada, apesar de ser sempre relativa ao outro e ao contexto em que vivem.

Foi interessante perceber a complementariedade entre as experiências online e offline, a permeabilidade entre esses dois ambientes e como algumas dificuldades encontradas nas relações sociais são levadas para o ambiente virtual, gerando estados de ansiedade, agressividade, dependências, competição por popularidade e poder de influência. Ao mesmo tempo, vemos as tecnologias digitais operarem como amplificadores de formas de ser pouco difundidas, dando espaços maiores para jovens se reconhecerem e se identificarem. Isso abriu a possibilidade para a afirmação de identidades até então não valorizadas.

A maioria acredita que a internet é muito abrangente e isso pode ser uma influência tanto positiva quanto negativa no processo de construção de identidade.

Observamos que grande parcela de jovens acredita que passam mais tempo na internet do que pretendiam. Para alguns jovens, as redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram etc.) aparecem como local não apenas para se entreter, mas também para se informar. Porém, a confiança que eles têm sobre o que circula nas redes é relativa, pois não se sentem seguros na internet, em especial para trocas de informações com pessoas desconhecidas, envio de dados e transações em sites.





11



Comportamento

Múltiplas conexões, muitas tensões

Helena Wendel Abramo

Sou socióloga e trabalho há muitos anos com pesquisa e com políticas públicas para jovens. Particpei das lutas de minha geração por educação pública e gratuita para todos e pelo fim da ditadura militar. O tema da minha dissertação de mestrado foram os *punks* e *darks*, grupos juvenis dos anos 1980 em São Paulo, movida pela vontade de entender um estilo de atuação juvenil que aparecia como muito diferente dos antecedentes. Paralelamente, iniciei minha carreira como funcionária pública, ingressando na Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo, mas circulei por outros espaços do poder público, como na Câmara Municipal de São Paulo, na Comissão Especial de Juventude e na Secretaria Nacional de Juventude. Também estive em espaços não governamentais, implementando a área de juventude da ONG Ação Educativa, por exemplo, no início dos anos 1990. Durante essa trajetória, fui participando de pesquisas sobre jovens, com diferentes parceiros, sempre com a preocupação de entender suas demandas e levantar elementos para a formulação de políticas públicas que garantam os seus direitos.

Múltiplas conexões, muitas tensões

Como se localizam os jovens em uma “sociedade globalizada em rede e imersa na tecnologia digital”? Como seu comportamento pode revelar tendências e padrões que nos ajudem a projetar o futuro? Como contribuir para dar às novas gerações ferramentas para que possam enfrentar os desafios identificados?

A intensa relação das novas gerações com as tecnologias da informação e comunicação, especialmente o uso do celular e da internet, é a matéria principal da série de pesquisas da qual essa publicação faz parte, e os dados levantados têm contribuído para descrever atitudes e posturas assumidas pelos jovens no contexto de profundas e velozes mudanças desencadeadas por aquilo que os teóricos chamam de “revolução da internet”.

Perscrutar as tendências com a perspectiva de prever o futuro, porém, nesse caso, é tarefa mais que difícil, uma vez que a velocidade das inovações tecnológicas e das mudanças produzidas pela sua disseminação é de tal ordem que mal se torna possível compreender o que acabou de acontecer e o que se constitui como presente, sempre cambiante. Como diz um jovem sobre a preferência atual pelo WhatsApp e o Instagram, detectada na pesquisa: *mas isso é hoje! há pouco tempo era o Facebook; amanhã já pode ser outra coisa!*

Nesse sentido, mais interessante do que buscar visualizar o futuro da sociedade no comportamento dos jovens de hoje talvez seja tentar compreender que questões os jovens estão levantando sobre esse presente, na conjuntura social que lhes está sendo dada viver, em constante e crescente relação com as tecnologias digitais. Como nos ensina Mannheim (1952), novas gerações trazem problematizações à sociedade quando os valores e referências recebidos são confrontados por sua experiência histórica singular, marcada por mudanças sociais impactantes¹.

É este autor também que nos lembra que as questões significativas que uma geração levanta na sua juventude são comuns porque indicam experiências partilhadas do seu processo de desenvolvimento no interior de uma mesma conjuntura histórica, mas as respostas dadas a essas questões, e o modo de enfrentá-las, podem ser muito diferenciados. Por isso, é preciso, sempre, evitar a idealização e/ou generalização “da juventude”; é desse modo também que devemos ler os resultados desta pesquisa, entendendo que os jovens, frente a questões comuns, manifestam percepções e atitudes diversas, raramente consensuais.



¹ O entendimento de que jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos fazem parte da mesma geração foi tema desenvolvido por Karl Mannheim, sociólogo húngaro, nas décadas de 20 a 50 do século XX, e até hoje orienta os estudos sociológicos sobre juventude.

Juventudes conectadas: uma geração singular?

A intensa relação com as TICs e especialmente com a internet e o celular constitui uma das principais experiências diferenciadoras dessa geração de jovens em relação às precedentes. Não apenas porque usem mais intensamente e com mais desenvoltura as novas tecnologias, mas porque são “nativos digitais” e viveram seus processos de socialização e aprendizado, em maior ou menor medida, com a presença desses instrumentos mediando sua relação com o mundo.

Analistas defendem que a profundidade das mudanças é de tal ordem que produz impactos não apenas na forma de se comportar e se relacionar socialmente, mas com as próprias formas de pensar, sentir e agir. Neurocientistas aventam a possibilidade de que essa relação produza modificações neurológicas, com o desenvolvimento de mentes hipertextuais e estruturas cognitivas paralelas. Educadores se debruçam sobre os impactos gerados no modo de aprender das crianças e os sociólogos se interrogam sobre os efeitos possíveis no modo de os jovens se relacionarem produtivamente e desenvolverem sua participação cívica e política a partir dessas novas estruturas.

A pesquisa que aqui se apresenta compôs sua mostra apenas entre os jovens que têm acesso à internet. Os dados mais recentes do IBGE (2018) nos informam que, em 2017, cerca de 88% dos jovens residentes no Brasil estavam conectados (na população em geral, acima de 10 anos de idade, eram 70%). E estes ficam conectados quase o tempo todo, por meio da telefonia móvel, dos celulares. Como diz um dos jovens que participou dos grupos de discussão, só não estão online quando estão dormindo ou quando acaba a bateria. No espaço de cinco anos, entre a primeira edição (2013-2014) e esta (2018-2019), o uso do celular para acessar a internet pulou de 70% para 98% e de principal instrumento para isso de 40% para 91%, ao passo que os computadores (de mesa ou portáteis) são usados hoje, cada um desses tipos, por menos de metade dos jovens (36% e 41%, respectivamente).

Contudo, aqui é preciso fazer dois alertas: o primeiro é o de que a intensidade da relação com as tecnologias de ponta e a democratização do acesso à internet não são igualmente vividos por todos os jovens no território nacional, espacial e sociologicamente falando. Muitas desigualdades persistem, principalmente em função da renda e local de moradia, e outras ainda se repõem, como aquelas que estruturam desiguais possibilidades de uso da internet em função da qualidade das ferramentas e das conexões a que se tem acesso. Nesse sentido não podemos deixar de observar as diferenças que advêm dos vários marcadores econômicos, sociais e culturais que estruturam experiências distintas no interior do segmento juvenil².

²A pesquisa do IBGE mostra que ainda existe grande disparidade regional no Brasil em relação ao uso da internet, que se soma à disparidade entre meio urbano e rural. Além disso, há desigualdades dentro do meio urbano, como aponta Fabio Malini: as periferias das cidades sofrem também de certo tipo de segregação de banda, do ponto de vista de internet, que tem a ver com o fato de que parte da banda larga proporcionada do ponto de vista do consumo é ofertada a regiões centrais, regiões de mercado de consumo elevado. Então, há uma dívida que passa pela infraestrutura tecnológica excludente que nós temos, tanto de um ponto de vista litoral x interior, como do ponto de vista das regiões centrais da cidade para com as periferias. (<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6806-internet-e-uma-maquina-que-potencializa-minorias>)

O segundo alerta é a necessidade de considerar que a relação com as novas tecnologias e a intensa presença da internet na vida dos jovens não é o único elemento que marca a experiência geracional desses jovens e que afeta o modo como se sentem, definem-se e se comportam na conjuntura atual. Há outras experiências que são igualmente significativas para essa geração no Brasil, como a maior escolarização, a vigência de novos parâmetros para o exercício da cidadania, a valorização da diversidade e o alargamento da vida democrática.

O aprofundamento da relação com a escola é percebido não só pelo aumento do grau de formação (dada pelos anos de estudo) alcançado por essa geração em relação às precedentes, mas pela importância da experiência escolar como um todo, que se traduz na incorporação da valorização e das aspirações ao grau médio e superior, em camadas sociais que antes não tinham acesso (ou tinham apenas marginalmente) a esses níveis de ensino.

Na década de 1990, menos de um quarto dos jovens de 15 a 17 anos frequentava a etapa de ensino indicada para sua idade e, atualmente, essa parcela subiu para mais de dois terços: em 1995, os adolescentes entre 15 e 17 anos matriculados no ensino médio representavam pouco mais de 20% dessa faixa etária; em 2005, 50% e, em 2017, quase 70% (IBGE SIS: 2018). O acesso ao ensino superior, ainda mais restrito, mesmo assim conheceu uma notável ampliação nesse período: segundo o acompanhamento das metas do Plano Nacional de Educação, usando dados do INEP, a parcela de jovens entre 18 e 24 anos matriculados no ensino superior subiu de 9%, em 2001, para 18% em 2015, chegando a 25% em 2018, segundo o IBGE (2018). Trata-se, ainda, evidentemente, de uma experiência vivida concretamente por uma pequena parcela da população juvenil brasileira, insuficiente diante da demanda; mas a rápida expansão e a democratização do acesso, abarcando setores sociais que antes apenas raramente chegavam a esse nível de formação, introduz a experiência da vida universitária no seio das camadas populares e dissemina sua possibilidade como aspiração e projeto, assim como a consciência de que essa é uma conquista dessa geração. Não por acaso, a frase “sou o primeiro da minha família a entrar na universidade” virou uma reiterada apresentação de si entre os jovens universitários das camadas populares.

Essa também é uma geração que iniciou sua vida cívica aproveitando o mais longo período democrático da história do país; os que são jovens hoje puderam votar, desde os 16 anos, para todas as instâncias de representação, nos âmbitos municipal, estadual e nacional, puderam usar da liberdade de expressão e participação, experiência que não foi a mesma para as gerações que os precederam. É também a geração que colhe os primeiros frutos do alargamento dos direitos sociais e culturais oriundos da Constituinte Cidadã (1988) e que participa dos embates pelo alargamento do reconhecimento das diferenças e do combate às desigualdades.

Escola, internet, diversidade e democracia são elementos que se cruzam na experiência geracional dos jovens no Brasil de hoje e, como veremos, constituem matéria e cenário para os delineamentos das identidades e comportamentos que constroem no presente.

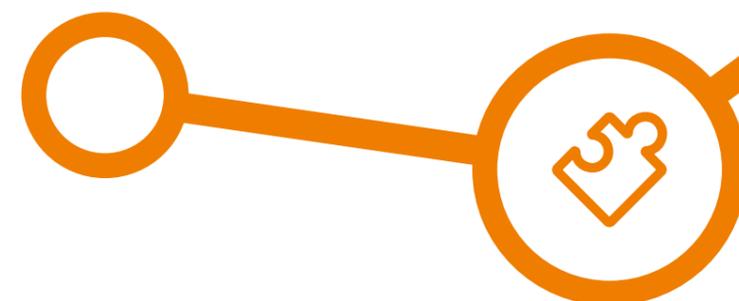
Comportamento e identidade

A pesquisa Juventudes e Conexões tem, desde a primeira edição, o objetivo de compreender o comportamento dos jovens na sua relação com a internet e as tecnologias digitais. Contudo, para esta edição, **especialistas** e estudiosos apontaram a importância de examinar, paralelamente, os temas dos valores e da identidade, para ampliar a abordagem.

A questão recebe tratamentos diversos segundo as áreas e arcabouços teóricos distintos no campo acadêmico (sociologia, antropologia, psicologia e psicanálise), mas para os fins desse estudo vamos usar a definição mais próxima do senso comum, que trata a identidade como conjunto de atributos específicos do indivíduo (principalmente como resultado do processo de individuação do sujeito em relação à família) ou como características que indicam o pertencimento a grupos ou categorias nas quais a sociedade se divide, ou diferencia. Esse é o sentido que os jovens usam ao falar sobre o tema, como veremos mais adiante.

Os jovens dos grupos de discussão sentem dificuldade de falar sobre o tema no primeiro momento e afirmam que não “param para pensar sobre isso”. Mas, quando a conversa segue, assinalam aquilo que a pesquisa quantitativa também deixa entrever: que os jovens estão, em muitas de suas atividades e pensamentos, defrontando-se com a definição de suas identidades, que aparece como um processo que envolve buscas, reflexão e escolha de construção da personalidade, de um estilo de comportamento expresso pelas atitudes, ações e pela forma como se relacionam com outras pessoas. Entendem também que esse é um processo longo, interminável, que não cessa instantaneamente quando se deixa de ser jovem, mas que é muito intenso nesse período. Ressaltam a importância do autoconhecimento e a autenticidade como um valor para essa construção.

Embora acentuem a dimensão da individualidade, sabem que a identidade pessoal é também social e se faz no mundo e para o mundo: construída de forma relacional, envolve a forma como a pessoa se vê na sociedade e como é vista por diferentes grupos com quem se relaciona. Está implicada não apenas nas características de personalidade, mas nas atitudes e posição que toma, nos locais que circula e nos grupos aos quais pertence pelo seu nascimento e história de vida e aos quais escolhe vincular-se.



O que me importa

Veja os dados completos nos gráficos de Referências e habilidades do capítulo 5, página 69.

Os gráficos que apresentam os elementos que os jovens percebem como sendo importantes para se “decidir quem se quer ser” permitem concluir que as principais referências dos jovens entrevistados vêm de organizações e pessoas com quem convivem em suas escolas, no trabalho, na família, nos grupos de amigos, em atividades culturais, de sociabilidade e espaços públicos. Instrumentos de estudo, comunicação e cultura, virtuais ou não, também têm peso no processo de construção da identidade e na conformação do comportamento, principalmente porque fornecem informação e ajudam a reflexão, mais do que pautam e inspiram modelos.

O resultado mais notável é a constatação de que a escola constitui a principal referência, na percepção dos próprios jovens nas dimensões da educação, do empreendedorismo, da participação social e do comportamento. Os outros itens são citados por um quarto ou menos dos jovens entrevistados. Em um patamar bem abaixo da escola, mas em segundo lugar, vêm os espaços e atividades culturais (21%), as organizações e projetos sociais (19%), os grupos e coletivos sociais, culturais ou políticos (19%). As mídias e os meios de comunicação diversos são mencionados por apenas 16%; as igrejas e espaços religiosos por uma parcela menor ainda, 12%. Cabe notar, porém, que o dado aqui apresentado não indica que os jovens estejam dizendo que esses outros elementos não têm influência em suas vidas, mas sim que os jovens não os percebem como um dos espaços mais importantes para a formação de sua identidade.

A importância da escola, das experiências ali vividas, das relações sociais ali construídas e das referências processadas a partir dela, para todos os âmbitos da vida, aparece também quando os jovens elegem os professores como figuras centrais para decidir quem querem ser, rivalizando com a família e parentes. Surpreendentemente, o livro didático é visto como a mais importante fonte de referência não só para aprender, mas também para se decidir o que se quer ser. Isso não quer dizer, evidentemente, que os jovens não tenham críticas à escola, à sua qualidade, às suas precariedades, às suas metodologias, à sua estrutura organizacional. Mas eles a reconhecem como um espaço fundamental de suas vidas e valorizam essa experiência.

A educação mostra-se para essa geração como um dos principais ganhos a defender. Na pesquisa *Agenda Juventude Brasil*, a possibilidade de estudar aparecia, para os jovens de 15 a 29 anos entrevistados em 2013, como o que há de “mais positivo no Brasil”: “entre seis alternativas oferecidas, 26% a apontam em 1º lugar e 62% entre os três primeiros lugares.” (FREITAS: 2016). Essa importância também esteve expressa nos inúmeros movimentos, manifestações e ocupações protagonizadas por estudantes de diferentes níveis de ensino em defesa da educação pública.

A família e os parentes têm lugar central quando perguntamos sobre valores éticos e os recursos que os jovens acionam para construir sua posição no mundo³. Podemos, assim, vislumbrar a força da relação intergeracional e anotar que os adultos se mantêm como referências significativas para a maioria deles,

pondo em questão teorias que advogam a existência de um *gap* de tal ordem que esteja em curso uma ruptura geracional de valores e visões de mundo. Há conflitos e questionamentos, os jovens demandam autonomia e não aceitam passivamente padrões impostos, mas isso não significa que os adultos deixem de ser referências importantes, na visão dos próprios jovens.

Os amigos e colegas são considerados referências fundamentais por cerca de um quinto dos entrevistados. Próxima a essa categoria, e também próxima na porcentagem, é a parcela de jovens que assinala as redes sociais como fonte importante para as suas definições de identidade e comportamento: 17%. Isso significa que há um contingente não desprezível que se baliza principalmente por companheiros de geração, amigos ou parceiros de grupos e coletivos. Do mesmo modo, pode ser observada a importância do campo cultural para a formação de referências de uma parcela significativa de jovens: 28% citam a frequência a espaços culturais (como bibliotecas, saraus etc.) e 21% a fruição de produtos culturais (como livros, filmes, espetáculos) como o mais importante para a formação de suas identidades.

“A construção da própria identidade desperta no jovem a necessidade de refletir sobre si e sobre como a sociedade o vê, especialmente quando é uma identidade que não é aceita pela sociedade; a entrada num coletivo cultural acrescenta para a construção da identidade do jovem. Por outro lado, sua busca por grupos nos quais seja ouvido e aos quais se sinta pertencente pode motivar a se integrar a coletivos e estimular sua ação cultural e participação social.”

Gil Marçal, Instituto Criar de TV

Lideranças e personalidades de contato não direto, como líderes religiosos, políticos ou artistas famosos, são os mais importantes para pequenas parcelas de jovens, menores que 10%. Cabe reparar que “*YouTubers*”, que são hoje pensados como importantes sinalizadores de comportamento dos jovens, autointitulando-se, inclusive, *digital influencers*, são apenas em pequena escala reconhecidos como tais pelos jovens, na mesmíssima escala de lideranças políticas (9%). Os participantes dos grupos de discussão, inclusive, ironizam aqueles que “seguem” *YouTubers*, associando essa prática a uma infantilização, circunscrita aos adolescentes.

Um fato que chama a atenção é o número relativamente alto de citações a categorias de profissionais de escuta e apoio, como “psicólogos, terapeutas e assistentes sociais”, mencionados por 16% dos jovens como pessoas mais importantes para se decidir quem se quer ser. Essa informação carece de mais investigações para poder engendrar explicações, mas se pode levantar uma pista

³Sabemos, por outras pesquisas, que a principal figura de referência é a mãe, como na pesquisa *Agenda Juventude Brasil*. Ver Abramo, Helena, in Novaes et al (org.) - *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças*, UNIRIO, 2016.

aqui, relacionada à complexidade e às dificuldades existentes no processo de construção identitária e com a entrada no mundo adulto, com toda a gama de carências, obstáculos, dores e sofrimentos possíveis de se interporem nesse processo e que os jovens assinalam em outros trechos dessa pesquisa: angústia, ansiedade, constrangimentos sociais, isolamento, desemprego, inadequação. Esse dado mostra que uma parcela significativa dos jovens já precisou dos serviços e apoio desses profissionais ou, pelo menos, revela uma demanda nesse sentido.

No conjunto dos gráficos, vemos que os itens relacionados à internet não têm, nenhum deles, isoladamente, grandes parcelas de jovens reconhecendo sua importância para as definições identitárias. Mas também não estão ausentes, pelo contrário, aparecem com certa força entre as fontes ou referências de conteúdos para conhecer ou se aprofundar no tema: os sites são citados por 29% dos jovens, uma proporção parecida com a parcela que indica livros, filmes e outros produtos culturais (28%). Juntando com outras parcelas que citam vídeos do *YouTube*, as redes sociais e a mídia em geral, podemos dizer que, na afirmação dos próprios jovens, a internet também é espaço de vivência e fonte de referências que usam para suas construções identitárias, mas ainda não um espaço privilegiado a ponto de superar outros, mais importantes, como a escola, a família e os grupos de vivências presenciais.

O que é preciso

Quais são as habilidades mais importantes para se decidir quem se quer ser? As respostas dos jovens entrevistados a essa questão mostram a necessidade de uma série de competências para fazer essa difícil construção. As que são citadas pelas maiores parcelas de jovens são a “vontade de aprender sempre” e “a capacidade de tomar decisão”, ambas mencionadas por um quarto dos entrevistados (25%); “pensamento crítico” e “curiosidade e interesse intelectual”, por 22% cada uma; e “criatividade”, por mais 21%. A valorização dessas habilidades reforça a ideia de que os jovens entendem que, para a definição de suas identidades e posição no mundo, é necessário um trabalho de prospecção, reflexão e escolha, pois não há padrão natural nem único a seguir.

Uma ilação possível de ser feita é a de que essa geração, em alguma medida, incorporou a importância de manter a curiosidade intelectual e a disposição de aprendizado permanente; a postura crítica e a capacidade de tomar decisões por si próprios, e não apenas a reprodução de saberes e padrões predeterminados. Aqui é preciso alertar que os resultados dessa pesquisa não permitem verificar se os jovens têm, de fato, essas habilidades e, se as têm, usam-nas preferencialmente nos seus processos de definições de identidade e posicionamento. Mas importa, aqui, ressaltar que, ao conferir importância a esses atributos, valorizam-nos e, provavelmente, de algum modo, persigam-nos.

Os usos e o impacto da internet: para o bem e para o mal

O uso da internet em todas as atividades cotidianas, desde o início de suas vidas e cada vez com maior intensidade, produz evidentemente muitos impactos no comportamento dos jovens, como já percebido por todos os analistas que se dedicam a refletir sobre esse tema. E os jovens, eles mesmos, também sabem disso. Eles têm plena consciência de que a internet e os aparelhos que a ela lhes dão acesso tornaram-se elementos centrais em suas vidas. Expressam isso apontando o quanto não conseguem “viver sem o celular” ou dizendo que “minha segunda vida é o telefone”. Os sentidos e os efeitos de tal intensidade e centralidade são, contudo, percebidos de forma ambígua.

A percepção sobre os aspectos positivos da internet é bastante alta, principalmente com relação às possibilidades de ampliação das relações pessoais e à abertura de espaços de experimentação para as construções identitárias, conforme podemos ver no gráfico “Percepções e Atitudes”.

Na pesquisa quantitativa, vemos os jovens assinalarem a concordância com uma série de frases que apontam essa positividade. A afirmação de que “o uso da internet contribui para aproximar as pessoas” foi avaliada com uma nota acima de 7 por mais de metade dos jovens (62%), reforçando o espaço virtual como um campo de interação social, sentido semelhante ao atribuído por quase 6 em cada 10 jovens entrevistados (59%), que concordam muito ou totalmente com a seguinte frase: “a internet permite que eu me relacione com pessoas com interesses e identidades semelhantes”.

A mesma proporção de entrevistados (59%) concorda com a afirmação de que: “na internet as pessoas podem ser quem elas quiserem”, o que sugere um espaço de liberdade e experimentação acerca da própria identidade. A prática de criar perfis falsos nas redes sociais (cerca de 40% dos entrevistados concorda que “às vezes a forma como me mostro nas redes sociais é diferente de como sou fora delas”) pode ter esse mesmo sentido de inventar personas para explorar outras possibilidades de relações sociais. A internet daria uma espécie de moratória para a experimentação de “rascunhos” de identificações e posicionamentos, a possibilidade de explorar seus efeitos e consequências, antes de se escolher uma face pública mais consistente.

Ainda na linha da dimensão positiva que a internet tem na construção/assunção da identidade dos jovens, está a concordância de parcela dos entrevistados com a frase “a relação que tenho comigo mesmo(a) melhorou com alguns conteúdos que vejo na internet”, que recebe uma nota média de 6,2: ainda que não seja a maioria, expressiva porcentagem de 49% concorda total ou muito com essa frase, revelando que, para um em cada dois jovens, o acesso a conteúdos veiculados pela internet ajudou na sua compreensão ou aceitação de si.

Os jovens dos grupos de discussão assinalam que a internet permite “acesso a conteúdos diversos que quebram paradigmas e preconceitos”, ao propiciar contato com referências com as quais não teriam em outros espaços, ao possibilitar conhecimento de novos tipos de músicas, culturas, estilos, *hobbies* e, principalmente, ao dar legitimidade a discussões sobre padrões de beleza, cultura negra, gênero, raça, crença, sexualidade, classes sociais etc.

“Para mim influenciou bastante a questão da negritude, de padrão de beleza me influenciou muito, eu cresci em uma família branca e eu não me identificava, eu era meio que o patinho feio e acompanhando algumas blogueiras eu passei a me identificar muito mais.”

Jovem em grupo de discussão, entre 15 e 21 anos, classes AB

“Sigo os que têm histórias parecidas (com as minhas), que vieram da periferia e fizeram sucesso, que passam uma mensagem que eu também quero passar. A gente admira essas pessoas e escuta o que elas falam porque vai agregando o que a gente também vai fazer. Acho que as pessoas que a gente admira influenciam bastante também nas coisas que a gente faz.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

A percepção positiva da influência da internet em suas vidas, contudo, vem caindo ao longo das três edições da pesquisa: a nota dada à frase “o uso da internet contribui para aproximar as pessoas”, que foi 7,1 em 2018, havia sido 7,9 em 2013; a nota dada à frase “a internet permite que eu me relacione com pessoas com interesses e identidades semelhantes aos meus” foi de 7,3 em 2015 e caiu para 6,9 em 2018.

Apesar do entusiasmo com as facilidades e a mobilidade possíveis pelo celular e a internet e de se orgulhar da facilidade com que se movem nesse mundo e em cada novo território aberto nas suas fronteiras, esses jovens também têm consciência, de forma muito aguda, de uma série de problemas e dilemas que os atravessam. Pode-se mesmo dizer que a principal novidade dessa edição da pesquisa é a extensão da percepção das dimensões negativas e de zonas de sofrimento criadas ou aumentadas pelo uso da internet.

Cresceu a porcentagem de jovens que concorda com a frase que acusa uma preocupação com o excesso de tempo passado no espaço virtual: “já passei mais tempo na internet do que pretendia” recebe a nota mais alta do ranking em 2018, 7,8 (em 2015, quando foi introduzida na pesquisa, também havia recebido uma nota alta, 7,5, mas menos do que foi registrado agora). Outra dimensão negativa que recebe uma nota de concordância da maioria dos jovens entrevistados é “tenho cuidado em expressar minhas opiniões na internet, pois posso não ser bem visto”: com uma nota média de 6,4, isso significa que mais da metade dos jovens entrevistados (53%) expressa um medo do constrangimento ou controle social que a opinião expressa na internet possa produzir sobre sua pessoa.

A preocupação com as dimensões negativas da internet não é nova, mas parece ter crescido, e não pode mais ser atribuída apenas a um pânico moral

dos adultos com relação a comportamentos desviantes dos jovens ou a algum tipo de contaminação com uma espécie de preconceito geracional da “geração passada” contra o “novo mundo da internet”.

Atentos a esses sinais, os organizadores da pesquisa buscaram, nessa edição, entender um pouco mais quais seriam os problemas que mais sensibilizam os jovens dessa geração. Os resultados são surpreendentes na veemência com que os entrevistados manifestam uma percepção de que a internet pode estar contribuindo para a instalação ou aumento de experiências de sofrimento, como o isolamento e a ansiedade, a prática de *bullying* e uma exposição negativa da intimidade.

Vemos que, para todos os problemas levantados, expressiva maioria dos jovens afirma que a internet exerce influência negativa, ou seja, considera que a internet aumenta os problemas citados. Com relação à exposição da intimidade e à prática de *bullying*, o entendimento de que há uma interferência da internet, para pior, é manifestada por 2 em cada 3 jovens.

É preciso acrescentar que, além desses itens diretamente questionados, ao longo de toda a pesquisa apareceram outros aspectos negativos relativos ao uso da internet ou que produzem tensões entre os jovens, como a dificuldade de checar a veracidade das informações, o medo de ser controlado pelos novos mecanismos tecnológicos ou de sofrer constrangimentos pelas redes sociais.

Uma das manifestações espontâneas, surgidas nos grupos de discussão, é a dificuldade de “se desligar” da internet: alguns jovens declaram que a relação com a internet se tornou um “vício” e se dizem dependentes do celular. Os sentimentos que relatam ao ficar sem o celular traduzem essa sensação de dependência e também indicam sua relação com os problemas de ansiedade e isolamento manifestados acima; as palavras destacadas nos grupos de discussão são: desespero, agonia, angústia, ansiedade; tristeza, decepção; sensação de estar perdendo algo, estar desatualizado; sentir-se sozinho, excluído; “parece que arrancaram uma parte da gente”.

Esse tema tem sido, na verdade, um dos assuntos de grande preocupação na área da saúde; médicos, psicólogos e psiquiatras debatem, mas ainda sem nenhum consenso, a catalogação da adição à internet como um problema de saúde e a busca por modos de tratamento. Muitos profissionais alertam, contudo, para os perigos de uma “patologização” apressada e para a necessidade de distinguir em que medida as novas tecnologias podem ser identificadas como causadoras desses distúrbios, ou se estão atuando para aumentar e aprofundar problemas originados de outras causas.

De todo modo, os sofrimentos emocionais e psíquicos amplificados pelas novas formas de “atestados” de sociabilidade, prazer e felicidade conferidos pelas redes sociais, quantificáveis em registros da presença em eventos e lugares desejados, pelas curtidas que se recebe pelas postagens, que podem, ao contrário das anunciadas promessas de ampliação de sociabilidade e conexão, aumentar a sensação de isolamento e deslocamento, já estão sendo percebidos e estudados por psicanalistas como uma das novas formas de sofrimento mais expressivas do nosso tempo⁴.

Veja os dados completos no gráfico Avaliação da influência da internet no comportamento, capítulo 10, página 158.

⁴Ver, por exemplo, Maria Rita Khel https://www.sescsp.org.br/online/artigo/10780_NO+DIVA+COM+MARIA+RITA+KEHL

Os medos relacionados à exposição da intimidade também podem estar ligados à percepção dos riscos envolvidos, que, crescentemente, têm ocupado os noticiários e que podem ir de pequenos constrangimentos sociais como a simples “zoeira” e gozação a casos de *bullying*, ou ainda a situações de assédio e de agressões que podem se converter em crimes de racismo, homofobia, violência contra a mulher. O desconforto dos jovens pode ser derivado de suas próprias experiências, ou de amigos e conhecidos, mas também da exposição de problemas de ordem semelhante vividos por personalidades nas redes sociais, amplificados pela exposição nos mais variados meios de comunicação⁵.

O impulso de exposição da própria imagem e opinião nas redes sociais e espaços de interação cibernética e, ao mesmo tempo, o receio de produção de consequências negativas geradas por constrangimentos, controles e agressões traduzem uma das maiores tensões vividas por essa geração: beneficiários de um clima de afirmação de direitos e aumento da valorização da diversidade, conquistada pela luta de movimentos sociais e traduzida em políticas e serviços, os jovens dessa geração aproveitam o clima de liberdade e positividade para “assumir sua própria identidade”, para se aceitar nas suas singularidades e diferenças, para “decidir quem querem ser”, explorar novas possibilidades de se colocar no mundo e se posicionar frente a tais diferenças.

Contudo, essa mudança fundamental de valores ainda está em curso, e muitos setores da sociedade e muitas de suas instituições ainda não operam segundo a nova ética, fazendo persistir altos índices de preconceito e violência, sendo os jovens, na maior parte das vezes, as principais vítimas de racismo, machismo e homofobia. O número de jovens vitimados por homicídios no Brasil é altíssimo, semelhante ao de um país em guerra; infelizmente, esse é outro fenômeno que marca a experiência dessa geração, atingindo principalmente os jovens negros e pobres, moradores das periferias, a ponto de gerar a impressão da ocorrência de um “extermínio da juventude negra”, como têm denunciado muitos.

Como aponta Recuero (2017), refletindo sobre o papel dos espaços de debate na internet e a violência contra minorias, em especial a violência contra as mulheres:

“Há uma associação entre as redes sociais na internet e um novo tipo de esfera pública que constitui e reverbera discursos. As pessoas discutem, comentam, apontam elementos sobre o que acreditam ou não nos sites de rede social, talvez, até mesmo, com menos escrúpulos do que nesses debates e discussões presenciais. (...) Ao mesmo tempo, também observamos, desde 2014, uma polarização nos debates políticos na mídia social, um acirramento e radicalização dos discursos políticos. (...) E penso que na base da violência contra as mulheres (e minorias) está esse discurso. Por isso, quando podemos observá-lo, podemos compreender as raízes da violência física, que é apenas um dos vários tipos de violência. A violência simbólica, assim, a violência do discurso, é fundamental para que compreendamos como a violência física aparece e como se correlacionam.”

⁵ Na última década, no Brasil, foram noticiados diversos casos envolvendo violações aos direitos da personalidade por meio de perfis falsos, descrições difamatórias e a exposição não consensual de vídeos e informações pessoais, em locais como redes sociais, aplicativos para celular ou plataformas que permitem compartilhar conteúdos variados. (TEFFÉ: 2015)

Relação com a informação: é verdade esse bilhete?

A velocidade, mas também a qualidade e veracidade da informação, é um dos aspectos que mais tem impactado as sociedades contemporâneas como um todo, e os jovens, como sempre, estão na vanguarda dos novos hábitos: cada vez mais a informação é absorvida e retransmitida por meio das redes sociais. Os jovens entrevistados, em 2018, responderam majoritariamente que “o local onde mais me informo é nas redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram etc.)”, expressando grande concordância com essa frase ao atribuir nota 7,0.

Veja os dados completos no gráfico Relação com a informação, no capítulo 10, página 169.

Aqui, contudo, é preciso balizar melhor esse dado: os meios pelos quais a informação circula são as redes sociais, mas a principal fonte produtora da informação é ainda a chamada “grande imprensa”.

O que ocorre, nesse processo, é que a informação chega fragmentada, na maior parte das vezes apenas pelas manchetes, muitas vezes descontextualizada e, por vezes, distorcida. Há também a interferência do comentário que induz a certas interpretações da informação, produzidas por quem a posta nas redes sociais, o blogueiro, a personalidade que os jovens seguem no Facebook, no WhatsApp ou no Instagram, reenviada por amigos, parentes, conhecidos.

Um problema já identificado por muitos analistas e também pelos próprios jovens é que, por um lado, a internet amplia as possibilidades de informação e, por outro, tende a circunscrever os espaços de circulação dos internautas dentro de *clusters* ou bolhas de interesse. Como demonstraram no estudo qualitativo, muitos sabem que o algoritmo mostra a eles apenas o que concordam.

Esse é um dilema que se tem colocado para essa geração; a possibilidade de identificar interesses compartilhados na internet aprofunda os laços identitários e ajuda os jovens a “encontrarem sua turma”, mas também produz um sentimento de estreitamento do mundo público e uma espécie de confinamento ideológico. Na pesquisa qualitativa, foi possível perceber um incômodo com o fato de “viver na bolha”.

Outro problema identificado remete à veracidade e confiabilidade das informações que circulam na rede. Não por acaso, o tema das *fake news* e seu efeito na estruturação das relações sociais e políticas condensam a maior parte das preocupações.

Na pesquisa qualitativa, eles dizem que “as *fake news* estão em massa nas publicações das redes sociais”; na pesquisa quantitativa, a desconfiança de que a informação recebida pode estar falseada se evidencia com o alto grau de concordância com a frase “quando recebo uma notícia pelas redes, procuro saber se aquilo é verdadeiro”; na lista de frases apresentadas para checar a relação dos jovens com a questão da informação via internet, essa é a que mais desperta concordância no conjunto de afirmações relacionadas à informação na internet, recebendo nota 7,9⁶.

⁶ De acordo com o Relatório da Segurança Digital no Brasil, do *dfndr lab*, laboratório de cibersegurança da *PSafe*, mais de 4,8 milhões de notícias falsas foram detectadas somente nos meses de julho, agosto e setembro de 2018; quase 65% das pessoas já receberam algum tipo de conteúdo falso em aplicativos de mensagens, como WhatsApp e Facebook Messenger.

Apesar de ficar evidente a preocupação com as *fake news*, e de considerar importante se precaver de algum modo desse problema, a grande maioria dos jovens não checa, de fato, as informações recebidas antes de compartilhar. Na pesquisa qualitativa, os jovens explicaram que buscam pesar a veracidade da informação recebida ao avaliar o emissor da postagem da informação na rede: se é um “amigo que confia, que admira, que considera sensato”, deduz que a informação postada encaminhada por ele também seja. Outro mecanismo é tentar avaliar o aspecto formal do texto que veicula a informação: o tipo de linguagem utilizado, se contém citações, ideias razoáveis; ou seja, se o texto for bem-redigido confia que a informação seja verdadeira.

Ou seja, parece aqui que, mais uma vez, os jovens mostram-se conscientes dos problemas existentes, sabem que necessitam buscar modos de enfrentar tais problemas, mas nem todos sentem ter os recursos para enfrentá-los.

A segurança na internet

Pode-se verificar que a maioria dos jovens sente a internet como um campo necessário e útil, que facilita o dia a dia, mas também como um espaço atravessado pela insegurança. Frente a uma série de atividades que podem ser feitas pela internet, perguntados se sentem seguros em realizá-las, o único item que recebe uma nota média maior que 7,0 é “inscrever-se em concursos, provas, disponibilizar seu currículo online”. Todos os outros recebem notas abaixo de 7,0.

Comparando com a edição passada, nota-se que cresce lentamente a confiança dos jovens na realização de certas atividades de serviços pela internet, como “baixar aplicativos gratuitos ou pagos de seu interesse e que considera úteis” (cresce de 6,3 em 2015 para 6,8 em 2018) e “realizar transações bancárias pela internet” (que cresce de 5,0 para 5,4 no mesmo período).

Porém, quando se trata de disponibilizar suas informações pessoais, seja para serviços comerciais, seja para estabelecer novos relacionamentos sociais, a confiança tem mesmo diminuído, como pode ser visto pelas notas atribuídas às frases: “fornecer dados pessoais para a compra de um produto/serviço ou se cadastrar em uma página” recebeu nota 5,0 em 2015 e nota 4,9 em 2018; e “trocar informações pessoais com desconhecidos”, que já havia recebido nota baixa em 2015 (4,2), cai ainda mais em 2018, quando recebe nota 3,1, a nota mais baixa do *ranking*.

A maioria dos jovens não vê a internet como um espaço seguro nem para publicar informações pessoais para certos serviços comerciais nem para a socialização em redes sociais; assim como não considera a internet como um espaço seguro para emitir opiniões ou apoiar causas públicas.

Ainda que as diferenças entre os gêneros nas respostas dadas sobre os temas de segurança na internet não sejam grandes, cabe notar que as mulheres sentem-se ainda menos seguras que os rapazes para realizar atividades que impliquem fornecer dados pessoais, o que, provavelmente, reflete o sentimento de mais vulnerabilidade das mulheres a violências e agressões nos espaços públicos, presenciais e virtuais; por outro lado, as jovens mulheres

revelam uma posição equivalente à dos homens, ou mesmo um pouco mais arrojada, no que diz respeito à manifestação de opinião ou apoio a causas públicas na internet, o que pode estar relacionado ao notável protagonismo político das mulheres nas novas gerações.

A confiança na dimensão tecnológica da internet, que permite realizar atividades de acesso a serviços, como os bancários e de compras, cresce com a idade e a escolaridade, o que pode ser explicado por um maior acesso às informações e ao conhecimento do funcionamento das tecnologias envolvidas, e também por uma maior experiência com os instrumentos. Contudo, o mesmo não se verifica com relação à segurança relacionada a atividades que envolvem a emissão de opiniões ou apoio a causas públicas. Nesse caso, parece que o acesso ao conhecimento e o acúmulo de experiências, em vez de deixar os jovens mais confiantes, aguçam a percepção dos problemas implicados no espaço público cibernético. Poderíamos dizer que a sensação de insegurança vem de uma maior consciência dos problemas existentes.

Os jovens ouvidos em 2018 têm consciência de que a internet constitui um campo que vai muito além da mera dimensão tecnológica; que está atravessada por interesses comerciais, por disputas políticas, por tensões culturais. Entre os **jovens consultores**, houve expressa preocupação com a sensação de se sentir vigiado e controlado por meio dos instrumentos e aplicativos cibernéticos, numa percepção semelhante à expressa por Guto Camargo, vice-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em seminário sobre “Internet, Liberdade de Expressão e Democracia”, realizado em abril de 2018:

“Assim que surgiu a internet havia efetivamente mais liberdade, mas aos poucos o mundo empresarial vai construindo seus controles, monopólios. Vivemos a sensação de que a internet seria, pela sua própria composição, um espaço livre. Não é. Estamos acompanhando a questão do Facebook nos Estados Unidos, vimos a espionagem do NSA inclusive sobre o governo brasileiro, o WikiLeaks tem centenas de exemplos de interferência... Há as chamadas *fake news*, a interferência da Rússia sobre a eleição americana... tudo isso revela que a internet é um ambiente extremamente controlado, principalmente economicamente, e vigiado: nossos dados são copiados, organizados, vendidos, emprestados.”.



No olho do furacão

É preciso dizer que os jovens, nas suas apreensões e temores, estão muito antenados com os problemas colocados na sociedade contemporânea que, no Brasil, cresceram exponencialmente nos últimos anos. Giram em torno das questões relacionadas à qualidade da informação que circula (no sentido da veracidade e profundidade), da dúvida sobre a possibilidade de confiança e segurança nas redes para a autoexposição e expressão de opiniões, da tensão entre a possibilidade de encontros afirmativos e emancipadores e a sujeição a agressão, violências e constrangimentos de variadas ordens. São questões éticas de aguda atualidade, que, além de afetar a vida cotidiana de todos, compõem parte da agenda mais complexa e urgente colocada no plano político.

O imbricamento da internet com a vida política, os problemas levantados pelas distorções de informações, a descoberta de mecanismos de produção de *fake news* e sua disseminação por meio de robôs, redes sociais funcionando como “armas de manipulação em massa”, sua interferência em resultados de campanhas políticas e eleições têm produzido impactos tão profundos que alguns analistas temem por abalos no próprio sistema democrático e propugnam a necessidade de pactuação de regras de transparência e controle, como as já previstas no Marco Civil da Internet, que, sancionado como lei em 2014, ainda enfrenta acirradas resistências para sua consolidação⁷.

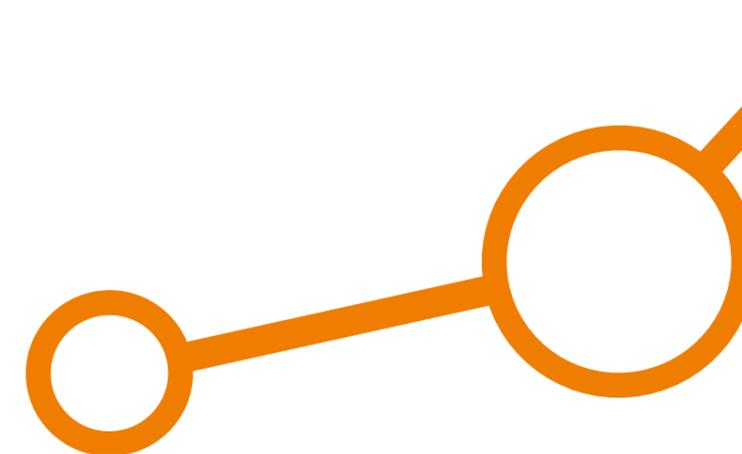
As polarizações políticas e ideológicas reveladas nas últimas eleições presidenciais foram um ponto culminante de um crescente ambiente agressivo, muitas vezes relacionado a violências factuais, algumas delas de consequências gravíssimas, em todos os temas importantes da agenda política e comportamental, inclusive a dos direitos relacionados às diferenças identitárias, como a questão do machismo, do racismo e da homofobia.

As potências e problemas levantados pelos jovens entrevistados a respeito da influência da internet para a formação de sua identidade e para sua relação com o mundo estão, desse modo, profundamente imbricados com a experiência que vivem no momento presente, numa sociedade que toma, aos poucos, “consciência do poder — e do perigo — representados pelos meios criados pela revolução informática. Indispensáveis, responsáveis por uma abertura inédita de horizontes, emancipadores, mas, ao mesmo tempo, capazes de um insuspeitado poder de distorção, de falsificação e de controle sobre a vida de todos e de cada um”, como escreve Daniel Aarão Reis, em artigo publicado em junho de 2019.

Os jovens, conectados e expostos como nunca às informações, inclusive por efeito da democratização da internet e do acesso aos dispositivos de informação e comunicação, também tomaram contato, massivamente, com os questionamentos crescentes sobre os problemas no espaço cibernético e puderam relacioná-los às suas próprias vivências. Essa também é uma experiência social, coletiva, que entra na composição de sua localização geracional e que ajuda a delinear o conjunto de questões que eles, agora, apresentam à sociedade, manifestando seu desconforto, suas dúvidas, seu mal-estar.

Seus medos e temores são, desse modo, mais do que questões do “comportamento juvenil” e se tornam problemas que demandam resoluções de âmbito público. Identificar e enunciar os problemas, expressar o sofrimento é a primeira condição para a possibilidade de enfrentá-los. O resultado mais potente dessa pesquisa talvez seja compreender que os jovens não estão indiferentes aos problemas existentes e que, ao explicitá-los, talvez, estejam também mostrando disposição de participar do debate coletivo tão necessário para a criação dos termos e acordos que permitam o seu enfrentamento. Sujeitos ativos na disseminação dos hábitos que consolidam novas formas de relação na internet, também o podem ser na imaginação e definição das regras que visem tornar o espaço cibernético ajustado aos valores que acompanharam a formação dessa geração, como a afirmação da diversidade, a superação das desigualdades, a liberdade de expressão e a democracia.

⁷ Aprovado em 2014, o Marco Civil da Internet (MCI, conhecido como Constituição da internet brasileira) é uma referência fundamental da governança no século XXI, tanto para o Brasil como internacionalmente. Ele sistematiza em lei dez princípios desenvolvidos pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, entre eles a neutralidade da rede, a liberdade de expressão e a privacidade, dando importantes direitos aos cidadãos – online e offline.





12



Participação social Dados da pesquisa

Apresentamos os resultados quantitativos e qualitativos do Juventudes e Conexões focados no eixo temático de participação social.

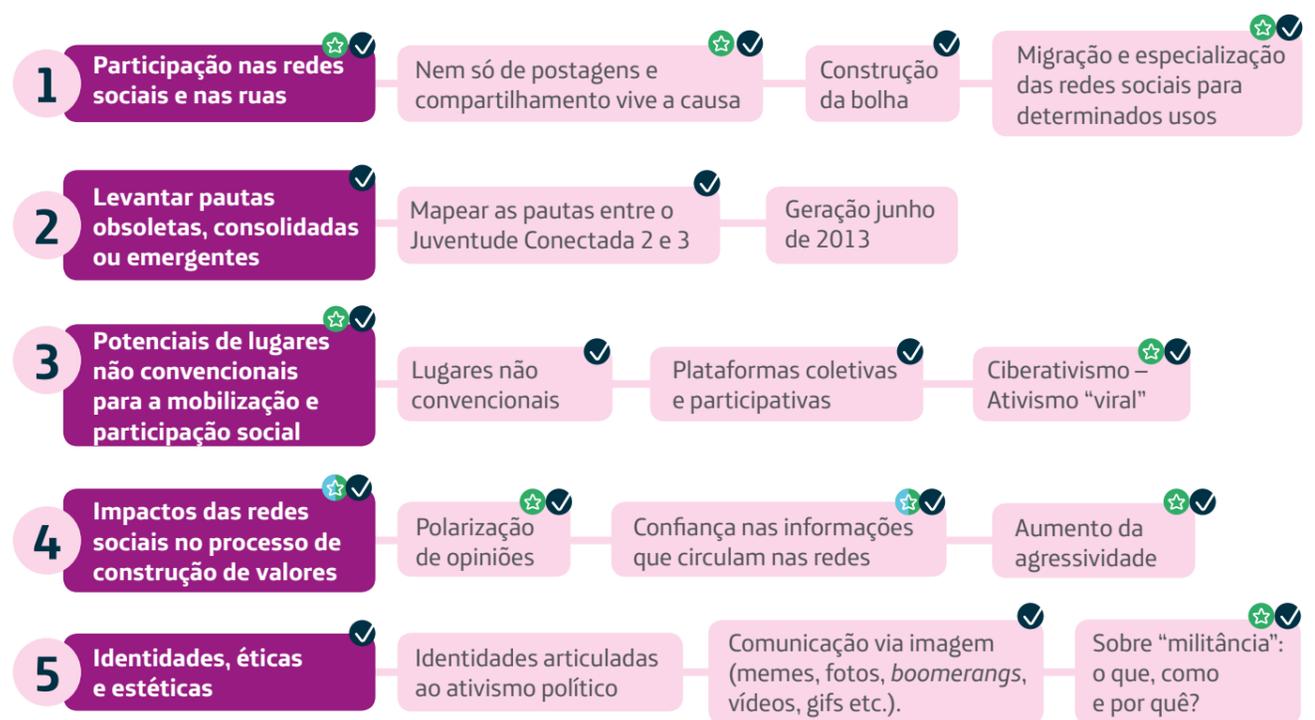
Para produzirmos conhecimento sobre um tema complexo, amplo e com múltiplas compreensões, foi preciso levantar as diferentes perspectivas que os próprios jovens têm do que é e como se dá a participação social.

Nas próximas páginas, trazemos as leituras sobre como a internet influencia a forma como as juventudes têm atuado, as pautas que julgam ser mais importantes e quais são as possibilidades que emergem na intersecção da participação presencial com a virtual.

Participação social

Na etapa de construção coletiva, **especialistas** e **jovens consultores** mapearam algumas inquietações, curiosidades e temas relevantes para o momento atual da participação social no Brasil, levando em consideração o que já havia sido abordado sobre o tema nas edições anteriores. O cruzamento dos interesses e reflexões de todos os públicos envolvidos na cocriação do estudo gerou um quadro síntese, norteador da pesquisa.

Mapeamento inicial de temas - Participação social



☆ Tratado na edição 2013-2014 ☆ Tratado na edição 2015-2016 ☆ Tratado nas edições 2013-2014 e 2015-2016 ✓ Abordado na edição 2018-2019

A oficina de PerguntAção, em que **jovens consultores** validaram as abordagens da pesquisa e sugeriram questões para os instrumentos de coleta, foi marcada por um período de agitação política no país devido a uma campanha eleitoral presidencial intensa e com muita reverberação em redes sociais. Esse foi tema de inúmeras discussões, que acabaram introduzindo novos pontos, como por exemplo a construção de algoritmos que determinam a circulação de conteúdo específico em um mesmo círculo de pessoas que possuem opiniões, estilos e gostos em comum, o que cria um tipo de “bolha social” online.

Alguns **jovens consultores** indicaram que as “bolhas” criadas nas redes sociais são um dos fatores que pode limitar seus interesses, já que o conteúdo vem de certa forma “filtrado” de acordo com o que a pessoa já pensa a respeito daquele assunto, limitando a possibilidade de observar outras facetas do mesmo tema.

“Quero ouvir só o que quero. Eu vou construindo um mundo que vou escolhendo informações só de um ou outro tipo, e a minha realidade vai se formando a partir disso.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

“Se eu abro demais a bolha, passo raiva e xingo todo mundo, se fecho demais, vivo só num mundinho que não é 100% da realidade. É questão importante para saber o quanto devemos nos abrir ou não.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Esse debate provocou **jovens consultores** a proporem a produção de um mapeamento das pautas consideradas relevantes para as juventudes e com as quais se engajariam. Criaram uma lista de questões, algumas já consolidadas (como mulheres, étnico-raciais, LGBTQI+, meio ambiente), outras emergentes (como reformas trabalhista, educacional e previdenciária).

Para eles, a participação nos movimentos dos secundaristas marcou o momento em que jovens começaram a ser ouvidos e tiveram mais visibilidade. Acreditam que agora seria oportuno abordar na pesquisa o potencial de lugares não convencionais para o incentivo à mobilização e participação social, como em blocos de carnaval, plataformas coletivas, ciberativismo e ativismo “viral”.

Eles sentem que a internet é um canal importante para jovens se engajarem na sociedade, mas enfatizam a necessidade de aliar essa participação a uma atuação presencial. Contudo, o *like* para alguns pode ser a única forma viável de participar, em especial entre os mais novos (que precisam de permissão para ir às manifestações, dependem de transporte público para se locomover na cidade e têm limitação de horário, têm aulas etc.).

A ocupação de espaços públicos por jovens (como encontros nas praças, “rolezinhos”, “fluxos” etc.) é uma das formas vistas por alguns como participação, mesmo que eles não estejam diretamente lutando por alguma pauta política.

“Acho que bloco de Carnaval é uma forma de expressão. De unir as pessoas em comum, independente de qual música é. Está ocupando espaço público, então é uma expressão cultural.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Compreensões sobre participação social

Participação social é um conceito utilizado em diversas áreas do conhecimento, com significados próprios aos campos que o aplicam e, por isso, é múltiplo e passa por constantes atualizações.

Justamente por não existir uma definição única, era importante compreendermos qual o entendimento das juventudes sobre o conceito. Lançamos esse assunto aos grupos de discussão e percebemos uma dificuldade para contextualizarem o que é participação social.

Veja mais sobre o conceito de participação social no capítulo 13, página 222.



O que entendem por participação social

Ser ativo em projetos e ações para ajudar a comunidade.

Fazer doações (de roupas, comida, de sangue).

Lutar por direitos humanos ou dos animais.

Ser voluntário em projetos sociais ou ações sociais da comunidade.

Compartilhar informações na rede social, expressar opinião.

Fazer serviço comunitário.

Conversar com as pessoas e sair do mundo online.

Grande parte desses jovens não se considera participativa e acredita que, de maneira geral, poucos são os que praticam ações e debatem causas sociais. Foram muito comuns, nos grupos de discussão, definições de participação social vinculadas a projetos sociais e doações, que, na maioria das vezes, passam por instituições.

Especialistas acreditam que, para alguns jovens, o termo “participação social” não representa o que eles fazem ou os movimentos dos quais participam e que é comum aliar esta nomenclatura a algo mais institucionalizado.

Para **jovens consultores** – muitos dos quais interessados na temática e engajados com suas próprias causas, ao contrário dos jovens dos grupos de discussão – a perspectiva de que a participação social aconteça apenas no espaço institucional transfere ao Estado e para os partidos políticos qualquer dever para lutar e garantir os direitos dos cidadãos, colaborando para o não envolvimento de muitas pessoas nos debates ou defesa de causas sociais. Para eles, a participação social também deve considerar o engajamento de jovens em espaços não convencionais; ela pode ser feita por qualquer pessoa, a qualquer tempo, e deve ser voluntária, não imposta.

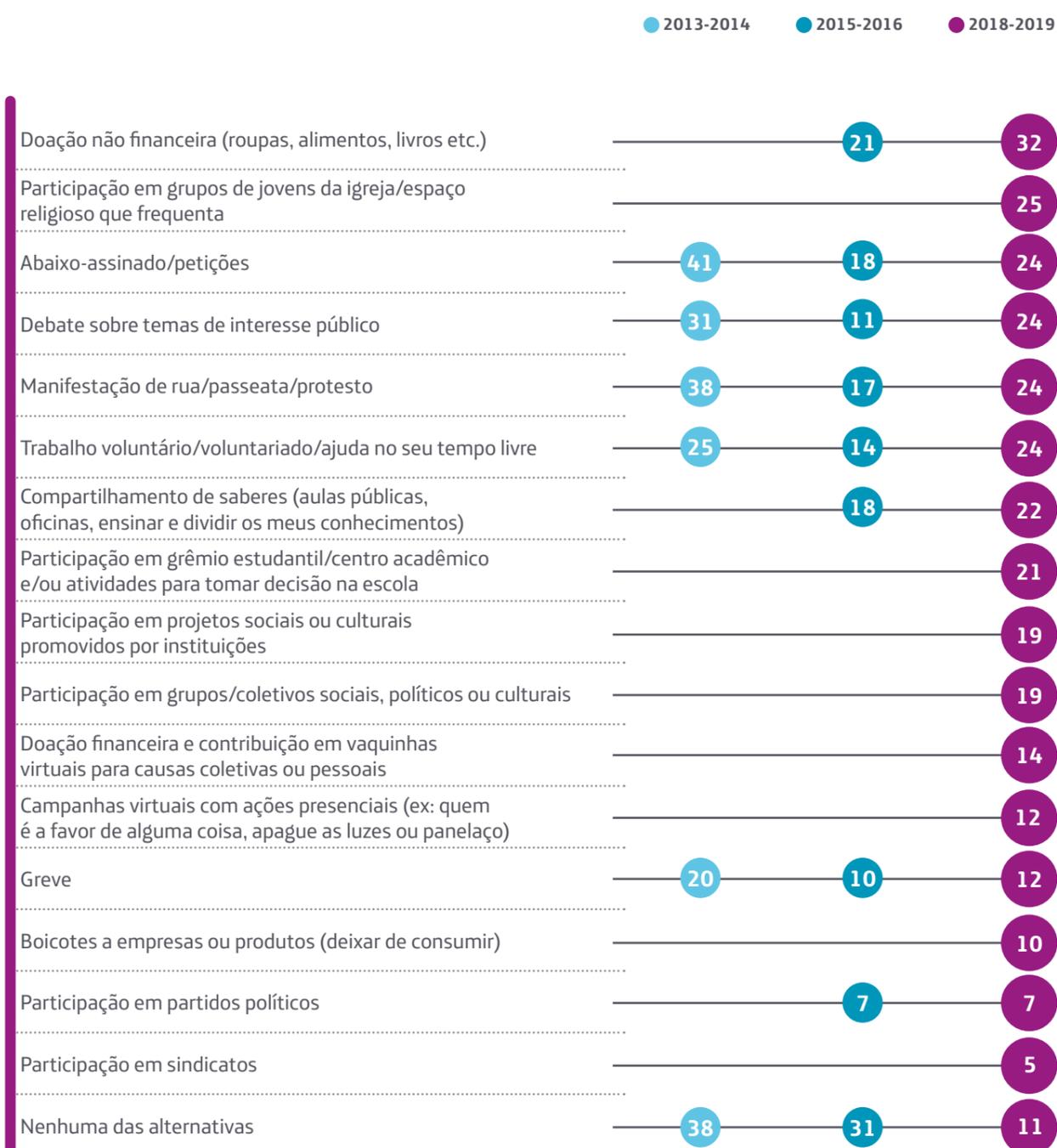
“Algumas pessoas participam socialmente e não sabem que participam por não saberem o significado.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Formas de participação social

Desde a edição anterior do estudo (2015-2016), nós nos esforçamos para ampliar o repertório de formas de participação social e compreender como jovens costumam engajar-se. Por isso, para abarcar essa diversidade de lugares e formas, ou mesmo a sobreposição ou complementariedade entre a ação virtual e presencial, perguntamos a eles sobre quais atividades já se envolveram.

Atividades de participação com que se envolveram (%) – série histórica



Se comparadas à primeira edição, quando a coleta de dados foi concomitante às manifestações de junho de 2013, as edições posteriores parecem ter uma quantidade menor de jovens que se envolveram em manifestações de rua, debates públicos, abaixo-assinado e greve. Porém, entre 2015 e 2018, percebemos voltar a crescer o número de pessoas que dizem realizar esses tipos de atividades.

O aumento de jovens que dizem participar de manifestações de rua, debates e mesmo de reuniões pode estar relacionado às convocações feitas pelas redes sociais, um universo no qual os jovens estão bastante presentes e ativos.

Percebemos também que há uma queda considerável no percentual de jovens que afirma não se envolver com nenhuma das atividades mencionadas. Esse resultado pode ser derivado da ampliação na quantidade de alternativas, fruto da etapa de construção coletiva desta edição da pesquisa.

Vemos que a participação em grupos de jovens da igreja, por exemplo, foi uma opção aplicada pela primeira vez e contou com 25% das respostas, já se posicionando em segundo lugar. Do mesmo modo, projetos sociais ou culturais, grêmios estudantis e grupos ou coletivos também são novos itens e apresentam alta proporção de jovens envolvidos.

“Eu participo com a minha banda de um movimento em apoio ao centro cultural do bairro. A gente participou do movimento de retomada do centro cultural, que existe há mais de 25 anos. A galera que está na luta há muitos anos para mudar o nome da estação para estação centro cultural de Ceilândia, porque lá ninguém sabe que é o centro cultural.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

O trabalho voluntário, que contou com 24% das respostas, também foi debatido nos grupos de discussão. As experiências relatadas aconteceram em projetos de organizações ou instituições e indicaram a participação porque percebem o grande impacto que causam no público atendido.



“Quando eu trabalhava no Hospital Pequeno Príncipe com o pessoal voluntário, ia brincar com as crianças. Ver uma criança sorrir, brincar, conversar era demais. Acho que é aquilo que me inspirava a voltar no outro dia, o incentivo era a criança.”

Jovem em grupo de discussão, entre 15 e 21 anos, classes CDE



Notamos que jovens demonstram distanciamento em relação às formas tradicionais de participação, como greve (12%), partidos políticos (7%) e sindicatos (5%). Para **jovens consultores**, além do formato dessas organizações, não há espaço para os jovens dentro delas.

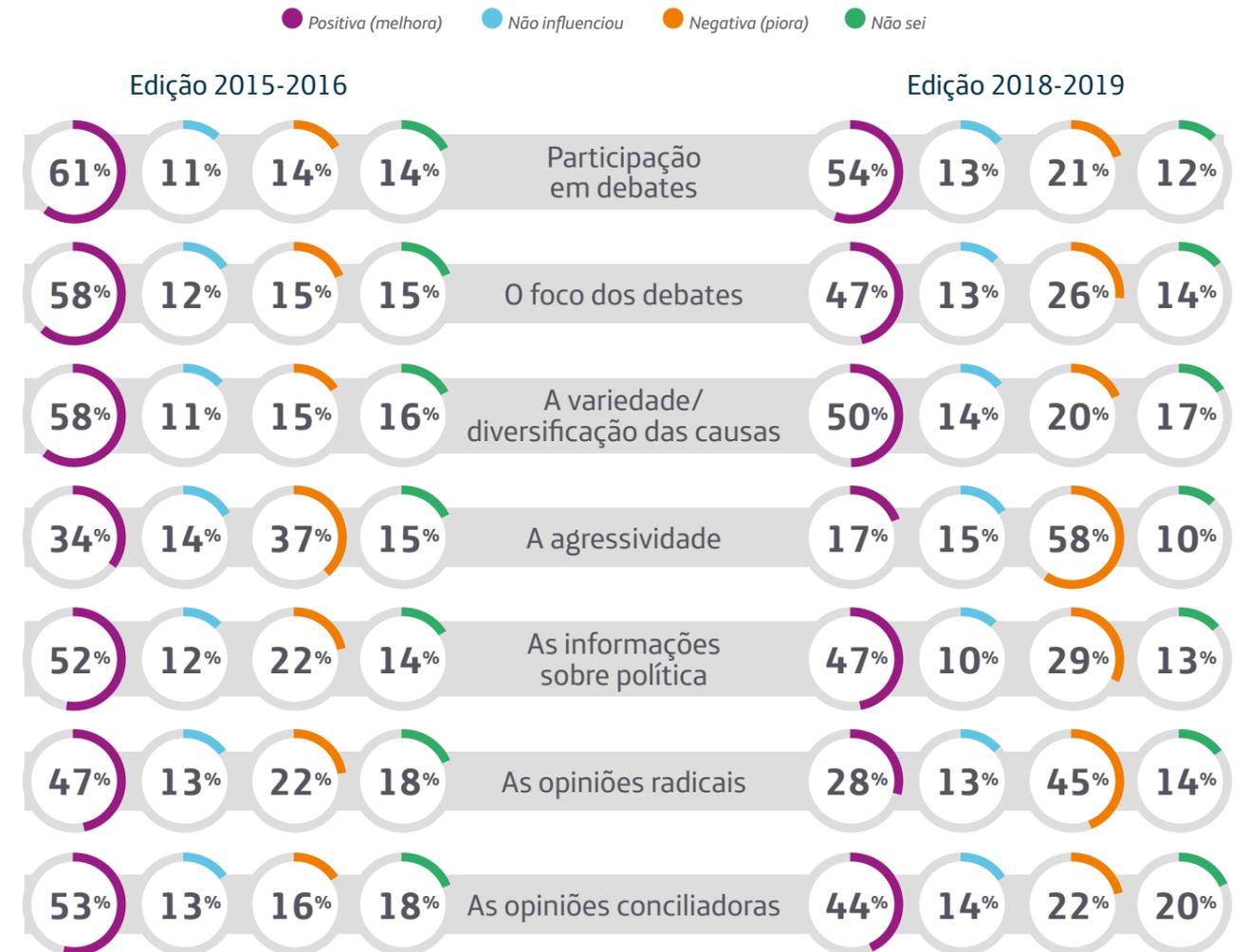
“Mesmo em conselho de jovem, o jovem mais jovem não é ouvido.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Influências das tecnologias digitais para participar na sociedade

O quanto a internet influencia as juventudes a participar ou não da sociedade? Ao longo da pesquisa, jovens apontaram quais temas consideram ter mais relevância para o engajamento em causas sociais e avaliaram a relação das tecnologias com as práticas sociais.

Avaliação da influência da internet para participar na sociedade



Apesar de termos refletido, nas etapas de construção coletiva, sobre a possibilidade de crise no cenário da participação social, chamou-nos a atenção a expressiva queda da percepção de que a internet tem uma influência positiva nos diferentes aspectos da participação.

Mais da metade de jovens (58%) consideram que a internet piorou a agressividade e boa parte acha que se acirraram as opiniões radicais (45%). Para **especialistas**, o fato de a pesquisa ter sido realizada pouco depois do período eleitoral de 2018 pode ter influenciado essa percepção negativa na medida em que houve forte polarização política com embates constantes difundidos principalmente pelas redes sociais. Isso também pode ter piorado a sensação em relação ao fato dos debates e às informações sobre política.

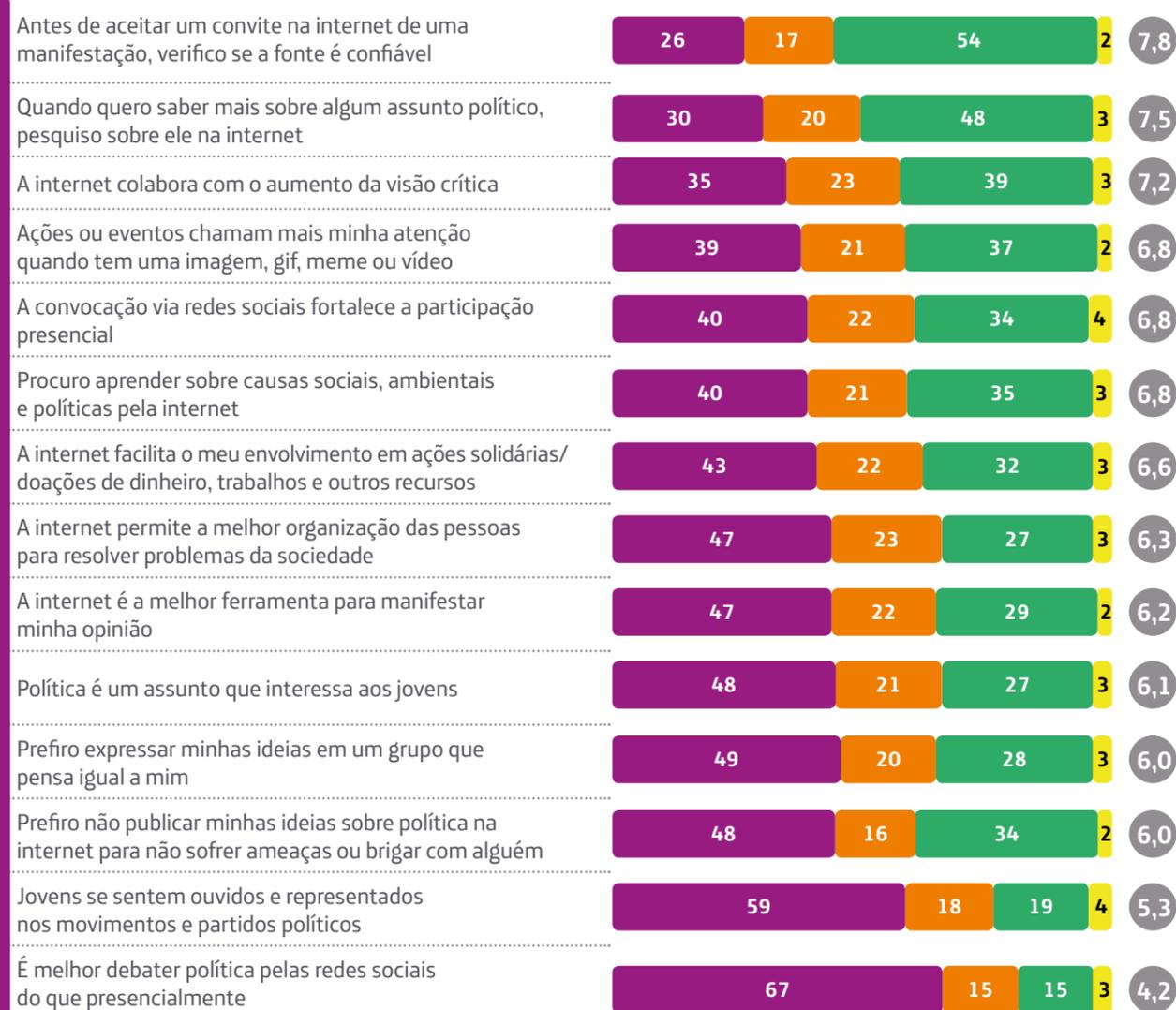
“Tudo que é extremo dificulta a visão, tudo que é radical interfere na liberdade.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Tendo em vista esse contexto, como será que está a percepção deles sobre o quanto e como a internet colabora para o engajamento, a visão crítica e a mobilização social?

Tecnologias digitais em práticas e relações para participação social

● 0 a 6 discordam (%) ● 7 e 8 concordam em parte (%) ● 9 e 10 concordam totalmente (%) ● Não sabe (%) ● Média



A internet aparece, para jovens, como uma importante fonte de informação para assuntos políticos, sociais e ambientais. Porém, eles dizem que ali não é um ambiente adequado para discutir esses assuntos, metade deles têm restrições para publicar suas ideias pois temem sofrer ameaças ou brigar com alguém. E a grande maioria de jovens (67%) se opõem que é melhor debater política pelas redes sociais do que presencialmente.

Também verificamos essa visão negativa quando jovens discordam que a convocação via redes sociais fortalece a participação presencial, bem como facilita o envolvimento em ações diversas e permite melhor organização das pessoas para resolver problemas da sociedade.

“Precisa da interação física para fazer sentido. Mas a internet é necessária para conectar pessoas à distância para se mobilizar. Como aconteceu nas manifestações.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Quando analisamos a variação da percepção sobre a participação social nas três edições, notamos uma queda contínua na concordância em relação à colaboração da internet para uma visão crítica e quanto a ser a melhor ferramenta para manifestar a própria opinião.

Destacamos ainda que, entre a segunda edição e esta, houve queda na sensação de que a internet melhora a organização das pessoas no enfrentamento de problemas da sociedade.

Tecnologias digitais em práticas e relações para participação social – sexo e idade

	Total	Sexo		Idade		
		Masc.	Fem.	15-19	20-24	25-29
Antes de aceitar um convite na internet de uma manifestação, verifico se a fonte é confiável	7,8	7,7	8,0	7,7	7,9	7,9
Quando quero saber mais sobre algum assunto político, pesquiso sobre ele na internet	7,5	7,4	7,6	7,3	7,8	7,4
A internet colabora com o aumento da visão crítica	7,2	7,1	7,3	7,1	7,3	7,2
Ações ou eventos chamam mais minha atenção quando tem uma imagem, gif, meme ou vídeo	6,8	6,6	7,0	6,8	6,9	6,7
A convocação via redes sociais fortalece a participação presencial	6,8	6,8	6,7	6,6	6,9	6,9
Procuo aprender sobre causas sociais, ambientais e políticas pela internet	6,8	6,6	6,9	6,5	6,9	6,9
A internet facilita o meu envolvimento em ações solidárias/ doações de dinheiro, trabalhos e outros recursos	6,6	6,5	6,7	6,5	6,6	6,7
A internet permite a melhor organização das pessoas para resolver problemas da sociedade	6,3	6,4	6,2	6,1	6,6	6,4
A internet é a melhor ferramenta para manifestar minha opinião	6,2	6,3	6,1	6,1	6,3	6,2
Política é um assunto que interessa aos jovens	6,1	6,0	6,1	5,7	6,4	6,2
Prefiro expressar minhas ideias em um grupo que pensa igual a mim	6,0	6,0	6,0	5,9	6,1	5,9
Prefiro não publicar minhas ideias sobre política na internet para não sofrer ameaças ou brigar com alguém	6,0	5,8	6,1	5,8	6,1	6,0
Jovens se sentem ouvidos e representados nos movimentos e partidos políticos	5,3	5,1	5,5	5,1	5,3	5,5
É melhor debater política pelas redes sociais do que presencialmente	4,2	4,1	4,2	3,8	4,4	4,4

Fem. = Feminino | Masc. = Masculino

Observamos um certo equilíbrio nas respostas em relação ao gênero e às faixas de idade, com pequenos destaques: as mulheres concordam mais que jovens sentem-se ouvidos e representados nos movimentos e partidos políticos, possivelmente porque há um crescimento da própria pauta sobre questões de gênero. Elas também se interessam mais por um tema quando ele possui imagens, vídeos, gifs ou memes.

Já entre as faixas etárias, os mais novos são os que menos concordam que política é um assunto interessante para jovens e que é melhor debater política pelas redes sociais (para esse item deram a nota 3,8, a média mais baixa de toda a bateria de perguntas).

Vale destacar que jovens de 20 a 24 anos são os mais otimistas quanto ao uso da internet para melhorar a organização das pessoas. São também os que mais dizem pesquisar na internet quando querem saber mais sobre assuntos políticos.

Tecnologias digitais em práticas e relações para participação social – escolaridade e classe

	Total	Escolaridade			Classe social			
		EF	EM	ES	A	B	C	DE
Antes de aceitar um convite na internet de uma manifestação, verifico se a fonte é confiável	7,8	7,7	7,8	7,9	8,1	8,1	7,9	7,5
Quando quero saber mais sobre algum assunto político, pesquiso sobre ele na internet	7,5	6,9	7,6	7,6	7,0	7,9	7,5	7,1
A internet colabora com o aumento da visão crítica	7,2	7,2	7,2	7,3	7,2	7,7	7,2	6,6
Ações ou eventos chamam mais minha atenção quando tem uma imagem, gif, meme ou vídeo	6,8	6,7	6,7	7,0	6,4	7,3	6,8	6,4
A convocação via redes sociais fortalece a participação presencial	6,8	6,6	6,7	7,1	6,9	7,4	6,8	6,2
Procuo aprender sobre causas sociais, ambientais e políticas pela internet	6,8	6,6	6,6	7,1	6,3	7,4	6,8	6,1
A internet facilita o meu envolvimento em ações solidárias/ doações de dinheiro, trabalhos e outros recursos	6,6	6,2	6,6	6,8	6,3	7,2	6,6	5,9
A internet permite a melhor organização das pessoas para resolver problemas da sociedade	6,3	6,2	6,2	6,6	6,5	6,9	6,3	5,9
A internet é a melhor ferramenta para manifestar minha opinião	6,2	6,7	6,1	6,0	4,5	6,5	6,2	6,2
Política é um assunto que interessa aos jovens	6,1	5,5	5,9	6,5	6,3	6,5	5,9	5,9
Prefiro expressar minhas ideias em um grupo que pensa igual a mim	6,0	6,7	5,8	5,9	5,8	5,9	5,9	6,1
Prefiro não publicar minhas ideias sobre política na internet para não sofrer ameaças ou brigar com alguém	6,0	5,8	6,0	5,9	6,5	5,9	5,9	6,1
Jovens se sentem ouvidos e representados nos movimentos e partidos políticos	5,3	5,8	5,1	5,4	5,2	5,5	5,2	5,3
É melhor debater política pelas redes sociais do que presencialmente	4,2	4,4	4,0	4,2	3,1	4,1	4,0	4,5

EF = Ensino fundamental | EM = Ensino médio | ES = Ensino superior

Há algumas diferenças nas respostas de acordo com o grau de escolaridade, mas em metade dos temas questionados essa variável parece não mudar significativamente as percepções.

Quanto maior a escolaridade, maior a concordância de que política é um assunto que interessa aos jovens e que a convocação via redes sociais fortalece a participação presencial.

Jovens com ensino fundamental acreditam que a internet é a melhor ferramenta para expressar opinião e que é melhor fazer isso em grupos que já pensam igual a eles. Quando esse mesmo dado é visto pela classe social, percebemos que a classe A não acredita que a internet seja o melhor lugar para se expressar e é bem crítica em relação a isso, atribuindo uma nota 4,5 quando a média total é de 6,2. Além disso, diz que prefere discutir política presencialmente e não nas redes sociais.

A classe B, por sua vez, concorda mais com as possibilidades que a internet pode oferecer para fortalecer a participação social.

Conexão com pautas sociais

Relacionamos uma série de 20 causas sociais e buscamos entender qual a relevância e disposição dos jovens de se engajarem em cada uma.

Pautas de interesse

	Mais importantes para o país	Mais dispostos a se envolver
Qualidade da educação	32%	27%
Segurança pública e violência	31%	21%
Combate à corrupção	29%	25%
Saúde e alimentação saudável	20%	18%
Direitos trabalhistas	19%	17%
Combate às drogas	17%	15%
Direito das mulheres	16%	21%
LGBTQI+ (diversidade sexual)	14%	14%
Meio ambiente, mudanças climáticas e defesa dos animais	11%	13%
Questões raciais e étnicas	11%	11%
Acesso à internet	9%	13%
Reforma do ensino médio	9%	10%
Fortalecimento da democracia	9%	8%
Liberdade de expressão e de imprensa	9%	8%
Mobilidade urbana e transporte público	8%	7%
Tolerância religiosa	7%	9%
Direito/acesso à cultura	7%	9%
Descriminalização da maconha	7%	7%
Sistema de cotas para acesso à universidade	5%	6%
Avanço do agronegócio	4%	3%



Educação, segurança, combate à corrupção e saúde, não por acaso, são os quatro assuntos considerados por jovens como os mais importantes ao país, já que são temas tradicionalmente tratados pela política.

Mesmo que não seja considerada uma das pautas mais importantes para o país, o direito das mulheres aparece como um dos quatro principais assuntos nos quais os jovens se sentem mais dispostos a se envolver, junto com qualidade da educação, segurança e corrupção.

Percebemos que a mesma parcela que elege as pautas identitárias (LGBTQI+, etnia e raça) como prioritárias para o país também é aquela que está mais disposta a se envolver pessoalmente com o tema.

“Todo mundo tem percebido um avanço nas pautas identitárias e acho que isso tem sido um fator de motivação muito específico e muito potente mesmo quando se cruza com outras demandas. Então, a pessoa vai discutir a violência, mas você vai discutir a partir do jovem negro periférico, que é mais afetado pela violência do Estado, por exemplo. A questão identitária tem sido o motor de organização, de reflexão e de crítica jovens, mesmo quando ela se encontra com alguma outra demanda mais concreta, mais tradicional como na educação ou trabalho.”

Vânia Araújo Correia, Viração

Observando as pautas que eram emergentes à época da coleta de dados, constatamos que a reforma do ensino médio teve pouca aderência, podendo ela estar contida na “qualidade da educação”, que é um item mais abrangente.

Outra agenda forte ao período, bastante estimulada pelo debate sobre reforma da previdência, era a dos direitos trabalhistas, assunto este que se mostrou relevante também para jovens.

Ainda que os entrevistados tenham assinalado as pautas que mais estariam dispostos a se envolver, no grupo de discussão observamos que poucos eram engajados em alguma causa. Perguntamos então quais seriam as principais barreiras para a participação social entre jovens.

Barreiras para a participação

- ✓ Falta de interesse por assuntos sociais.
- ✓ Egoísmo e individualismo.
- ✓ Falta de tempo.
- ✓ Alienação por conta da “bolha social”.
- ✓ Desesperança na política.
- ✓ Falta de incentivo de pais ou outras referências.
- ✓ Desconhecimento dos movimentos atuais.
- ✓ Medo de expressar sua opinião e ser julgado.



Entre as possibilidades mencionadas nos grupos de discussão que incentivaria a participação social de jovens, destacamos:

Incentivos para a participação

- ✓ Superar a preguiça e organizar melhor o tempo.
- ✓ Estar mais em contato com o tema e com mais pessoas no círculo de convivência que são engajadas, saindo da “bolha”.
- ✓ Ter mais estabilidade financeira para ajudar as pessoas.
- ✓ Desenvolver o diálogo com as pessoas, escutar o diferente.
- ✓ Maior divulgação nos meios de comunicação e nas escolas sobre projetos e assuntos relevantes.



“Muita gente pensa assim: eu sou branco, não me importo com ela que é negra. Isso é bem escroto. É mesquinho. Eu sou hetero, ele é gay, problema dele. Eu acho que muita gente pensa no seu próprio umbigo e não pensa nos demais.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

“A questão da divulgação influencia muito, se houvesse divulgações que motivassem mais o jovem a participar e se as divulgações pudessem trazer as consequências de não participar socialmente, talvez o jovem tivesse mais atitude e interesse.”

Jovem em grupo de discussão, entre 15 e 21 anos, classes CDE

Especialistas discordam da percepção desses jovens de que sua não participação seja provocada por egoísmo, falta de interesse ou de tempo. Eles entendem que essa visão se construiu a partir da identificação de uma imagem que a sociedade criou de que jovens seriam descompromissados, egoístas, inconsequentes, não confiáveis, não saberiam fazer escolhas e agir. Além disso, há também o distanciamento que alguns têm em relação à política mais institucionalizada, porque sentem, nas palavras dos jovens, que “não vale a pena lutar já que nada vai mudar”.



Peculiaridades regionais

Região Norte

São os que mais acreditam que a internet permite a melhor organização das pessoas para enfrentar problemas da sociedade.



Região Nordeste

São os que mais verificam se a fonte é confiável antes de aceitar um convite feito pela internet para uma atividade de participação social.



Região Centro-Oeste

Em linhas gerais, são os que menos concordam com relação ao uso das tecnologias digitais para a participação.

São os que menos verificam se a fonte é confiável antes de aceitar um convite feito pela internet para uma atividade de participação social.



São os que menos pesquisam na internet sobre algum assunto político que lhes interesse.



Região Sudeste

São os que menos concordam que a internet facilita o seu envolvimento em ações solidárias ou doações de dinheiro, tempo, trabalho e outros recursos para causas sociais.



São os que menos acham que é melhor não publicar suas ideias sobre política na internet para não sofrer ameaças ou brigar com alguém.



Região Sul

São os que mais acreditam que a internet colabora com o aumento da visão crítica.



São os que mais concordam que uma ação ou evento chama mais a atenção quando tem uma imagem, gif, meme ou vídeo e que a convocação via redes sociais fortalece a participação presencial (em reuniões, debates, manifestações).



Principais aprendizados



A participação social é um tema pouco debatido entre jovens, entretanto, quando provocados, aparecem ações e atividades com as quais se envolvem e que nem sempre são vistas como práticas participativas.

Estas, muitas vezes, podem acontecer em lugares não convencionais, com graus e formas variadas, como, por exemplo, a participação em grupos religiosos, em ações voluntárias e doações de roupa, dinheiro, alimento, sangue etc.

A participação nas redes sociais é um caminho importante para disseminação de pautas, notícias, eventos, ideias etc. Ao longo do estudo, essa contribuição fica clara quando alguns jovens relataram não participar de ações nas ruas, mas sim pelas redes, seja porque os pais não os autorizam, pela dependência financeira, falta de autonomia ou ainda porque trabalham e/ou estudam e não têm flexibilidade de horário. Essas experiências reforçam o potencial da participação online e como ela pode ser uma ferramenta de inclusão.

Assistimos ao crescimento do número de jovens que acredita que a internet influencia de forma negativa o nível de agressividade nas redes: **de 37% para 58% nesta edição.**

Contudo, o ambiente virtual também é cenário de acirradas discussões e polarizações de opiniões, em que diminui a parcela de jovens que concordam que “a internet é a melhor ferramenta para manifestar minha opinião”.



13



Participação social

Formas de atuação e usos das tecnologias digitais pelas juventudes

Rita Oliveira

Sou professora e pesquisadora latinoamericana. Estudo as juventudes porque, como dizia o poeta, "acredito é na rapaziada que segue em frente e segura o rojão"; nas juventudes está a potência da nossa sociedade, mas também há muita fragilidade e precarização nessas vidas juvenis. Desde a adolescência perco o sono por conta das injustiças desse nosso mundo, mas não deixo de ter esperança nas transformações possíveis. Moro no bairro da Lapa de São Paulo, tenho no quintal um pé de limão cravo e um de cana-de-açúcar que dão frutos que adoçam a vida e também agradam aos amigos e vizinhos.



Formas de atuação e usos das tecnologias digitais pelas juventudes

“Gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, promove grandes transformações.” (Provérbio africano)

O contexto político e social do Brasil em que se desenvolveu este estudo é muito particular: entre a campanha eleitoral de 2018, que culminou com a eleição do presidente Jair Bolsonaro (quando teve início o trabalho de campo desta pesquisa), e as manifestações em defesa da educação em maio, passando pelas manifestações em apoio ao Presidente em abril e maio de 2019 (quando os resultados desta pesquisa foram analisados). As entrevistas e diálogos com jovens se deram em meio à extrema polarização política no país, com intenso uso das redes sociais pelos candidatos e seus apoiadores; os grupos de WhatsApp tiveram papel decisivo e se articularam à presença das *fake news* e à intensa utilização de robôs na batalha online.

Em meio a essa complexa situação, buscamos compreender questões amplas sobre: como as juventudes atuam na sociedade? Como ela percebe a atuação dos próprios jovens? Como jovens se apropriam e utilizam as tecnologias digitais de informação e comunicação?

Participação social, política e cultural



O eixo “participação social” desta pesquisa tem uma trajetória muito particular. Em 2013, em meio às grandes manifestações de rua que entraram para a história do país, a pesquisa tratou especificamente das variadas práticas e formas de *ativismos*; em 2015, e absorvendo os resultados obtidos na edição anterior, o olhar foi ampliado para *ativismos* e *participação social*. Assim, com base na experiência das edições anteriores do *Juventudes e Conexões*, investimos aqui na adoção de um sentido bastante amplo de “participação social”, envolvendo desde questões culturais da vida cotidiana, passando pela atuação ou envolvimento institucionais e contemplando as esferas políticas tradicionais. Cabe, portanto, uma breve incursão pelo conceito para fundamentar a ampliação aqui produzida.

O termo “participação política”, como define o italiano Norberto Bobbio (1998: 889), envolve práticas diversas como a participação eleitoral, a militância em partidos políticos, inscrições em associações não explicitamente políticas (sindicatos, associações recreativas, religiosas e culturais), assim como “formas novas e menos pacíficas de participação, nomeadamente as manifestações de protesto, marchas, ocupação de edifícios etc.”. Ou seja, participação política pode abarcar várias práticas e ações, mas tem sempre um caráter coletivo e intencional.

Para além disso, o estudo *Juventude Conectada 2* (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO, 2016) já apontou a forte articulação política/cultural no horizonte das práticas juvenis. As juventudes atuam na sociedade em estreita relação com seus cotidianos escolares, suas vivências nos espaços públicos, suas identidades e pertencimentos e a dimensão estética dos corpos. A cultura é o principal vetor dos *ativismos*¹ e da participação social juvenis. Assim, podemos ainda pensar em “participação cultural” como produção de sentidos no seio da sociedade, na qual se utilizam recursos e capitais culturais para atuar intencionalmente na coletividade disputando significados, valores etc.; ou então em “cidadania cultural”, que tem a ver com a participação ativa na vida pública e cultural de determinada comunidade em relação às identidades, pertencimentos, diversidade cultural, tolerância etc. (SZURMUNK; IRWIN, 2009: 203-207).

No Brasil, a ideia de “participação social juvenil” vem sendo associada, desde os anos 1990 e a partir de ações governamentais e atuação de movimentos sociais, a programas e políticas públicas voltados a essa parcela da população. Com foco no “protagonismo juvenil”, essas políticas públicas incluem o estímulo constante à participação nos conselhos da juventude, nas conferências da juventude etc. (SILVA; BOTELHO, 2016). Participação social, assim, envolve também a presença e atuação juvenis junto às esferas estatais de formulação de políticas públicas e gestão participativa. Neste processo, o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) estabeleceu, em 2013, o direito fundamental da juventude à participação nos rumos da sociedade, além de versar sobre uma série de direitos de jovens (educação, saúde, trabalho, cultura, lazer, comunicação, livre expressão etc.).

Estatuto da Juventude

Art. 4º O jovem tem direito à participação social e política e na formulação, execução e avaliação das políticas públicas de juventude.



Parágrafo único. Entende-se por participação juvenil:

- I - a inclusão do jovem nos espaços públicos e comunitários a partir da sua concepção como pessoa ativa, livre, responsável e digna de ocupar uma posição central nos processos políticos e sociais;
- II - o envolvimento ativo dos jovens em ações de políticas públicas que tenham por objetivo o próprio benefício, o de suas comunidades, cidades e regiões e o do País;
- III - a participação individual e coletiva do jovem em ações que contemplem a defesa dos direitos da juventude ou de temas afetos aos jovens; e
- IV - a efetiva inclusão dos jovens nos espaços públicos de decisão com direito a voz e voto.

¹ Coincidimos com a perspectiva de Mansbridge (1990: 229), que aponta que “ativistas” são aqueles que participam da vida pública para além dos momentos eleitorais ou partidários, por meio da identificação com movimentos sociais que efetivamente apoiam e cujas causas os envolvem ativamente, ainda que nem sempre de forma orgânica ou institucionalizada.

A participação social e política da juventude brasileira é, portanto, um direito estabelecido em lei. No trecho destacado, evidencia-se o direito à garantia de que jovens participem ativamente nos processos políticos e sociais, que tenham atuação e voz nas esferas públicas e que possam participar de espaços de decisão e de formulação de políticas públicas. Assim, propõe-se que jovens possam ser ativos/as, propositivos/as, não apenas receptivos/as ou passivos/as.

Neste sentido, a metodologia participativa desta pesquisa, pensando os e as jovens como sujeitos políticos, buscou também incluir suas concepções e percepções de “participação social” no escopo da investigação. Em consequência, segundo **jovens consultores** que participaram das oficinas de PerguntAção desta investigação, engajar-se socialmente implica: ser ativo em projetos e ações para ajudar a comunidade (inclusive com doações de roupas, comida e sangue), atuar na luta por direitos humanos ou dos animais, exercer voluntariado em projetos sociais ou ações sociais da comunidade, compartilhar informações na rede social, expressar sua opinião, conversar com as pessoas e sair do mundo online, enfim, envolver-se em práticas, ações e atividades visando uma sociedade melhor. Assim, para além da ampla discussão conceitual, a ideia de “participação social” aqui adotada abarca também as percepções dos/as sujeitos/as² de investigação que foram convidados a participar da construção da pesquisa e não só como “objeto de estudos”.

Como os/as jovens percebem a participação social das juventudes

A sociedade constrói representações sobre as juventudes. As juventudes têm sido pensadas, por um lado, como problema social (criminalidade, violência, desemprego, desajustes escolares, sexualidade incontrolável, desinteresse pela política etc.) ou, por outro, como potência para a sociedade futura: serão pessoas melhores que as da geração atual e se encarregarão do desenvolvimento da sociedade. Neste último caso, espera-se muito dos e das jovens; cobra-se que transformem a sociedade, que tenham práticas e valores éticos, que saibam discernir o bem do mal e que no futuro sejam responsáveis pela sociedade.

Nesse processo, é o mundo adultocêntrico que detém o poder de dizer o que é ser jovem e qual o papel das juventudes. Apesar da constante tensão entre essas categorias sociais (juventude, velhice, infância), não se pode esperar que jovens apresentem representações totalmente distintas daquelas da sociedade como um todo, afinal de contas são parte da complexidade social e cultural e tendem a reproduzi-la, apesar da constante pressão por mudanças, das transgressões juvenis e do questionamento do mundo adulto. Assim, é interessante analisar como as juventudes que participaram da pesquisa concebem sua própria atuação social.

Nas oficinas de PerguntAção, **jovens consultores** demonstraram considerar que política não é um assunto que interessa às juventudes, de maneira geral,

especialmente quando se trata da política formal e representativa, como partidos políticos e sindicatos. Não se sentem representados pelos partidos e consideram que não têm espaço ali; da mesma forma, apontam que as juventudes não criam empatia com os movimentos sociais tradicionais (luta por habitação, saúde etc.):

“Os jovens não conseguem criar empatia pelos movimentos sociais, olham na internet e o máximo que pensam é que é algo digno de uma curtida. Percebo uma frieza e uma distância muito grande. No meu círculo de amigos não nos sentimos instigados. Muitas vezes a participação é dar uma curtida, no máximo compartilhar algo, é o máximo que podemos fazer pela causa.”

Jovem em grupo de discussão, entre 15 e 21 anos, classes AB

Os resultados aqui apresentados mostram que a internet é vista de forma positiva por jovens, de modo geral, em relação aos temas e práticas de atuação e intervenção social. A etapa qualitativa da pesquisa apontou que para eles/elas a internet pode facilitar o acesso ao conhecimento, amplificar vozes até então à margem dos grandes meios de comunicação e proporcionar o acompanhamento ou a participação em movimentos políticos, como o MBL (Movimento Brasil Livre) e o #EleNão de 2018. Na etapa quantitativa, foi possível verificar que parte dos/das jovens (principalmente de menor idade e, portanto, com pouca autonomia para participar das ações nas ruas em função dos cuidados paternos) considera a divulgação e compartilhamento de informações em suas redes sociais digitais, assim como as mobilizações e abaixo-assinados online, formas válidas de participação social, inclusive porque, para aqueles que moram em localidades distantes dos grandes centros urbanos, essa pode ser a única forma de atuar e participar dos debates nacionais e globais. Outra parte, por sua vez, reconhece a importância dessas ações, mas salienta que a ação online pode gerar uma falsa sensação de participação e desestimular as ações presenciais.

Veja os dados completos no gráfico Atividades de participação com que se envolveram, no capítulo 12, na página 204.

No entanto, a percepção de que a comunicação online tem influência negativa acentuou-se muito em relação ao Juventude Conectada 2 (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO, 2016), especialmente no aumento da agressividade e em relação às opiniões radicais nos ambientes digitais de comunicação. Para eles/elas, a internet não propicia, necessariamente, a melhor organização coletiva para o enfrentamento dos problemas da sociedade. Houve significativa concordância de que é melhor debater presencialmente que nos ambientes digitais de

² Os novos feminismos têm utilizado o termo “sujeitas de investigação”, subvertendo propositalmente as normas da língua culta com o intuito de visibilizar as participações femininas nas práticas acadêmicas.



comunicação; boa parte não considera que a convocação online necessariamente possa fortalecer a participação presencial. Foi recorrente a consciência de que as fontes nem sempre são confiáveis e que as informações online podem ser “fake” ou manipuladas. Nesse mesmo sentido, as principais fontes para as juventudes aprenderem a participar da sociedade continuam sendo, na percepção de jovens consultados, as presenciais e tradicionais: escola/universidade, espaços, atividades e coletivos culturais, organizações e projetos sociais. *YouTubers*, influenciadores digitais e celebridades midiáticas têm baixíssima relevância nesse aspecto, apesar de serem vistos, no senso comum, como importantes formadores de opinião junto às juventudes brasileiras.

Como participam: práticas e usos da internet

Mesmo em meio ao contexto de ebulição política no período da realização da pesquisa, jovens participantes do estudo consideraram que as juventudes não se interessam pela política e atuação social, mas, quando indagados sobre suas próprias práticas e engajamentos, respondem de formas bem distintas e interessantes.

A pesquisa *Agenda Juventude Brasil* (NOVAES, 2016) registrou que quatro em cada dez jovens disseram não gostar de política nem de se envolver com ela; por outro lado, um terço deles afirmou que não costumava participar, mas se interessava por política, e “apenas” 8% se autodeclararam politicamente participantes. Neste mesmo sentido, os resultados do *Juventudes e Conexões* apontam que a maioria dos e das jovens não se considera participativo/a na sociedade; entretanto, frente às variadas formas de atuação social indicadas como práticas possíveis de engajamento, apenas 11% não se reconheceram em nenhuma das alternativas³.

Em relação às formas de participação social, jovens enfatizaram seu envolvimento em atividades presenciais e offline: doação não financeira (32%), grupos de jovens em espaços religiosos (25%), participação em debates, manifestações de rua e trabalhos voluntários (24%). Interessante salientar que as doações não financeiras (tempo, serviços, roupas, alimentos etc.) não necessariamente têm caráter individual; estão, pelo menos em parte, atreladas à significativa participação em projetos sociais e em grupos religiosos e coletivos culturais. As formas de participação centradas nas tecnologias digitais (vaquinha online e campanhas online com ações presenciais) ficaram em absoluto segundo plano em suas práticas declaradas (12%). Esse dado reforça uma das principais conclusões do *Juventude Conectada 2* (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO, 2016): as imbricadas

³ Mas antes que sejamos tomados pelo otimismo adultocêntrico ante um inegável envolvimento juvenil com os rumos da sociedade, cabe aqui uma ressalva de caráter estrutural: a metodologia participativa da pesquisa permitiu que jovens interferissem no processo investigativo, ampliando consideravelmente o próprio escopo da pesquisa, incluindo práticas voluntárias variadas, participações em grupos diversificados, envolvimento em causas e práticas de caráter pessoal ou cotidiano que nem sempre são identificados, numa primeira abordagem, como formas de participação na sociedade. Desta forma, certamente a pesquisa conseguiu oferecer categorias analíticas mais próximas aos cotidianos e às concepções juvenis de atuação social, de modo que jovens estabeleceram identificações com variadas práticas e experiências para além da participação política, ativismos e militâncias tradicionais.

Veja os dados completos no gráfico Avaliação da influência da internet para participar na sociedade, no capítulo 12, na página 207.

articulações on e offline nas práticas contemporâneas. Nos ativismos e nas práticas juvenis, sabemos, por meio de outras pesquisas (REGUILLO, 2015; CASTELLS, 2013), que são valorizadas a presença e a interação dos corpos nos espaços públicos e/ou comuns em atividades e ações que se transformam em imagens em seus telefones celulares para, então, ocuparem os ambientes online e retroalimentarem as presenças físicas e coletivas nos espaços cotidianos.

Do ponto de vista da comunicação, a percepção majoritária foi a de que os ambientes online têm influenciado o aumento da agressividade em relação aos posicionamentos e opiniões contrárias, o que contribui para que evitem a exposição de suas próprias ideias. Entretanto, a internet serve, na opinião da maioria, para buscar informações sobre assuntos políticos e pode colaborar para uma visão crítica; cerca de um terço apontou as redes sociais como base de referência para sua participação na sociedade. Ou seja, a internet seguiu como fonte relevante de informações para se pensar a sociedade e para acompanhar as discussões políticas, mas, como já apontou o *Juventude Conectada 2* (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO, 2016), jovens evitam expor seus pontos de vista nos ambientes online de natureza mais pública, preferindo, para isso, grupos ou ambientes online nos quais estão com seus pares, os que pensam de forma semelhante.

Apesar do intenso e constante uso da internet por parte das juventudes, os resultados da pesquisa expõem a força das relações interpessoais no que tange à participação: 31% apontaram que amigos e colegas são as principais pessoas na aprendizagem da participação social e não podemos descartar, nestes processos, a mediação das ferramentas digitais de comunicação nessa interação: mais uma vez, não se pode separar as práticas online/offline. Quando chega o convite de um/a colega para o engajamento em alguma ação ou causa, chega também a sugestão de um grupo de WhatsApp, um perfil no Instagram, um canal no YouTube ou páginas do Facebook voltadas ao tema.

Segundo os dados qualitativos da pesquisa, jovens consideram que o WhatsApp cresceu muito como ferramenta e meio de comunicação para a participação social. O Facebook, apesar de seguir relevante como fonte de busca de informações sobre causas e mobilizações (eventos, páginas de pessoas e movimentos), foi indicado como “saturado” por seu excesso de informações, de tragédias, de problemas sociais e de causas que pedem engajamento. Neste contexto, Instagram e o Twitter ganham espaço, ao lado do WhatsApp, como ferramentas para a participação e o engajamento social.

Ficou também evidente a importância e o papel das imagens e dos elementos audiovisuais para esses e essas jovens. Nos grupos de discussão, o Google apareceu como recurso recorrente para a busca de informações, especialmente vídeos, sobre as pautas e movimentos de interesse. Os *memes* ganharam acentuada importância nos temas políticos e sociais. Essas imagens digitais acompanhadas de textos curtos, ancoradas na ironia e caracterizadas por mensagens diretas e enxutas, chegam pelas diferentes redes sociais, chamam a atenção de jovens e embalam as suas discussões e posicionamentos nas batalhas culturais da esfera política. Não apenas recebem e partilham estes *memes*, como parte delas/delas também os produzem e constroem narrativas visuais.

Conheça o que jovens indicam como suas principais referências para participar da sociedade no capítulo 5, página 80.

Notamos, assim, que os engajamentos têm mais a ver com a situação dos outros, dos que se encontram em situação vulnerável, do que com seus próprios direitos. Territórios e identidades politizam-se a ponto de mobilizar parte das juventudes a atuar socialmente.

Educação, empreendedorismo e a cultura como formas de atuação social

A participação social juvenil, da forma ampla aqui abordada, diz respeito às várias esferas da vida de jovens na sociedade, desde o nível mais cotidiano e local, passando pelas escolhas estéticas e identitárias, avançando pela vida escolar e laboral. Assim, encontramos, ao longo da pesquisa, resultados que nos fazem pensar nas interfaces da “participação social” com a educação, nos aspectos que aproximam o empreendedorismo à preocupação com os rumos da sociedade e na construção das identidades de forma politizada e atrelada a ações coletivas.

Escola/universidade estão na base dos engajamentos sociais na percepção de jovens que participaram da pesquisa. A escola é, de longe (47%), a principal instituição para se aprender a participar da sociedade, seguida dos espaços e atividades culturais, projetos sociais e coletivos juvenis. **Jovens consultores** indicaram, nas oficinas de PerguntAção, que a porta de entrada para a participação social é o ingresso na faculdade, onde tomam contato com as diferenças sociais, culturais e políticas; a universidade possibilita o acesso a outros discursos e práticas que impactam nas identidades e pertencimentos. Professores e educadores foram indicados por 40% como pessoas importantes na aprendizagem para a participação social. A “qualidade da educação” foi o item de maior destaque (32%) quando perguntados/as sobre o tema mais importante do país e 27% se mostraram disponíveis a se engajar pela educação. Sem dúvida, é uma pauta que afeta diretamente as juventudes e que apresenta imensa capacidade de mobilização juvenil, independentemente dos movimentos estudantis tradicionais. Não por acaso, as juventudes vêm protagonizando a emergência de mobilizações sociais, como foi o caso das ocupações das escolas públicas de São Paulo em 2015 ou as manifestações pela educação em maio de 2019.

As experiências ou os desejos de empreender, construir o próprio negócio e sustentar-se financeiramente pode atrelar-se à intenção de atuar positivamente na sociedade. Como já apontou o interessante trabalho “Empreendedorismo como ativismo? Resistindo à gentrificação em Oakland, Califórnia”, de Alison Hope Alkon (2018), o ativismo pode envolver a organização de pequenos negócios que favoreçam a comunidade em situação de vulnerabilidade social e cultural, acentuando o aspecto e os ganhos coletivos do empreendedorismo. A presente pesquisa mostrou que o empreendedorismo também tem significado social para jovens. Os dados obtidos mostram que

parte dos/das jovens, especialmente entre 15 e 19 anos, acredita que a internet propicia a emergência de negócios pessoais com impacto social que possam melhorar o mundo. Podemos pensar que a identificação de problemas e questões sociais relevantes pode estimular a emergência de projetos de impacto positivo em sua localidade ou na sociedade; colocar-se no lugar do outro, observar e sentir as carências sociais pode motivar o empreendedorismo e ainda reverberar para a coletividade.

Os resultados da presente pesquisa apontam estreita articulação entre a construção de individualidades, identidades, percepções de si e pertencimentos grupais e o engajamento social e político de parte considerável de jovens participantes do estudo. A atuação na sociedade e a intenção de transformar valores e práticas sociais passam explicitamente por questões de caráter cultural que se mesclam às questões sociais e políticas: questões de gênero, os novos feminismos, o feminismo negro, a sexualidade, o enfrentamento do racismo, as práticas alimentares (vegetarianismo e veganismo) estão no centro das pautas e ações que mobilizam as juventudes contemporâneas.

Valores juvenis para a participação social

Com este estudo é possível identificar alguns princípios norteadores que as juventudes apontam, certos caminhos, atitudes coletivas e práticas comuns na construção de uma sociedade melhor para se viver. A pesquisa *Agenda Juventude Brasil* (NOVAES, 2016) apresentou valores considerados fundamentais por jovens e que denotam apreço por princípios importantes para a democracia: o respeito às diferenças (39%), a igualdade de oportunidades (32%), a solidariedade (27%) e a justiça social (20%).

Já apontamos acima a valorização das relações e atividades presenciais no engajamento social de jovens que participaram desta pesquisa. Se para eles/elas as tecnologias digitais não substituem nem alavancam debates e ações offline com pessoas conhecidas e valorizadas presencialmente (familiares, professores/as, amigos/as), faz sentido que considerem que a principal motivação para a atuação social seja a construção de uma sociedade mais justa e que o encontro presencial com outros e outras jovens com as mesmas preocupações estimule ainda mais a participação e o engajamento. Apontaram, nesse sentido, que a participação social requer como habilidades centrais, principalmente, “trabalho em equipe e colaboração” (27%), empatia (25%) e comunicação e escuta (23%), mas não necessariamente conhecimento de tecnologias (apenas 13%); ou seja, o que importa é a relação com os/as outros/as, o encontro, as trocas. Fica claro que esses e essas jovens, ainda que considerem a importância das tecnologias digitais, valorizam as formas presenciais de estarem juntos, preocupam-se e engajam-se pelos outros, pela coletividade e consideram que sua ação pode fazer a diferença na sociedade.

Concluindo com algumas “formas de usar”: projetos e iniciativas de participação na sociedade

Entre os resultados mais significativos deste eixo da pesquisa está a constatação de que jovens percebem que as tecnologias digitais de comunicação contribuem negativamente para a atuação política e o engajamento social. Para eles/elas, a internet acirra a agressividade, acentua opiniões radicais e nem sempre colabora nas informações sobre política. Entretanto, reconhecem a importância da internet em suas vidas e não deixam de recorrer a ela quando necessário.

A pesquisa apontou, ainda, que as juventudes consideram que jovens não se interessam por política nem pelo engajamento social, mas apontam que suas próprias atuações na sociedade se dão de modo recorrente, que têm interesse e disposição para participar por meio de formas variadas e engajam-se em diversas causas: incomodam-se com a histórica corrupção brasileira, preocupam-se com a vida comunitária e as vulnerabilidades sociais, interessam-se pela dimensão cultural em seus territórios, apontam a importância dos direitos das mulheres, têm muita disposição para a construção e promoção de identidades (gênero, raça, sexualidade), lutam constantemente pela educação de qualidade.

Para finalizar: espero que parte das juventudes beneficie-se e se inspire nesta pesquisa; tomara que esta investigação seja útil para os/as jovens e que colabore nos processos de participação social juvenil. Muitos jovens têm disposição e desejo de engajamento social tentando transformar seu entorno e sua comunidade. Este trabalho pretende também estimular e incentivar a participação social das juventudes, especialmente por meio dos usos criativos das tecnologias digitais de comunicação, mas sem desprezar os encontros presenciais e a vida offline.

Concluimos, portanto, oferecendo dicas de “como usar” esta pesquisa com exemplos de experiências, projetos e iniciativas interessantes que promovem encontros presenciais, resgatam a vida comunitária, ocupam espaços públicos, trabalham a valorização das identidades e das diferenças e tentam minimizar problemas sociais, sem excluir a possibilidade da aventura do empreendedorismo social.

“Olhem ao seu redor e encontrarão fatos concretos que justifiquem sua indignação”, recomendou o francês Stéphane Hessel (2011: 35). Uma boa dose de indignação pode dar início a ações coletivas presenciais que transformam a vida de muitas pessoas.

Os exemplos abaixo mostram que há muitas maneiras de se promover e estimular a participação social com o apoio da internet e de ferramentas digitais de comunicação. Inspirem-se, usem a criatividade, reúnam as pessoas e, principalmente, não se conformem com as mazelas sociais.

- **O Hack Fest⁴ de 2018**, realizado na Paraíba, premiou alguns projetos que trazem soluções interessantes para problemas relevantes e urgentes, como o “Cadê meu Remédio”, plataforma com informação sobre os medicamentos distribuídos pelo SUS, onde encontrá-los, se estão disponíveis ou se o poder público não os está distribuindo; ou ainda o “Focaqui”, aplicativo com os índices de homicídio e violência contra as mulheres, por localidade.
- **Movimento Pacto Estudantil Pela Educação no Pará⁵**: projeto protagonizado por estudantes insatisfeitos com a educação pública naquele estado. Dentre outras coisas, fizeram o monitoramento colaborativo da qualidade da merenda escolar a partir de um aplicativo desenvolvido pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology, Estados Unidos).
- **GatoMÍDIA⁶**: projeto do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, criado e gerenciado por jovens do movimento OcupaAlemão e que busca estimular novas redes por meio da comunicação e com foco na “baixa tecnologia”, capacitando jovens para atuarem na comunidade com a apropriação de tecnologias digitais.
- **Projeto Lince (Laboratórios Interativos Nômades para Criatividade e Experimentação)⁷**: protagonizado por um grupo de jovens moradores das periferias de São Paulo, realiza ações de arte e educação em espaços públicos buscando desmistificar as tecnologias digitais e promover a autonomia de outros/as jovens frente a elas.
- **Gastronomia Periférica⁸**: aplicativo e site produzidos por jovens da região sul de São Paulo com o intuito de “fortalecer a quebrada” por meio de sua culinária.

⁴ Portal Hack Fest: <http://hackfest.com.br/>

⁵ Movimento Pacto Estudantil Pela Educação no Pará: <https://www.facebook.com/mpepepara/>; <https://monitor.promisetracker.org/pt-BR/campaigns/420/share>

⁶ Portal GatoMÍDIA: <https://gatomidia.com/>

⁷ Projeto Lince: <http://projetolince.org/>

⁸ Gastronomia Periférica: https://www.facebook.com/pg/mapadacanoa/about/?ref=page_internal



-  **Preta, vem de bike⁹**: encabeçado por jovens mulheres negras de Salvador, na Bahia, utiliza as redes sociais online para promover o cicloativismo com recorte de gênero e raça, assim como encontros poéticos e cursos profissionalizantes de manutenção de bicicletas.

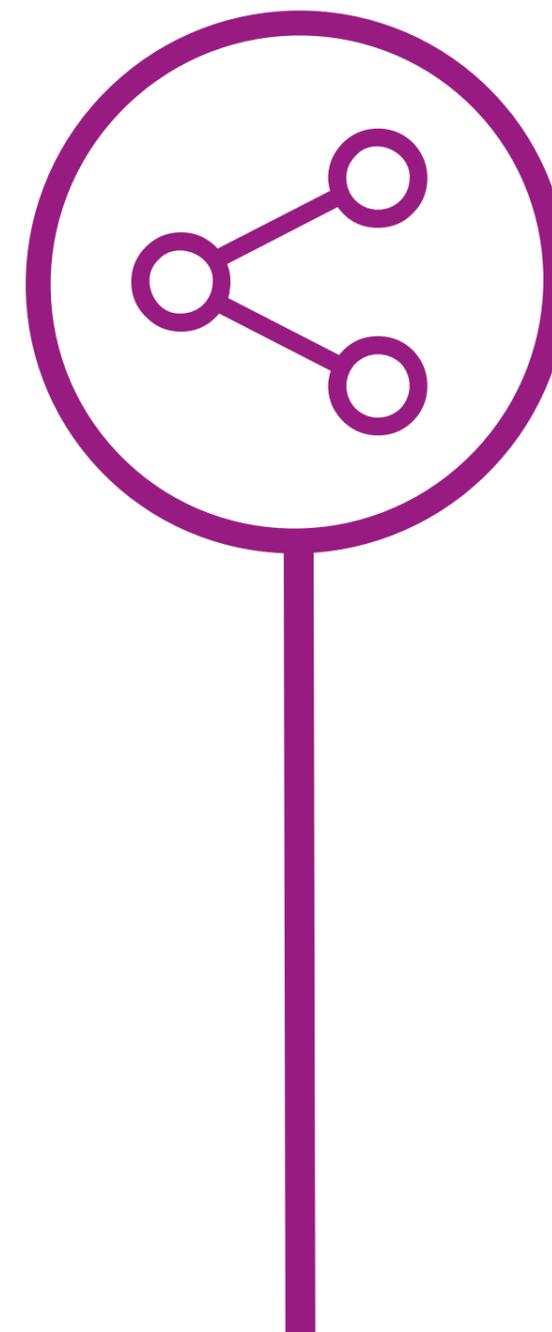
-  **Sueide Kintê¹⁰**: inicialmente uma página no Facebook criada por uma jornalista negra da Bahia, o projeto foi ampliado para uma plataforma e funciona como uma ponte entre quem oferece a ajuda e quem precisa, tendo como base a ideia de doação de serviços, saberes, solidariedades.

-  **TransFormaApp¹¹**: “é mais que um aplicativo, é o poder da informação nas suas mãos”, diz o slogan desse app nascido em Sorocaba, interior de São Paulo. Três amigos propuseram-se a fazer algo informativo e educativo sobre questões de gênero e criaram o aplicativo para minimizar preconceitos e promover a inclusão social das pessoas LGBTI+, principalmente das transgêneros.

-  **Cataki¹²**: inicialmente um projeto de intervenção artística de um grafiteiro de São Paulo junto aos/às catadores e catadoras de material reciclável, o projeto evoluiu para um premiado projeto concretizado como aplicativo que visa aproximar geradores e catadores de resíduos, aumentando reciclagem e renda.

-  **Mapa da Canoa Caiçara¹³**: a partir de projeto inicial da Universidade de São Paulo (USP), jovens moradores de comunidades de pescadores do litoral paulista buscam manter as tradições caiçaras e resgatar a ancestralidade dos mestres canoieiros.

-  **Bússola Eleitoral¹⁴**: projeto elaborado por um grupo de jovens e concretizado por meio de “vaquinha virtual”, a Bússola Eleitoral “é uma plataforma que organiza informações sobre o Legislativo e sobre as eleições para que o cidadão tenha uma escolha mais bem-informada e consciente. A plataforma busca suprir a carência de um repositório de informações organizado e de fácil acesso à população, reconhecendo o protagonismo do cidadão na vida pública”.



⁹ *Preta, vem de bike no Facebook: https://www.facebook.com/pg/pretavembike/about/?ref=page_internal*

¹⁰ *Sueide Kintê: <http://www.sueidekinte.com/>*

¹¹ *TransFormaApp no Facebook: https://www.facebook.com/pg/TransFormaApp/about/?ref=page_internal*

¹² *Cataki: <https://cataki.org/pt/>*

¹³ *Mapa da Canoa Caiçara no Facebook: https://www.facebook.com/pg/mapadacanoa/about/?ref=page_internal*

¹⁴ *Bússola Eleitoral: <https://www.bussolaeleitoral.org/>*



14



Jovens em primeira pessoa

Buscando ampliar o debate e incluir cada vez mais a participação das juventudes em todas as etapas do estudo, nesta edição contamos com 19 **jovens consultores** que contribuíram ativamente desde a construção das perguntas da pesquisa à posterior análise dos dados. Um grupo de jovens das cinco regiões do Brasil com diferentes sotaques, orientações sexuais, identidades de gênero, áreas de interesse, idades e graus de escolaridade.

Convidamos esses jovens a escreverem sobre como foi participar do estudo e o que essa experiência trouxe para a vida de cada um. A participação foi voluntária e livre para quem quisesse compartilhar suas impressões.

Jovens em primeira pessoa

Importância da interação e do contato com diferentes ideias, debates e reflexões



Quando você vai construir uma casa, chama um engenheiro civil, um arquiteto e não um médico.

Por isso, envolver jovens em uma pesquisa sobre jovens é no mínimo coerente, pois eles é que compreendem termos e atitudes que os jovens possuem e podem contribuir de forma significativa para a elaboração de resultados. O Juventudes e Conexões me possibilitou conhecer conceitos, atitudes e entendimentos de jovens em nível nacional. Foi fantástico estar conectado com jovens das cinco regiões brasileiras e compartilhar dos mais diversos conhecimentos e aprender com cada um deles. Acredito que os resultados do estudo podem contribuir para a construção de ações e políticas públicas que mudem a forma como os jovens são vistos, principalmente quando o assunto é educação, um dos maiores desafios em uma sociedade altamente tecnológica. ११

Miguel das Mercês

Leonardo Ventura de Figueiredo



O estudo do qual participamos serviu para que pudéssemos interagir e conhecer melhor jovens de diferentes culturas, também para refletir sobre como pensamos alguns temas e sobre o nosso contato com as tecnologias. Foi uma experiência indescritível que ficará guardada na memória, visto a experiência grandiosa que foi! Agradeço a toda a equipe responsável pela pesquisa e aos amigos que fiz durante o processo. Fica a certeza de que tudo que fizemos valeu muito a pena! ११

Relevância de se reconhecer nas metodologias e ideias aplicada num estudo nacional



Participar do Juventudes e Conexões foi uma experiência sem igual. Primeiro que nos trouxeram para São Paulo para encontrar outros jovens de todo o país e tudo que nos pediram foi que: falássemos! Entre os papos, discussões de metodologia e oficinas que rolavam durante o dia todo, conhecemos uns aos outros. Eu me conectei com pessoas que participam de projetos incríveis, que eu me pergunto COMO ainda não conhecia essas pessoas até hoje. Tudo isso junto e misturado enquanto conversávamos sobre o que achamos das tecnologias, o que é ser jovem nesse mundo digital e como isso impacta nossa vida aqui e agora. No fim dos debates, a gente ainda buscava entender que toda essa vivência seria utilizada em uma pesquisa que seria aplicada com milhares de jovens por todo o país e que nós, com o que achamos e dissemos, ajudamos a construir essa metodologia.

Mais importante que ter sido selecionada e participar de um grupo de pessoas tão diferentes e que convivem muito próximas durante pouco tempo, são as conexões e laços que nasceram de uma experiência tão enriquecedora. 'E o que falar dessas pessoas que eu mal conheço, mas já considero pakas?!'(sic) Tenho certeza de que conheci amigos que quero levar para a vida toda, que me respeitam e me acolhem em uma das fases mais importantes da minha vida que é a minha transição de gênero e que, apesar do pouco tempo, pude encontrar apoio e acolhida para traçar novos desafios. Desde nosso último encontro para discutir e entender os resultados da pesquisa, escolhi como novo lar São Paulo e, entre os desafios da vida adulta, como me manter viva, conseguir emprego e continuar os estudos, posso respirar e entender que não estou sozinha, que tenho amigos espalhados por aí, em rede e interconectados, a começar pela dedicação e cuidado de toda a equipe da Rede Conhecimento Social em construir e mobilizar ações que transformem nossa sociedade, acreditando nas juventudes como meio da mudança social. ११

Vita Pau Brasil

As diferenças como ponto de aprendizados e união do grupo



Sou apaixonada por pessoas. Considero que participar de um estudo relevante e importante como este foi um verdadeiro privilégio, desses que acontecem poucas vezes na vida. Conectar-me com jovens incríveis e de diferentes personalidades, culturas e regiões certamente me enriqueceu. Sou grata a cada um de vocês.💕

Renata
Borges



Sempre que costumo falar sobre algo positivo na minha vida, a primeira coisa que penso é gratidão. E o tamanho da minha gratidão em relação a essa pesquisa não pode ser descrito de tão imenso. Jamais imaginei que um dia participaria do desenvolvimento de um estudo nacional, com a oportunidade grandiosa de conhecer novos pensamentos, novos olhares e novos jovens. Poder ver também como é comum entre jovens a sensação de 'será que só eu penso assim?'. Em momentos como esse, em que você encontra jovens de diversas regiões e vê que a única coisa que os diferencia é um mapa, é incrível. Eu participaria outras milhões de vezes, se assim fosse possível. Mas a única coisa que eu trocaria por essa oportunidade é que outros jovens como eu, e como todo o resto da galera, tivessem uma chance como esta. Que pudessem opinar, discutir e se expressar, mas acima de tudo que pudessem criar e inovar! Gratidão à Rede Conhecimento Social, Fundação Telefônica Vivo e ao IBOPE Inteligência, vocês mudaram minha vida!💕💕

Yasmin
de Souza
Oliveira

Abertura de olhar para diferentes temas e diversas realidades das juventudes



Participar da pesquisa foi algo mágico, me ajudou a compreender a realidade dos jovens que convivem comigo, além de me auxiliar a construir a minha percepção social. O Juventudes e Conexões é importante para dar base de estudo para que haja uma compreensão melhor dos espaços que os jovens de todas as classes e de todos os grupos ocupam na sociedade.💕

João
Guilherme
Medeiros
Leite



Esse projeto ajudou a mudar não só a minha visão de mundo, mas de muitos jovens diante de tantas perspectivas que foram apresentadas para enxergar os temas com olhar crítico. Um estudo que nos ajudou na forma de pensar em relação à educação, tecnologias, empreendedorismo, entre outras coisas (sempre com o foco de ouvir diversas vozes e pensamentos diferentes). Hoje, as relações de mundo são complexas entre os jovens, especialmente entre querer crescer e ser. Diante dos problemas e obstáculos, é bom refletir e pensar que pequenos jovens podem ser grandes empreendedores. Acredito que a mudança começa de si mesmo.💕

Alice
Bezerra

Aprendizados pela troca de experiências

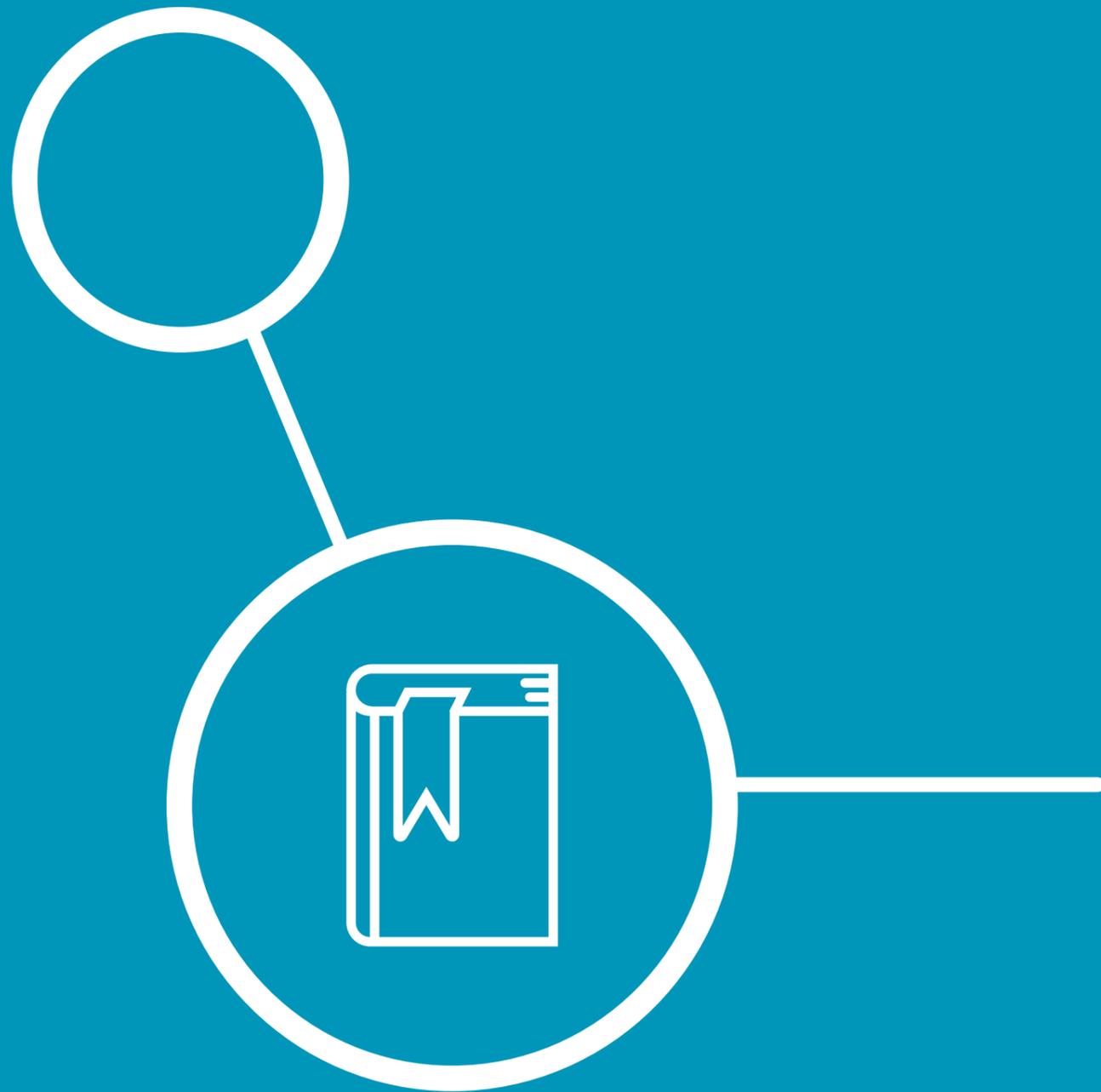
Lorian
Moreira de
Toledo

“ Para mim, o Juventudes e Conexões foi muito importante porque eu aprendi, em conjunto com outros jovens e as pessoas envolvidas no trabalho, como se dá o empreendedorismo jovem na nossa sociedade e que isso vai além de um CNPJ e muito também com um conjunto de fatores que mostram quem somos (a famosa 'atitude empreendedora'). Acho muito interessante ter envolvido os jovens nesse estudo exatamente porque se trata de jovens, não somente como grupo focal e objeto de pesquisa, mas também como consultores para poder elaborar ideias, trabalhar em conjunto, validar pontos, dando avanço na pesquisa. Creio que o estudo pode ir além dos dados, podendo ser um material interativo que capte atenção e ajude as várias pessoas que têm curiosidade ou vontade de empreender ou só de entender como funciona. Pode ser para quem não conhece, para quem está começando, para quem já empreende há anos... É válido para entendermos como isso influencia nas nossas vidas, não só o empreendedorismo como negócio, mas nas nossas atitudes e modo de viver. ”

“ Fazer parte do Juventudes e Conexões me trouxe a oportunidade de conhecer e discutir outras perspectivas, principalmente sobre empreendedorismo e participação social. Pois culturas e realidades diferentes trazem consigo outros olhares e métodos para resolver problemas sociais e empreender. ”

Hemily
Correa





Referências bibliográficas

Neste capítulo, trazemos as referências bibliográficas utilizadas pelas **consultoras**. São livros, artigos e pesquisas nacionais e internacionais sobre jovens e suas relações com as tecnologias e conexões. As referências podem contribuir com instituições, educadores, pesquisadores, jovens, professores e interessados em geral pelos temas para explorar de forma mais profunda e detalhada as questões que envolvem este estudo.

ABRAMO, Helena. (2016). *Identidades juvenis: estudo, trabalho e conjugalidade em trajetórias reversíveis*. Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças In: Regina Novaes; Eliane Ribeiro; Gustavo Venturi; Diógenes Pinheiro (org.). 1. ed. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016, v. 1, pp. 19 a 59.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS (2018). PNAD Contínua 2018: *Educação avança no país, mas desigualdades raciais e por região persistem*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-persistem>

ALKON, Alison Hope. (2018). *Empreendedorismo como ativismo? Resistindo à gentrificação em Oakland, Califórnia*. Revista de Administração de Empresas (RAE). São Paulo, 58(3), May-June 2018: 279-290.

BECKER, Bettina (2014). *Public R&D Policies and Private R&D Investment: a Survey of the Empirical Evidence*. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/joes.12074>

BOBBIO, Norberto. (1998). *Dicionário de política* (vol. I). Brasília: Universidade de Brasília.

BRASIL (2013). *Estatuto da Juventude*. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Brasília: Diário Oficial da União.

CAMARGO, Guto. (2018). *Seminário Internet, Liberdade de Expressão e Democracia*, realizado em abril de 2018. Disponível em: <http://fndc.org.br/noticias/defender-o-marco-civil-e-recolonizar-a-internet-924843/>

CÂNDIDO, Raniere. (2018). *Alunos montam robô para fiscalizar o trânsito em frente à escola*. Disponível em: <http://porvir.org/alunos-montam-robo-para-fiscalizar-o-transito-em-frente-escola/>

CANTILLON, Richard. (1931). *Essai sur la nature du commerce en General*. Editado por Henry Higgs e impresso em francês e em inglês. Londres: Macmillan. [Originalmente publicado em 1775]

CASTELLS, Manoel. (2013). *Redes de comunicação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, pp 7-22 e 157-174.

CLAYTON CHRISTENSEN INSTITUTE. (2017) *"Blended Beyond Borders: A scan of blended learning obstacles and opportunities in Brazil, Malaysia & South Africa"*. Disponível em: <https://www.christenseninstitute.org/publications/beyondborders/>

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CGI.BR. (2018). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2017*. Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>

DAYRELL, Juarez. (2007). *A Escola Faz as Juventudes? Reflexões Em Torno da Socialização Juvenil*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>

DORNELAS, José Carlos Assis. (2014). *Empreendedorismo para Visionários: Desenvolvendo Negócios Inovadores para um Mundo em Transformação*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC.

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. Disponível em: <https://www.weforum.org/>

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL (2018). *O Futuro do Trabalho*. Disponível em: www.weforum.org/reports/the-future-of-jobs-report-2018

FREITAS, Maria Virgínia. (2016). *Jovens e escola: aproximações e distanciamento*. In: Novaes et al (org.) - Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças, UNIRIO.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. (desde 2013). Programa e portal *Pense grande*. Disponível em: <http://pensegrande.org.br/empreendedores>

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. (2014). *Juventude Conectada*. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. (2016). *Juventude Conectada 2*. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. (2018). *Juventude Conectada – edição especial Empreendedorismo* (livro eletrônico). 1 ed. São Paulo. 71 p. : il.; 2.228 Mb ; PDF. Disponível em: <http://fundacaotelefonica.org.br/projetos/juventude-conectada/>

GIMENEZ, Fernando Antônio; BUETTGEN, John Jackson & RUGGI, Maíra Oliveira. (2018). *Empreendedorismo: Ecosystema empreendedor, Educação, Competências e Inovação Sustentável*. Curitiba.

GUIMÓN, Pablo. (2019). *Os gurus digitais criam os filhos sem telas*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/actualidad/1553105010_527764.html

HESSEL, Stéphane. (2011). *Indignai-vos!* São Paulo: Casa da Palavra.

IBGE (2018). *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*. Informativo da PNAD Contínua. ISBN 978-85-240-4481-6 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf

IBGE SIS (2018). Referência completa: *IBGE: Síntese de Indicadores Sociais*. Tabela 3.2 (Educação). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=23289&t=resultados>

INEP, *Porcentagem de Matrículas da População de 18 a 24 anos*. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/indicadores/metas/12-ensino-superior/indicadores/%20porcentagem-de-matriculas-da-populacao-de-18-a-24-anos-na-educacao-superior/#indicadores>

INSTITUTE FOR THE FUTURE. *Future Work Skills 2020*. Disponível em <http://www.iftf.org/futureworkskills/>

KIRZNER, Israel M. (1997). *Entrepreneurial Discovery and the Competitive Market Process: An Austrian Approach*. pp. 60-85.

MALINI, Fabio. (2017). *A Internet é uma máquina que potencializa minorias*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6806-internet-e-uma-maquina-que-potencializa-minorias>

MANSBRIDGE, Janes. (1990). *Beyond selfinterest*. Chicago: The University of Chicago Press.

MATTAR, João. (2018). *Não há justificativa para privar o jovem do nível médio da educação a distância*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/09/nao-ha-justificativa-para-privar-o-jovem-do-nivel-medio-da-educacao-a-distancia.shtml>

MATTOS, Tiago (2017). *Vai Lá e Faz: Como empreender na era digital e tirar ideias do papel*. Caxias do Sul: Editora Belas Letras.

MEC. *Base Nacional Comum Curricular-BNCC*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

MENEZES, Uanderson de Jesus. (2018). *Alunos criam Domingão do Platão para discutir filosofia em canal do YouTube*. Disponível em: <http://porvir.org/alunos-criam-domingao-do-platao-para-discutir-filosofia-em-canal-do-youtube/>

NEVES, Edson Oliveira; STEIL, Andrea Valéria. (2014). *Educação para o Empreendedorismo: Desenvolvimento de Competências Empreendedoras no ensino superior*. Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU.

NOVA ESCOLA e FUNDAÇÃO LEMANN. *BNCC na Prática: Entenda como a Base Nacional Comum Curricular vai mudar o seu dia a dia na escola*. Disponível em: <https://bncc.novaescola.org.br/>

O FUTURO DAS COISAS. Artigo: *O Futuro Visível para Todos*. Disponível em: <https://ofuturodascoisas.com/>

PESQUISA GEM – Global Entrepreneurship Monitor. (2017). *Empreendedorismo no Brasil, Relatório Executivo*. Disponível em: https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20BRASIL_web.pdf

PESQUISA GEM – Global Entrepreneurship Monitor. (2018). *Empreendedorismo no Brasil, Relatório Executivo*. Disponível em: <http://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/02/Relat%C3%B3rio-Executivo-Brasil-2018-v3-web.pdf>

PORVIR. (2014). *Educação Sob Medida*. Disponível em: <http://porvir.org/especiais/personalizacao/>

PORVIR. (2017). *Alunos fiscalizam merenda e conseguem garantir direitos*. In: *Participação dos Estudantes na Escola*. Disponível em: <http://porvir.org/especiais/participacao/alunos-fiscalizam-merenda-e-conseguem-garantir-direitos/>

PORVIR; REDE CONHECIMENTO SOCIAL. (2019). *Nossa escola em (Re)Construção*. Disponível em: <http://porvir.org/nossaescolarelatorio>

PWC PricewaterhouseCoopers Brasil. (2016). *Pesquisa Global indústria 4.0: Relatório Brasil*.

RECUERO, Raquel. (2017). *Redes Sociais formaram bolhas na internet que restringem circulação de opiniões e ideias*, entrevista à Revista da Unisinos, RS. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6814-redes-sociais-formaram-bolhas-na-internet-que-restringem-circulacao-de-opinioes-e-ideias>

REGUILLO, Rossana. (2015). *#OcupalasCalles #TomalasRedes: Disidencia, insurgencias y movimientos juveniles. Del desencanto a la imaginación política*. In: José Manoel Valenzuela Arce (org.). *El sistema es antinosotros: culturas, movimientos y resistencias juveniles*. México/Tijuana: Gedisa, 2015, p. 129-156.

REIS, Daniel Aarão. (2019). *O trabalho de Moro em jogo*. Jornal O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/o-trabalho-de-moro-em-jogo-23741817>

REVISTA PEQUENAS EMPRESAS & GRANDES NEGÓCIOS. *Educação Empreendedora Potencializa a Formação das Crianças*. Agência Sebrae de Notícias. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Empreendedorismo/noticia/2018/10/educacao-empreendedora-potencializa-formacao-das-criancas.html>

ROSE, Todd. (2016). *The End of Average: How We Succeed in a World That Values Sameness*. USA: Harper Business.

SARASVATHY, Saras D. (2001). *Causation and effectuation: Toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency*. Academy of Management Review, v. 26, n. 2, p. 243-263. Disponível em: <https://doi.org/10.5465/AMR.2001.4378020>

SCHUMPETER, Joseph. (1982). *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. Editora Abril Cultural, São Paulo. [Originalmente publicado em 1912]

SEBRAE. Agência Sebrae de Notícias. Disponível em: <http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn>

SEBRAE. Centro de Referência em Educação Empreendedora. Disponível em: <http://cer.sebrae.com.br/o-cer/>

SEBRAE. Escola de Formação Gerencial. Disponível em: <http://efgbh.com.br/>

SEBRAE e Fundação Dom Cabral. (2016). *Empreendedorismo e Educação Empreendedora*. Disponível em: http://cer.sebrae.com.br/wp-content/uploads/2015/12/EE-0115-16_Pesquisa-FDC-FINAL.pdf

SEBRAE Minas. (2015). *Guia essencial para novos empreendedores: descoberta*. Cláudio Afrânio Rosa; Gustavo Marques Couto; Marcelo Gomes Lage. - Belo Horizonte. 104 p.: il. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mg/sebraeaz/guia-essencial-para-empreendedores-descoberta.d43727a91f70f510VgnVCM1000004c00210aRCRD>

SEBRAE Minas. (2016). *Estudos Teóricos Referenciais sobre Educação Empreendedora*. Relatório da Pesquisa Bibliográfica sobre Empreendedorismo e Educação Empreendedora, por Carlos Arruda, Ana Buchart e Michele Dutra.

SEBRAE Minas. (2017). *Guia essencial para novos empreendedores*. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/MG/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Volume1_Descoberta+Guia+essencial+para+novos+empreendedores.pdf

SEBRAE Minas. Portal Sebrae Minas. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mg?codUf=14>

SEBRAE SP. (2010). *Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Organização: Rose Lopes.

SHANE, Scott & VENKATARAMAN, Sankaran. (2000). *The Promise of Entrepreneurship As a Field of Research*. Academy of Management Review.

SILVA, Edid Rocha Andrade da; BOTELHO, Rosana Ulhôa. (2016). *Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas*. Brasília: IPEA.

SZURMUNK, Mónica e IRWIN, Robert Mckee (coord). *Dicionario de estudios culturales latinoamericanos*. México: Siglo XXI Ediciones, 2009.

TEFFÉ, Chiara Antonia Spadaccini de. (2015). *A responsabilidade civil do provedor de aplicações de internet pelos danos decorrentes do conteúdo gerado por terceiros, de acordo com o Marco Civil da Internet*. In: Revista Fórum de Direito Civil RFDC. Belo Horizonte, ano 4, n. 10.

VALENTE, José Armando. (2015). *O Ensino Híbrido Veio para Ficar*. In: Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação. Porto Alegre: Penso.



Anexo: Questionário

Com o objetivo de compartilhar mais do que os resultados do estudo, apresentamos o questionário quantitativo utilizado nesta edição do Juventudes e Conexões, com a sinalização de todas as alterações feitas entre a edição 2015-2016 e a 2018-2019. Todas as mudanças e sugestões foram resultantes das etapas de construção coletiva com **especialistas** e **jovens consultores**, bem como das reuniões e discussões com as **consultoras** da pesquisa.



PERFIL

P1. Praça que reside:

P2. Sexo: () Masculino () Feminino

P3. Idade: _____ anos

P4. Dados de classificação econômica - novo critério Brasil 2018

P4a. Vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considerem apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

No domicílio tem...	Não tem	Tem (Quantidade)			
		1	2	3	4 ou +
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular	0	3	5	8	11
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana	0	3	7	10	13
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho	0	2	4	6	6
Quantidade de banheiros	0	3	7	10	14
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel	0	1	3	4	6
Quantidade de geladeiras	0	2	3	5	5
Quantidade de freezers independentes ou parte da geladeira duplex	0	2	4	6	6
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones	0	3	6	8	11
Quantidade de lavadora de louças	0	3	6	6	6
Quantidade de fornos de micro-ondas, incluindo os aparelhos com dupla função (de micro-ondas e forno elétrico)	0	2	4	4	4
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional.	0	1	3	3	3
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca.	0	2	2	2	2

P4b. Qual é o grau de instrução do chefe da família? (pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio)

	Pontuação
Analfabeto/Fundamental I incompleto	0
Fundamental I completo/Fundamental II incompleto	1
Fundamental II completo/Médio incompleto	2
Médio completo/Superior incompleto	4
Superior completo	7

P4c. A água utilizada nesse domicílio é proveniente de:

	Pontuação
A) Rede geral de distribuição	4
B) Poço ou nascente	0
C) Outro meio	0

P4d. Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:

	Pontuação
A) Asfaltada/Pavimentada	2
B) Terra/Cascalho	0

P5. Sabe ler e escrever um bilhete simples?

() Sim	() Não
---------	---------

P6. Qual foi a última série que você completou com aprovação?

Sem escolaridade
Sabe ler/escrever, mas não cursou escola
Fundamental I (1ª até 4ª série)
Fundamental II (5ª a 8ª série)
Ensino médio (1º a 3º ano)
Superior completo
Superior incompleto

P7. Considerando suas atividades, gostaria de saber se atualmente você está estudando. E você está trabalhando? (Quantas opções quiser) *

Estudando	() Sim	() Não
Trabalhando	() Sim	() Não

P8. Você costuma utilizar a internet?

() Sim	Continue
() Não	Encerre

* Mudança de 2015-2016 para 2018-2019 (múltipla resposta na edição atual)

P9. De qual desses equipamentos você acessou a internet nos últimos três meses? (Quantas opções quiser)

P10. E qual deles é o mais frequente? (Apenas uma resposta)

Computador de mesa
Computador portátil (notebook, laptop, netbook)
Tablet
Celular/smartphone
TV
Aparelho tocador de MP3 (iPod)
Relógio ou bracelete inteligente (Apple Watch, Smartband etc.)
Videogame (Xbox, Playstation etc.)

P11. Para cada uma das atividades abaixo, responda qual você realizou nos últimos três meses pela internet. Pense em um período típico (normal), ou seja, não considere período de férias.

	1. Mais de uma vez ao dia	2. Todos os dias ou quase todos os dias	3. Pelo menos uma vez por semana	4. Pelo menos uma vez por mês ou menos	5. Não faz
COMUNICAÇÃO					
Acessa ao menos uma de sua(s) conta(s) em redes sociais (Facebook, Twitter, LinkedIn, Instagram, Pinterest etc.)	1	2	3	4	5
Verifica seu email	1	2	3	4	5
Conversa por mensagens instantâneas (WhatsApp, Skype, Telegram etc.)	1	2	3	4	5
Participa de fóruns ou grupos de discussão temática (inclusive via redes sociais)*	1	2	3	4	5
Cria/atualiza blogs, páginas	1	2	3	4	5
Cria/atualiza canais de vídeos e podcasts*	1	2	3	4	5
Cria/posta conteúdo (música, imagens, vídeo, fotos, filmes etc.) nas redes sociais*	1	2	3	4	5
BUSCA DE INFORMAÇÃO E SERVIÇOS ONLINE					
Faz pesquisas na web sobre informações em geral	1	2	3	4	5
Utiliza serviços de localização (mapas, pesquisa de endereço, trânsito)	1	2	3	4	5
Acompanha blogs e canais de YouTube (sobre temas como jogos, moda, decoração, política, saúde etc.) *	1	2	3	4	5
Utiliza serviços bancários (internet banking, pagamento digital etc.) *	1	2	3	4	5

Utiliza serviços de governo (Detran, cadastros, companhia de energia e saneamento etc.)*	1	2	3	4	5
Utiliza serviços de transporte e mobilidade (Uber, 99, Easy taxi, Moovit)*	1	2	3	4	5
Assiste a filmes, séries, programas de televisão, ouve música pela internet (YouTube, Vimeo, Netflix, Spotify, Popcorntime etc.)	1	2	3	4	5

ATIVIDADES DE LAZER

Baixa conteúdos (download de música, filmes, vídeo, texto e jogos etc.)	1	2	3	4	5
Acessa site de revistas (Capricho, Superinteressante, Trip, TPM etc.)	1	2	3	4	5
Acessa sites de notícias (Uol, G1, CBN etc.)	1	2	3	4	5
Baixa e instala softwares/programas de computador/aplicativos *	1	2	3	4	5
Lê livros digitais (ebooks, eReaders etc.)	1	2	3	4	5
Joga games/jogos eletrônicos	1	2	3	4	5
Utiliza aplicativos de relacionamento (Tinder, Grindr, Happen, Kick off etc.) *	1	2	3	4	5

ATIVIDADES DE TREINAMENTO, EDUCAÇÃO E CAPACITAÇÃO/MERCADO DE TRABALHO

Procura ou faz pesquisa para a escola ou faculdade	1	2	3	4	5
Faz curso à distância e curso online	1	2	3	4	5
Pesquisa informações sobre cursos	1	2	3	4	5
Pesquisa sobre capacitação profissional*	1	2	3	4	5
Procura trabalho ou emprego (fixo ou freelancer/espórádico) *	1	2	3	4	5
Busca dicas de como fazer coisas diversas*	1	2	3	4	5
Acessa conteúdos educativos (podcast, vídeos, audiolivros, tira-dúvidas etc.)*	1	2	3	4	5
Utiliza ferramentas interativas para aprender (jogos, aplicativos, simuladores de exercícios)*	1	2	3	4	5

COMÉRCIO ELETRÔNICO

Compra pela internet de produtos e serviços (viagens, roupas, sapatos, passagens, ingressos etc.)	1	2	3	4	5
Pesquisa de preços de produtos e serviços	1	2	3	4	5
Venda de produtos e serviços (olx, mercado livre, elo 7, enjoei etc.)*	1	2	3	4	5

OUTROS

Utiliza app ou programas para edição de imagens, vídeos ou sons*	1	2	3	4	5
--	---	---	---	---	---

Entrevistado deve utilizar pelo menos três atividades com código 1, 2 ou 3 de grupos de atividades diferentes.

* Item ou pergunta novos!

* Mudança de 2015-2016 para 2018-2019 (inclusão de novo trecho; simplificação do item)

* Item criado como desdobramento de um item de 2015-2016 ("utiliza serviços online")

P12. Com qual raça/cor você se identifica? (Apenas uma resposta)*

Branca
Preta/Negra
Parda
Amarela
Indígena

P13. Qual a sua religião? (Apenas uma resposta)*

Católica
Evangélica tradicional
Evangélica protestante
Evangélica pentecostal
Neopentecostal
Judaica
Orientais (budismo etc.)
Islamismo
Umbanda/candomblé
Espírita kardecista
Messiânica
Ateu/não acredita em Deus
Outra. Qual?
Não tem religião

P14. Com qual gênero você se identifica? (Apenas uma resposta)*

Masculino
Feminino
Não binário ou outro

P15. Atualmente, qual é o seu status de relacionamento? (Apenas uma resposta)*

Solteiro(a)
Casado(a)/União estável/Morando junto
Separado(a)/divorciado(a)
Viúvo(a)

P16. Você tem filhos? Se sim, quantos? (Apenas uma resposta)*

Sim - Anote a quantidade exata _____!
Não tenho filhos, mas pretendo ter no futuro
Não tenho filhos e não pretendo ter no futuro

P17. Qual a sua participação na vida econômica do seu domicílio? (Apenas uma resposta)*

Sou totalmente dependente financeiramente da minha família
Sou parcialmente dependente financeiramente da minha família (pago parte das minhas contas)
Pago todas as minhas contas (sou independente da minha família)
Pago todas as minhas contas e contribuo parcialmente para o domicílio
A minha família depende financeiramente de mim

 **EDUCAÇÃO**

Por favor, pense no seu processo de aprendizado, que inclui não só escola ou faculdade, mas também outros espaços educacionais ou de estudo.

P18. Pensando no que você considera importante para o seu processo de aprendizado, gostaria que você avaliasse as frases a seguir utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significa que discorda totalmente e 10 significa que concorda totalmente.

Com a internet é mais fácil fazer trabalhos em grupo *
Professores mais jovens usam mais as tecnologias para ensinar *
Aprendo mais com uma aula presencial do que com uma aula online
Com a internet o professor é mais um orientador de estudos/tutor
Aprendo melhor quando o professor dá aulas mais interativas com uso de tecnologias *
Quando tenho vergonha de tirar minhas dúvidas na sala de aula, procuro na internet *
Uso a internet com frequência para buscar mais informações sobre o que foi dado na aula *
Tenho contato com meu professor por redes sociais, email e/ou WhatsApp *
Já aprendi coisas úteis para a vida e para o trabalho na internet que eu não aprenderia na escola/faculdade
A internet possibilita que eu aprenda no ritmo, local e horário mais adequados às minhas necessidades *
Uso a internet para me preparar e autoavaliar para provas e testes (Enem, concursos públicos, vestibular etc.)
A internet aumenta a troca de conhecimento escolar/acadêmico entre as pessoas *

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica

* Item ou pergunta novos!

P19. Você acha que a internet influencia: (Apenas uma resposta por frase) *

	De forma positiva (melhora)	De forma negativa (piora)	Não influenciou em nada	Não sei/não tenho certeza
O tempo que dedico aos estudos				
A atenção que tenho na aula				
A concentração enquanto realizo meus estudos e trabalhos escolares				



PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Pense agora no seu envolvimento e participação na sociedade, como por exemplo manifestações públicas, protestos, ações de voluntariado, doações etc.

P20. Aqui há uma lista com algumas formas de participação social. Você já se envolveu com alguma delas? (Quantas opções quiser)

Greve
Manifestação de rua/passeata/protesto
Abaixo-assinado/petições
Debate sobre temas de interesse público
Trabalho voluntário/voluntariado/ajuda no seu tempo livre *
Doação não financeira (roupas, alimentos, livros etc.)
Participação em partidos políticos
Compartilhamento de saberes (aulas públicas, oficinas, ensinar e dividir os meus conhecimentos)
Campanhas virtuais com ações presenciais (ex: quem é a favor de alguma coisa, apague as luzes ou pannelaço) *
Boicotes a empresas ou produtos (deixar de consumir) *
Participação em grupos de jovens da igreja/espço religioso que frequenta *
Participação em grêmios estudantil/centro acadêmico e/ou atividades para tomar decisão na escola*
Participação em projetos sociais ou culturais promovidos por instituições*
Participação em grupos/coletivos sociais, políticos ou culturais *
Doação financeira e contribuição em vaquinhas virtuais para causas coletivas ou pessoais*
Participação em sindicatos *
Outra forma (ESPECIFIQUE)
Nenhuma das alternativas

* Item ou pergunta novos!

* Mudança de 2015-2016 para 2018-2019 (inclusão de novo trecho; simplificação do item)

* Mudança de 2015-2016 para 2018-2019: item criado como desdobramento de um item de 2015-2016 ("Participação em movimentos partidários/não associados a partidos políticos"; Junção de dois itens em um - "doação financeira" e "vaquinha virtual"; inclusão da palavra "diversificação" para melhorar entendimento.)

P21. Pensando no que você considera importante para sua participação na sociedade, gostaria que você avaliasse as frases a seguir utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significa que discorda totalmente e 10 significa que concorda totalmente.

A internet é a melhor ferramenta para manifestar a minha opinião
Quando quero saber mais sobre algum assunto político, pesquiso sobre ele na internet *
Política é um assunto que interessa aos jovens *
Jovens se sentem ouvidos e representados nos movimentos e partidos políticos *
É melhor debater política pelas redes sociais do que presencialmente *
A convocação via redes sociais fortalece a participação presencial (em reuniões, debates, manifestações) *
Antes de aceitar um convite feito pela internet para uma atividade de participação social, eu verifico se a fonte é confiável
Prefiro expressar minhas ideias em um grupo que pensa igual a mim *
A internet colabora com o aumento da visão crítica
Ações ou eventos chamam mais minha atenção quando tem uma imagem, gif, meme ou vídeo *
Prefiro não publicar minhas ideias sobre política na internet para não sofrer ameaças ou brigar com alguém
A internet permite a melhor organização das pessoas para enfrentar problemas da sociedade
Procuro aprender sobre causas sociais, ambientais e/ou políticas pela internet
A internet facilita o meu envolvimento em ações solidárias/doações de dinheiro, tempo, trabalho e outros recursos para causas sociais

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica

P22. Você acha que a internet influencia: (Apenas uma resposta por frase)

	De forma positiva (melhora)	De forma negativa (piora)	Não influenciou em nada	Não sei/não tenho certeza
A participação em debates				
O foco dos debates				
A variedade/diversificação das causas *				
A agressividade				
As informações sobre política				
As opiniões radicais				
As opiniões conciliadoras				

P23. Agora temos uma lista de assuntos atuais e gostaríamos de saber, na sua opinião, quais são os mais importantes para o Brasil e para os brasileiros. Por favor, assinie até três respostas.

P24. E com quais desses assuntos você estaria disposto(a) a se envolver? (Até três opções)

Questões raciais e étnicas
LGBTQI+ (diversidade sexual)
Qualidade da educação
Acesso à internet
Direitos trabalhistas
Combate à corrupção
Avanço do agronegócio
Meio ambiente, mudanças climáticas e defesa dos animais
Reforma do ensino médio
Mobilidade urbana e transporte público
Tolerância religiosa
Segurança pública e violência
Direito das mulheres
Fortalecimento da democracia
Direito/Acesso à cultura
Descriminalização da maconha
Sistema de cotas para acesso à universidade
Combate às drogas
Liberdade de expressão e de imprensa
Saúde e alimentação saudável
Outra. Qual?



EMPREENDEDORISMO

Agora, mudando um pouco de assunto, gostaria que pensasse na sua vida profissional futura.

P25. Se pudesse escolher, você preferiria ser: (Apenas uma resposta)

Um empregado/funcionário público ou de uma empresa
Ter um negócio próprio
Nenhum dos dois

P26. Qual a probabilidade de você abrir um negócio próprio nos próximos 5 anos? (Apenas uma resposta)

P26b. E nos próximos 10 anos? (Apenas uma resposta)

Muito provável
Provável
Pouco provável
Nada provável
Não sei

Apenas se provável ou muito provável na P26.

P27. Por que é muito provável ou provável que você abra um negócio nos próximos 5 anos? (Quantas opções quiser)

Para ampliar a minha renda individual
Para explorar minha criatividade
Para colocar em prática os meus sonhos
Não quero/Não gosto de trabalhar para os outros
O cenário econômico será favorável para abrir meu negócio
Seria mais fácil para conciliar minha vida pessoal/familiar
Terei conhecimento/habilidade para gerir um negócio
Terei recursos/condições financeiras
Para ajudar a construir um mundo melhor
Para ter equilíbrio financeiro e espiritual
Algum outro motivo (ESPECIFIQUE)

Apenas se pouco provável ou nada provável na P26.

P28. Porque é pouco provável ou nada provável que você abra um negócio nos próximos 5 anos? (Quantas opções quiser)

Falta de oportunidades de negócio
Falta de ideias para abrir meu negócio
Falta de recursos financeiros (dinheiro) para investir
Falta de conhecimento/habilidade para gerir um negócio/não estarei preparado/ preciso estudar mais
Dificuldades burocráticas/administrativas
Risco de falhar é muito alto/medo de frustração
Seria muito difícil conciliar com minha vida pessoal/familiar
O atual cenário econômico não é favorável para abrir meu negócio
Risco de falir, entrar em dívida, ser processado
Ainda serei muito jovem, não terei idade suficiente
Algum outro motivo (ESPECIFIQUE)

P29. Você se considera uma pessoa empreendedora? (Apenas uma resposta)*

Sim
Não
Não tenho certeza

P30. Pensando no que você considera importante para desenvolver uma atitude empreendedora, gostaria que você avaliasse as frases a seguir utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significa que discorda totalmente e 10 significa que concorda totalmente.

A escola/faculdade é um lugar importante para aprender sobre empreendedorismo *
Os jovens são estimulados a se tornar empreendedores *
Uma pessoa atendida com tecnologias terá mais chance de sucesso como empreendedora *
Eu me preocupo com as mudanças no mercado de trabalho e as profissões do futuro *
Para mim é importante que o trabalho esteja alinhado com meus propósitos de vida *
A internet possibilita a criação de novos serviços/produtos/projetos que não seriam possíveis de outra maneira
Penso em usar a internet para desenvolver meu próprio modelo de empreendimento
A internet permite levantar dinheiro/financiamento para a realização de projetos/novos negócios/startups
A internet estimula a inovação/geração de ideias e novas soluções
A internet possibilita que pessoas com pouco capital tenham seus negócios
A internet favorece o surgimento de negócios que tenham impacto social
Pela internet é possível sustentar negócios que ajudem a melhorar o mundo

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica

P31. Você acha que a internet influencia: (Apenas uma resposta por frase)

	De forma positiva (melhora)	De forma negativa (piora)	Não influenciou em nada	Não sei/não tenho certeza
A colaboração entre empreendedores				
A competição entre empreendedores				
A ideia de que é fácil empreender				
A igualdade de oportunidades				



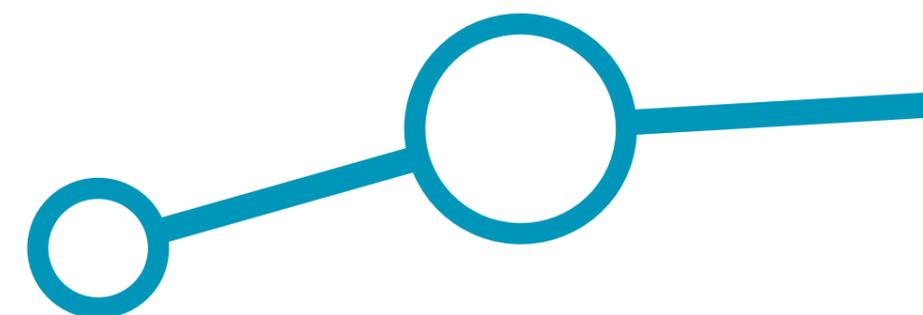
COMPORTAMENTO

Agora gostaria que pensasse no uso de tecnologia no comportamento pessoal, que inclui a comunicação por meio das redes sociais, o compartilhamento de dados, a busca por informações em geral e compras pela internet.

P32. Agora gostaria de saber o quanto você acha que a internet é segura. Por favor, dê uma nota de 0 a 10 em relação a algumas situações comuns de usuários da internet, em que 0 significa que você se sente totalmente INSEGURO(A) em fazer e 10 significa que você se sente totalmente SEGURO(A) em fazer.

Baixar aplicativos gratuitos ou pagos de seu interesse e que considera úteis
Realizar transações bancárias pela internet
Fornecer dados pessoais para a compra de um produto/serviço ou se cadastrar em uma página
Inscrever-se em concursos, provas, disponibilizar seu currículo online
Apoiar alguma causa publicamente *
Emitir opiniões sobre algum assunto atual ou polêmico *
Trocar informações pessoais com desconhecidos
Postar fotos pessoais nas redes sociais *
Fazer check-in nos lugares que frequento *
Escolher um produto ou usar um serviço baseado na avaliação de outras pessoas *

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica



* Item ou pergunta novos!

P33. Pensando no que você considera importante para você e suas relações, gostaria que você avaliasse as frases a seguir utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significa que discorda totalmente e 10 significa que concorda totalmente.

O uso da internet contribui para aproximar as pessoas
Já briguei nas redes sociais com pessoas próximas por expressarem opiniões diferentes da minha *
Tenho cuidado em expressar minhas opiniões na internet, pois posso não ser bem visto
Já passei mais tempo na internet do que pretendia
A internet permite que eu me relacione com pessoas com interesses e identidades semelhantes aos meus *
Na internet as pessoas podem ser quem elas quiserem *
Às vezes a forma como me mostro nas redes sociais é diferente de como sou fora delas *
Uso memes como uma forma de me comunicar *
Fazer uma <i>live</i> (transmissão ao vivo) é uma maneira interessante de mostrar quem sou e o que faço *
Gosto de ter familiares como amigos nas redes sociais *
Fico chateado se minha postagem não tiver a quantidade de <i>likes</i> que desejo *
A relação que tenho comigo mesmo(a) melhorou com alguns conteúdos que vejo na internet (sobre cabelo, corpo, sexualidade, identidade etc.) *

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica

P34. Você acha que a internet influencia: (Apenas uma resposta por frase)

	De forma positiva (melhora)	De forma negativa (piora)	Não influenciou em nada	Não sei/ não tenho certeza
A prática de <i>bullying</i>				
A ocorrência de ansiedade entre jovens				
O isolamento de jovens				
A exposição da intimidade				

P35. Pensando no seu relacionamento com a informação, gostaria que você avaliasse as frases a seguir utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significa que discorda totalmente e 10 significa que concorda totalmente.*

O uso da internet estimula a produção de conteúdos de própria autoria
Eu me sinto capaz de selecionar conteúdos confiáveis na internet
Quando recebo uma notícia pelas redes, procuro saber se aquilo é verdadeiro
A maior parte do que leio e escrevo é nas redes sociais
O local onde mais me informo é nas redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram etc.)
Se me interesso por uma notícia que me mandam, costumo abrir o link para ler o texto completo

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica



REFERÊNCIAS E HABILIDADES

A seguir há uma lista de INSTITUIÇÕES. *

P36a. Na sua opinião, quais são as mais importantes para um jovem aprender? (Até duas)

P36b. E quais são as mais importantes para um jovem participar na sociedade? (Até duas)

P36c. E quais são as mais importantes para um jovem empreender? (Até duas)

P36d. E quais são as mais importantes para um jovem decidir quem quer ser? (Até duas)

INSTITUIÇÕES
Escola/faculdade
Organizações e projetos sociais
Igreja ou espaço religioso
Partidos políticos
Mídias e veículos de comunicação diversos (TV, rádio, jornais etc.)
Espaços e atividades culturais (saraus, bibliotecas, centros culturais etc.)
Grupos ou coletivos culturais, políticos ou sociais
Nenhum deles
Não sei/não quero responder

* Item ou pergunta novos!

* Mudança de 2015-2016 para 2018-2019: inclusão do trecho "e identidades", para abranger mais do que gostos em comum.

A seguir há uma lista de PESSOAS. *

P37a. Na sua opinião, quais são as mais importantes para um jovem aprender? (Até duas)

P37b. E quais são as mais importantes para um jovem participar na sociedade? (Até duas)

P37c. E quais são as mais importantes para um jovem empreender? (Até duas)

P37d. E quais são as mais importantes para um jovem decidir quem quer ser? (Até duas)

PESSOAS

Professor/educador/orientador

Amigos e colegas

Artistas e pessoas famosas (músicos, atores, escritores, empresários)

YouTubers e outros influenciadores digitais

Família/familiares (pai, mãe, tios, avós, irmã(o) etc.)

Líderes religiosos

Lideranças políticas (de partidos ou movimentos culturais, sociais, de bairro)

Psicólogo, terapeuta ou assistente social

Nenhum deles

Não sei/não quero responder

A seguir há uma lista de MATERIAIS E FERRAMENTAS. *

P38a. Na sua opinião, quais são as mais importantes para um jovem aprender? (Até duas)

P38b. E quais são as mais importantes para um jovem participar na sociedade? (Até duas)

P38c. E quais são as mais importantes para um jovem empreender? (Até duas)

P38d. E quais são as mais importantes para um jovem decidir quem quer ser? (Até duas)

MATERIAIS E FERRAMENTAS

Redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram etc.)

Sites e plataformas que falam sobre o tema

Livros, filmes, peças teatrais ou espetáculos de dança

Livros didáticos/técnicos ou apostilas

Vídeos e canais online (YouTube, Vimeo etc.)

Jogos e *games*

Ferramentas virtuais de inteligência artificial (robôs, chatbot), realidade virtual (simuladores) ou realidade aumentada (Pokemon Go etc.)

Leis ativas no país

Nenhum deles

Não sei/não quero responder

A seguir há uma lista de HABILIDADES E COMPETÊNCIAS. *

P39a. Na sua opinião, quais são as mais importantes para um jovem aprender? (Até três)

P39b. E quais são as mais importantes para um jovem participar na sociedade? (Até três)

P39c. E quais são as mais importantes para um jovem empreender? (Até três)

P39d. E quais são as mais importantes para um jovem decidir quem quer ser? (Até três)

HABILIDADES E COMPETÊNCIAS

Pensamento crítico

Comunicação e escuta

Conhecimento de tecnologias

Capacidade de resolver problemas

Criatividade

Capacidade de tomar decisão

Trabalho em equipe e cooperação

Flexibilidade

Valorização da diversidade

Empatia (colocar-se no lugar do outro)

Influência pessoal/liderança

Autodidatismo (aprender por conta própria)

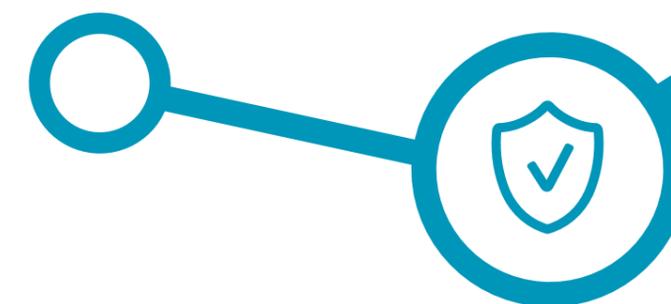
Curiosidade e interesse intelectual

Vontade de aprender sempre

Autocuidado e saúde

Nenhum deles

Não sei/não quero responder



* Item ou pergunta novos!

Instituições envolvidas

Idealização

Telefônica
FUNDAÇÃO | **vivo**

A Fundação Telefônica Vivo, responsável pelos projetos sociais da Telefônica Vivo, acredita na Inovação Educativa como forma de inspirar novos caminhos para o desenvolvimento do Brasil a partir da educação. Guiada pela inovação e disposição em contribuir para a construção de um futuro com mais oportunidades para todos, a Fundação desenvolve projetos que utilizam a tecnologia para gerar novas metodologias de ensino-aprendizagem, estimular o empreendedorismo social e o exercício da cidadania.

Realização

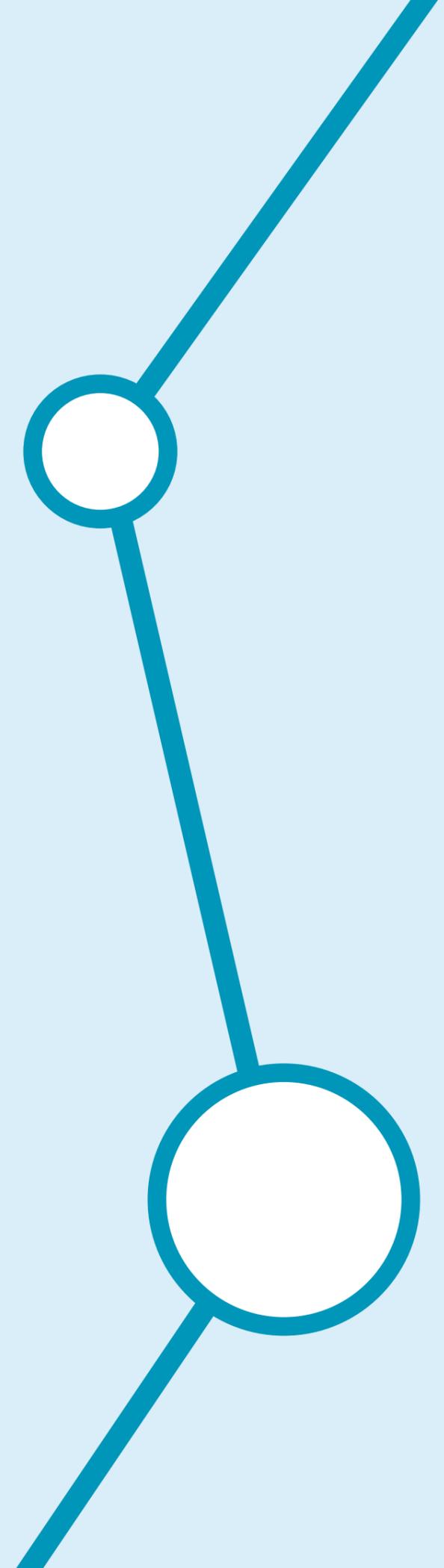
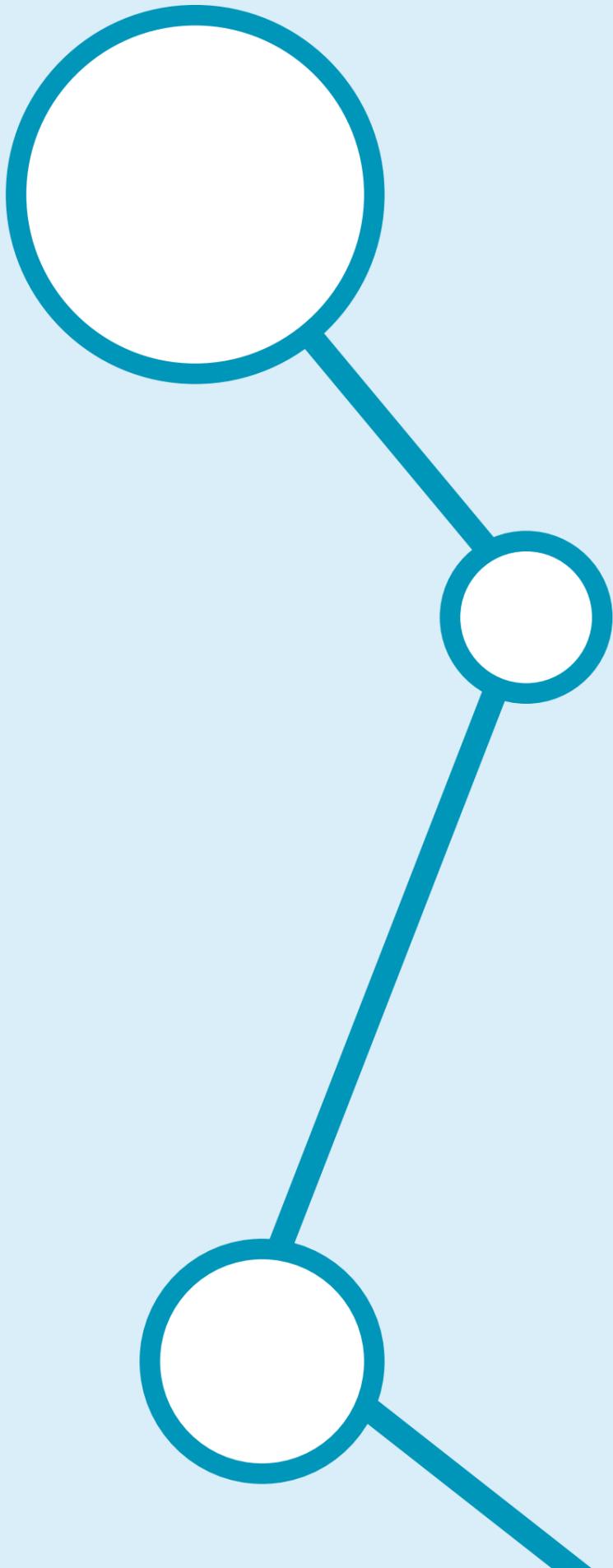


A Rede Conhecimento Social é uma organização sem fins lucrativos que dá continuidade às ações do Instituto Paulo Montenegro e tem como missão promover a construção participativa de conhecimento, conectando pessoas, grupos e organizações, para gerar mobilização e transformação social. A partir de diferentes abordagens, baseadas na colaboração, cocriação e compartilhamento de saberes, propõe o uso de pesquisas como prática formativa e método para fortalecimento de territórios e causas.

Parceria

IBOPE
inteligência

O IBOPE Inteligência é uma empresa nascida no Brasil, com mais de sete décadas de história, que segue contribuindo com o amadurecimento da democracia e dos mercados aos quais atende. Sua missão é gerar conhecimento relevante e confiável, produzindo e integrando informações em soluções que apoiem as estratégias e tomadas de decisão de seus clientes.



Esta edição do Juventudes e Conexões e as anteriores estão disponíveis para download em fundacaotelefonica.org.br.

Acompanhe a Fundação Telefônica Vivo pelas redes sociais:

 [fundacaotelefonica](https://www.facebook.com/fundacaotelefonica)

 [ft_brasil](https://twitter.com/ft_brasil)

 [ft_brasil](https://www.instagram.com/ft_brasil)

 [fundacaotelefonica](https://www.youtube.com/fundacaotelefonica)

Telefônica / **vivo**
FUNDAÇÃO



IBOPE
inteligência